

THIAGO TAVARES DAS NEVES

CORAÇÃO SONORO – AFETOS, CORPOS E MÁQUINAS
NAS FESTAS DE MÚSICA ELETRÔNICA



NATAL-RN
2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

THIAGO TAVARES DAS NEVES

**CORAÇÃO SONORO – AFETOS, CORPOS E MÁQUINAS NAS FESTAS
DE MÚSICA ELETRÔNICA**

NATAL-RN

2016

THIAGO TAVARES DAS NEVES

**CORAÇÃO SONORO – AFETOS, CORPOS E MÁQUINAS NAS FESTAS
DE MÚSICA ELETRÔNICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor, sob a orientação da Prof. Dra. Josimey Costa da Silva.

NATAL-RN

2016

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Neves, Thiago Tavares das.

Coração sonoro - Afetos, corpos e máquinas nas festas de música eletrônica / Thiago Tavares Das Neves. - 2016.
177f.: il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dra. Josimey Costa da Silva.

1. Afeto (Psicologia). 2. Corpo. 3. Música. 4. Máquina. 5. Música eletrônica. I. Silva, Josimey Costa da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316:78

THIAGO TAVARES DAS NEVES

**CORAÇÃO SONORO – AFETOS, CORPOS E MÁQUINAS NAS FESTAS
DE MÚSICA ELETRÔNICA**

Apresentada em: __/__/2016

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Josimey Costa da Silva - UFRN – Orientadora
Presidente da banca

Prof. Dr. Alexsandro Galeno Araújo Dantas – UFRN
Membro interno

Prof. Dra. Norma Missae Takeuti – UFRN
Membro interno

Prof. Dra. Simone Luci Pereira – UNIP
Membro externo

Prof. Dr. Thiago Soares – UFPE
Membro externo

Prof. Dr. Josenildo Soares Bezerra – UFRN
Suplente interno

Prof. Dra. Rosamaria Luiza de Melo Rocha – ESPM/SP
Suplente externo

**NATAL-RN
2016**

EPÍGRAFE

“ É preciso que tenha ouvidos novos para música nova. ”

Friedrich Nietzsche

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, João Maria das Neves e Mércia Tavares das Neves, à minha segunda mãe, Tôta, e aos meus tios queridos, Ismael Ramos das Neves e Terezinha das Neves Spercoski. Esses cinco seres iluminados fizeram e continuam fazendo toda a diferença em minha vida.

AGRADECIMENTOS

A lista de pessoas que contribuíram na construção desta tese é grande. Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais e à minha tia que sempre acreditaram em mim e apoiaram os meus estudos desde que eu era criança, se hoje estou aqui é graças a eles;

À minha eterna orientadora, Josimey Costa, que me acompanha desde a graduação, nossas trocas afetivas e intelectuais potencializaram esta tese;

Aos professores Alex Galeno e Norma Takeuti, obrigado de coração por todas as contribuições teóricas que alicerçaram este trabalho;

Não posso deixar de agradecer ao meu amigo da vida e da academia, Gustavo Sobral;

Ao “Chile sem censura”, Maria Rita Xavier, Julyana Villar, Vinhu Lacava e Ana Eliza Trajano, nossas afetações edificaram este trabalho;

Ao meu parceiro, Téo Jaquetto, que compreendeu minhas ausências e momentos de tensão;

A Diego Canário, minha alma-gêmea e parceiro das festas e da vida;

Aos amigos, Frederico Alves, Ítalo Leal, Kaio Dantas, Victor Brandão, Felipe Tarquinio, Eduardo Corrêa, Elizama Lemos, Lêonidas Barbosa (Kirotawa), Raquel Maia, Nestor Mádenes;

Aos meus familiares e à minha priminha, Liara Tavares, que já foi para muitas baladas comigo.

Obrigado gente, continuem afetando minha vida da melhor forma possível.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é explorar as diversas sensibilidades e formas de afetar e ser afetado, não só compreendendo os afetos no plano dos sujeitos, mas também os assumindo como fluxos de passagens para formas distintas de expressão e conexão. Nas festas de música eletrônica, os afetos são produzidos e potencializados também por meio das máquinas musicais e sociais que agem diretamente sobre o corpo e alteram o processo de sociabilidade. Os afetos, os corpos e as máquinas funcionam aqui como operadores conceituais para entender as dimensões sociais, culturais e filosóficas das festas de música eletrônica. Afeto é entendido aqui sob a ótica de Spinoza (1677/2010) como afecção do corpo: uma ação, uma potência de agir que pode ser aumentada ou diminuída. Os afetos nas festas de música eletrônica podem ser provocados pela ação da música sobre os indivíduos, dos participantes entre si ou potencializados por meio das drogas, especialmente o *ecstasy*. Spinoza (1677/2010) traça duas definições sobre o corpo: na cinética, o corpo está diretamente ligado à relação de velocidades e lentidões, movimento e repouso, é essa relação de velocidades e lentidões que formará o corpo. Já a outra definição é dinâmica, todo corpo se define por certo poder de ser afetado. Os afetos são potencializados também através das máquinas que agem diretamente sobre o corpo. As máquinas são entendidas também como extensões do corpo humano, sistemas de fluxos e cortes com capacidade de produção e criação. As máquinas podem ser artificiais, humanas e sociais. Gilles Deleuze (2010), Félix Guattari (1988) e Edgar Morin (2008) são os principais suportes teóricos para pensar o conceito de máquina. A partir dessa premissa, é possível a conexão entre máquinas artificiais e humanas nas festas música eletrônica, nas quais foram percebidos diferentes tipos de afetações: corporais, sonoras, sociais e maquínicas. A afetação está diretamente ligada ao conceito de Spinoza (1677/2010) de afetos e afecções. Remete não só ao estado do corpo quando afeta e é afetado, mas também à ação, à transformação que o corpo sofre/age quando é afetado ou afeta. Afetação corresponde a todo o processo afetivo. As afetações podem ser corporais, quando o corpo é afetado por outro corpo humano; sonoras, quando o corpo é afetado por qualquer estímulo sonoro; sociais quando o corpo humano se conecta com outro corpo humano ou artificial e maquínicas, quando o corpo é afetado por máquinas. O recorte empírico abrange dois festivais de música eletrônica, o *King festival* em Recife e o *Dream Valley* em Florianópolis e festas de música eletrônica situadas em Natal, especialmente a PAJUX. O método de pesquisa trata-se de uma cartografia complexa, na qual mesclo o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995) com apoio na epistemologia da complexidade de Edgar Morin (2007a).

Palavras-chave: afetação; corpo; música; máquina; festas de música eletrônica.

ABSTRACT

The aim of this study is to explore the various sensitivities and ways of affecting and being affected, not only comprising the affections in the plane of the subjects, but also taking as passages flows for different forms of expression and connection. In electronic music parties, affections are produced also potentiated by the musical and social machines that act directly on the body and alter the process of sociability. Affections, bodies and machines work here as conceptual operators to understand the social, cultural and philosophical dimensions of electronic music parties. Affection is seen here from the perspective of Spinoza (1677/2010) as a condition of the body, an action, a power of action that can be increased or decreased. Affections in electronic music parties can be triggered by the music action on individuals, the participants each other or potentiated through drugs, especially *ecstasy*, which act directly on the body. Spinoza (1677/2010) traces two definitions about the body: the kinetics, the body is directly connected to the relations of speeds and slowness, motion and rest, is this relation of speeds and slowness that will form the body. Already the other definition is dynamic, whole body is defined by a certain power of being affected. The affects are enhanced also through the machines that act directly on the body. The machines are also seen as extensions of the human body, cut flow systems with capacity of production and creation. The machines can be artificial, human and social. Gilles Deleuze (2010), Felix Guattari (1988) and Edgar Morin (2008) are the main theoretical support to think the concept of machine. From this premise, is possible the connection between artificial and human machines in electronic music parties, which were perceived different kinds of affectations: bodily, sonorous, social and machinic. The affectation is directly linked to the concept of Spinoza (1677/2010) of feelings and affections. Refers not only to the state of the body when it affects and is affected, but also to action, the transformation that the body suffers / acts when it is affected or affects. Affectation corresponds to all the affective process. The affectations can be bodily, when the body is affected by another body; sonorous, when the body is affected by any sound stimulus; social, when the human body connects with another human body or artificial and machinic, when the body is affected by machines. The empirical cut covers two electronic music festivals, the *King festival* in Recife and the *Dream Valley* in Florianopolis and electronic music parties located in Natal, especially PAJUX. The research method it is a complex cartography, which was blended the cartographic method proposed by Deleuze and Guattari (1995) with support in the epistemology of complexity of Edgar Morin (2007a).

Keywords: affectation; body; music; machine; electronic music parties.

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-------------------|--|
| ANT ----- | ACTOR-NETWORK THEORY |
| BPM ----- | BATIDAS POR MINUTO |
| DJ ----- | DISK JOCKEY |
| EDM ----- | ELETRONIC DANCE MUSIC |
| LED ----- | LIGHT EMITTING DIODE |
| LGBT ----- | LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E TRANSGÊNEROS |
| LJ ----- | LIGHT JOCKEY |
| LSD ----- | LYSERGSÄUREDIETHYLAMID |
| MDMA ----- | METILENODIOXIMETANFETAMINA |
| VIP ----- | VERY IMPORTANT PERSON |
| VJ ----- | VIDEO JOCKEY |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| FIGURA 1 BORN SLIPPY NA CARNE | 35 |
| FIGURA 2 PALCO DO KING FESTIVAL..... | 39 |
| FIGURA 3 HARDWELL COM A BANDEIRA DO BRASIL | 42 |
| FIGURA 4 HOMEM DE MEIA IDADE CURTINDO O SOM | 50 |
| FIGURA 5 PÚBLICO DANÇANDO DURANTE O SET DE ALVAA | 70 |
| FIGURA 6 PALCO ILUMINADO NO 1º DIA DO DREAM VALLEY | 80 |
| FIGURA 7 ENTRADA E SAÍDA DO DREAM VALLEY..... | 86 |
| FIGURA 8 MYSTIC STAGE | 94 |
| FIGURA 9 GAROTA EM CONEXÃO COM A CAIXA DE SOM NO SEGUNDO DIA DO KING FESTIVAL | 102 |
| FIGURA 10 NESTOR AO LADO. MATÉRIA SOBRE O MIX RIBEIRA NA TRIBUNA DO NORTE. | 107 |
| FIGURA 11 ANÚNCIO NO JORNAL DO COMÉRCIO | 107 |
| FIGURA 12 AFETAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INTERAÇÃO..... | 111 |
| FIGURA 13 NESTOR MONTADO NA SEGUNDA EDIÇÃO DA SIRVA-SE AVONTS | 115 |
| FIGURA 14 FLYER DA FESTA MEGAVONTS..... | 118 |
| FIGURA 15 FLYER DA PRIMEIRA NATURALIZE | 124 |
| FIGURA 16 APRESENTAÇÃO DO INFECTED MUSHROOM NA LIQUID SKY..... | 128 |
| FIGURA 17 PESSOAS MONTADAS NA PAJUX | 141 |
| FIGURA 18 MAIS MONTAÇÃO E CORPOS CONTRASSEXUAIS | 142 |
| FIGURA 19 IMAGEM NA PAREDE DO APARELHO DO DJ..... | 146 |
| FIGURA 20 PERFORMANCE 1 | 148 |
| FIGURA 21 PERFORMANCE 2 | 149 |
| FIGURA 22 FLYER DO KING FESTIVAL | 177 |
| FIGURA 23 FLYER DO DREAM VALLEY..... | 177 |
| FIGURA 24 FLYER DA PAJUX | 177 |
| FIGURA 25 PLANTA BAIXA KING FESTIVAL..... | 177 |
| FIGURA 26 PLANTA BAIXA DREAM VALLEY..... | 177 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| PRÓLOGO | 14 |
| WARM UP | 16 |
| CARTOGRAFIA COMPLEXA AFETADA | 25 |
| 1 AFETAÇÕES CORPORAIS | 34 |
| 1.1 AFETOS NO KING FESTIVAL | 34 |
| 1.2 QUE CORPO É ESSE? | 42 |
| 1.3 O CORPOMÍDIA E OS INCORPORAIS | 49 |
| 1.4 O CORPO EXTÁTICO E VIBRÁTIL | 54 |
| 2 AFETAÇÕES SONORAS | 60 |
| 2.1 MÚSICA E AFETOS | 60 |
| 2.2 O QUE É MÚSICA ELETRÔNICA? | 63 |
| 2.3 DANÇA: CORPOS AFETADOS E EXPRESSIVOS | 69 |
| 2.4 MÚSICA INTELIGENTE NO DREAM VALLEY | 77 |
| 2.5 O OUVIDO SINTÉTICO | 86 |
| 3 AFETAÇÕES SOCIAIS | 89 |
| 3.1 QUE SOCIAL É ESSE? | 89 |
| 3.2 CONEXÕES NO DREAM VALLEY | 95 |
| 3.3 POR UMA NOVA SOCIABILIDADE | 99 |
| 4 AFETAÇÕES MAQUÍNICAS | 104 |
| 4.1 AS PRIMEIRAS BPM EM NATAL | 104 |
| 4.2 COMUNICAÇÃO E AFETAÇÕES | 110 |
| 4.3 E AS BPM CONTINUAM... | 119 |
| 4.4 O PSY ENCONTRA AS MÁQUINAS | 123 |
| 4.5 AS TECNOMÁQUINAS E OS AFETOS | 130 |
| 4.6 DROGAS: MÁQUINAS DE PRAZER E DEPENDÊNCIA | 134 |
| 4.7 A PAJUX | 139 |
| 4.8 EXPRESSÕES, MÚSICA, MÁQUINAS E PERFORMANCES | 144 |
| POR UMA ÉTICA TECNOMAQUÍNICA | 151 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 155 |
| REFERÊNCIAS SOBRE MÚSICA ELETRÔNICA | 161 |
| Referências (sites) | 162 |
| Filmografia | 162 |
| APÊNDICES | 164 |
| ANEXOS | 177 |

PRÓLOGO

Tunz Tunz Tunz. O dia apenas começou. A noite deixou lembranças inesquecíveis. Desde as batidas¹ incessantes do bumbo eletrônico que insistiam em ficar em minha memória como tatuagem até as imagens em retorno dos rostos dos jovens de alto poder aquisitivo, homens e mulheres de boa aparência, que exibiam a última tendência da moda, estimulados pela bebida e pela balinha² adquirida na “fantástica fábrica de doces³”. O paredão de LED iluminava os participantes sedentos por diversão e música. O primeiro *dj*⁴ afetou a pista. O som... ah o som... colagens de música do passado, do futuro, do presente. Bricolagem. O *hit satisfaction*⁵ dominava meu corpo, guiando-o para um caminho com início ininterrupto, um início sem fim. As batidas continuavam... muitos dançantes não conseguiam se controlar. Era o preço da diversão. Era o preço da afetação. Afetação única, inesquecível, marcada, incrustada, que deixava suas impressões na memória⁶ corporal. As sensações explodiam, chegavam ao ápice, mas as pessoas não entendiam e nem precisavam entendê-las, apenas sentiam, sentiam, percebiam, se afetavam, acreditavam que “aquela noite” seria “a noite”. Noite sem fim, sem meio, sem hora marcada, sem tempo. Noite durante. Noite que acontece, que se mistura ao dia na mais perfeita sinergia. E todos imploravam para que a festa continuasse, prosseguisse infinita, inimaginável, surreal.

As coordenadas tinham sido assumidas por um novo *dj*, as trocas afetivas continuavam, a batida exata do bumbo eletrônico parecia guiar os movimentos dos presentes em ritmos contínuos, diferentes. A dança se tornava serva das vibrações sonoras, o corpo obedecia. A

¹ As batidas se referem à estrutura da música eletrônica que opera por meio de bpm (batidas por minuto).

² Nome que é dado ao comprimido de *ecstasy* entre os usuários.

³ Doce é o nome dado ao LSD pelos consumidores.

⁴ *Dee Jay* ou *dj* (*disk jockey*) é o artista da festa, o que controla a *vibe* (energia) dos dançantes. Ele mixa (mistura), a batida de duas ou mais músicas na mesma velocidade, nas mesmas bpm (batidas por minuto). A figura do *dj* remonta à época dos músicos de Jazz dos anos 50, na qual os fãs se reuniam num clube para escutar os lançamentos e dançar. Era o fã que durante o intervalo dos *shows* mostrava as músicas, para manter a vibração da galera. Nos dias atuais, existem três tipos de *djs*: o *dj* móvel (móvel), o rádio *dj* (opera nas estações de rádios) e o *club dj* (*dj* oficial, “residente”, fixo de um clube). Dados extraídos do texto “Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura” de Cláudio Manoel Duarte de Souza, retirado do *site* <http://www.pragatecno.com.br>. Visitado no dia 7 de janeiro de 2009.

⁵ Videoclipe oficial da música: <https://www.youtube.com/watch?v=a0fkNdPiIL4>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

⁶ Para Spinoza, a memória: “Nada mais é que a sensação das impressões do cérebro, acompanhada de uma determinada duração de sensação. (...). Quanto mais singular é uma coisa, mais facilmente é retida pela memória.” (ESPINOSA, 1677/2004, p. 51).

música mudava, a atmosfera também, o ar passava uma ideia de tranquilidade, equilíbrio, paz, resignação.

“Está tudo bem”, “Que sensação maravilhosa! ”, eu pensava.

*Hey hey*⁷ era a música que tocava naquele instante. A música eletrônica dominava o corpo dos participantes. Corpo recheado de intensidades, pressão, vibração, potência, escravo das batidas sonoras, intensas de fato, que penetram na carne e movimentam os músculos, tecidos e células em direção à diversão. A intensidade da batida tornava-se mais forte, o bumbo parecia que iria estourar os ouvidos dos que estavam próximo as caixas de som. Alguém se importava? A pergunta não precisa de resposta. O que realmente importava era a energia sincronizada de vários participantes unidos em uma só *vibe*⁸, como um único corpo em meio à multidão. Um corpo afetado.

One,⁹ o *dj* lançou o hino do *Swedish House Mafia*¹⁰ e o público enlouqueceu. A música o afetava de forma ativa e a resposta era expressa em forma de gritos, danças, pulos e sorrisos. *Are you ready?* Perguntou o *dj*. Sim, sempre estamos! O corpo respondia por si só. Corpo social, corpo-massa, corpo-máquina, movido por batidas, por sensações nunca sentidas e/ou reconhecidas. Uma noite, um dia, um momento na vida de um participante. A batida continuava, intensa, onipresente. *Teenage crime*¹¹ tocava e conduzia a um furacão de som. *Tunz Tunz Tunz...* acabou? Ainda não, estamos em plena decolagem. As afetações apenas começaram...¹²

⁷ A música pode ser escutada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=5dgimjMhAlk>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

⁸ Termo em inglês que significa vibração. No contexto das festas de musica eletrônica, o termo tem a ver com sintonia, energia.

⁹ Videoclipe oficial da música: <https://www.youtube.com/watch?v=PkQ5rEJaTmk>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

¹⁰ Grupo sueco formado por três *djs* e produtores de música eletrônica: Steve Angello, Sebastian Ingrosso e Axwell.

¹¹ A versão tocada na festa: <https://www.youtube.com/watch?v=UbK8cCctzQ>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

¹² Este trabalho possui um glossário de expressões e termos técnicos em anexo.

WARM UP¹³

A cena narrada acima é um clássico exemplo de uma festa de música eletrônica. Os eventos são caracterizados por corpos dançantes, dominados por batidas eletrônicas e estimulados por substâncias lícitas e ilícitas. Música, drogas, corpos, dança, tudo é fluxo nesse contexto. A música eletrônica/maquínica através de máquinas elétricas, afeta um corpo excitado por drogas, que afeta outros corpos, que respondem ao *dj* por meio da dança. Um círculo contínuo de afetação é criado. Esse tipo de experimentação acontece nas festas de música eletrônica, estas podem ocorrer em festivais, *raves*, lugares abandonados, clubes, etc. A música tem que ser eletrônica e essa é a única regra, o resto é consequência do fluxo sonoro. O afeto que movia as pessoas naquela noite é aqui entendido como fluxo/sentimento, ação/emoção. Nesse sentido, o afeto é passagem e movimento.

Os afetos estruturam a base da sociedade e da cultura, pois ambas se fundam a partir da relação com o outro e não existe alteridade sem a mediação dos afetos. O corpo humano para manter-se e regenerar-se tem a necessidade de afetar corpos exteriores e por eles ser afetado. As relações humanas não seriam possíveis sem os afetos: as trocas, os vínculos, os amores, os desamores, as amizades, os rompimentos, as paixões, os conflitos, as intrigas, as comunicações, as associações e a própria construção do conhecimento seriam inimagináveis. Não há como conceber uma celebração festiva sem afeto, sem sentimento, sem emoção, sem ação, sem agenciamentos¹⁴, sem conexão entre os participantes. O objetivo deste trabalho é explorar as diversas sensibilidades e formas de afetar e ser afetado tomando como operador cognitivo a experimentação de participação em festas de música eletrônica, não só compreendendo os afetos no plano dos sujeitos, mas também os assumindo como fluxos de passagens para formas distintas de expressão e conexão.

A partir do principal eixo conceitual, o afeto, surgiram os questionamentos que nortearam esta pesquisa: “O que pode o corpo nas festas de música eletrônica do ponto de vista do poder, da capacidade de afetar e ser afetado? ”, “O que esse corpo afetado, drogado, maquínico, tecnológico experimenta e produz? ”, “Quais tipos de afetações acontecem nessas

¹³ Refere-se ao aquecimento da festa. Geralmente é o *dj* que abre a festa, seu objetivo é preparar o público para a atração principal da noite. O *warm-up* é necessário para habituar os ouvidos do público ao que está por vir.

¹⁴ Para Deleuze e Guattari, o agente é compreendido como causa, fator, princípio (agentes naturais, atmosféricos, agentes físicos na origem de algumas doenças). Agenciamento, assim, para eles é o mesmo que produção, causação, determinação. Os agenciamentos possuem conteúdo e expressão. (MARCONDES FILHO, 2014).

festas? ”, “A sociabilidade que acontece nessas festas é apenas entre humanos? ”, “Será as festas de música eletrônica uma metáfora do homem contemporâneo? ”, “O fato de a música ser eletrônica/computadorizada não seria um ativador de maquinismos tecnológicos já introjetados pela cultura na subjetividade¹⁵ do indivíduo e dos objetos do século XXI? ”

Com o intuito de responder a essas perguntas delimitei o recorte empírico em dois festivais de música eletrônica, *King festival* e *Dream Valley*, e em festas de música eletrônica situadas em Natal, especialmente a PAJUX. O método de pesquisa trata-se de uma cartografia complexa, na qual mesclo o método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995) com o suporte da epistemologia da complexidade de Edgar Morin (2007a).

Para iluminar esta pesquisa, o afeto é o principal conceito seguido pela afetação, conceito que surgiu através da empiria, e pelo que se entende por corpo, social e máquina, a serem detalhados ao longo da tese. O principal aporte teórico para o entendimento do que são os afetos baseia-se na obra de Spinoza (1677/2014d)¹⁶, visto que há várias acepções para o termo afeto. Para o senso comum afeto é o mesmo que afeição; para a psicologia¹⁷ é a subjetividade de um estado psíquico elementar inalisável, vago ou qualificado, penoso ou agradável que pode exprimir-se massivamente ou como uma nuance, uma tonalidade; na filosofia¹⁸ é designado como conjunto de atos ou atitudes, como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, etc; a psicanálise¹⁹ o define como uma expressão qualitativa da quantidade de energia das pulsões e suas variações. Já segundo Spinoza (1677/2014d), os afetos são as afecções do corpo, uma potência de agir, que pode ser aumentada ou diminuída, uma ação que pode ser de um corpo sobre o outro ou de um objeto sobre um corpo. Quando há aumento de potência o resultado no afeto é a alegria, quando há diminuição é a tristeza. A alegria é a passagem para um estado mais potente e perfeito do próprio ser, a tristeza é o contrário. Pensar os afetos sob a ótica spinozista é entender como se forma a própria

¹⁵ A subjetividade a que me refiro está além do sujeito, ela também o engloba, mas não se restringe a ele. “No capitalismo, a produção de subjetividade opera de duas maneiras, que Deleuze e Guattari denominam dispositivos de sujeição social e servidão maquínica. A sujeição social nos dota de uma subjetividade, atribuindo a nós uma identidade, um sexo, um corpo, uma profissão, uma nacionalidade e assim por diante. Em resposta às necessidades da divisão social do trabalho, ela fabrica sujeitos individuados, sua consciência, representações e comportamento. Mas a produção do sujeito individuado vai de par com um processo completamente diferente, e por uma posse da subjetividade também completamente diferente, que procede através da dessubjetivação. A servidão maquínica desmantela o sujeito individuado, sua consciência e suas representações, agindo sobre os níveis pré-individual e supra-individual. (LAZZARATO, 2014, p. 17).

¹⁶ GUINSBURG, J; CUNHA, Newton; ROMANO, Roberto. (orgs.) **Spinoza - Obra completa IV – Ética e compêndio de gramática da língua hebraica**. São Paulo: Perspectiva, 1677/2014d. 1ª edição.

¹⁷ DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

¹⁸ ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

¹⁹ CABRAL, Álvaro. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

sociedade dentro de um jogo de afetação em que uns afetam os outros, modificando a si mesmos e aos outros depois de afetar ou serem afetados.

Afetar no sentido de modificar, transformar, alterar; de forma recursiva o indivíduo transforma o mundo, que é transformado pelo indivíduo – ainda que boa parte dos efeitos que o mundo produz sobre o indivíduo escapem à sua consciência. O afeto é aquilo que sentimos a partir do efeito do que o mundo produz sobre nós, é como o corpo sente as transformações do mundo. É a energia de uma emoção, a força da potência que existe em cada sujeito em ação, expressa. A escolha de Spinoza (1677/2014d) para compreender as trocas afetivas nas festas de música eletrônica, se deu por sua definição de afeto relacionada à ação, passagem, fluxo, não apenas emoções e sentimentos. Nessas festas, por meio dos afetos, temos fluxos sonoros, luminosos, elétricos, maquínicos (entre máquinas), ações entre corpos, corpos e objetos e objetos e corpos. O afeto neste estudo é compreendido como ação/fluxo e emoção/sentimento, que seria tanto o resultado dessa ação/fluxo quanto da sua expressão nos corpos. A partir do olhar de Spinoza (1677/2014d), pretendo compreender como essas trocas afetivas acontecem, como se formam e no que resultam. As relações, incluindo as mais racionais, são fundadas em base afetiva, e as festas de forma geral não escapam dessa lógica.

Vários autores da sociologia, antropologia, linguística e filosofia se debruçaram sobre o estudo das festas que, assim como o afeto, se trata de uma categoria estruturante da civilização humana, além de expressão da cultura e sociedade de um determinado povo. A festa pode empobrecer-se, algumas vezes até degenerar-se, mas não pode apagar-se totalmente. (BAKHTIN, 1993). A festa remete ao afeto da alegria, ao regozijo, ao gozo, ao prazer, ao lúdico. A festa implica dispêndio, ordem e desordem. É espaço de afetações, de encontros, de agenciamentos, de fluxos e produção. As festas geralmente envolvem a música e a dança; o sagrado e o profano. Ela coloca o homem em face de um mundo sem estrutura e sem código, o mundo da natureza onde tem exercício apenas as forças do “eu”, as forças instintivas, as pulsões, os grandes estímulos da subversão. Na festa, a fusão das consciências e das afetividades substitui todos os códigos e todas as estruturas. (DUVIGNAUD, 1983). Para Duvignaud (1983), as celebrações festivas são sinônimo de destruição, ruptura, anarquia, subversão, explosão, caos, pois carregam em si o potencial anarquista da comunidade em questão. Edgar Morin (2013) ao propor uma reforma da vida, sugere como uma das vias o divertimento, visto que propicia o prazer e faz com que a distração permita ao sujeito focar no que é mais importante:

A reforma da vida traduziria uma aspiração aos estados de segunda ordem que encontramos em todas as emoções estéticas e lúdicas, em todos os entusiasmos, em todas as exaltações, em todos os ardores amorosos e festivos que nos aproximam do êxtase. São esses estados de segunda ordem, plenos de intensidade poética que dão a verdadeira sensação da vida. É neles que nos perdemos para nos reencontrar, que no reencontramos nos perdendo. O êxtase constitui o estado-limite benfazejo, ao qual nos conduz o estado de segunda ordem, que, então, se torna o primeiro. (MORIN, 2013, p. 343).

A festa é o lugar do possível e do desafio, ela inventa, cria, gesta, imagina outras relações do homem com o mundo, sobretudo consigo próprio, outras formas de ligar, de afetar, de se conectar, de criar vínculos. Etimologicamente, vínculo vem do latim *vinculum*²⁰ que significa laço, liame, algemas, prisão; com o tempo tal definição foi sendo alterada de um significado fechado e concreto para uma acepção mais aberta, dando a ideia de ligação, elo, relação. Vincular significa ter ou criar um elo simbólico ou material, formar um espaço ou um território comum. (BAITELLO, 1997). Sendo um pioneiro no estudo dos vínculos, Giordano Bruno (1591/2012) diz:

Aquele que ata com um vínculo obtém alegria e certa glória; e tanto maiores e tanto mais veementes estas quanto mais generoso, mais louvável e mais digno é aquele que é atado; naquela alegria, naquela glória, repousa a força do vínculo, por meio da qual aquele que ata é atado de volta por aquele que havia atado. (BRUNO, 1591/2012, p. 31).

A partir da experimentação nas festas de música eletrônica visitadas para este estudo, surgiu o entendimento do que era a afetação e qual a sua relação com os vínculos e os afetos. O vínculo é consequência da afetação e algumas afetações resultam em vínculo.

O mundo nos afeta globalmente e nos permite falar de uma comunicação entre o eu e o mundo, afinal todo corpo acaba sendo afetado por algum encontro. Deleuze (1968), de acordo com Spinoza, exemplifica dois tipos de encontros: no primeiro caso, encontro um corpo cuja relação se compõe com a minha, produz em mim uma afecção boa, desperta em mim o sentimento de alegria. No segundo, encontro um corpo cuja relação não se compõe com a minha, não traz nada de útil à minha natureza, e, nesse sentido, é nocivo e me afeta com tristeza. (DELEUZE, 1968). O encontro é a porta de entrada para afetação, quando encontro com alguém ou algo, afeto-o. Para que haja afetação é indispensável o encontro.

Spinoza (1677/2014d) dizia que temos sempre que buscar os bons encontros, aqueles que aumentam nossa potência de agir e nos preenchem de alegria. Os bons encontros são raros

²⁰ CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

em nossas vidas, por isso a procura dos indivíduos²¹ por festas, diversão, música, dança. Quando tudo isso é unido, a alegria e a afetação são imperativas. A afetação mútua entre pessoas/objetos pode transformar-se em interação. A partir das afetações podem ocorrer comunicações e interações.

O que lembra o primeiro festival de música eletrônica em que estive, o *Universo Paralelo*, no sul da Bahia. Eu fui com um grande amigo, era noite de ano novo e tínhamos tomado um doce pela primeira vez, naquele momento, fui afetado pela música e pela droga, a sensação era o meu corpo como pura eletricidade, chovia e passava das 7 horas da manhã, fiquei ao lado da caixa de som e comecei a interagir com ela e com meu amigo, tinha a impressão de ter superpoderes, de que saíam raios da minha mão, parecia que eu estava soltando *hadoukens*²², meu corpo expressava alegria por meio dos gestos da dança, eu não falava nada, nem ninguém ao meu redor, só dançava, sorria, me conectava com toda aquela maquinaria que estava ao meu redor: a luz incipiente do sol, música, chuva, pessoas. Lembro que o *dj* lançou uma música, que levou minhas sensações ao pico, chamada *Binary Finary*²³, naquele momento tive a impressão de conseguir me conectar com tudo ao meu redor, parecia que o meu corpo era apenas um galho entrelaçado à uma infinidade de outros galhos, folhas e frutos, dentro de uma imensa árvore frondosa. O que começou com afetação, se transformou em interação, eu me sentia parte integrante daquele todo.

A afetação está diretamente ligada ao conceito de Spinoza (1677/2014d) de afetos e afecções, remete não só ao estado do corpo quando afeta ou é afetado, mas à ação, à transformação, à passagem que os corpos sofrem /agem quando afetam ou são afetados; além de corresponder a todo processo afetivo em que há uma transformação da energia vital do ser. As afetações podem ser corporais, sonoras, sociais e maquinicas: na primeira o corpo humano é afetado por outro humano, na segunda a afetação se dá por estímulo sonoro, na terceira há um processo de conexão entre seres humanos e não humanos²⁴, entre cada um e na última é afetado por máquinas.

²¹ Para Spinoza, a noção de indivíduo aproxima-se daquela do senso comum, pois os indivíduos são considerados como compostos, providos de uma unidade de composição que permite distingui-los uns dos outros e garante sua permanência apesar das variações que possam intervir neles. Um indivíduo é composto por vários outros indivíduos, por partes individualizadas. (RAMOND, 2010).

²² É um ataque especial dos personagens Ryu Hoshi e Ken Masters do jogo eletrônico *Street Fighter*. Trata-se de uma energia em forma de uma bola azul luminosa que sai das mãos dos lutadores.

²³ A música pode ser escutada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=QKwK-ZhTurg>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

²⁴ Termo utilizado por Bruno Latour (1994) para designar animais, plantas, objetos, etc. Tudo aquilo que não for humano. Os não humanos são privados de alma, mas aos quais é atribuído um sentido, possuem a capacidade de indicar, de forma confiável, os fenômenos. São também atores sociais.

Foram essas afetações que escolhi como as principais categorias norteadoras da pesquisa. Nas festas de música eletrônica que visitei pude perceber afetações corporais, sonoras, sociais e maquínicas. Após essas afetações, em alguns casos, surgiam vínculos afetivos: relações de amizade, de amor, etc. Já fiz várias amizades em festivais de música eletrônica, em *raves*, etc., às vezes tudo começava ao imitar um passo de dança ou comentar sobre uma música durante a festa e as afetações funcionavam como molas propulsoras para o nascimento do vínculo. De acordo com Josimey Silva (2012, p. 45), “os vínculos se transformam em linguagem, códigos, leis, comunicação, sociedade”. As afetações são inerentes a todos os tipos de festa, nas festas de música eletrônica há uma consonância entre as afetações maquínicas e sonoras por causa do seu componente maquínico, visto que há uma música essencialmente tecnológica, produzida por máquinas tecnológicas (tecnomáquinas) afetando corpos ciborgues, modificados pela tecnologia e também com próteses dentro de si. A festa é o lugar da afetação, coloca em ação o excesso e a transgressão, os seus operadores de distinção relativos ao mundo das coisas e oferece ao indivíduo a possibilidade de pensar a vida coletiva para além da duração. O indivíduo deixa-se levar pelo império do desejo e do gozo, que são o império da festa. Os excessos e as transgressões festivas, o dançar até os pés doerem, o comer até passar mal e o beber até cair, não são apenas aniquilações de regras sociais, são também formas de realização do desejo, é o dispêndio suntuoso. (PEREZ, 2012).

A festa é mais do que festa, é combustão da vida, regeneradora da sociedade, produtora da vida, lugar do desejo, do gozo, do excesso, do descontrole, do dispêndio, da empatia, das relações emocionais e afetivas, do encontro de consciências e de sensibilidades diversas. A festa reúne uma pluralidade de sentimentos e emoções, da felicidade à melancolia, da alegria à tristeza. Os afetos ocupam papel especial em todas as festas, até nas mais protocolares, pois afetam o indivíduo, seja positiva ou negativamente. As de música eletrônica não são uma exceção, o termo *rave* surgiu a partir da mídia inglesa quando as pessoas se referiam a uma festa espetacular de grande porte. A palavra *rave* é um adjetivo que significa entusiasmado (a), remete à excitação, empolgação, características próprias desses eventos. A música tocada é a eletrônica em alto volume, cabendo ao *dj* guiar a vibração dos dançantes, pois é ele o grande condutor da emoção entre os presentes. No momento em que coloca uma música, sua ação afeta de alguma forma o corpo dos participantes, alterando o seu estado emocional. Não se trata apenas de emoção, o que está em jogo é como esses corpos se expressam de forma objetiva quando afetados pela música. Trata-se sobretudo da expressividade dos corpos inseridos em todo o agenciamento maquínico da festa.

O seu universo engloba diversos eventos: as *raves* comerciais, *underground* e aquelas em lugares abertos, em contato com a natureza. As comerciais têm grande divulgação na mídia, são realizadas em arenas, estádios ou locais para *shows*, trazendo *djs* conhecidos mundialmente. Há as do tipo *underground*, com sua pouca divulgação realizada oralmente, que acontece em lugares abandonados e os frequentadores habitualmente já se conhecem. Existem as *raves* em lugares abertos, praias, sítios, granjas, cujo intuito é destacar o contato com a natureza e as que acontecem em casas noturnas, clubes e bares. A diferença das *raves* para as festas em clubes, de acordo com os frequentadores, inclui o horário nas casas noturnas (5 a 7 horas de duração), enquanto nas *raves* chegam a durar de 12 a 24 horas. Outra diferença é a venda exclusiva de álcool e a proibição da venda de outras drogas consideradas ilícitas. É relevante ressaltar que a cena *rave* começou em clubes, eles fazem parte da história. (SYLVAN, 2005). Outro tipo de festa de música eletrônica são os festivais, grande parte das vezes, duram mais de um dia, possuem grande produção e atraem multidões, tal qual o já citado *Universo Paralelo*. Esse evento tem duração de sete dias, com um público em torno de dez mil pessoas acampando em contato com a natureza. O local comporta praça da alimentação, palestras, inúmeras tendas eletrônicas, exibição de filmes, performances circenses, teatrais, aulas de yoga, dentre outras atrações. (NEVES, 2010).

As festas de música eletrônica, principalmente, as mais comerciais, que acontecem em grandes clubes ou festivais de grande divulgação midiática, operam de acordo com uma lógica mercadológica e capitalista. Os grandes festivais de música eletrônica, como os internacionais *Tomorrowland*, o *Ultramusic*²⁵, e os nacionais, o *King Festival*, o *Dream Valley*, têm toda uma estrutura de luzes, cores, sons e telões de LED com o objetivo de agenciar os sentidos dos participantes. Há uma lógica capitalista a fim de criar uma ambiência sinestésica, em uma sociedade ditada pelo consumo de sensações e experimentações. As sensações são orquestradas e vendidas, o afeto é moeda de alto valor na sociedade do século XXI. Há um capitalismo afetivo que sustenta tudo isso, pois o afeto passou a ser um aspecto essencial do comportamento econômico. A vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (ILLOUZ, 2011). Até o comércio ilegal de drogas aumenta quando acontecem essas festas, tendo em vista que essas substâncias atuam no corpo dos participantes como agenciadoras de sensações. As drogas aparecem nessas festas como agenciadoras dos afetos, apesar da ilegalidade do consumo, o uso é frequente. Alguns consumidores levam a

²⁵ Festival de música eletrônica que acontece sempre no mês de março em Miami, em 2013 o festival teve um público estimado de 330 mil pessoas. O festival é realizado também em diversas cidades fora dos EUA: Tóquio, Bogotá, Santiago, Seul, Buenos Aires, Ibiza, São Paulo, etc.

droga de casa, outros compram na festa, devido a proibição o uso se dá em lugares escuros ou reservados. As substâncias ilícitas podem provocar o desligamento dos problemas do mundo, a euforia e despertar a expressão tanto da alegria quanto da tristeza, mesmo diante da sua face negativa, como a dependência química e psicológica, os danos ao organismo, etc.

No contexto da música eletrônica, a droga mais utilizada é o *ecstasy*, cientificamente denominado de metilendioximetanfetamina (MDMA) e conhecido popularmente como “E” ou “bala”. O *ecstasy* afeta o corpo fisicamente, psicologicamente e socialmente; atinge o cérebro, onde a serotonina e a dopamina são liberadas, duas substâncias neurotransmissoras que controlam a transmissão de mensagens entre os neurônios, provocando alterações no humor. O seu efeito é singular entre as drogas recreativas, pois produz a empatia que gera prazer através do aumento da capacidade de comunicação, o que a torna uma droga adequada para as experiências em grupo. A sensação despertada pode ser equiparada à de estar apaixonado, os usuários sentem-se relaxados, felizes, menos tímidos e mais afetuosos. Uma vez que potencializa o sentido do tato, estimula a troca do isolamento por contato e intimidade física com os outros. Também pode oferecer uma diminuição significativa nas estruturas de defesa emocional, ao promover a abertura ao outro e uma maior sociabilidade entre os participantes. (SAUNDERS, 1996). O *ecstasy* é descrito como empatogênico, pois a empatia aumenta a capacidade de se colocar na pele do outro. O motivo do *ecstasy* ser conhecido como a “droga do abraço” se dá porque torna o contato humano significativo durante o efeito. O ato de abraçar está ligado ao fato de querer sentir o próprio corpo, tocar a pele do outro, poder apreciar durante longos minutos uma simples carícia nas costas. (LALLEMAND; SHEPENS, 2002). Quando várias pessoas tomam *ecstasy* juntos é o bem-estar que comanda o corpo, o sujeito expressa alegria e o corpo é bombardeado de estímulos novos e já conhecidos. A afetação pode levar à comunicação.

Comunicação é algo que acontece com intensidade nessas festas, principalmente, entre o público/*dj* e uma comunicação do tipo eletro-físico entre público/caixas de som. As afetações sonoras e maquinicas podem resultar num processo de comunicação, para comunicar é necessário afetar: se afeto o outro, transformo-o e outro transforma algo em mim. O processo de comunicação é também um processo de afetação. Comunicação não deve ser confundida com sinalização nem informação. Para existir, é preciso comunicar. É uma experiência humana e também de alguns não humanos. É algo que perpassa a todos, todos a vivenciam e a sentem; atravessa os seres e as coisas. Comunicar é produzir, partilhar com o mundo e com os seres vivos. Comunicar é também afetar, ao me comunicar com outro ser, o outro me afeta, nos comunicamos; porém nem toda afetação é comunicação.

A comunicação, em alguns casos, pode gerar vínculos sociais e nas festas de música eletrônica o processo não é diferente. De acordo com Norval Baitello (2009)²⁶, o vínculo passa a ser um dos conceitos centrais para a etologia, por ser o resultado de ações (inatas ou aprendidas) do ser vivo, que o aproximam do outro ou reforçam e alimentam uma proximidade já existente. O vínculo pode ser compreendido como um movimento de preenchimento de uma carência, que prenuncia uma nova carência. Os vínculos são mediados pelos afetos.

No estabelecimento dos vínculos exercem-se atividades que se fundam na curiosidade, na exploração, no jogo e na simulação, como parte do processo de reconhecimento e aproximação com o outro. Porém, essa aproximação nem sempre se dá pela aceitação: a rejeição também faz parte do processo vinculador, seja em termos efetivos ou somente como virtualidade, podendo inclusive estreitar a ligação através do aumento da carência de um ser pelo outro. (SILVA, 2012, p. 83).

Nesse sentido, o outro não precisa ser humano, pode ser uma máquina artificial/técnica. O ser humano está atado às máquinas técnicas. Nos tempos atuais, a tecnologia já está radicada na vida do indivíduo. As máquinas são simulações dos órgãos do corpo humano. A alavanca, por exemplo, é um braço prolongado, potencializa a capacidade do braço de erguer coisas e descarta todas as suas outras funções. As facas de pedra que tem a forma parecida com a dos dentes incisivos são uma das máquinas mais antigas. (FLUSSER, 2007).

Na máquina, não existe só maquinal (repetitivo), mas também o maquinante (inventivo). A ideia de máquina comporta o componente de produção e criação, existem máquinas físicas, biológicas, sociais, embora o conceito seja fundamentalmente físico. Há uma originalidade irredutível, própria às máquinas biológicas e sociais, que é fruto dos desenvolvimentos biológicos e sociais do princípio físico de organização ativa. É importante destacar que aquilo que é biológico, humano e social também pode e deve ser físico. Tudo que é biológico, humano, social é organização ativa, ou seja, máquina. (MORIN, 2008). A máquina social está espalhada nos gestos do ser humano. O inconsciente é maquínico, trabalha como fábrica e contamina as ações do indivíduo no cotidiano.

É preciso considerar que existe uma essência maquínica que irá se encarnar em uma máquina técnica, mas igualmente no meio social, cognitivo, ligado a essa máquina – os conjuntos sociais são também máquinas, o corpo é uma máquina, há máquinas científicas, teóricas, informacionais. (GUATTARI, 2012, p. 49).

²⁶ FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

Foi essa essência maquina que procurei investigar nas festas de eletrônica, como ela se expressa através dos fluxos corporais, sonoros, sociais. Para isso, foi necessário um método que acompanhasse o percurso desses fluxos, um método aberto em que sujeito e objeto estão imbricados durante o processo de investigação.

CARTOGRAFIA COMPLEXA AFETADA

O recorte empírico corresponde a dois festivais de música eletrônica: o *King festival* em Recife, o *Dream Valley* em Florianópolis; a festa de música eletrônica PAJUX em Natal; além de um resgate histórico das festas de música eletrônica da capital norte-rio-grandense. A escolha pelos dois festivais é justificada pela relevância que ambos têm no cenário de música eletrônica nacional com a participação dos *djs* mais conhecidos nacionalmente e internacionalmente. O *King festival* teve duas edições (2013 e 2015) e contou com a participação de 20 mil pessoas na sua primeira edição²⁷; o *Dream Valley* aconteceu em Florianópolis e teve sua terceira edição no ano de 2014, em 2013 recebeu 40 mil pessoas nos dois dias de evento²⁸. Faz parte também do recorte empírico a cidade de Natal, que já tem uma trajetória de 20 anos de festas de música eletrônica que será narrada aqui, e a festa PAJUX numa casa-noturna chamada Ateliê Bar e Petiscaria, no bairro da Ribeira.

Tentei acompanhar os percursos afetivos dessas festas, entender os processos que ali se formavam, como se originavam e o que resultavam, para compreender qual o sentido delas do ponto de vista da afetação, para perceber as redes afetivas que se teciam, me estabelecendo como indivíduo afetado e afetante, como parte do processo festivo, vivenciando a experimentação de maneira conjunta. Segundo Rolnik (2014, p. 22), “o texto é autobiográfico, desde que entendamos por ‘auto’, aqui, não a individualidade de uma existência, a do autor, mas a singularidade do modo como atravessam seu corpo as forças de um determinado contexto histórico”.

Na tentativa de responder a essas perguntas, fez-se necessário a utilização de um método aberto que permitisse a consideração da minha subjetividade e, por consequência, dos meus afetos, de outros afetos, dentro do processo de construção. O intuito foi traçar um mapa das

²⁷ Mais informações sobre o *King Festival* podem ser encontradas aqui: <http://psicodelia.org/noticias/king-festival-2013-review-e-fotos> e <http://virgula.uol.com.br/musica/king-festival-2013/> Acesso em: 25 de setembro de 2014.

²⁸ As informações sobre o público do *Dream Valley* podem ser vistas aqui: <http://www.phouse.com.br/dream-valley-festival-2013-2014/> Acesso em: 18 de novembro de 2015.

afetações e dos afetos das festas de música eletrônica visitadas, que permitisse a entrada de muitos sentidos e operasse como rizoma²⁹. Os afetos abrigam dimensões subjetivas, sociais, filosóficas, culturais, psicológicas, biológicas e históricas. O método de pesquisa que proponho tem a intenção de ser plural, metamorfoseado de acordo com a coleta de informações e a construção dos dados. O método foi construído no decorrer da pesquisa, baseando-se na experimentação, nos circuitos afetivos que me guiavam. Para Edgar Morin (2008):

Originalmente, a palavra método significava caminhada. Aqui, é preciso aceitar caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha (...) O método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez dotado de método. (MORIN, 2008, p. 36).

Na direção sugerida por Edgar Morin (2008), a proposta de métodos deste trabalho se deu visando apenas um roteiro de orientação para os primeiros passos na pesquisa. Foi fazendo o caminho enquanto se caminha, experimentando, tateando as possibilidades de investigação que foi construído o método cartográfico com apoio na epistemologia da complexidade de Edgar Morin (2007a). Neste trabalho executou-se uma cartografia complexa, mesclando o método cartográfico com a epistemologia complexa³⁰. A partir dessa base, os métodos foram aparecendo e se ajustando à realidade a ser pesquisada. “Conhecer o caminho de constituição de dado objeto equivale a caminhar com esse objeto, constituir esse próprio caminho, constituir-se no caminho”. (PASSOS et al, 2012, p. 31).

A cartografia é composta de narrativas, seu principal elemento é a escrita, cartografar é praticar, experimentar, produzir junto com o seu objeto de estudo, é coproduzir. Na cartografia, vários elementos podem conversar no processo de feitura: escrita, música, filmes, pintura, tudo que abrange o “acontecer” do fenômeno. Sujeito e objeto estão de mãos dadas e se constituem

²⁹ O rizoma é uma haste subterrânea e difere absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até os animais o são, sob sua matilha. Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. (DELEUZE; GUATTARI, 1995a).

³⁰ “A complexidade como referência teórica e método de pesquisa permite a observação do próprio pensamento enquanto lida com suas construções de realidade. A subjetividade do pesquisador não é desconsiderada por ser indissociável dele, assim como de qualquer ação de um sujeito sobre o mundo, que só pode ser percebida enquanto tal também pelo sujeito que a realiza ou por outro que a observa. Disso decorre que o diverso, o incerto, o ambivalente e o antagonico consituem parte integrante tanto do fato, quanto da observação do observador. Admitir o acaso, a imprevisibilidade, a tensão entre determinismo e liberdade, autonomia, dependência, instabilidade, inacabamento, paradoxo, ordem e desordem, enfim, as emergências como algo consituente da vida, do homem e da ciência, são condições de um pensamento complexo.” (SILVA; NEVES; SOBRAL, 2013, pp. 381-382). In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; GALENO, Alex (org.). **Ensaio de complexidade 3**. Natal, RN: EDUFRN, 2013).

no plano afetivo de formação do acontecimento, ambos são afetados e afetam no decorrer da experiência cartográfica. É tarefa do cartógrafo dar fala para os afetos que pedem passagem, dele se espera essencialmente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que acha, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem pertinentes. (ROLNIK, 2014).

O método cartográfico proposto por Deleuze e Guattari (1995a) tem como foco o acompanhamento do processo de produção e não a representação. Um dos objetivos do método cartográfico é estar aberto a imprevisibilidade do processo de produção do conhecimento. Durante a pesquisa de campo, procurei acompanhar os processos em curso, ficar aberto ao acaso e às afetações que aconteciam no momento, ser afetado pela festa, pelas pessoas, pela música, pelas máquinas tecnológicas, pelas drogas. Nesse sentido, a cartografia se assemelha à pesquisa etnográfica e a observação participante. Meus sentidos se abriram às sensibilidades que me afetavam por inteiro, e assim, ia habitando aqueles territórios de sonoridades eletrônicas e maquínicas. Estava aberto ao plano dos afetos, ao acaso, ao imprevisível; e assim foi sendo tecida a minha cartografia complexa.

Através de um roteiro de orientação utilizei artifícios metodológicos e técnicas de investigação para obter uma compreensão mais abrangente do fenômeno em questão. Todavia, o objetivo não era ficar preso a receitas metodológicas, visto que o método de pesquisa escolhido permitia abertura ao imprevisível, aos afetos que pediam passagem. Durante a pesquisa fiz uso de técnicas de investigação como a observação etnográfica participante³¹, com o objetivo de ser afetado pelo fenômeno e de certa forma afetá-lo, como o auto registro *in loco* de depoimentos, no qual os participantes gravavam o momento de preparação para a festa, o durante e o depois, no total oito pessoas relataram as afecções e afetações que a festa provocava. Também foi utilizado o registro fotográfico nos locais de fluxo e entrevista narrativa com os participantes que gravaram os depoimentos e com pessoas que se disponibilizaram a falar sobre a história das festas de música eletrônica em Natal.

Devido à minha experimentação, vivência e paixão pela música eletrônica, era necessário distanciamento do objeto e ao mesmo tempo contaminação. Se por um lado o distanciamento era imperativo, pois era preciso sair do ambiente festivo em que me encontrava para adquirir um metaponto de vista sobre o fenômeno observado, para enxergar o que não conseguia ver de dentro. Por outro lado, precisava ser contaminado por aquilo tudo, sentir na carne o que aquelas pessoas sentiam, misturar minhas afetações com as da festa. Foi um

³¹ A observação etnográfica participante não é um método de pesquisa e sim, uma das técnicas de investigação escolhidas. O método utilizado é a cartografia complexa.

exercício e desafio cartográfico, pois me enxergava o tempo todo presente no objeto e embora a cartografia e a complexidade me dessem margem para essa afetação plena, havia a necessidade de distanciamento para não ser pego pela cegueira do conhecimento. Fazia-se mister um conhecimento reflexivo³² sobre o que estava vivenciando, sobre as ideias que emergiam da minha mente no momento das afetações. Ao observar aquelas pessoas dançando parecia que estava diante de um espelho, mas precisava participar, ser o outro, que nesse caso era eu, pesquisador, sujeito e objeto de si mesmo.

Envolver-se seriamente na pesquisa implica, mais cedo ou mais tarde, pesquisar a si mesmo, ampliando a autoconsciência das limitações e possibilidades. O pesquisador não entra em seu campo de pesquisa como um elemento estável. Ele muda porque (ou quando) aprende. A escrita dos resultados é por isso também um exercício de autoescrever-se. Ter consciência disso evita dois perigos aos quais o pesquisador está constantemente exposto. O primeiro deles, colocar-se fora do processo como aquele que aprendeu a realidade e alfineta os conhecimentos ao estilo do colecionador de borboletas; o segundo, tornar o ‘objeto’ da pesquisa um pretexto para sua reflexão narcisista, auto-indulgente e solipsista. (BRANDÃO; STRECK, 2006, p. 271).

A cartografia complexa desta pesquisa teve como função fazer uma leitura polifônica e dialógica do local, de modo a entender o que ambiente é capaz de dizer por si só, como se dá o seu diálogo com os participantes da festa e, numa relação recursiva, como os participantes dialogam com ele. Entender também como eu dialogava com o ambiente e as pessoas e como eles dialogavam comigo, fazia parte do processo e era também o objeto de pesquisa de mim mesmo. As afetações da festa tinham múltiplas entradas e saídas, o intuito era mapear os percursos afetados e afetivos, mergulhando nos platôs sonoros, festivos, dançantes³³ daqueles momentos.

É importante destacar que as reações das pessoas à observação foram levadas em consideração durante o processo de investigação. De acordo com Massimo Canevacci (2008, p. 21), “observar é claramente um observar-se também.”. Ao observar o objeto, o sujeito também é observado, afetado por ele, de modo que o objeto possui vários significados que

³² Para Spinoza, refletir sobre o conhecimento, sobre as ideias, buscando as ideias verdadeiras e distinguindo-as de outras percepções, é descobrir a potência do nosso pensamento e do nosso poder de conhecer. Isso ele chama de conhecimento reflexivo ou método verdadeiro. (ESPINOSA, 1677/2004).

³³ “Região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior (...) Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 44).

precisam ser interpretados e que a interpretação, essencial à compreensão do que se observa, está ligada à subjetividade do observante, o único que pode conferir sentido ao observado.

A noção de subjetividade trabalhada neste texto não se concentra apenas nos indivíduos, ela também se descentraliza o sujeito, visto que é produzida por agentes de enunciação.

Os processos de subjetivação ou de semiotização não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egoicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal, extraindividual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos ecológicos, etológicos, de mídia, ou seja, sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção de sensibilidade, de afeto, de desejo, de representação, de imagem e de valor, modos de memorização e de produção de ideias, sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos e assim por diante). (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 39).

Para tentar captar esses processos de subjetivação era preciso descrever as máquinas de expressão, minha tentativa era capturar o inapreensível, aquilo que escapa, que está em fluxo, o que se exprime e como se exprime. Confesso que durante a festa não levei bloco de notas ou caderno para fazer o diário de campo, não queria chamar atenção, nem perder tempo anotando coisas, preferi vivenciá-las, experimentar o ambiente e depois fazer o registro. No diário digital relatei como era o campo de pesquisa, quais as minhas afecções e sobre os personagens da narrativa. Em geral, dois dias após cada evento, abria o notebook e começava a descrever tudo o que tinha visto e vivido. A possibilidade de ver vídeos no *youtube* da festa também ajudou bastante, pois trouxe à tona a memória afetiva de alguns momentos específicos, principalmente aqueles de maior afetação sobre o corpo. Durante a cartografia complexa tinha plena consciência que era influenciado e modificado pelo que via e sentia, seguia os movimentos do meu desejo, dos meus afetos e dos desejos e afetos alheios. Minha presença ali, com caderninho ou não, modificava o ambiente e, em um movimento de recursividade, era modificada por ele. A transacionalidade entre o observador e aquilo que é observado, além de mostrar que um não é separado do outro, torna indispensável a consideração da subjetividade do primeiro, a compreensão de como ele experiencia o que observa. (MATURANA; VARELA, 2001).

No *King festival*, além da observação participativa que fiz no ambiente, pedi que dois amigos narrassem suas experimentações no segundo dia do festival³⁴. A escolha pelas

³⁴ A transcrição das narrativas encontra-se nos APÊNDICES.

entrevistas se justifica pela tentativa de entender o que essas pessoas sentiam, afinal, afeto para Spinoza também é sentimento, não apenas ação/fluxo. As narrativas aparecem como operadores cognitivos para tentar descrever o inapreensível, meus personagens tentam descrever as situações de êxtase, de euforia, assim como eu, durante o texto. Se por um lado este trabalho tentar compreender de forma majoritária o sentido do não-dito, do que está em fluxo, do não-discursivo, como a música eletrônica que não tem fala; por outro, de maneira minoritária, porém não menos importante, não podia deixar de lado as sensações desses personagens, os sentimentos, mesmo não sendo o foco principal do trabalho.

A escolha dos amigos foi por questão de aceitação, já que pedi a algumas pessoas durante o festival para fazerem a gravação e não aceitaram. A questão era onde gravar os depoimentos em um local em que todos os lugares o som é bem alto, o que iria prejudicar a qualidade da gravação. Não tinha pensando nisso até chegar ao campo e me deparar com a situação, o que me fez desistir no primeiro dia, porque as poucas gravações feitas longe da caixa de som ficaram péssimas e não havia como compreender nada. No entanto, o problema precisava ser solucionado, as gravações precisavam ser feitas no momento da festa, com cada um contando sobre as drogas que havia ingerido, o que estava sentindo, vendo, percebendo, quais eram as suas impressões, o que os afetava de fato. No segundo dia de festival, tive a ideia de pedir para os meninos gravarem dentro do banheiro químico que ficava localizado ao final da pista. As gravações ficaram boas, com o áudio bem claro e explícito, com exceção de um dos meninos que durante a gravação estava bêbado e a voz não ficou muito compreensível, mas permitia o entendimento no momento em que fiz a transcrição do áudio. Uma semana depois do evento, os rapazes me mandaram uma gravação com suas opiniões gerais sobre o evento. Um balanço de tudo, dessa vez, completamente sóbrios.

No *Dream Valley*, a lógica foi um pouco diferente. As duas pessoas que pedi para gravarem suas impressões no momento da festa não conseguiram, devido ao barulho do som e não achavam confortável ficar indo ao banheiro para gravar pois iriam “perder” partes da festa. Ambos disseram que gravariam no dia seguinte. Aceitei a ideia deles, ainda que para mim fosse melhor durante a festa, era necessário estar aberto aos novos percursos que a pesquisa poderia tomar durante a realização. Na PAJUX, pedi a quatro amigos para falarem de suas experimentações no momento da festa. Todos o fizeram, mas mesmo assim me enviaram ponderações no outro dia da festa, discorrendo sobre o que acharam, sentiram, impressões gerais, etc. No total, são oito os personagens que escolhi para falar sobre as três festas, sem contar comigo que também sou narrador.

Para preservar a identidade dos participantes optei por identificá-los por meio de siglas, os protagonistas e narradores das festas são MD1, MD2, MD6, MD7, MD9, MD10, MD11 e MD12, a escolha dos termos é um jogo de palavras com o composto ativo do *ecstasy*, o MDMA também conhecido como MD. Outras pessoas da festa são identificadas com a mesma sigla, mas com outros números: MD3, MD4, MD5 e MD8 são coadjuvantes da narrativa. Na parte histórica das festas de música eletrônica em Natal, fiz uso de entrevistas narrativas e não utilizei pseudônimos, os nomes são reais e os personagens não se importaram em divulgar as suas identidades, visto que os relatos eram sobre a memória das festas no passado.

A entrevista narrativa tem em vista uma situação que encoraje ou estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante da sua vida e do contexto social. O objetivo da entrevista é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível. A entrevista narrativa é uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. É relevante destacar que compreender uma narrativa não é apenas seguir uma sequência cronológica de acontecimentos que são dados pelo narrador, é também reconhecer sua dimensão não-cronológica expressa pelas funções de sentido do enredo. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). As entrevistas narrativas com os personagens históricos das festas que aconteceram em Natal, me permitiram estabelecer uma cronologia desses eventos.

As gravações realizadas pelos personagens, alguns dias depois do festival, possibilitaram um maior esclarecimento sobre a festa em si. Foram depoimentos de cinco a dez minutos em que MD1 e MD2 fizeram um balanço geral sobre como foi o *King festival*. MD6 e MD7, personagens do *Dream Valley*, fizeram apenas a parte dos depoimentos. MD9, MD10, MD11 e MD12 também gravaram depoimentos pós-festa. Nesse momento, eles não estão sob efeito de nenhuma substância, portanto, podem ter uma visão mais racional sobre o evento. Nos depoimentos foram mencionados aspectos técnicos; incluindo serviço de bar, palco, iluminação, decoração; performance dos principais *djs*, músicas, interação com o público; público, faixa etária, o que vestiam, e como era o comportamento das pessoas. Nas gravações durante o festival a questão das substâncias ilícitas é mencionada em praticamente todas as entradas³⁵ ao banheiro químico, os personagens falavam o que sentiam, suas vontades, afecções, desejos. Também fiz uso de substâncias ilícitas, como forma de experimentação e expressão, na tentativa de me transformar no próprio objeto de pesquisa, de modo que assumo o uso de drogas não como dispositivo metodológico, mas como condição vivenciada no ato da pesquisa.

³⁵ MD1 realizou oito entradas e MD2 seis entradas.

Durante a escuta das gravações é notável a fala com respiração ofegante e a afetação dos corpos pela emoção do momento.

No percurso por essas festas percebi que os corpos tinham a necessidade de alcançar o limite, às vezes até ultrapassa-lo, dançando e pulando desmesuradamente, tudo isso alimentado pelo uso das drogas. Pode-se falar de uma afetação conjunta em que o dispêndio era a palavra de ordem, música e drogas nutriam aquele corpo social pulsante. O que queriam esses corpos? Dançar, sentir o máximo de sensações possíveis. O que podiam esses corpos? Quase tudo. De acordo com Michel Serres (2004), o corpo:

Se movimenta; não se desloca apenas sobre o trajeto daqui para acolá, mas forma-se, deforma-se, transforma-se, estende-se, alonga-se, figura-se, desfigura-se, transfigura-se; polimorfo e proteiforme, vocês não interromperão essas variações, a não ser que definam o corpo como capaz. O corpo pode. (...). O corpo humano pode ser definido como capaz de todas as metamorfoses possíveis; se ele não as executa de maneira perfeita, ele sabe, pelo menos, simulá-las ou imitá-las. (SERRES, 2004, pp. 138-139).

É esta capacidade do corpo, que apresento ao leitor no primeiro capítulo sobre as afetações corporais no *King festival*, por meio dos conceitos de afetos que trabalho de acordo com os estudos de Spinoza (1677/2014d). Em seguida, procuro entender qual é o corpo das festas de música eletrônica, através das definições de corpomídia e incorporais e as aplico às festas de música eletrônica dentro do contexto das afetações. Por fim, falo sobre o corpo extático e vibrátil.

O capítulo dois é dedicado às afetações sonoras, através de uma reflexão sobre a relação entre a música e os afetos, tendo o *King festival* como cenário narrativo. Estão presentes as definições sobre o que é a música eletrônica, suas características, estilos, etc.; seguido do sentido da dança nessas festas, da narração sobre as afetações sonoras no *Dream Valley* e da definição de música inteligente. Para finalizar proponho o conceito de ouvido sintético contextualizando-o no cenário do *Dream Valley*.

No capítulo três há uma reflexão sobre as afetações sociais. O início se dá a partir do questionamento sobre o conceito de social, que é tradicional nas ciências sociais³⁶, mas proponho aqui um novo olhar fornecido por Bruno Latour (2012), introduzo no trabalho esse “novo” social para pensar as afetações sociais no *Dream Valley*. Do mesmo modo, apresento uma discussão sobre o conceito de conexão e um novo tipo de sociabilidade aplicado às festas de música eletrônica.

³⁶ **Dicionário de Ciências Sociais**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas – FGV, 1987.

O último capítulo é dedicado às afetações maquínicas, começo contando como foram as primeiras dessas festas em Natal, por meio do contexto histórico, introduzo o conceito de máquina e o contextualizo no cenário histórico das festas de música eletrônica de Natal, falo sobre as tecnomáquinas e a sua relação com os afetos e sobre o significado das drogas no mundo e nas festas de música eletrônica. As nomeio máquinas de prazer e dependência e discorrendo sobre as performances, afetações e máquinas na PAJUX.

1 AFETAÇÕES CORPORAIS

1.1 AFETOS NO *KING FESTIVAL*

15 de novembro de 2013, o grande dia. Três meses haviam se passado desde que eu e MD1 compramos os ingressos para o *King festival* pela internet e a contagem regressiva havia começado. As semanas passavam e quase todos os dias comentávamos:

- Amigo já escutou o novo *set*³⁷ de Hardwell³⁸?
- Ainda não, mas irei baixar agora.
- E o de NERVO³⁹?
- Já sim e está uma coisa do outro mundo. Recomendo demais.

As conversas via telefone, *WhatsApp*, *Facebook* ou *e-mail* só passeavam por um tema, o *King festival* e os seus dois dias de festa. Escutávamos os *sets*, *podcasts* e as últimas apresentações que os *djs* tinham feito pelo mundo e a ansiedade só aumentava conforme os dias passavam. Faltava apenas arranjar as balinhas, havíamos resolvido comprar quatro, duas para cada um, uma para cada dia do festival. Então, falei com um conhecido, MD3, mas ele disse que não tinha nada. Eis que conheço um rapaz neste período, MD4, por coincidência, também ia à festa e tinha um contato certo para conseguir as balas. MD5 era quem iria conseguir. Perfeito. Precisava agora saber qual o tipo de bala, se tinha mais anfetamina, mais MDMA, o que produz, se proporciona “instiga”⁴⁰, se deixa o corpo flutuando, os dentes trincados, quanto tempo dura, pois isso é de extrema relevância ao se adquirir uma. Fazia essas perguntas a MD4 e ele apenas dizia:

- Fale com MD5 que ele te passa as informações sobre a bala.

MD5 conseguiu uma bala chamada trovão roxo, nunca tinha tomado, mas me garantiu que a “viagem”⁴¹ era boa e tinha fama de ser forte.

Certo dia, comentando com alguns amigos sobre a viagem e o quanto estava ansioso, eis que um amigo, MD2, ao ver minha empolgação sobre o *line-up*⁴² da festa solta:

- Pode me incluir no quarto do hotel, comprarei meu ingresso amanhã.

³⁷ O *set* é o nome que se dá à seleção de músicas de um *dj*. Um *set* dura em média duas horas, mas pode ser bem mais longo. O *dj* holandês Armim Van Buuren - eleito o melhor do mundo nos anos de 2007, 2008 e 2009 – tocou um *set* de 9 horas em Rotterdam.

³⁸ *Dj* e produtor musical holandês eleito no ano de 2013 pela revista especializada DJMAG o número 1 do mundo.

³⁹ Dupla de *djs* e produtoras musicais australianas.

⁴⁰ O mesmo que animado, empolgado.

⁴¹ O termo viagem quando utilizado em relação as drogas está relacionado com sair fora da realidade, ter alucinações em alguns casos.

⁴² Lista dos *djs* que vão tocar na festa de música eletrônica. Alguns já vem com o horário discriminado.

– Perfeito, precisarei ir atrás de mais balas.

A ansiedade só aumentava à medida que a data se aproximava, as músicas dos principais *djs* que iriam tocar no festival não saíam do meu *I-pod* e a cada vez que escutava uma música, um sorriso se formava no meu rosto, uma alegria repentina atingia o meu ser. Essas músicas realmente me afetavam de forma ativa, a música eletrônica, em geral, só aumentava minha vontade de expressão, não só naquele momento específico, mas esse tipo de música exerce uma força significativa sobre mim.

Lembro de uma música eletrônica que escutei no ano de 2003, no filme *Trainspotting* (1996) do diretor Danny Boyle, que se chamava *Born Slippy*⁴³ do grupo *Underworld*, que me causou uma sensação interessante. Primeiro porque o filme até hoje é um dos meus filmes favoritos, segundo porque a batida inicial da música em conjunto com a letra me fez adotar aquela música como minha música eletrônica preferida. *Born Slippy* é considerada um clássico do gênero, todas as vezes que ia para uma festa ou festival quando o *dj* colocava essa música, e escutava as primeiras frases da música “*drive boy, dog boy*” entrava em um momento de desvario e de uma sensação de completude total. Minha relação afetiva é tão forte que minha primeira tatuagem, coloquei a frase inicial da música no meu corpo.



Figura 1 Born Slippy na carne

A minha relação com a música eletrônica é muito expressiva, a sensação despertada em mim é latente, em busca de compreensão para essa sensação, busquei em Spinoza (1677/2010) o entendimento, um texto seu sobre os afetos me chamou a atenção. Os afetos são modos de pensar, de conhecer, são a razão de ser do homem e podem ser compreendidos como sentimentos ou emoções. O afeto move o sujeito, é a própria essência do homem, que de forma

⁴³ A música pode ser escutada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=Nf4uiRr78dU>. Acesso em: 9 de janeiro de 2016.

recursiva afeta a realidade e é afetado por ela. Para Spinoza⁴⁴ (1677/2010), o ser humano não consegue viver livre dos afetos, a sua vontade não é livre, há uma relação de dependência entre o indivíduo e os afetos.

Spinoza (1677/2010) falava a respeito dos afetos (*affectus*) como ação de afetar, compreendia-os como afecções (*affectio*) do corpo e as ideias⁴⁵ dessas afecções. Estas são imagens ou marcas corporais que remetem a um estado do corpo afetado (mesmo que percepção) e implica a presença do corpo afetante (o corpo que afeta). São as marcas de um corpo exterior sobre o corpo afetado. Deleuze (2002), ao se debruçar sobre o pensamento de Spinoza (1677/2010), afirma que o filósofo não acreditava em uma ação à distância, a ação implica sempre em um contato, a afecção será uma mistura de corpos. A *affectio* é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai abrigar a marca do primeiro. Toda mistura de corpo levará o nome de afecção. A afecção é o efeito de alguma coisa sobre o sujeito, as percepções são exemplos de afecções, no seio da afecção há um afeto. O afeto seria o processo de transição de um estado para o outro, é a passagem vivida, alguma coisa que a afecção envolve. A passagem do estado anterior ao estado atual difere em natureza do estado anterior e do estado atual, há uma singularidade da transição e é precisamente isto que Spinoza chama duração. A duração é a passagem vivida, a transição vivida. (DELEUZE, 2009).

O que é o afeto? É a passagem, que é um aumento da potência ou uma diminuição da potência. Através das afecções, não só a potência de agir do afeto é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, mas também as ideias dessas afecções. Os afetos são as diminuições e os aumentos de potência vividos. Por exemplo, quando a potência de agir é aumentada surge o sentimento da alegria, quando diminuída, da tristeza. É a potência que define a força de um afeto. A potência de agir varia em função de causas exteriores. O afeto é uma ação quando o sujeito é a causa de uma dessas afecções, e uma paixão quando o indivíduo é afetado. A alegria é uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior⁴⁶ e a tristeza uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Para Spinoza (1677/2010), o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, por corpos exteriores, por objetos, e cabe a cada ser humano julgar, de acordo com seu afeto, o que é bom e o que é mau. Tudo o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente e todas as maneiras pelas quais um corpo é afetado seguem-se

⁴⁴ Por fazer parte de edições diferentes, algumas referências ao filósofo Baruch Spinoza estão escritas das seguintes formas: Spinoza ou Espinosa.

⁴⁵ Ideia para Spinoza é o mesmo que imagem.

⁴⁶ “Maior perfeição no sentido de maior harmonia funcional, sem dúvida, maior perfeição no sentido de que o poder e a liberdade de ação estão aumentados.” (DAMASIO, 2004, p. 147).

da natureza do corpo afetado e, simultaneamente, da natureza do corpo que o afeta. (SPINOZA, 1677/2010).

Meu corpo, antes do festival, só era afetado pela vontade⁴⁷ que o dia logo chegasse e só exprimia alegria, e a cada conversa com MD1, a cada música eletrônica escutada, meu corpo e minha mente operavam em consonância, o pensamento era o mesmo: *King festival*. O festival aconteceu no feriado da Proclamação da República, fiz a reserva do hotel para quarto triplo, tinha chegado a hora de arrumar as malas. Eu e MD2 resolvemos ir de ônibus pela comodidade e conforto, pois os ônibus da viação Progresso⁴⁸ são aconchegantes, limpos e em apenas 4 horas estaríamos em Recife, duração média do trecho Natal-Recife. MD1 iria de avião, pois mora em Salvador e renderia quase quinze horas de viagem pela estrada, nos encontraríamos no hotel. Os horários de chegada eram próximos na quinta-feira dia 14, um dia antes era melhor, pois pretendíamos descansar um pouco e ainda tínhamos que pegar os ingressos no local do evento. Mais tarde, descobrimos que só seriam entregues com algumas horas de antecedência, mas compensou pelo descanso antecipado.

Chegada à sexta feira, por volta das 16 horas retiramos os ingressos no Chevrolet Hall, espaço gigantesco onde acontecem grandes shows internacionais e nacionais, uma estrutura para megaeventos. O *King festival* seria no estacionamento e tinha como fonte de inspiração o maior festival de música eletrônica do mundo, o *Tomorrowland* que acontece todos os anos na Bélgica. Ao chegarmos, vimos uma fila enorme na bilheteria para retirada dos ingressos, a fila só aumentava. Olhei para MD1 e disse:

– Antes das 17:30 horas não saímos daqui, é impossível! O festival está previsto para começar às 18:00 horas e teríamos que voar para dar tempo de ir ao hotel, trocar de roupa, comer alguma coisa e voltar rapidamente para a festa.

Na fila, só confusão, desorganização e gente estressada, os responsáveis pela troca dos ingressos não sabiam trabalhar, não utilizavam a tecnologia para otimizar o serviço e eram absurdamente lentos, uma péssima administração. Conseguimos sair do sufoco quase seis horas da tarde, praticamente no horário previsto para o início do festival, nossa sorte foi que as grandes atrações tocariam mais tarde e tiveram atrasos. Ainda bem!

⁴⁷ “Se distingue suficientemente o desejo e a vontade; pois a vontade – para quem a admite – é somente a ação do intelecto pela qual afirmamos ou negamos algo de uma coisa, sem ter em conta o bom ou o mau; pelo contrário, o desejo é uma forma [disposição] na mente para perseguir ou realizar uma coisa, tendo em conta o bom e o mau que se veem nela. De maneira que o desejo ainda permanece depois da afirmação ou negação que fizemos da coisa, isto é, depois de termos experimentado e afirmado que uma coisa é boa; este último, conforme dizem, é a vontade, e o desejo é a inclinação que se tem depois disso para alcançar a coisa. Logo, na própria linguagem dos que assim pensam, a vontade bem pode existir sem o desejo, porém não o desejo sem a vontade, que deve precedê-lo”. (ESPINOSA, 1660/2012, p. 124).

⁴⁸ Empresa de viação do estado de Pernambuco que realiza viagens entre diferentes estados da Região Nordeste e para o estado de Tocantins na região Norte.

Estávamos de volta às 20:30 horas, a festa havia começado, mas ainda com poucas pessoas, a estrutura do evento era realmente imponente, o palco e sua extensão com grandes telões de LED formavam a entrada de um castelo medieval correspondendo a uma estrutura de 1,5 mil metros quadrados, 6 torres de som e mais de 30 canhões de laser. O festival contava ainda com o camarote *Majestic*, para quem estava disposto a pagar um pouco mais para ter bebida e comida liberada e ainda contar com a presença de personalidades globais. A decoração da festa encontrou na arquitetura medievalista sua inspiração, mas a grande protagonista era a música eletrônica. Alguns dias depois do festival MD1 comentou sobre a estrutura do *King festival*:

O cenário da festa estava incrível, essa criação de um castelo medieval e acho que isso pode dar um *start* para uma evolução, então vamos ver o que eles vão aprontar nos próximos anos. A gente sabe que é uma fórmula pronta que está sendo adaptada para região, mas que, venhamos e convenhamos, estava precisando, estava não? Está precisando e muito. Atendimento de bar, essas coisas, banheiro, tudo muito bom, muito eficiente, tudo funcionou muito certo, então acho que teve um trabalho de produção muito bem elaborado ali, nessa questão operacional de todo o festival. (MD1, 2013).

Para aquela noite eram esperados *djs* nacionais como: Morgana e Thascya, E-double, Dirty Loud, Anderson Noise e Do Santos e Fábio Andrade. Entre as atrações internacionais Hardwell da Holanda, Eskimo da Inglaterra e NERVO da Austrália. Quem abriu a primeira noite do *King* foi a dupla E-double, quando chegamos quem estava no comando das *pick-ups*⁴⁹ eram as meninas Morgana e Thascya, o som não era tão pesado e apenas servia de aquecimento para os que ainda estavam por vir. MD4, MD5 e os amigos já tinham ingerido algumas balas e sentiam os efeitos no corpo. MD4 disse:

– Está batendo de leve, mas também o som não está ajudando muito.

⁴⁹ Toca discos (de vinil).



Figura 2 Palco do *King Festival*

Naquele momento o ambiente influenciava diretamente o que MD4 sentia, a música conduzia suas afecções e seus afetos. É importante destacar que todo afeto é uma afecção, mas nem toda afecção é um afeto, uma afecção só é um afeto se tiver um impacto sobre a potência de agir de um corpo. O riso, o tremor, uma lágrima, são afecções que remetem ao corpo sozinho, que não precisa de um corpo afetante que cause a mudança de estado, ou aumento/ diminuição da potência para se tornar de fato um afeto. Mas para existir um afeto, é preciso haver uma afecção. Nesse sentido, uma fotografia pode afetar um sujeito de diversas maneiras, seja ao trazer uma boa recordação, seja uma má lembrança, um cachorro é afetado pela presença do dono ao abanar o rabo de alegria⁵⁰ ou mordendo-o caso esteja com raiva. Spinoza reconheceu a existência de apenas três afetos primitivos: a alegria, a tristeza e o desejo, de modo que todos os outros estão relacionados a esses três. Tentei observar essas três categorias no *King festival*.

Spinoza (1677/2010) elenca o desejo como a essência do homem, é um afeto do ânimo, é o que conserva o ser, um modo de pensar o amor também. O desejo ao produzir o real também produz o social. Ele corresponde a todos os esforços, impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu alterável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos

⁵⁰ “Os afetos dos animais chamados irracionais (pois, desde que conhecemos a origem da mente, não podemos, de maneira alguma, duvidar do fato de que os animais sentem) diferem dos afetos dos homens tanto quanto sua natureza difere da natureza humana. É verdade que tanto o cavalo quanto o homem são impelidos a procriar pelo desejo sexual, mas o primeiro por um desejo equino e o segundo por um desejo humano. Da mesma maneira, também os desejos sexuais e os apetites dos insetos, dos peixes e das aves devem diferir entre si”. (E III, prop.57, esc.) (SPINOZA, 1677/2010, p. 233).

entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não tem a menor noção para onde se dirigir. O desejo, assim como o amor, se origina no primeiro gênero de conhecimento (a opinião)⁵¹, pois, se alguém ouve dizer que uma coisa é boa, adquire o apetite⁵² e a atração por ela, tal como se vê em um enfermo que, só por ter ouvido o médico dizer que tal remédio é bom para o seu mal, imediatamente se sente inclinado ao remédio. O desejo consiste no apetite ou atração por obter aquilo do que se carece, pois, quando se goza de uma coisa, cessa-se o desejo por ela. (ESPINOSA, 1660/2012).

No *King festival*, o desejo era por música, nosso apetite era pelas batidas eletrônicas, pois estávamos carentes de *djs* de qualidade. A experimentação do desejo ali era subjetiva e singular, mas a vontade era objetiva e múltipla. O foco? A música. Mas ela ainda não estava muito animada, poucas pessoas dançavam, e eu, MD1 e MD2 tínhamos combinado que tomaríamos meia bala quando NERVO entrasse e uma inteira na hora de Hardwell. Enquanto isso, passeamos pelo festival, compramos fichas de água, cerveja e vodca, com o intuito de não ter que entrar em filas enormes durante o *set* dos *djs* e não perder um minuto sequer com outras coisas. Percebi na festa muitos adolescentes na faixa etária entre 14 e 16 anos, achei estranho e comentei com MD1, pois nesse tipo de evento é proibida a entrada de menores, mas depois fiquei sabendo que jovens entre com 16 e 17 anos podiam entrar com autorização dos pais e os abaixo de 16 anos acompanhados por algum responsável da família. Continuamos passeando e encontramos alguns conhecidos de Natal.

Por volta de meia noite quando NERVO entrou e já chegou despertando a empolgação das pessoas, a maioria pulava bastante e cada um dançava à sua maneira. Nesse momento, fomos ao banheiro tomar cada um a metade de uma bala, as mulheres do NERVO colocaram músicas que realmente instigaram os presentes a dançar. No estilo *House Music*⁵³, com batidas fortes e vocais bem marcados. As australianas interagem com o público, falando algumas frases de vez em quando e executando coreografias com as mãos. A plateia obedecia e era guiada pelo

⁵¹ Para Spinoza existem três gêneros do conhecimento: o primeiro corresponde às ideias inadequadas, às ideias confusas, à opinião ou à imaginação, são os afetos-paixões que derivam de ideias inadequadas, é a única causa de falsidade; o segundo gênero é o conhecimento das relações que compõe o sujeito e que compõe as outras coisas, é o conhecimento adequado porque é comum a todas as coisas e existe igualmente na parte e no todo, são ideias ou noções comuns a todos os homens; o terceiro gênero é o conhecimento das essências, vai além das relações, e alcança a essência que se exprime nas relações, assim como o segundo gênero, o terceiro gênero também é verdadeiro e adequado. Os gêneros de conhecimento são modos de existência, maneiras de viver. (DELEUZE, 2009).

⁵² De cordo com Spinoza, o apetite é o esforço da mente, referido à propria mente e ao corpo, por perseverar em seu ser as ideias adequadas quando as tem, ou as inadequadas, quando as tem também, por uma duração indefinida. (SPINOZA, 1677/2010).

⁵³ A denominação *house* está associada ao nome da discoteca de Chicago em que tocava esse estilo de música. A discoteca chamava-se *Warehouse*.

som de NERVO⁵⁴, a maioria das pessoas cantavam as músicas. A afetação era mútua, as meninas afetavam o público que as afetavam. O espetáculo era delas, a música ditava as regras, não havia espaço para paquera, flerte ou ficadas. Pelo menos, não vi nesse momento. A impressão era a de que as pessoas estavam ali por causa da música, mas mais na frente vi que não era bem assim. Até comentei com MD1 e MD2 sobre como o comportamento das pessoas em festivais ou grandes festas de música eletrônica é diferente no que diz respeito à casanoturnas fechadas, principalmente em relação à paquera. Nos clubes fechados, o intuito geralmente é ficar com outras pessoas, ao contrário de um festival com grandes atrações. Sobre o *set* de NERVO, MD1 confessou:

– Que surpresa boa foi NERVO! As meninas são muito boas, são superdivertidas, simpáticas, tocam um som muito alegre.

Durante o *set* de NERVO a minha sensação foi de empolgação, desprendimento, dancei bastante, MD2 e MD1 também, aquela metade da bala tinha me proporcionado uma empolgação impressionante, parecia que tinha tomado 1 litro de energético ou algo do tipo. Meu corpo era pura expressão, talvez fosse o efeito da quantidade de anfetamina que a bala contém. Os comprimidos de *ecstasy* hoje em dia não são mais puros, eles contêm outras substâncias além do composto ativo que é o MDMA. NERVO se despede, é chegada a hora de Hardwell, a maior atração da noite e o *dj* nº1 do mundo naquele ano. O estilo *House* era seu forte, para ser mais exato EDM, *electronic dance music*. Gritos, pulos, fotos e fogos de artifício num límpido céu, anunciaram o *dj* que entrou com um sorriso no rosto. A vibração anunciou o momento de tomar uma bala inteira para sentir o som ao máximo. Hardwell abriu seu *set* com sua música *Spaceman*⁵⁵ e a resposta foi frenética. Eu podia ver as pessoas pularem e cantarem em uníssono a canção, dançavam, faziam passinhos, os gritos não paravam. Na frente do palco junto com MD1, era possível sentir as pessoas se empurrando para ficarem mais próximas a Hardwell, empurravam, dançavam, gritavam, cantavam, tudo ao mesmo tempo, em um cenário de afetação coletiva dominado pela música. As afetações corporais deixavam sua marca no *King festival*.

⁵⁴Um trecho da apresentação de NERVO pode ser visto neste vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtLSmEFxrrU> Acesso em: 18 de setembro de 2014.

⁵⁵Um pouco do que foi esse momento pode ser visto neste vídeo, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=iM_UtzAPD8w Acesso em: 20 de setembro de 2014.



Figura 3 Hardwell com a bandeira do Brasil

A afetação corporal corresponde ao processo pelo qual o corpo é afetado por outro corpo, que pode ocorrer por meio do toque, da dança, do ato sexual, do beijo, do abraço, do carinho, da agressão, da conversa, do sorriso. Esse tipo de afetação implica a presença de um ou mais corpos que age (m) ou sofre (m) a ação de outro (s) corpo (s), há sempre um corpo ativo que afeta e um passivo que é afetado. Durante o processo de afetação corporal os papéis são mutáveis, o passivo pode se transformar no ativo e vice-versa, depende do momento em que ocorre a afetação. Os corpos podem ser de várias naturezas, mas para fins deste estudo, me refiro à afetação corporal ao corpo humano.

1.2 QUE CORPO É ESSE?

Spinoza (1677/2010) propôs a questão “o que pode um corpo? ”. Neste capítulo, proponho “o que pode um corpo quando afetado por outros corpos e pela música? ”, no *King festival* não faltavam corpos potentes prontos a afetar e serem afetados, por meio da dança, dos

pulos, da música, dos fluidos corporais, das drogas, etc. Aquele era um organismo sonoro dominado por forças, intensidades, fluxos e corpos, a intenção era gastar todas as energias em um instante, aproveitar ao máximo e dançar como se o mundo fosse acabar. Havia a necessidade de dispêndio, o momento precisava ser sentido, vivenciado, compartilhado, gasto, tudo isso por meio do corpo.

O dispêndio pode ser visto também como algo útil e primordial para a existência da vida. A planta ou o animal precisam de um excedente gasto para viver. O dispêndio é parte integrante da natureza e da cultura. Não só a matéria viva com suas operações químicas vitais necessita dispêndio de energia, mas também as sociedades sempre produzem excedentes necessários para sua subsistência. Há dois tipos de dispêndio, um é redutível, representado pelo uso do mínimo necessário à conservação da vida e à continuação da atividade produtiva, o outro é improdutivo, correspondente ao luxo, ao luto, à guerra, ao culto, ao sacrifício, aos jogos, às artes, à festa. Em geral, é reconhecido o direito a adquirir, a conservar ou a consumir racionalmente, mas o dispêndio improdutivo é deixado de lado. Os homens encontram-se constantemente acometidos por processos de dispêndio, a variação dos seus tipos não causa alteração alguma nos caracteres fundamentais de processos cujo princípio é a perda. A excitação acalora as coletividades e as pessoas, os estados de excitação são equiparados a estados tóxicos, são compreendidos pela ciência como impulsos ilógicos e irresistíveis. A festa é um dos exemplos de dispêndio improdutivo, de excitação coletiva, que é produto e produtora do social. A sociedade humana pode ter interesse nos estragos consideráveis, nos desastres que provocam, na conformidade com necessidades definidas, depressões tumultuosas, crises de angústia e, em última análise, num estado orgíaco. (BATAILLE, 2005).

Lugar do excesso, as festas de música eletrônica, principalmente, as *raves*, chegam a durar mais de 12 horas. Algumas ainda têm ainda o *after*, uma festa depois da festa, cujo o intuito é fazer com que a comemoração acompanhe o efeito da droga no organismo. A música só pode terminar quando o efeito passar, o corpo se torna dependente das batidas eletrônicas, está atrelado ao dispêndio intenso de energia juntamente com a explosão sensorial. Fala-se aqui de uma descarga elétrica, fisiológica e sonora. O presente é o que importa e o instante é eternizado, é uma necessidade de “gastar” as energias individuais nas festas de forma geral.

Há um desejo de consumação nessas festas, mas também toda uma maquinação do consumo por trás de tudo. As engrenagens da máquina capitalista atuam sob a lógica do consumo, para que exista o dispêndio/a consumação nessas festas por parte dos participantes todo um cenário é montado, tendo como ponto de partida o investimento em máquinas técnicas: aparelhos de som e iluminação de última geração, estrutura cênica do palco e escolha dos *djs*;

todos elementos em conjunto com a droga (máquina de prazer) que sempre é vendida de forma ilegal levam o indivíduo a gastar suas energias ao máximo nesses locais. O desejo de dispêndio/consumação é uma consequência da maquinação do consumo sob a ótica capitalista.

O corpo sofre a ação do dispêndio, nas festas de música eletrônica trata-se de um corpo que gasta o máximo de energia naquele instante, um corpo dançante, drogado, induzido para e pelo consumo, conduzido por batidas eletrônicas, afetado por outros corpos e outros elementos. Trata-se de um corpo rascunho, de excesso, em que os próprios limites são esquecidos, que se nega⁵⁶ no desgaste, na dança, no dispêndio, mas que afirma a sua expressividade. A afirmação e o reconhecimento por parte do outro corpo que afeta, trazem a imagem de um corpo potente, expressivo. No momento do dispêndio e da afetação corporal, ao mesmo tempo em que esse corpo se nega, também se legitima como corpo que afeta e é afetado, um corpo ativo e passivo.

Até mesmo o corpo que é afirmado em academias e clínicas de cirurgia plástica e estética também é negado, pois afirmação e negação são faces da mesma moeda. Ao trabalhar o corpo nas salas de musculação sofre-se ao levantar o peso, todavia vê-se a recompensa no delineamento da forma física. O mesmo acontece nas clínicas de cirurgia plástica que cortam e retiram excessos a fim de inserir o corpo em padrões de beleza. Ou seja, a sua alteração formal é uma tentativa de manter ou recuperar uma forma idealizada, portanto, não coincidente com a forma existente de fato. Eis o paradoxo do corpo, ele precisa ser negado, para ser reafirmado em um dado contexto social e cultural.

Em *raves* e grandes festivais de música eletrônica esse fenômeno se repete. O uso de tatuagens, *piercings* e alargadores nas orelhas traduzem um corpo juvenil utilizado como rascunho, matéria-prima, atravessado por aços e tintas, um corpo esticado, modelado, torcido, retalhado, furado. Alguns *ravers* têm seu corpo pendurado por ganchos subcutâneos na busca por êxtase, a dor funciona como o elemento de transcendência. O uso de drogas prejudica a saúde do corpo, pode conduzir à morte, no entanto, para os dançantes os riscos são compensados pela multisensorialidade exacerbada possibilitada por elas. A dor provocada pelo atravessamento do aço no corpo e as consequências maléficas trazidas pelo uso de substâncias ilícitas demonstram a negação do corpo, entretanto o êxtase alcançado pelas drogas e por um corpo pendurado afirmam o significado assumido pelo corpo.

⁵⁶ David Le Breton (2003) fala de uma negação do corpo na contemporaneidade. Para o autor, o corpo se tornou rascunho, acessório, máquina de alta produtividade. A carne é explorada, modificada, alterada, projetada, misturada com equipamentos eletrônicos, metálicos, tinta. O corpo é escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturado, artificializado, modificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou extinto.

Nessa perspectiva, retorno à sensação de flutuação durante o *set* de Hardwell, o som me conduzia, meu corpo se tornara completamente dependente da música. Naquele momento meu corpo era potente, expressivo, ativo. Durante a apresentação do *dj*, MD1 me diz:

– Amigo não é a droga que bate⁵⁷, é a música.

Talvez ele tenha razão, embora seja importante destacar que o efeito no organismo é mediado pela droga, que altera a percepção e a consciência do usuário. O comprimido de *ecstasy* funciona como um ativador de emoções, sentimentos e experiências subjetivas que já estavam guardados na memória afetiva do usuário. Praticamente todo o *set* de Hardwell era de músicas já conhecidas por nós e pela maioria dos presentes, que cantava em uníssono quase todas as canções que não eram resumidas apenas a batidas eletrônicas.

A atração seguinte o *Dirtyloud*, dupla brasileira de *djs* Eduardo e Marcus, se destaca por tocar *Electro house*⁵⁸ e *Dubstep*⁵⁹. Já tinha visto uma apresentação da dupla no Lollapalooza⁶⁰ em São Paulo naquele mesmo ano e os rapazes animaram bastante o público, esperava que no *King festival* eles também arrebatassem e comentei sobre essa expectativa com MD1:

– Amigo escutei esses caras no Lolla este ano e eles mandaram muito bem. Espero que não decepcionem.

– Tem que ser muito bom mesmo porque para segurar a *vibe* dessa galera depois dessa apresentação maravilhosa de Hardwell, não é qualquer um que vai conseguir essa proeza.

– Apenas escute esse som, eu disse.

Comecei a dançar assim que eles entraram, ainda estava em estado de satisfação depois da apresentação de Hardwell. MD1 e MD2 também dançavam mas percebi que a empolgação de MD1 tinha diminuído, talvez tenha sido porque ele não gosta muito de *Dubstep*, confesso que também não faz o meu gênero de música eletrônica, mas curti o *set* dos rapazes. A música realmente deixava os corpos dos participantes mais expressivos, a droga apenas aumentava o seu efeito no corpo. A maioria das pessoas dançava e pulava, pareciam gostar do som do *Dirtyloud*⁶¹, o *Dubstep* realmente predominou durante a apresentação deles, apesar de o

⁵⁷ A gíria ‘Bater’ quando utilizada em relação a uma substância significa o momento em que a droga começa a fazer efeito no organismo.

⁵⁸ Sub-gênero da *House music*. Tem como principais características as bases do *Electro* dos anos 1980 e a musicalidade da *House music*, com graves baixos e pesados.

⁵⁹ O gênero nasceu no sul de Londres no início dos anos 2000, o *Dubstep* mistura elementos do *dub* (pioneiro estilo de música feito em estúdio, criado na Jamaica, um tipo de reggae mais lento, com ênfase no baixo e na bateria) com *House* tipicamente inglesa (UK Garage), geralmente mais acelerada e com influência de *hip hop*. (ASSEF, 2010).

⁶⁰ Festival de música anual internacional que reúne diversos gêneros musicais :rock alternativo, punk rock, grunge, música eletrônica, heavy metal. O festival já teve edições nos EUA, Canadá, Alemanha, Brasil, Chile, Colômbia, Argentina. No ano de 2013, o festival aconteceu em São Paulo e trouxe atrações como Pearl Jam, The Killers, Cake, Franz Ferdinand, etc.

⁶¹ Esta música do *Dirtyloud* é um exemplo do gênero *Dubstep*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-jp6APb-nJw>. Acesso em: 3 de outubro de 2014.

Electrohouse ter aparecido durante o *set*. Mas, de forma geral, a temperatura da pista se manteve elevada a maior parte do tempo.

Para encerrar a noite e inaugurar o dia, o *set* de Eskimo, de origem inglesa se dedicou ao estilo *Psytrance*⁶², mas naquele dia a *House Music* dominou a sua apresentação. Devido ao atraso na apresentação de alguns *djs* e motivos ainda desconhecidos, o *dj* tocou 30 min e teve que interromper o som, o festival terminou exatamente às 5 horas da manhã. A maioria das pessoas não entendeu o motivo do corte no som, alguns disseram que a polícia mandou cessar o som. Em uma gravação, dias depois do festival, MD1 disse sua impressão sobre o ocorrido:

– O que fizeram com o pobre do Eskimo foi um horror né! Aquela história da polícia mandar parar e ele tocar somente meia hora foi horrível, foi um verdadeiro descaso com a qualidade artística daquele cara. (MD1).

No momento em que cortaram o som parecia que tinham jogado um balde de água fria no público, a maioria dançava bastante, a empolgação dominava, o desejo de dançar só aumentava, conforme era alimentado cada vez mais por música. Saímos do festival querendo mais o *set* de Eskimo, estava realmente bom e o fato de terem parado a música cortou a *vibe* de muita gente que ainda estava sob o efeito de alguma substância. Os corpos que ali estavam tinham sido afetados a noite toda por música eletrônica e por outros corpos e ansiavam por mais música e afetações.

O fluxo sonoro eletrônico transpassou a todos, ninguém ficou imune, nem mesmo os que não gostavam de música eletrônica, as afetações corporais aconteceram, deixando aqueles corpos mais ou menos expressivos dentro daquele corpo coletivo. As pessoas pulavam, dançavam, reagiam de forma mimética a alguns passos de dança emitidos por quem estava ao lado, rostos se encontravam no olhar e emitiam sorrisos, principalmente quando a música já era conhecida pela maioria. As afetações corporais mediadas pelos afetos, eram alimentadas e estimuladas pela música que contaminava a todos.

O dispêndio e a afetação para o segundo dia do *King festival* prometia ser maior, os *djs* eram mais queridos por nós, tomaríamos duas balas cada e o corpo estava ansioso para ser

⁶² O *Psytrance*, estilo de música eletrônica mais popularmente conhecido como simplesmente “*psy*”, é uma espécie de atualização ou releitura do *Goa Trance*. O *Goa Trance* surgiu nas praias de Goa, na Índia. Vários viajantes, vindos da Europa, em busca de tranquilidade espiritual, viram naquele local o que procuravam. Havia muitas festas em Goa no início da década de 80, onde era tocado muito *rock* e *reggae*. Já no final da década de 80, o *dj* Goa Gil, vindo da Califórnia, se tornou uma espécie de referência na cena, tendo inventado o *Goa Trance*, misturando música eletrônica, espiritualidade, yoga. Os viajantes, na maioria das vezes, voltavam para Europa e divulgavam o estilo em seus países de origem, atraindo cada vez mais curiosos para Goa. No *Goa Trance*, foram adicionados à música eletrônica elementos melódicos de uma sonoridade indiana. Um dos precursores do *trance* psicodélico foi Johann Bley que costumava levar computadores para lá e produzir músicas sintetizadas com o aparato eletrônico. Dados extraídos do texto “Mecanismos de escape da sociedade atual: reflexões sobre a música e a internet como fatores de desterritorialização do indivíduo”. (LEMOS, COSTA; SILVA, 2008), Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1720-1.pdf>. Acesso em: 1 de maio de 2012.

bombardeado de sensações. Quando chegamos ao hotel, ainda estávamos sedentos por música. Necessitávamos dormir, nosso corpo já estava cansado, porém os efeitos da bala persistiam, as músicas de Hardwell ecoavam em meus ouvidos, a energia daquela noite ainda estava viva na minha pele, ainda me sentia afetado por tudo aquilo, mas precisava estar bem para a próxima noite.

Os afetos formam arranjos sociais e emotivos. Não só as relações sociais, mas a própria cultura é edificada sobre uma base afetiva. Por meio dos afetos os indivíduos expressam a cultura e a sociedade impregnadas em sua individualidade, afinal toda ação humana é a ação da cultura internalizada dentro de cada um e o afeto é uma ação, não existem afetos sem a mediação da cultura, nem cultura sem mediação dos afetos. O ser humano é *homo sapiens demens*⁶³, um ser invadido pela racionalidade e pela afetividade, movido pelas pulsões, por forças, por linhas, pelo desejo. Desejo de estar junto, de se comunicar, de ser reconhecido pelo outro, de criar vínculos, de afetar e ser afetado. O homem quando submetido aos afetos não tem poder sobre si, é o acaso que exerce o comando. “Os afetos e as pulsões fazem parte da infraestrutura de produção do social e estão presentes nela de todas as maneiras. É a própria instituição do desejo”. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 90). Desejo espalhado pela sociedade e mola propulsora da cultura, radicado no corpo.

O corpo humano não é só uma substância física dotada de propriedades químicas, biológicas, motoras e cognitivas, é também portadora das dimensões ontológica, existencial, simbólica e afetiva. Por meio do corpo o indivíduo se projeta, existe e apreende o mundo, construindo um universo de significações e a-significações⁶⁴. Spinoza (1677/2010) traça duas definições sobre o corpo: na cinética, o corpo tem uma relação de dependência da individualidade do corpo, em relação ao movimento. A sua individualidade está diretamente ligada à relação de velocidades e lentidões, movimento e repouso, é essa relação de velocidades e lentidões que formará o corpo. Já a outra definição é dinâmica, todo corpo se define por certo poder de ser afetado. O que pode um corpo? Spinoza (1677/2010) perguntou. As pessoas, as coisas, os animais se diferenciam pelo que podem, ou seja, eles não podem a mesma coisa. Spinoza (1677/2010) define o homem pelo que ele pode, corpo e alma, as pessoas precisam ser

⁶³ De acordo com Edgar Morin, a especificação *homo sapiens* permanece insuficiente para explicar o ser humano. Um ser que é exclusivamente constituído de razão excluindo as esferas da loucura e do delírio, privado de vida afetiva, de imaginário, do lúdico, do estético, do mitológico e do religioso. A terminação *sapiens-demens* inclui a face da loucura, do delírio, da afetividade. (MORIN, 2005c).

⁶⁴ Me refiro aqui as semióticas a-significantes de Guattari que operam com o mundo pré-verbal, da subjetividade humana, povoado por semióticas não-verbais, afetos, temporalidades, intensidades, movimentos, velocidades, relações impessoais e não atribuíveis a um eu ou a um sujeito individuado, e raramente apreensíveis pela linguagem. (LAZZARATO, 2014).

enxergadas como pequenos pacotes de poder. Do ponto de vista de uma ética, todos os entes são relacionados a uma escala quantitativa de potência, onde têm mais ou menos potência. A quantidade diferencial de poder que cada indivíduo possui é a potência, não é o que o indivíduo quer, por definição é aquilo que ele tem. (DELEUZE, 2009).

Deleuze (1968) baseado nas ideias de Spinoza (1677/2010) afirma que quanto mais uma coisa tem realidade ou perfeição, maior é a existência que ela abraça e conseqüentemente a sua potência. Um ser imperfeito é aquele que não tem a potência necessária para se conservar, pois quem tem potência para se conservar existe. Poder existir é potência, viver é ter potência, morrer é perda de potência. A potência é sempre ato, ou está em ato⁶⁵. O homem pode ser compreendido como potência, pois ele tem o poder de criar, produzir e agir. Potência é positividade, afirmação, poder de existir. Spinoza (1677/2010) fala de uma aptidão do corpo que corresponde a sua potência, o corpo está apto a agir (afetar) e a sofrer (ser afetado). As afetações corporais agem na lógica das potências de agir e sofrer, cada corpo durante o processo de afetação pode aumentar ou diminuir a sua potência de agir ou de sofrer. Em uma festa de música eletrônica, quando dois corpos se abraçam e compartilham um momento de euforia e expressam alegria, ambos agem e sofrem, afetam e são afetados por aquele instante de alegria. É importante destacar que a alegria não é unificada para todos, cada um sente e expressa a alegria de forma diferente, pois há matizes diferentes na sua sensação e expressão.

No *King festival*, durante a apresentação de Hardwell, as pessoas estavam empolgadas e agiam de forma mais ativa. É importante destacar que as afetações corporais podem acontecer em vários momentos de nossas vidas, não são exclusividade das festas, mas em ocasiões de efervescência coletiva elas são mais comuns, pois as trocas corporais são maiores. Sob a perspectiva existencial, Spinoza (1677/2010) afirma que o corpo existe tal como o sujeito o sente e essa percepção está totalmente associada à mente, também compreendida como alma, pois o objeto da mente é o corpo e o corpo é extensão da mente. A mente e o corpo são um único e mesmo indivíduo. O corpo humano para se conservar precisa de outros corpos exteriores ao dele e por meio deles é constantemente regenerado. Nessa busca permanente por outros corpos, o corpo humano movimenta-se, afeta outros corpos e é afetado de diferentes maneiras. (SPINOZA, 1677/2010).

⁶⁵ A identidade de uma potência traz um poder de ser afetado que lhe corresponde e lhe é inseparável. Ora, esse poder de ser afetado é sempre necessariamente exercido. À *potentia* corresponde uma *aptitudo* ou *potestas*; não existem, no entanto, aptidão ou poder que não sejam efetuados. (DELEUZE, 1968).

1.3 O CORPOMÍDIA E OS INCORPORAIS

No segundo dia, estávamos prontos e com bastante energia em reserva, pois a minha atração favorita iria se apresentar, Steve Angello – ex-integrante do grupo *Swedish House Mafia*. Para aquela noite estavam confirmados Afrojack, *dj* holândes que ocupou o nono lugar no *ranking* dos melhores do mundo no ano de 2013 e *Infected Mushroom* de Israel. Entre as atrações nacionais, André Pulse, Chrizz Luvly, Jorge Junior, Tiago De Renoir e Wehbba.

Neste dia, pedi a MD1 e MD2 que gravassem no decorrer da festa impressões sobre as pessoas, a música, a festa, o comportamento, o efeito das drogas no organismo. Os elenquei como personagens da festa, para tentar desvendar as suas afetações. “Quais eram as afecções?”, “Como a música afeta este corpo?”, nada melhor do que extrair estes depoimentos de gravações *in loco*. Toda vez que acabava o *set* de um *dj*, presenciava MD1, às vezes MD2, indo ao banheiro para realizar os depoimentos, para tomar uma ou para descarregar a quantidade de água ingerida no decorrer da festa. Afinal, quem usa *ecstasy* precisa tomar muita água para não desidratar e o álcool junto com a bala não é recomendado, pois pode causar danos ao organismo. Eis um pouco das primeiras impressões de MD1 e MD2:

Cheguei aqui no *King festival*. Estou tomando minha cerveja, aquecendo para tomar as duas balas da noite, trovão roxo, acho que é esse o nome da bala. Estou empolgado porque ontem foi incrível, foi uma bala e meia, a música foi sensacional. Hoje eu só espero que supere todas as expectativas, principalmente em relação aos *djs* internacionais que vão tocar hoje: Afrojack, Steve Agello, *Infected Mushroom*, que eu já conheço e gosto, mas deve vir coisa nova por aí. Por enquanto aqui está vazio, tem pouca gente. É isso, mais tarde eu retomo para ver se mudou alguma coisa. (MD1, 2013).

Sábado, segundo dia do *King festival*, chegando agora, *dj* Wehbba tocando. Então... beber pra cacete, esperar começar a tocar Steve Angello que é uma das principais atrações da noite, que eu estou esperando, garrafa de vodca comprada, meia noite começar a tomar as drogas, as balas e pronto. Até daqui a pouco. (MD2, 2013).

Já passava das nove da noite quando entramos no *King festival*, um *dj* brasileiro comandava as *pick-ups*, Wehbba tinha um som leve, com batidas mais suaves, o *Tech House*⁶⁶. Eu e os meninos resolvemos comprar uma garrafa de vodca, saia mais barato pois rendia a noite toda, várias fichas de água também eram necessárias. Como no dia anterior, passeamos e observamos as pessoas, enquanto não entrava uma grande atração. MD1 disse:

⁶⁶ Sub- gênero da *House Music*. Originado da mistura do *Techno* com o *House*.

O *dj* que acabou de tocar foi Whebba, um *Tech House* meia boca. Agora quem entrou foi André Pulse, começou com um *House*, com um vocal maravilhoso que me arrepiou todo o começo. Steve Angello vai atrasar um pouco, acho que Afrojack também deve atrasar, *Infected* deve atrasar, enfim né, é o que acontece em festas, estamos preparados para tudo. (MD1, 2013).

Percebi que o público era menos adolescente do que no dia anterior, jovens entre 20 e 30 anos, em sua maioria. Durante o *set* de Whebba, vi um homem de meia idade por volta dos 50 anos curtindo o som do *dj*, dançava de olhos fechados em sintonia com a música. Ele se destacava entre os presentes, por aparentar ter uma idade mais avançada em relação ao público e por ser uma das poucas pessoas que dançavam naquele momento.



Figura 4 Homem de meia idade curtindo o som

Próximo à meia noite, Steve Angello é anunciado e nós corremos ao banheiro para tomar a primeira bala da noite. No entanto, pouco depois a energia elétrica caiu e houve problemas com o som. Entramos em desespero: “E agora? ”, “O que faríamos com a bala que estava no nosso organismo? ”. Sem música não há propósito para bala, mas para nosso alívio, quinze minutos depois, voltaram a energia e Steve Angello. As pessoas gritavam: “Steve! Steve! Steve!”, a ansiedade só aumentava. Na sua entrada, um *mix* com o refrão de várias músicas que obedeciam a mesma linha rítmica⁶⁷.

⁶⁷ A entrada do seu *set* e a primeira parte de sua apresentação pode ser visualizada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=r0mZU9zcc48>. Acesso em: 15 de outubro de 2014.

O ex-integrante do *Swedish House Mafia* fez, na minha opinião, a melhor apresentação do *King festival*. Os fogos de artifício o anunciaram, as pessoas gritavam, pulavam, dançavam e a música era o estímulo perfeito para aquele corpo social alimentado por batidas eletrônicas. Durante a apresentação, clássicos dos anos 1980 como *Sweet Dreams* da banda *Eurythmics*⁶⁸; dos anos 1990 como *Missing* do duo britânico *Everything But the Girl*⁶⁹ e ainda músicas do *Swedish House Mafia*, *remixes*⁷⁰ de outros *djs* e produções próprias. Durante o *set* de Steve Angello, MD1 e MD2 em uma das suas gravações disseram:

Começou Steve Angello, tomei a primeira bala, está me dando um pouco de azia, o que é normal, o som começou bem, faltou luzzzz, mas vamos ver o que é que vai rolar. Tá (sic) sentindo o grave? É a potência do bofe. (MD1, 2013).

Steve Angello está tocando agora, a música está foda pra (sic) caralho, deu um pequeno problema no começo do *set* dele. Já tomei meia bala, cheirei duas carreiras de K. Eu não sei mais qual o número dessa gravação, alguém acabou de abrir a porta. Eu quando saí de casa disse que não ia pegar ninguém hoje. Já beijei um e o segundo que eu ia beijar, me beijou, acabou me chupando até, gozei na boca dele. Ainda meia bala, Steve Angello ainda está tocando, eu tou (sic) suando pra (sic) caralho, eu tou (sic) louco. (MD2, 2013).

Não só as afetações corporais de MD2 no banheiro e em outros momentos da festa, mas as afetações dos outros participantes só ocorreram porque o corpo humano é um instrumento de comunicação. As afetações acontecem porque o nosso corpo é uma mídia, os seres vivos são metralhados de informações vindas do espaço que o cerca. O homem pode ser compreendido não só como receptor das informações provenientes do meio, mas como uma rede de comunicação que emite e recebe signos do ambiente. O corpo humano é emissor e receptor de informações, é a mídia primária, a primeira forma de comunicação do sujeito com o meio. (BETH; PROSS, 1990). O corpo é possuidor de uma riqueza comunicativa impressionante, suas expressões, gestos, cheiros, olhares, toques e maneiras de agir criam uma trama de significados inserida em um ambiente natural, social e cultural. Essa trama desvela um corpo visualizado como um pergaminho, que precisa ser lido e interpretado pelos outros sujeitos para ser socialmente e culturalmente reconhecido no mundo que o circunda.

O corpo é o começo e o final de toda comunicação, por ser mídia primária é o primeiro instrumento de afetação e vinculação com outros seres humanos. O corpo é linguagem e, ao

⁶⁸A música original pode ser escutada aqui : <https://www.youtube.com/watch?v=qeMFqkcPYcg>. Acesso em : 15 de outubro de 2014.

⁶⁹A música original pode ser escutada neste link : <https://www.youtube.com/watch?v=9lcCKs3q5Fc>. Acesso em : 15 de outubro de 2014.

⁷⁰Reconstrução de uma música geralmente feita por outra pessoa. *Remixar* não significa transformar uma música calma em dançante. O *remix* pode ser feito por um *dj* ou pelo próprio produtor.

mesmo tempo, produtor de inúmeras linguagens com as quais o ser humano se aproxima de outros seres humanos, se vincula a eles, cultiva o vínculo, mantém relações e parcerias que são edificadas culturalmente e socialmente, por causa da experiência do corpo no mundo e da sua atuação com o outro. (BAITELLO, 2005). A ideia trazida por Harry Pross (1990) do corpo como mídia primária dialoga com a reflexão de Christine Greiner (2005) sobre o corpomídia:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda a informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a ideia de mídia pensada como veículo de transmissão. A mídia à qual o corpomídia se refere diz respeito ao processo evolutivo de selecionar informações que vão constituindo o corpo. A informação se transmite em processo de contaminação. (GREINER, 2005, p. 131).

Esse corpo comunica ao ser contaminado e para comunicar precisa expressar-se e manifestar-se. O corpo expressivo é o corpo da comunicação, aquele que se manifesta, demonstra-se, se põe para fora durante a ação e durante o processo da afetação. O corpo só tem sentido se for expressivo, ativo, potente, preenchido por uma ética da alegria, aquilo que ele exprime é o incorporeal, é efeito da ação dos corpos.

Os estoicos⁷¹ amplificam o conceito de corpo para além do corpo humano, para eles tudo é corpo, o que denota uma espécie de materialismo. O corpo enquanto tal é ativo por essência em si mesmo, a única coisa que existe são corpos e forças, que são causas uns para os outros. Os estoicos criavam um mundo de encontros e de misturas de corpos, uns nos outros como a água e o vinho. A afirmação de que tudo é corpo quer dizer unicamente que a causa, tal como se define, é um corpo e o que sofre a ação dessa causa também é um corpo. (BRÉHIER, 2012). O corpo é causa, o incorporeal é o efeito. O incorporeal é aquilo que anima os corpos, pode ser o tempo, o lugar, o vazio, o acontecimento, fatos que intervêm nos corpos, mas que em sua “quase-existência”, tomam corpo nas coisas. Quando a navalha corta a carne, o primeiro corpo produz sobre o segundo não uma propriedade nova, mas um atributo novo, o de ser cortado, é criada uma nova maneira de ser da carne, a carne cortada. (MARCONDES FILHO, 2009). Esse atributo incorporeal, os estoicos chamavam de ‘exprimível’, aquilo que é expresso sempre por um verbo, isso implica que ele não é um ser, mas uma maneira de ser que implica movimento,

⁷¹ Adeptos da escola filosófica chamada estoicismo nascida durante o período helenístico na Grécia Antiga. Os estoicos dividiram a filosofia em lógica, física e ética; criaram uma teoria dos signos, que afirmava que os sujeitos têm um predicado e que “as coisas são”, para eles as coisas estão sendo agora; acreditavam que existe uma razão divina que rege o mundo e que o homem é guiado pela razão. Para os estoicos, o real é composto por corpos e incorpóreos ou incorporais.

dinamismo, ação, produção e temporalidade. Quando o fogo esquentava uma panela não se deve dizer o que o fogo deu a panela uma nova qualidade, mas que o fogo penetrou na panela para coexistir com ela em todas as suas partes. Os estoicos não diriam nesse caso que “o fogo esquentava a panela”, mas sim que “o fogo está esquentando a panela”, associando a frase a uma relação temporal que a legitima. Os processos de afetação, não só o corporal, são regidos pelos incorporais. A afetação implica sempre uma ação, um “agir”. Não só o processo de afetação na sua realização, o “durante”, corresponde ao incorporal, ao acontecimento, “o corpo A afetando o corpo B”, mas também seu resultado, seu efeito. O processo cria nos corpos, que sofrem a ação, maneiras diferentes de ser, novos atributos. O tempo, o lugar, o vazio, o exprimível, os quatro tipos de incorporais admitidos pelos estoicos são efeitos das afetações.

Um corpo humano quando afetado por outro, no caso específico de uma festa de música eletrônica resulta um incorporal, um acontecimento, pois está em eterna produção, eterno dinamismo. Será sempre singular nesse aspecto, pois as afetações nunca são as mesmas, independente do evento, assim como a água do rio de Heráclito nunca é a mesma, pois está em fluxo e em movimento, o pulsar da vida nasce dos encontros afetados. Meu corpo ao abraçar o de MD1 durante o *set* de Steve Angello, representava um momento único, produzia um tempo⁷² e um espaço singular que não iriam se repetir, um incorporal alimentado pela música do *dj*. A apresentação de Steve Angello manteve o público a maior parte do tempo pulando e dançando, as pessoas não paravam, fui com MD1 para o lado da caixa de som e quase não encontrava lugar. O público queria sentir aquele som contagiante ao máximo, um garoto ao meu lado mesmo com a camisa ensopada de suor não diminuía o ritmo da dança, colado a caixa de som parecia que só existia ele e a caixa. Deixei-me contagiar pela sua energia e por aquele som, MD1 estava a minha frente e a impressão era a de que ele sentia o que eu estava sentindo. A mesma *vibe* parecia ser transmitida com os movimentos do meu corpo em consonância com o rapaz ao meu lado e com MD1 a frente. Olho para MD1, o sorriso aparece em meu rosto e no dele, abraço meu amigo e quando olho para o rapaz ele sorri também. Nada foi dito, o corpo falava por si só, era o nosso maior instrumento de comunicação. A sensação de bem-estar e prazer era enorme, um tipo de êxtase invadia os nossos corpos por inteiro, um momento que

⁷² “Esse tempo é um tempo que não é cronológico, é um extra-tempo, fora do tempo, um entre-tempo, um não-tempo. Deleuze fez uma distinção entre o tempo cronológico e o tempo Aion. O tempo nas festas de música eletrônica é o Aion, pois acontece um corte no tempo. “Esse tempo morto, que de certa forma é um não-tempo, batizado também como ‘entre-tempo’, é Aion. Nesse nível, o acontecimento não é mais apenas a diferença das coisas ou dos estados de coisas; ele afeta a subjetividade, insere a diferença no próprio sujeito. Se chamarmos acontecimento a uma mudança na ordem do sentido (o que fazia sentido até o presente tornou-se indiferente e mesmo opaco para nós, aquilo a que agora somos sensíveis não fazia sentido antes), convém concluir que o acontecimento não tem lugar no tempo, uma vez que afeta as condições mesmas de uma cronologia.” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 12).

precisava ser congelado e eternizado em nossas mentes. O tempo Aion ditava as regras naquele momento de euforia, o passar dos minutos e das horas foi suspenso.

1.4 O CORPO EXTÁTICO E VIBRÁTIL

Para compreender melhor o êxtase, Roland Fischer (1971) criou uma cartografia, o processo do êxtase tem início com a saída de estados ditos “normais” da percepção podendo oscilar para dois lados diametralmente opostos. De um lado, os estados de vigília chamados “ergotrópicos” (*ergotropic arousal*) marcados pela hiperatividade psíquica, de alta temperatura mental, que podem ser superexcitados por drogas alucinógenas ou por exaltação mística e levar a êxtases de satisfação (como em Teresa de Ávila). Do outro lado, os estados “trofotrópicos” caracterizados pela hipoatividade psíquica que conduzem à diminuição progressiva dos estímulos exteriores e induzindo à meditação serena, que podem resultar nos estados extáticos do *zazen* e do *samadhi*. De acordo com Edgar Morin (2005a), os dois lados excluem-se e conduzem a êxtases distintos, um de exaltação infinita e o outro de paz infinita. Os dois êxtases reencontram-se não somente na plenitude que proporcionam, mas também na superação ou abolição de todas as estruturas cognitivas “normais”, eles explodem as categorias distintivas do universo fenomenal (sujeito, objeto, tempo, espaço), eliminam as separações, associam as contradições, misturam o lógico e o irracional, operando a fusão do si e do mundo.

Alguns estudiosos da semiótica da cultura, como Ivan Bystrina (s.d), afirmam que o êxtase é considerado uma das fontes de produção da cultura. As fontes da cultura se encontram em quatro momentos: nos sonhos, nas atividades lúdicas, nos desvios psicopatológicos (neuroses, paranoias, esquizofrenias) e nas situações de êxtase e euforia (provocadas ou não com o auxílio de substâncias). O resultado da ação desses quatro fatores implica na emergência de um complexo sistema comunicativo chamado cultura. O estudo sobre o êxtase está comumente ligado a experimentações místicas de caráter religioso. É uma experiência interior. Na maioria das vezes quando as pessoas entram em êxtase, associa-o ao prazer extremo. Trata-se de uma conexão com o mundo externo, ao anular as fronteiras do ser e mergulhar o indivíduo em sentimentos oceânicos como Freud já se referia, sentimento de eternidade e unidade com o universo. O êxtase também está associado às circunstâncias sociais e culturais que o produzem. Pode ser alcançado de diversas formas, não só por meio de substâncias tóxicas, mas também se

pode atingi-lo também através da dança, da possessão, do ritual, da música. É possível chegar ao êxtase por meio de exercícios respiratórios, como os praticados na ioga.

Bataille (1992) associa o êxtase com a comunicação. Através do êxtase o indivíduo vivencia a satisfação, a felicidade, a insipidez, é um saber apreendido que se expressa em um corpo excitado, de sensações levadas ao extremo. São uma experiência interior e mística os estados alterados, de arrebatamento, de emoção meditada. “O êxtase é, aparentemente, a comunicação, opondo-se ao achatamento sobre si”. (BATAILLE, 1992, p. 20). É o lugar da comunicação de fusão entre o sujeito e o objeto. Não existe mais sujeito-objeto, mas um abismo entre um e outro, e no abismo sujeito e objeto são dissolvidos, há passagem e comunicação, mas não de um ao outro, eles perderam a existência distinta. O êxtase é a plena comunicação, a experiência levada ao seu extremo, o momento em que o espírito entra em uma interioridade não discursiva, permitindo contágios de energias, de movimento, de calor ou transferência de elementos, constituindo interiormente a vida do ser.

Nas festas de música eletrônica quando o corpo é tomado pelo êxtase, induzido por substâncias ilícitas ou pela música, não há afetação corporal, pois, o corpo apesar de afetado por algo externo. Seja a droga ou a música, quando se trata das festas de música eletrônica, não é apenas o corpo afetante que vai agir sobre o corpo afetado e permitir o estado de êxtase, mas também outros elementos. Porém, é possível que afetação corporal conduza ao êxtase quando combinado com outros componentes. No *King festival* houve um momento específico no qual o meu corpo estava fora de si, por causa da droga consumida e da música que me afetava ativamente, eis que MD1 me abraça e começamos a dançar juntos. Naquele instante, o corpo de MD1 despertou um estado de êxtase em mim, eu tremia, o sorriso não saía do meu rosto e a sensação de bem-estar dominava corpo e mente por completo. Meu corpo vibrava junto ao de MD1 e ao de todos os que estavam por perto, parecia existir um campo elétrico/ magnético que nos unia, me sentia completamente afetado e afetante. Meu corpo era um híbrido de vibrações carnis e elétricas.

Tudo aquilo que é ação no corpo, é ação na mente e tudo aquilo que é paixão no corpo, o é na mente. Nesse sentido, apesar de ser herdeiro da filosofia cartesiana, Spinoza (1677/2010) discorda de Descartes (1649/2005) que encara o ato de pensar como uma ação separada do corpo, a mente, “coisa pensante” (*res cogitans*), separada do corpo não pensante com sua extensão e partes mecânicas (*res extensa*).

Se o corpo não foi afetado, de nenhuma maneira, por algum corpo exterior, então (pela prop.7), a ideia do corpo humano tampouco o foi, isto é (pela prop.

13), a mente humana tampouco foi afetada, de qualquer maneira, pela ideia da existência desse corpo; ou seja, a mente não percebe, de nenhuma maneira a existência desse corpo exterior. Em troca, à medida que o corpo humano é afetado, de alguma maneira, por algum corpo exterior (pela prop. 16 e seu corol.), a mente percebe o corpo exterior (E II, prop.26). (SPINOZA, 1677/2010, p. 119).

A mente humana é a própria ideia, ou o conhecimento do corpo humano, e esse corpo sempre que for afetado por dois ou mais corpos, posteriormente quando a mente imaginar um desses corpos, imediatamente se recordará também dos outros. Isso é a memória, uma concatenação de ideias que abraçam a natureza das coisas exteriores ao corpo humano e que se faz na mente, segundo a ordem e a concatenação das afecções do corpo humano (SPINOZA, 1677/2010). O filósofo Merleau-Ponty (2006) dialoga também com Spinoza (1677/2010), ao defender uma ontologia da carne e afirmar que a consciência está espalhada por todo o corpo e é por meio dela que o homem adquire a consciência do mundo.

A união entre a alma e corpo não é selada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se realiza a cada instante no movimento da existência. Foi a existência que encontramos no corpo aproximando-nos dele por uma primeira via de acesso, a da fisiologia. É-nos permitido então cotejar e precisar este primeiro resultado interrogando agora a existência sobre ela mesma, quer dizer, dirigindo-nos à psicologia. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 131).

A indissociabilidade entre mente e corpo proposta por Spinoza (1677/2010) e defendida por Merleau-Ponty (2006) também tem implicações biológicas, de acordo com o neurocientista Antônio Damásio (1996), os sentimentos que também são afetos, são tão cognitivos como qualquer outra imagem perceptual e tão dependentes do córtex cerebral quanto qualquer outra imagem. Os sentimentos são representados em níveis neurais, incluindo o neocortical, em virtude de sua ligação inextricável com o corpo aparecem em primeiro lugar no desenvolvimento individual e conservam uma primazia que atravessa toda a vida mental. (DAMASIO, 1996). Os afetos/sentimentos cumprem o papel de mola propulsora nas festas em geral.

Nas festas de música eletrônica o corpo é afetado de diversas formas por outros corpos, o contato por meio de abraços, beijos, apertos de mãos, carícias, ou até mesmo um olhar, esses atos despertam no corpo que sofre a ação, o aumento ou a diminuição da potência de agir, resultando em expressões de alegria ou tristeza dependendo do tipo de ação sofrida. É o desejo que movimenta os corpos nessas festas, desejo de estar-junto, de compartilhar sensações, de reconhecer-se no outro, de gastar energias em conjunto, etc. São muitas as indagações

suscitadas: “O que pode este corpo afetado das festas de música de eletrônica? ”, “Que corpo é esse? ”, “Do que é capaz? ”, “O que experimenta? ”, “Qual a sua potência? ”, “Que tipo de poder exerce esse corpo do ponto de vista dos vínculos na sociedade contemporânea? ” É um corpo que além de carne é também tecnológico, sonoro, drogado, político, dispendioso, lúdico, maquínico. Um corpo da experimentação, povoado por linhas e intensidades. Era o corpo sentido no *King festival*, era esse corpo que estava experimentando. O *set* de Angello estava mais ou menos na metade quando MD1 olha para mim e diz:

– Amigo ele colocou Hardwell no chinelo, definitivamente, Angello é o melhor do mundo. Que som perfeito é esse?

Nesse exato momento ele coloca a música *Sweet Disposition* da banda *The Temper Trap* na sua versão *remixada*, uma das minhas músicas favoritas. Meu corpo ficou completamente arrepiado, fechei os olhos, abri os braços e me escorei na caixa de som, não conseguia tirar o sorriso do rosto. Abro os olhos estão MD1, MD2 e MD4 dançando loucamente próximos a mim, eles não conseguiam dominar seus corpos. Olho para as pessoas a minha frente e vejo que todos estão na mesma situação, escravos do som. Meu corpo naquele instante era potente, ativo, vivo, afetos atravessavam minha matéria corpórea e ressonavam dentro de mim, o corpo era pura vibração, era um corpo vibrátil. Rolnik (2014) afirma que o corpo vibrátil é o corpo das forças, povoado de intensidades. Para que as afetações corporais aconteçam são indispensáveis que os corpos sejam corpos vibráteis, corpos vivos de potencialidades e estejam situados num plano de consistência⁷³, povoados de hecceidades⁷⁴.

Durante o *set* de Steve Angello era assim que eu percebia o meu corpo, vibrátil. Houve um momento em que fui ao banheiro, localizado no final da pista e percebi que não era só na frente que as pessoas dançavam e pulavam, lá atrás as pessoas também estavam descontroladas, no banheiro rapazes dançavam na fila, o contágio sonoro atingia todo o festival. O dono da noite era de fato Steve Angello, sua música afetava o público de forma positiva, que respondia à sua apresentação com gritos, danças e pulos. Vários agenciamentos eram feitos naquele instante, diferentes conexões e afetações, o *dj* batia palmas, falava com o público, a interação entre *dj/pista* e *pista/dj* era plena, uma pura experimentação era visualizada e sentida naquela

⁷³ “Tudo o que consiste é Real.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 110).

⁷⁴ Uma hecceidade consiste em um grau, uma intensidade. “No plano da consistência, um corpo se define somente por uma longitude e uma latitude : isto é, pelo conjunto dos elementos materiais que pertencem sob tais relações de movimento e de repouso, de velocidade e de lentidão (longitude) ; pelo conjunto dos afectos intensivos de que ele é capaz sob tal poder ou grau de potência (latitude). Somente afectos e movimentos locais, velocidades diferenciais. Coube a Espinosa ter destacado essas duas dimensões do Corpo e de ter definido o plano de Natureza como longitude e latitude puras. Latitude e longitude são os dois elementos de uma cartografia.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 49).

pista, experimentação atravessada por platôs sonoros, maquínicos, corporais. Corpo-Sem-Orgãos.

O Corpo-sem-Orgãos é o corpo da experimentação, do desejo, da alegria, do êxtase, da dança, é povoado de intensidades e só elas podem ocupá-lo, não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Ele luta contra o organismo, faz passar intensidades, as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Trata-se de um corpo que não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupara o espaço em tal ou qual grau, que corresponde às intensidades produzidas, é uma conexão de desejos, conjunção de fluxos, *continuum* de intensidades. (DELEUZE; GUATTARI, 2012a).

As festas de música eletrônica são um exemplo da imagem do Corpo-sem-Orgãos, são festas em que o corpo individual/coletivo experimenta, dança, afeta, é afetado, desejado e deseja. É um corpo preenchido e movido por intensidades sonoras, maquínicas, químicas, tecnológicas e afetivas. Os corpos dançantes afetam-se entre si e criam um jogo de afetação em que um se enxerga no outro e que respondem a maquinismos tecnológicos emitidos pela música eletrônica. Talvez uma música que não fosse partida, computadorizada ou binária não tivesse os mesmos efeitos sobre esses corpos, que são produto de uma sociedade e cultura tecnologizada. A ideia do corpo vibrátil e do Corpo-sem-Orgãos é bem aplicada às festas de música eletrônica, pois durante esses eventos são diversos os encontros que acontecem, corpos com corpos (afetações corporais), corpos com música (afetações sonoras), corpos com corpos, música, drogas, objetos (afetações sociais) e corpos com máquinas (afetações maquínicas). Nesses encontros o corpo humano vibra, experimenta, afeta, é afetado. O desejo é a ponte para esses encontros, é onde o rizoma opera, é aberto, conectável, é a ponte entre os humanos, é o que liga. E no dia 16 de novembro de 2013, ao final da apresentação de Steve Angello a minha vontade, e acredito que da maioria que dançava desmesuradamente, era a de que aquele *set* não acabasse. Foi esse desejo maquinado e sonoro que conectou as pessoas àquela noite.

O *set* tinha chegado ao fim, eu estava esgotado e precisava beber água, descansar um pouco, apesar de ainda sentir os efeitos da bala no corpo. Caminhando entre as pessoas encontro com um conhecido de Natal, que faz o seguinte comentário:

- Cara o que foi essa apresentação? Por mim o festival já pode acabar. Depois de Angello ninguém vai superar.
- Estou sem palavras, nunca vi nada igual. Energia incrível. Angello deitou e rolou com meu cérebro.
- Com o de todos. Ele colocou na frigideira e fritou por completo⁷⁵.

⁷⁵ A expressão fritar é muito comum nas festas de música eletrônica, principalmente nas *raves*. Significa dançar bastante até cansar e está relacionada com o efeito da droga ingerida no cérebro.

Em uma das gravações no banheiro MD1 e MD2 dizem:

Steve Angello acabou de tocar, foi alucinante, indescritível, músicas clichês, incríveis, tocadas pelo original. Meu corpo tá (sic) flutuando, eu tou (sic) leve feito uma pluma, saltitando feito uma gazela, eu tou (sic) louco, tou (sic) no banheiro chupando um pirulito, fazendo xixi, vou pegar uma cerveja agora e vou ouvir *Infected* que vai entrar. Vamos ver o que eles vão apresentar para a gente. (MD1, 2013).

Septuagésima, nona, oitava entrada. Foda-se o número, tou (sic) bebo (sic) pra caraaaalho. Acabou de tocar Steve Angello, foda, foda, foda. Começou *Infected Mushroom* com um som *live* muito fudido. Tomei um bocado de vodca, meia bala, tou (sic) procurando mais uma para fazer duas e meia hoje, mas até agora só tenho uma bala e meia, ok. (MD2, 2013).

Fiquei me perguntando como a música era importante num festival como esse, tinha sido ela, a grande responsável por aquela noite memorável. A música me afetava por completo, exercia poder sobre mim e levava o meu corpo ao limite, era a responsável pelo aumento da minha alegria, a bala apenas havia potencializado as intensidades que residiam em mim e nas outras pessoas. Sim, a música. A partir disso surgiram questionamentos: “Será que se uma pessoa que não gosta de música eletrônica fosse a uma festa dessas e tomasse alguma droga experimentaria coisas boas em seu corpo? ”; “Seriam os afetos ativos? ”; “Que tipo de afetação era aquela que a música despertava em mim e nos outros participantes? ”.

2 AFETAÇÕES SONORAS

2.1 MÚSICA E AFETOS

A apresentação de Steve Angello tinha me afetado em vários sentidos, testemunhei e participei das afetações corporais que aconteceram e posso afirmar que o que movimentou, aumentou a potência e fez ressoar aquele corpo vibrátil coletivo foi a música. As ondas sonoras emitidas pelas caixas de som faziam a carne vibrar, e deixava o corpo expressivo, ativo. A partir da música surgiam as afetações corporais. A música funcionava como mola propulsora para a efetivação das afetações corporais. “Mas que tipo de afetação era provocada no meu corpo e no corpo das outras pessoas? ”; “Qual a função da música eletrônica naquele ambiente? ”; “Qual a relação dos afetos com a música? ”.

Em uma reflexão mais aprofundada, que tipo de ontologia a música estaria formando na cultura contemporânea? E a música eletrônica especificamente? Qual o ser afetado das festas de música eletrônica? Deleuze (2009), a partir das reflexões de Spinoza (1677/2010), explica a relação dos afetos com a música.

A experiência da alegria tal como Spinoza a apresenta, por exemplo eu encontro alguma coisa que convém, que convém com minhas relações. Por exemplo, a música. Há os sons pungentes. Há os sons pungentes que me inspiram uma enorme tristeza. O que complica tudo é que há sempre pessoas para achar que esses sons pungentes, ao contrário, são deliciosos e harmoniosos. Mas é isso que faz a alegria da vida, isto é, as relações de amor e de ódio. Porque meu ódio contra o som pungente, ele vai se estender a todos os que amam esse som pungente. Então eu volto a minha casa, eu entendo esses sons pungentes que me parecem desafios, que verdadeiramente decompõem todas as minhas relações, eles penetram em minha cabeça, eles me penetram o íntimo, tudo isto. Toda uma parte de minha potência se endurece para manter à distância esses sons que me penetram. Eu obtenho o silêncio e eu ponho a música que eu amo; tudo muda. A música que eu amo, isto quer dizer o quê? Isto quer dizer as relações sonoras que se compõem com minhas relações. E suponhamos que neste momento minha máquina quebra. Minha máquina quebra: eu experimento o ódio! [Richard: ah não!] Uma objeção? [Risos de Gilles Deleuze]. Enfim eu experimento uma tristeza, uma grande tristeza. Bom, eu ponho a música que eu amo, aqui, todo meu corpo, e minha alma – isto vai por si – compõe suas relações com as relações sonoras. É isto que significa a música que eu amo: minha potência é aumentada. (DELEUZE, 2009, pp. 169-170).

Nesse sentido, exposto por Deleuze (2009), vão se compondo as relações entre o indivíduo e o som ou entre os afetos e a música. Em uma abordagem filosófica a música é considerada como revelação de uma realidade privilegiada e divina ao homem. Essa revelação assume forma de conhecimento e sentimento. Música é afeto, é harmonia; característica divina do universo; ciência suprema; principio cósmico, que tende a privilegiar a música acima de todas as outras artes ou ciências. Na perspectiva antropológica a música é utilizada no desenvolvimento cultural das crianças. A música serve para assinalar importantes mudanças no ciclo vital, curar doenças, comunicar-se com o sobrenatural, organizar atividades de subsistência, apoiar ou criticar o poder político e proporcionar prazer sexual e estímulo intelectual. É também expressão da identidade individual e comunitária. A música é uma força social e comunicacional, serve de elo, ponte para agregar pessoas. É o afeto expresso, em ato.

Charles Darwin (1872/2009) afirmou que o homem antes de ser linguístico era musical, o hábito de produzir sons musicais foi primeiro desenvolvido com objetivo de se fazer a corte entre os antigos ancestrais do homem, e dessa forma, se associou as mais intensas emoções que eram capazes de sentir. Partindo dessa hipótese, Darwin defendeu que os ancestrais do homem provavelmente emitiam sons musicados antes de terem adquirido a capacidade de articular a fala e que quando a voz é empregada sob qualquer emoção forte, ela tende a assumir, por associação, caráter musical. (DARWIN, 1872/2009). Georg Simmel (1882/2003) vai em direção contrária ao defender que a música tem sua base na linguagem verbal e esta é uma manifestação das relações sociais. Darwin (1872/2009) dizia que o homem desenvolveu o canto antes da fala, já Simmel (1882/2003) acreditava que a música vocal surge a partir da linguagem falada. E os afetos? Para Simmel (1882/2003), a música surge naturalmente da elevação que os afetos produzem sobre os atos de fala e dos movimentos do homem. São os afetos que originam a música, que é uma expressão das mais variadas sensações anímicas – fúrias, alegrias, sensações místicas – sempre que estas são intensas, são apaixonadas. (SIMMEL, 1882/2003).

O *homo neanderthalensis* desenvolveu o sistema de comunicação denominado “Hummmmm” – *Holistic, manipulative, multi-modal, musical and memetic communication*, cujo objetivo era expressar os afetos mais complexos, não apenas alegria ou tristeza, mas também ansiedade, vergonha ou culpa. O “Hummmmm” é considerado um sistema de comunicação que envolve gestos icônicos, dança, música, onomatopeias e imitação vocal e talvez seja de fato o precursor da música e da linguagem tal qual se conhece hoje. (MITHEN, 2006). Para Mithen (2006), a música e a linguagem tiveram uma origem comum, o “Hummmmm” seria uma espécie de combinação entre protomúsica e protolinguagem.

A música afeta o corpo de muitas maneiras e em diferentes momentos, além de ser uma força da vida social e da própria estrutura da sociedade. Ao afetar o corpo humano, a música ou qualquer estímulo sonoro pode provocar no indivíduo diversas reações, sentimentos e emoções, a esse processo chamamos de afetação sonora. As afetações sonoras podem aumentar ou diminuir a potência do nosso corpo, provocando afetos ativos como a alegria e reativos como a tristeza e podem despertar uma variedade de afetos que derivam desses outros. A paisagem sonora⁷⁶ que nos cerca tem poder de afetação sobre o nosso corpo, desde o canto do pássaro, ao som das águas do mar, do vento, do trânsito ou das batidas eletrônicas de uma festa *rave*. A música tem o poder de acalmar, animar, consolar, irritar, emocionar e até de curar.

A música tem papel ativo na definição de situações, porque como todos os dispositivos e tecnologias é ligada, por meio de convenção, aos cenários sociais; em outros momentos vai de acordo com os usos sociais para a qual foi inicialmente produzida – música para dançar bolero, música para marchar e assim por diante. A música não é apenas meio significativo ou comunicativo, ela vai além da transmissão de significado através de meios não-verbais. A música tem poder e está implicada em todas as dimensões dos órgãos sociais, pode influenciar a forma como as pessoas compõem seus corpos, como se comportam, como vivenciam a passagem do tempo, como se sentem – em termos de energia e emoção – sobre si mesmo, sobre os outros e sobre as situações. (DENORA, 2004). A música tem conexão direta com os agenciamentos da vida social.

Em todas as sociedades a música tem uma função coletiva e comunitária essencial: reunir as pessoas e criar laços entre elas. As pessoas cantam e dançam juntas em todas as culturas, e podemos imaginar os humanos, há 100 mil anos, fazendo isso ao redor das primeiras fogueiras. Esse papel primordial da música hoje se perdeu, em certa medida, pois temos uma classe especial, a dos compositores e intérpretes, enquanto o resto de nós quase sempre se vê reduzido à audição passiva. Temos de ir a um concerto, igreja ou festival de música para voltar a experimentar a música como atividade social, para recapturar a emoção coletiva e a ligação proporcionada pela música. Em situações assim, a música é uma experiência coletiva, e parece haver, em certo sentido, uma verdadeira ligação, ou “casamento”, de sistemas nervosos, uma “neurogamia”. (SACKS, 2007, p. 237).

Durante o *set* de Steve Angello parecia existir essa ligação de sistemas nervosos entre o público e o *dj*. Ao final do seu *set*, fui com MD1 pegar água, MD2 tinha sumido, não sabíamos onde estava. Aproveitamos para dar uma volta pelo festival. Durante nosso passeio pelo festival,

⁷⁶ Na formulação de Schafer (1991), a paisagem sonora corresponde aos ambientes sonoros que se alastram pela vida cotidiana. *Soundscape* é a dimensão acústica do meio ambiente, diz respeito aos sons dos lugares, dos bairros, da cidade, de um microambiente, como também à música.

percebemos que assim que Steve Angello terminou sua apresentação quem entrou foi *Infected Mushroom*, banda de *Psytrance* israelense que fez muito sucesso entre os anos de 2005 e 2007. Lembrei de uma festa que fui com MD1 em 2005 em Recife também, chamada *Liquid Sky* e *Infected* era a atração principal, era antevéspera de Natal e já fazia 8 anos. Olhei para MD1 e disse:

– Já temos bastante coisa para contar das baladas da vida. A música eletrônica é uma constante em nossa história.

2.2 O QUE É MÚSICA ELETRÔNICA?

A música eletrônica é essencialmente tecnológica. Nas festas de música eletrônica a máquina tecnológica é indispensável, o aparato em si – computador, sintetizador, *sampler*⁷⁷, *mixer*⁷⁸, fone de ouvido, caixas de som – é protagonista junto ao *dj*. É construída por meio de sintetizadores, instrumentos projetados para produzir sons gerados artificialmente, e outras tecnologias decorrentes ou não da microinformática. A principal característica deste tipo de música é a autonomia e a centralização dos processos de produção, ela sugere continuidade, infinitude, circularidade, hipersonoridade, mixagem⁷⁹, novas colagens e conexões. As batidas são intensas e a sensação é de que são intermináveis.

A história das comemorações eletrônicas remete ao surgimento do *House* em 1986, nas cidades de Dallas e Chicago nos EUA. O *House* é um estilo de música eletrônica associado à era disco dos anos 1970 com a prevalência do público homossexual e negro. É uma espécie de *Disco Music*⁸⁰ misturado com ritmos eletrônicos do início dos anos 1980, um dos seus protagonistas foi o *dj* Frank Knuckles que batizou o estilo. O *House*, além de ter ressuscitado a música das discotecas, intensificou na sua estrutura alguns aspectos como a repetição mecânica e as texturas eletrônicas, despertava no público uma libido desenfreada e o uso intensivo de

⁷⁷Máquina que tira amostra de sons captando, registrando, analisando e reproduzindo ondas sonoras de qualquer natureza.

⁷⁸Aparelho que alterna e/ou combina várias fontes de som, de forma a somá-las em um único sinal de saída.

⁷⁹“A mixagem é a operação musical realizada pelos *djs* para comporem as narrativas musicais de longa duração que singularizam a experiência dançante da música eletrônica, ‘costurando’ faixas musicais com o equipamento *mixer*. É também o termo que empregam para as combinações que realizam de diferentes gêneros musicais com a música eletrônica”. (FONTANARI, 2013, p. 15).

⁸⁰Estilo de música eletrônica que teve seu início e apogeu durante a década de 1970, dando origem as discotecas (clubes noturnos onde a música era tocada). Nova Iorque foi considerada o pólo da *Disco Music*. A discoteca Paradise Garage foi a primeira discoteca dos EUA, com discotecagem do *dj* Larry Levan que inaugurou o estilo. Esta vertente de música eletrônica atraía mais o público *gay* (de cor negra e latinos). Toda essa atmosfera combinada com o lançamento do filme *Saturday Night Fever* (Os embalos de sábado à noite) que transmitia bem o clima *disco* da época.

drogas. De acordo com Simon Reynolds (1999), esse estilo cria na pista de dança um ginásio de desejo, uma liberação do êxtase, um espetáculo coletivo de auto-erotismo, muito presente nas discotecas gays durante a década de 1970. A batida é exata e cronométrica entre 120 a 130 *bpm* (batidas por minuto), fazendo uso de muitos sons sintetizados no meio caminho entre o melódico e o percussivo. Dois anos após o surgimento do *House*, o *Techno* (ritmo eletrônico mais sincopado de batidas intensas) explodiu em Detroit, seus principais nomes foram Juan Atkins, Derrick May e Kevin Saunderson. O *Techno* espalhou-se de Detroit para Nova Iorque e logo plantou sua semente em Londres e Tóquio. Como a *House Music* esta vertente da música eletrônica possui um formato mais extenso e não precisa ser escutado desde o início, o que facilita o processo de mixagem, suas batidas variam entre 130 a 150 *bpm*.

O *Techno* e o *House* eram os estilos de música eletrônica mais escutados nas *raves* e casas noturnas no final da década de 1980 na Europa e nos Estados Unidos, a cena que começou nos clubes noturnos americanos se propagava. Com esta proliferação, surgiram diversos estilos de música eletrônica como: o *Trance*, o *Acid-House*, o *Electro*, o *Drum and bass*, o *Tribal House*, etc. Cada estilo/gênero varia na sua estrutura de acordo com as *bpm*, velocidade do ritmo de cada gênero musical. As festas de música eletrônica e os estilos desenvolveram uma relação mútua direta, algumas se dedicam à apenas um estilo.

Atualmente se fala muito em EDM (*electronic dance music*), escutada em casas-noturnas e grandes festivais de música eletrônica, tem como foco a dança, o entretenimento e o apelo comercial. A EDM surgiu nos anos 1970 mesclando *Dance Music* com *Disco Music*, porém popularizou-se em meados de 2010 com os *djs* e produtores: Tiesto, Hardwell, *Swedish House Mafia*, Avicii, David Guetta, dentre outros. Antigamente todos os gêneros da música eletrônica se encaixavam nessa sigla, hoje a EDM é uma compilação de músicas de diferentes gêneros que a indústria fonográfica (principalmente americana) cria para os fãs de música eletrônica de massa⁸¹. A EDM pode ser encontrada no *House*, no *Electro*, *Trance*, *Dubstep* e até no *Techno*, uma de suas principais características é a presença de vocais que estimulam o público a gritar olhando para as luzes do palco, a introdução de sintetizadores que induzem a movimentar o braço para cima, muito comum em festivais. No *King festival* a maioria dos *djs* tocaram EDM, inclusive Steve Angello, cujo *House* tinha peculiaridades dela.

Alguns dias depois do festival, MD1 revela sua opinião sobre a apresentação de Steve Angello:

⁸¹ Música eletrônica de massa é a música eletrônica produzida para o grande público, música geralmente tocada em festivais famosos de música eletrônica como o Tomorrowland, o Ultramusic festival, etc. É uma música de grande divulgação midiática, pode ser ouvida também em rádios, filmes, casas-noturnas, etc.

Agora vamos falar do homem, porque Steve Angello foi o homem, sem... (*gaguejos*), eu estou sem palavras para poder descrever o que foi aquilo, tem o ranço do Swedish House Mafia que eu adoro, não vou mentir. Gosto do SHM, sempre gostei e é um dos melhores grupos da *Dance Music*, da música eletrônica. Marcou, fez história, sem dúvidas, e o cara tá (sic) ali mostrando que está disponível, está interessado em se transformar, em se desenvolver, em crescer e o *set* dele foi muito lindo. Foi todo bem arranjado com os clássicos que tinham que ter, os clássicos SHM e os novos lançamentos dele, e essa pegada de fazer um sinalzinho com a mão, o S com a mão, foi todo um show, um verdadeiro *entertainment*, talvez ele acabe seguindo um pouco mais pela linha do David Guetta, não sei, mas vamos aguardar o que vem por aí. Acho que é isso. (MD1, 2013).

Depois da apresentação maravilhosa de Steve Angello segundo MD1, retornei da volta que tinha dado com MD1, fomos próximo à caixa de som e vimos MD4 com seus amigos dançando muito. Pareciam estar mais empolgados com o som de *Infected*. Os solos de guitarra acompanhados de batidas eletrônicas deixaram muitos ensandecidos, eu e MD1 não dançávamos muito, não apreciávamos tanto o som de *Infected Mushroom* como antigamente.

A experiência da escuta musical pode ser profundamente subversiva, a maneira pela qual o indivíduo percebe uma peça de música tem tudo a ver com a sua história de vida, partes de experiências estão relacionadas com particulares tipos de música, com a maneira do eu “oferecer-se” a um estímulo externo. Diferentes estilos musicais podem evocar dentro de cada pessoa diferentes “eus”. (BECKER, 2004). As conexões híbridas na música eletrônica resultam em variados estilos. Alguns gêneros de música eletrônica despertam sensações diferentes nos indivíduos. A mixagem, o *sampler*, as variações de batidas por minuto para cada estilo, provocam diversas sensibilidades em um público heterogêneo, não existe aquilo que se chama de identidade de massa. De acordo com a minha experimentação e vivência em diversos tipos de festas música eletrônica, pude perceber que os corpos se expressam de maneira diferenciada de acordo com o estilo. A *House Music*, por exemplo, incita uma dança mais exagerada, mais eufórica, as pessoas dançam bastante com sorriso no rosto, não é à toa que o símbolo da *House Music* é um *smile* (desenho de um rosto amarelo sorrindo); o *Trance* é uma música mais “viajante”, as pessoas ficam mais introspectivas e aproveitam a música de forma contida, na maioria das vezes, nas *raves* de *Trance* uma parcela significativa dos participantes dança de olhos fechados; o *Psytance*, por ser um som mais rápido, com mais batidas por minuto, deixa os dançantes mais agitados, há muitos pulos durante a dança, movimentos repetidos do corpo para frente e para trás, como se os dançantes estivessem em um show de *rock*.

Não estávamos muito empolgados nem agitados com o som de *Infected*, nossa experiência histórica com aquele tipo de música não mais nos despertava os mesmos estímulos que antes, e depois da apresentação que tínhamos acabado de presenciar, não era qualquer *dj* que iria nos animar. Estávamos ainda numa espécie de letargia. Durante o *set* de *Infected*, MD2:

– *Infected Mushroom* tocando ainda, tá (sic) foda pra caralho. Caralho, eu tou (sic) muito bêbado, muito, muito bêbado. Já peguei dois essa noite.

Nesse momento MD1 diz que vai gravar suas impressões sobre a festa e sobre tudo aquilo que havia vivenciado, ao retornar continuamos dançando sem empolgação, a intenção era guardar o resto da energia para o fim do evento com o *dj* Afrojack, grande nome da *House Music* mundial, previsto para entrar às 5:30hs da manhã. Ainda havia uma bala para cada, o intuito era tomar quando Afrojack entrasse no palco. Ao final de *Infected*, MD1 revela sua impressão:

Infected acabou, eu não gostei, baixou um pouco minha agitação, mas o efeito da bala ainda está rolando, eu tou (sic) sentindo uma coceirinha no cérebro, tou (sic) curtindo. Quem tá (sic) tocando agora é Chrizz Luvly, um som bem comercial, bem boate hetero, mas que é legal, dá para curtir, tá (sic) retomando minha energia, tá (sic) voltando, tou (sic) sentindo um calafrio no corpo, enfim, tou (sic) adorando... vamos ver, quando Afrojack entrar não quero nem saber. (MD1, 2013).

Já se aproximava das cinco da manhã, o *set* de Dr. Elektroluv estava chegando ao fim quando eu e MD1 resolvemos tomar a bala.

Dr. Lektroluv tá (sic) terminando, Afrojack já vai entrar, já tomei a bala. Esqueci de contar um detalhe essencial, hoje eu resolvi vir de camiseta regata, o que é uma novidade para mim, eu nunca saio de camiseta regata a noite. Eu tou (sic) louco, meu namorado tá (sic) louco em casa, vomitando, passando mal, fiquei preocupado, mas isso não vai me afetar. Eu só quero curtir esse último *dj* maravilhoso que eu venho esperando há tanto tempo. Enfim, a bala vai começar a bater daqui a pouco, a sensação de leveza vai voltar, eu vou flutuar, vou bater cabelo, vou fechar, vou dançar. (MD1, 2013).

Eis que entra um *dj* não previsto no *line-up* oficial ALVAA, *dj* local que eu não conhecia, o som do pernambucano era muito bom e parecia estar preparando a pista para o grande encerramento, a nossa intenção era segurar o efeito da bala para que ela batesse apenas quando Afrojack entrasse, mas já passava das 6 horas da manhã e nada. Eu fui para o meio da pista com MD1 e disse:

– Amigo eu não estou aguentando me segurar, essa música está me dominando, não tenho controle sobre meu corpo.

Music has the ability to make people feel good. The ‘happiness’ of listening to music, however one construes ‘happiness’, is in part the simple result of musical arousal. We tend to feel good when we are musically aroused and excited. Notably, musical emotions tend to be positive, whereas primary emotions tend to be negative⁸². (BECKER, 2004, p. 52).

A música é especificamente registrada por todo o corpo, não se trata apenas de cognição mental, este aspecto da experiência musical é vívido nas festas de música eletrônica, o dançante recebe a música, é afetado por ela através do corpo e expressa a ação da música em cada ato de sua dança. As vibrações de todas as músicas são capazes de serem comunicadas pelo corpo, a interação ocorrida entre sons e corpos será sempre parte de um resultado de respostas apreendidas, de disposição individual ou cultural. (GILBERT; PEARSON, 1999).

Paul Oakenfold, renomado *dj* inglês da cena, disse sobre a música eletrônica: “*The qualities in this music that effect people so deeply are the energy and the melody. It’s uplifting and spiritual. There’s a lot of soul in it and it really is about the feeling. It’s similiar to soul music in that you listen to it from an emotional standpoint.*”⁸³ (FRITZ, 1999, p. 80). A fala do *dj* dialoga com o que Becker diz acima, a música, especificamente a eletrônica, faz as pessoas apreciadoras do som sentirem-se bem, tem a ver também com sentimento. É a ação da música acrescentada ao que esse corpo sente e expressa por meio da dança, o que ele escuta/sente. É puro afeto, ação, sentimento, expressão. A música eletrônica, para seus apreciadores, tem o poder de gerar o momento necessário de carregar o dançante num carpete de som musical, pois cria um cenário de excitação grupal, em que a experimentação individual se torna coletiva e todos os presentes são varridos por um espiral de som, o turbilhão sonoro conecta os dançantes.

No contágio sonoro, é importante destacar o conceito de ritornelo para iluminar o que pensamos sobre música, especificamente, a eletrônica. O ritornelo no universo musical é um tipo de marcação utilizada para delimitar o trecho musical em uma partitura e a esse trecho é dado o valor de refrão que irá se repetir várias vezes durante a composição. Saindo do significado para o conceito, Deleuze e Guattari (2012b) propõem que o ritornelo está diretamente associado ao que entendemos sobre território, sobre traçar, delimitar um espaço, um território que já resulta em algo que irá ultrapassá-lo, desterritorializá-lo. É como um

⁸² “A música tem a habilidade de fazer as pessoas se sentirem bem. A ‘felicidade’ de ouvir música, no entanto, alguém interpreta como “felicidade”, é em parte o resultado simples do despertar musical. Temos a tendência de nos sentir bem quando estamos musicalmente excitados e estimulados. Notavelmente, as emoções musicais tendem a serem positivas, enquanto emoções primárias tendem a ser negativas”. (BECKER, 2004, p. 52, tradução nossa).

⁸³ “As qualidades nesta música que afetam as pessoas tão profundamente são a energia e a melodia. É edificante e espiritual. Há muita alma nela e é realmente sobre o sentimento. É semelhante à música *soul* em que você escuta de um ponto de vista emocional.” (FRITZ, 1999, p. 80, tradução nossa).

agenciamento territorial, como os pássaros que cantam para marcar o território ou os ritmos hindus e mantras xamânicos que são territoriais. O ritornelo pode exercer uma função amorosa, social, profissional, litúrgica ou cósmica, ele sempre leva a terra consigo. O território é, ele próprio, lugar de passagem, é o primeiro agenciamento, a primeira coisa que faz agenciamento, que é antes territorial. *Lato sensu*, o ritornelo é todo conjunto de matérias de expressão que traçam um território e que se desenvolvem em motivos territoriais, em paisagens territoriais, há ritornelos motores, gestuais, ópticos, etc. *Stricto sensu*, ele é um agenciamento sonoro, possuído pelo som. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b).

O ritornelo é o conteúdo da música, um conteúdo ainda não musical do qual ela se utiliza, ele é uma fábrica de tempo e age sobre aquilo que o rodeia, som ou luz, para extrair daí vibrações variadas, decomposições, transformações. O ritornelo é eminentemente sonoro, o som faz territórios, coexiste com cores, com gestos, com sons de outro tipo, é conteúdo, pois uma ave, um trem, os sinos da igreja, os afetos, os lugares, os momentos, tornam-se motivos musicais; é também expressão, acelerações, paradas, desacelerações, expressões rítmicas, a marcha, dança. De acordo com Marcondes Filho (2004, p. 168), “é nesta relação pé a pé do conteúdo e da expressão que a música faz passar forças não-sonoras: forças do cosmo, forças da terra, forças do tempo, afectos e potências”. O ritornelo sempre pressupõe um retorno, na música tradicional é um recurso de repetição que gera reiterações periódicas de frases melódicas, engendrando a consistência de um solo firme, seja um ritmo, uma frase melódica ou uma estrofe. Na música eletrônica o *groove*⁸⁴ e os sequenciadores permitem ou ativam situações potencialmente estimulantes: os *loopings*⁸⁵ – ritornelos, maquínicos. São sons organizados num fluxo pulsional que interagem, criam texturas incomuns e pedem, com isso, uma outra espera da escuta. (FONSECA; RODRIGUES, 2005).

As afetações sonoras agem em consonância com o ritornelo, que ao movimentar afetos, intensidades, blocos de tempo, invocar Aion, age diretamente por meio da música e ao afetar o corpo o desterritorializa, na maioria das vezes, aumentando sua potência. Num festival de música eletrônica, o ritornelo se expressa através da música e de outros componentes do ambiente, criando uma ética da alegria, um devir⁸⁶-música, que permite a propagação das

⁸⁴ Espécie de fluxo sonoro aberto ao acréscimo de outros eventos e intervenções, tais como novas melodias, falas, polirritmias e texturas de timbres. No processo de criação do *groove*, é possível alterar, daí em diante, a velocidade da batida, adicionar um trecho musical diferente, tocar junto algum instrumento, cantar, tratar os timbres, os envelopes sonoros (ataque, decaimento, sustentação e desaparecimento), experimentar efeitos de imagem acústica (ecos, *reverb*, *phase*) e dispor as notas gravadas em outros suportes, associa-las a outras conduções rítmicas. (FONSECA E RODRIGUES, 2005).

⁸⁵ Repetição infinita de um *sample* sonoro, de um trecho sonoro.

⁸⁶ Devir geralmente significa “transformar-se em”, “tornar-se”, mas Deleuze e Guattari dão um sentido mais abrangente. Por exemplo, o caso das vespas com as orquídeas: as flores da orquídea são polinizadas em grande

batidas eletrônicas e o contágio com outros elementos. Trata-se de um devir-sonoro/eletrônico, que juntamente com o ritornelo possibilita a realização das afetações sonoras. O ritornelo provoca os afetos, os desejos maquínicos, que preenchem de conteúdo o próprio ritornelo. No *King festival*, os devires, o ritornelo e as afetações sonoras expressavam-se sob a mediação dos afetos e como consequência das afetações sonoras os corpos se manifestavam por meio da dança.

2.3 DANÇA: CORPOS AFETADOS E EXPRESSIVOS

A interação ocorrida numa pista de dança seria impossível sem o poder dos afetos ou dos sentimentos. A interação entre os dançantes e o *dj* é plena, a experimentação da escuta da música eletrônica, próxima ao seu processo de criação, requer certo nível de concentração e foco. O ouvinte se torna parte do processo de criação musical no momento em que ele, ao dançar ou emitir alguma reação na pista, guia o *dj* no processo de construção de uma nova música. De acordo com alguns *djs* são os dançantes que mandam na música, a pista é o termômetro, os movimentos e reações emitidos dizem ao *dj* se a música afetou os participantes com baixa ou alta intensidade.

Pode-se falar de uma comunicação sonora mediada pela música e ativadora da potência de agir do corpo individual e social dançante, potência esta que aumenta a expressão de alegria e possibilita a criação de paixões no sujeito que sofre a ação da música. As relações compostas pela dança são dependentes dos afetos, sem afetação sonora e corporal elas não existem, para que a dança aconteça, a afetação é indispensável. A dança é o resultado de um bom encontro entre o corpo humano e a música; é expressão do ritornelo, afeta o corpo do *dj* na mediação entre máquina e estilos musicais. Os *loopings* sonoros emitidos pelo *dj*, incitam a dança por parte dos ouvintes, a repetição sonora provoca no corpo de quem ouve diferentes expressões, a dança é uma delas.

parte pelas vespas e muitas de suas flores são adaptadas para a polinização por uma única espécie desses insetos. Deleuze e Guattari falam de uma aliança na associação simbiótica da planta com o animal, na qual cria-se o vínculo entre ambos, sem que nasça daí nenhuma vespa-orquídea. Uma não irá se transformar na outra; há antes comunicação por contágio e criação de um campo. Devir, assim, é expansão, propagação, ocupação, o contágio, o povoamento. (MARCONDES FILHO, 2004).



Figura 5 Público dançando durante o set de ALVAA

A expressão é um conceito basilar nos estudos de Spinoza, aquilo que é exprimido não existe fora de sua expressão, mas o é como essência daquilo que se exprime. Nesse contexto, destaco três pontos fundamentais: a substância que se exprime, os atributos⁸⁷ que são expressões e a essência exprimida. O que o atributo exprime é o seu sentido, dessa maneira, todos os sentidos exprimidos formam o “exprimível” ou a essência da substância. Sob o ponto de vista conceitual, a expressão possui três determinações fundamentais: ser, conhecer, agir ou produzir. (DELEUZE, 1968). A expressão não se revela por meio de signos, mas de semióticas a-significantes do sentido, dos incorporais. O momento expressivo da dança é animado pelos incorporais e implica produção de sentido, não de significação. Em uma festa de música eletrônica, o que unifica os corpos é a expressão musical, a dança é uma consequência da ação da expressão musical nos corpos. Ao sofrer a ação da música, o sujeito que ingeriu algum tipo de droga quer viver aquela experimentação ao extremo, é o extremo do possível, um processo de comunicação como Bataille (1992) argumenta:

Por definição, o extremo do possível é este ponto onde, apesar da posição ininteligível que ele tem no ser, um homem, tendo-se despojado de logro e de temor, avança tão longe que possamos conceber uma possibilidade de ir mais adiante. A comunicação ainda é, como a angústia, viver e conhecer. O extremo do possível supõe riso, êxtase, aproximação aterrada da morte; supõe erro, náusea, agitação incessante do possível e do impossível e, para terminar,

⁸⁷Os atributos constituem a essência da substância, cada atributo exprime uma essência e nesse estado o atributo é produção.

quebrado, embora gradualmente, lentamente desejado, o estado de súplica, a sua absorção no desespero. (BATAILLE, 1992, p. 45).

O êxtase, o extremo do possível, é um processo de comunicação, é uma vivência em que o sujeito tenta alcançar, e às vezes alcança, o seu limite, são momentos inapreensíveis, visto que o indivíduo só usufrui dele na medida em que comunica. Nas festas de música eletrônica, um fator relevante para alcance do extremo do possível é a música, quando ela afeta o participante, que afeta o *dj* e o processo de construção da música durante a sua apresentação. Simmel (1882/2003) afirmou que através da música se dá um trânsito direto entre os sentimentos do músico, a música e os sentimentos do ouvinte. Quando o participante gosta da música ou do estilo de música que o *dj* toca, torna-se possível a existência de vínculos sonoros. A dança é uma forma de comunicação e expressão da paixão que o corpo sofre quando afetado pela música, por outros corpos ou por substâncias lícitas ou ilícitas.

Os ancestrais do homem antes de desenvolver a linguagem já emitiam sequências de movimentos corporais que integrados com vocalizações eram formas de expressão e comunicação. Essas sequências formavam um modelo de movimentos e gestos que juntos poderiam ser encarados como dança. (MITHEN, 2006). A dança projeta uma simbologia corporal no espaço e pode vir a promover a congregação entre os corpos, pois é elemento das relações sociais. O que se vê em uma pista de dança é um quadro de interação, em que os movimentos de um entram em sincronia, na maioria das vezes, com o do outro, independente de se dançar junto ou sozinho. Os dançantes se invocam, criam ritmo e coerência, a interação é uma forma de homeostase que assegura uma rigorosa interdependência entre os indivíduos presentes em um universo de sentido. A interação desenha no espaço uma harmonia simbólica que mistura gestos, posturas, deslocamentos de uns e outros. (LE BRETON, 2009). Os sinais corporais emitidos por um dialogam com os do outro, há um jogo de afetação em que os movimentos de um corpo se compõem com os de outro e provocam alterações em sua expressividade, são movimentos objetivos e expressivos. O ato de dançar reforça simbolicamente as estruturas de uma comunidade e a regulação do comportamento social, por exemplo, a função histórica de algumas danças como o minueto no desenvolvimento educativo da sensibilidade. A dança durante a história funcionou como uma válvula de segurança, para aliviar os participantes de ansiedades provenientes do feudalismo, das epidemias, da guerra, do capitalismo industrial, das marginalizações sociais. Ela libera a pressão de impulsos libidinosos, como uma expressão de fome emocional, o prazer sentido ao dançar deve aliviar a carga social,

sublimar o desejo libidinal, facilitar a função comunal ou ritualística e subverter ou reforçar uma estrutura social. (GILBERT e PEARSON, 1999).

Minha comunhão era realizada com MD1, precisava compartilhar o que estava sentindo com ele, queria afetá-lo. Durante o *set* de ALVAA⁸⁸ puxei MD1 pelas mãos e sai andando e dançando entre as pessoas para frente do palco. Nessa hora ALVAA solta um progressivo⁸⁹, não me aguentei e a segunda bala bateu com tudo e forte. Meu corpo parecia uma marionete que só obedecia aos estímulos do som, MD1 ria de mim e comentava:

– Sou mais forte que você, esse *dj* não vai me pegar, vou me guardar para Afrojack.

A afetação sonora me dominou por completo, não consegui me conter, parecia que a minha mente não tinha controle sobre o meu corpo, que era pura vibração, parte de um grande rizoma que agia em fluxos, principalmente sonoros. Era um corpo potente, porque estava alegre, feliz, uma ética da alegria me guiava na pista de dança, do mesmo modo, muitos se comportavam da mesma maneira e pulavam freneticamente. A música ordenava meu corpo, minha carne havia se tornado escrava daquele som, eu só respondia às vibrações sonoras, não conseguia pensar em nada que não fosse a música. Estava difícil para MD1 segurar, era notável, eu via momentos em que ele fechava os olhos, me mostrava os braços arrepiados, as pernas balançando de forma contida, como se realmente estivesse se controlando de algo. Eu só o provocava, dançando bastante ao seu redor, pulando e cantando as músicas no seu ouvido. Queria vê-lo estourar e soltar toda a energia que estava guardada e louca para ser descarregada. MD1 revela em mais uma gravação no banheiro:

Tá (sic) um som perfeito rolando lá fora, mas eu tou (sic) me segurando porque eu quero Afrojack, eu vim com esse intuito e estou esperando já faz muito tempo por isso. A bala está batendo, eu tou (sic) sentindo tudo, meu cérebro tá (sic) derretendo, vamos lá, vou me segurar. (MD1, 2013).

Por um momento pensamos que Afrojack não viria mais, pois ele estava previsto para tocar às 4:30 horas e já passava das 6 horas. Por meio dos celulares acessávamos à internet e na comunidade da festa no *Facebook*, os organizadores faziam *posts* ao vivo sobre o que estava acontecendo na festa, o *Twitter* também estava atualizado. Nas redes sociais a informação era de que Afrojack estava chegando e o motivo da espera era porque o voo do artista estava atrasado. A tecnologia era nossa aliada, por volta das 7 horas, muita gente já tinha ido embora, mas Afrojack estava vindo, o *dj* já estava em terras pernambucanas, a espera chegaria ao fim.

⁸⁸ Um pouco do que foi o *set* de ALVAA: <https://www.youtube.com/watch?v=JnVtRkbMJ3Q>. Acesso em: 3 de janeiro de 2015.

⁸⁹ Estilo de música eletrônica mais melódico.

Vou ao banheiro e vejo uma confusão, a briga de um rapaz com um segurança, pergunto o motivo na fila e me dizem que era porque o rapaz estava fazendo “pegação” com outros rapazes no banheiro químico, seu foco era outro, não era a música. Era visível que o rapaz, sedento por sexo, estava sob efeito de substâncias, nem todos estavam ali por causa da música, enganei-me quando generalizei que ela era a principal razão. Voltei para perto da caixa de som e encontrei MD1 pulando como se não houvesse amanhã, Afrojack acabara de entrar. Agora a bala tinha batido nele, cansou de segurar, eu também estava numa empolgação desmesurada. Eis que vejo MD2 sentado perto da caixa de som, com uma cara de destruído, já passava das 7 horas da manhã e ele estava muito cansado, olhei para ele e disse:

– Amigo segura aí, é o último *dj*, vou aproveitar agora até o máximo, o festival está acabando, agora só ano que vem.

Era notável a expressão de tristeza no rosto de MD2, com semblante de choro, me disse que tinha arrumado confusão no banheiro, que não estava muito bem e que até briga com a polícia conseguiu. Ele estava muito fora de si por causa da quantidade de substâncias ilícitas que havia ingerido, parecia ter entrado numa *bad trip*⁹⁰, a sua festa já tinha acabado. Mas para o resto das pessoas ainda não, a dança agora era imperativa para a grande maioria, os que estavam ali até aquele momento esperando por Afrojack queriam sentir o som, ser afetado por ele, alguns grupos formavam rodas e dançavam em conjunto fazendo passos em sincronia, uns pulavam abraçados, outros sozinhos. As afetações corporais e sonoras predominavam no ambiente. É importante destacar que, principalmente, no início da apresentação dos grandes *djs*, como NERVO, Hardwell, Steve Angello e Afrojack, a maioria das pessoas não dançava, apenas pulava. MD2 teve a mesma impressão:

Uma coisa que eu acho um pouco estranho é que, por exemplo, quando fui em 2008 para o *Universo Paralelo* e todas as outras festas que eu já frequentei mais antigamente aqui em Natal, o público dançava de acordo com a música, não pulava como se tivesse praticamente num show de rock, num show de axé. De um tempo pra (sic) cá e também aconteceu muito no *King festival*, principalmente durante as atrações principais do evento, o público pulava demais como se estivesse em show de rock, show de axé. Isso realmente eu acho muito, muito estranho. Os *djs* viraram grandes estrelas e acaba que o pessoal acaba se comportando como qualquer outro show que tem uma grande estrela ou uma grande banda no palco. (MD2, 2013).

⁹⁰ Traduzindo significa uma “má viagem”, no contexto das festas de música eletrônica remete a um efeito negativo que a droga causou no organismo. Geralmente associado ao estado psicológico. A *bad trip* geralmente desperta sentimentos, emoções negativas nas pessoas que a vivenciam. O corpo do usuário não se compõe com o da droga, é um mau encontro.

Durante o *set* de Afrojack via pulos se misturarem com passos de dança, cada um respondia aos estímulos da música da maneira que melhor lhe conviesse. A dança é uma das consequências de uma afetação sonora, um indivíduo quando afetado por uma música ou estímulo sonoro pode responder de diversas formas, por meio de um sorriso, de uma lágrima, de um pulo, de um frio na barriga, de um grito de alegria ou tristeza, de um beijo, de ações de forma geral. A música incita ao dinamismo, ao movimento, à ação, à expressão, à dança. A interação dos grupos e entre as pessoas numa pista de dança é um processo de comunicação e de transferência, invocando a imagem de algo que pode ser transferido de forma intacta da mente de uma pessoa para outra. Durante a apresentação de Steve Angello, eu dançava com MD1 e com as pessoas ao meu redor em sincronia, alguns agiam por repetição, a sensação que tínhamos era que o *dj* estava lendo as nossas mentes.

O fenômeno da sincronia pode ser compreendido a partir do que Maturana e Varela (2001) chamam de acoplamento estrutural, forma de interação entre o sistema e o meio que acaba por gerar fenômenos que são recorrentes, repetitivos e importantes para a manutenção do sistema. O meio produz mudanças na estrutura do sistema, que por sua vez age sobre ele, alterando-o. O acoplamento começa nas células com as trocas de íons com o meio e também pode ser visualizado em fenômenos sociais. Nos sistemas sociais há sempre um acoplamento estrutural, no sentido de que os grupos algumas vezes trocam informações por mimese, existe um desencadeamento mútuo de comportamentos coordenados que se dá entre os membros de uma unidade social. (MATURANA; VARELA, 2001). Esse processo ajuda a entender porque algumas pessoas, com gosto semelhante por um tipo de música e que compartilham o mesmo espaço de escuta, acabam agindo de forma coordenada. Judith Becker (2004) ao se debruçar sobre o conceito de acoplamento estrutural de Maturana e Varela (2001), afirma:

The interactions of groups of people in communally shared situations is often called “communication”, invoking the image of something transferred intact from one person's mind to another person's mind, or vaguely referred to as “bonding” with no explanation of the 'how' by which bonding transpires. (...) Maturana and Varela's usage extends from interactions of single cells to multicellular organisms, to groups of mammals, to include human communities. “Structural coupling” is a difficult concept but once mastered, provides a new perspective on musical groups, on rhythmic entrainment and dancing. (BECKER, 2004, p. 119).⁹¹

⁹¹ “As interações de grupos de pessoas em situações comunitariamente compartilhadas são frequentemente chamadas de “comunicação”, invocando a imagem de algo intacto transferido da mente de uma pessoa para a mente de outra pessoa, ou vagamente referido por como “ligação” com nenhuma explicação sobre o “como” que transparece a ligação. (...). O uso do conceito de acoplamento estrutural de Maturana e Varela se estende de interações de células individuais para organismos multicelulares, a grupos de mamíferos, para incluir comunidades

O que se vê é uma pista completamente afetada, a música afeta corpos que dançam, que afetam outros corpos, que afetam o *dj*, que afetam os corpos por meio da música, o círculo de afetação está criado. Quando Spinoza (1677/2010) fala de corpo, se refere ao corpo humano, ao corpo social, a um corpo sonoro, a uma ideia. Nas festas de música eletrônica é notável uma afetação entre corpos humanos/sonoros, sonoros/humanos, humanos/humanos na criação de um corpo social. Deleuze (2002) ao se debruçar sobre o pensamento de Spinoza (1677/2010) afirma que:

Um corpo qualquer, Espinosa o define de duas maneiras simultâneas. De um lado, um corpo, por menor que seja, sempre comporta uma infinidade de partículas: são as relações de repouso e de movimento, de velocidades e de lentidões entre partículas que definem um corpo, a individualidade de um corpo. De outro lado, um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que também define um corpo na sua individualidade. (DELEUZE, 2002, p. 128).

Ao afetar e ser afetado, o corpo humano recebe diferentes estímulos que possibilitam não só a ação de afetar, mas o sofrimento de uma paixão. Ao dançar, o corpo gasta muita energia e o dispêndio domina o cenário. Nas festas de música eletrônica o dispêndio caminha junto com a excitação, o corpo excitado perde, é afetado por diferentes estímulos exteriores e gera o descontrole em alguns casos. O descontrole também protagoniza essas festas que são o lugar do excesso, por excelência. Música e dança entram em consonância, mas o corpo não só obedece, ele também resiste, cansa e reage de forma inesperada. A excitação é percebida quando atinge um órgão sensorial que está ‘harmonizado’ com ela. É o grito da sensação, seu estado de efervescência, de intensificação, de potência máxima.

Há uma necessidade latente em buscar novas sensações na cultura contemporânea, Christoph Türcke (2010) fala de uma sociedade excitada e de uma busca de sensações (*sensation seeking*). As sensações descontroladamente tomam o organismo, extrapolando o corpo, dando-lhe o sentimento pleno de si e a anestesia dos sentidos, tem-se como exemplo, a quantidade de danos auditivos produzida em indivíduos nos clubes ou por meio de fones de ouvido. As sensações criam a necessidade de outras e estão a ponto de se tornar as marcas de orientação e as batidas do pulso da vida social como um todo. Há uma tempestade de estímulos que os meios de comunicação de massa provocam nas pessoas, sempre com o objetivo de

humanas. "Acoplamento estrutural" é um conceito difícil, mas uma vez dominado, fornece uma nova perspectiva em grupos musicais e rituais de transe". (BECKER, 2004, p. 119, tradução nossa).

despertar novas e diferentes sensações. Na busca desenfreada por sensações, quem não as tem, não é, não existe.

Como os sentidos são manipulados tecnologicamente, quanto mais se manipula, mais provoca-se apenas cócegas neles, tanto menos a percepção lhes pertence. Se as cócegas param, para também a sensação nelas contida. A permanência das impressões é algo constitutivo da percepção própria e a elaboração ativa de estímulos, transforma-os em fermentos de experiência própria. Os aparatos de sensação surgem como se quisessem auxiliar nessa atividade, no entanto, quanto mais profundamente penetram o sistema nervoso, tanto mais passam a organizar a percepção. (TÜRCKE, 2010). A procura por diferentes sensações aumenta, conforme o indivíduo é metralhado e excitado por máquinas técnicas sonoras, audiovisuais, visuais, etc. A publicidade e o consumo agem na lógica dos sentidos e as festas de música eletrônica não fogem a ditadura da sensação. O extremo do possível passa a ser alcançar sensações nunca sentidas, abusar dos sentidos, atingir excitações coletivas, êxtases até então nunca vivenciados. A dança é uma resposta para os estímulos sensórios, é a forma que o corpo afetado encontra de responder aos maquinismos sonoros vindos das caixas de som. O corpo drogado, excitado, maquínico, ao dançar numa festa de música eletrônica, busca dançar cada vez mais, sentir cada vez mais, aproveitar o instante ao máximo, a carne se torna uma bomba ambulante de sensações. A *sensation seeking* resulta, em última instância, no descontrole.

Durante o *set* de Afrojack, o dispêndio de energia, de corpos, era o que mais se via. Eu sentia isso, pois meu corpo não aguentava, mas meu cérebro ordenava para que eu continuasse dançando, eis que Afrojack solta o *remix Young and Beautiful*, música da cantora Lana del Rey. Não me aguentei, abri os braços, fechei os olhos e mais uma vez me encostei na caixa de som, acompanhado de MD1. Estava muito emocionado, comecei a chorar de felicidade por estar vivenciando aquele momento maravilhoso com meu melhor amigo, sempre presente comigo nas melhores baladas. Abracei-o e começamos a dançar juntos, sem se importar nem com os olhares, nem com ninguém, aquele momento era nosso, nossa *vibe* sempre em sintonia, nossa energia sempre compartilhada. Naquele momento, eram várias as festas que passavam na minha cabeça, todas as que passei com MD1, eu estava preenchido de alegria, o bem-estar tomou conta do meu corpo. Abaixo as impressões de MD1 sobre o *set* de Afrojack:

O atraso espetacular de Afrojack, aquilo ali foi quase uma prova de resistência, acho que nem no *Universo Paralelo* eu lembro de ter passado por um momento tão, tão inescrupuloso na minha vida, mas o cara arrasa né. Ficou faltando um pouco, eu senti falta da questão visual dele, porque eu fui ver as apresentações anteriores dele em outros lugares e ele tem uma coisa visual muito forte, tem uma chuva que cai, trovões, tem toda uma climatização do

lugar para poder entrar, e as músicas estão muito ligadas com a questão do vídeo. Senti falta disso, mas o som estava espetacular, fantástico, não tenho o que descrever daquele trabalho. (MD1, 2013).

Às quase 9 horas da manhã, meus pés não aguentavam mais, meu corpo não suportava mais dançar, somente sob efeito de substâncias para aguentar mais de 12 horas de festa com uma vontade que só aumentava. As pessoas ao meu redor não paravam de dançar freneticamente, não havia mais espaço próximo da caixa de som, até que Afrojack se despediu e encerrou o *set* com uma música bem conhecida, *Can't stop me*.

2.4 MÚSICA INTELIGENTE NO *DREAM VALLEY*

Depois da experiência sinestésica do *King festival*, eu e MD1 tínhamos a certeza de que precisávamos ir ao *Dream Valley*, festival de música eletrônica que acontece desde 2012 no parque Beto Carrero World, no município de Penha, litoral norte catarinense. Em 2013, o *Dream Valley* ocorreu na mesma época que o *King festival*, e geralmente o *line-up* dos festivais, em relação às grandes atrações, é similar. São poucas as diferenças, lembro que no *King festival* comentei com MD1:

- Amigo, ano que vem nada de Recife, vamos para o *Dream Valley*. Fato. Este ano Thomas Gold⁹² estará tocando lá, meu *dj* favorito e sei que você também adora ele. Já imaginou a gente escutando aquele som perfeito ao vivo?
- Aí amigo nem me fale isso, só de pensar nisso me arrepio todo.

Seguimos o ano de 2014 com o objetivo de ir ao *Dream Valley*, independente de Thomas Gold estar lá ou não. MD1 não aguentou esperar um ano e foi com o namorado para o *Creamfields*⁹³, festival conhecido internacionalmente que teve uma edição em Florianópolis, em janeiro de 2014. Thomas Gold se apresentou lá junto a outras grandes atrações da EDM mundial. Durante o festival, MD1 me ligava e mandava áudios pelo *Whatsapp* dizendo o quanto o festival era incrível e o quanto ele estava amando tudo aquilo. Na apresentação de Thomas ele me liga e diz:

⁹² Thomas Gold é um *dj* e produtor alemão de música eletrônica. Seu estilo passeia entre o *House* progressivo e o *Tech House*. Já realizou *remixes* para artistas como Adele, Lady Gaga entre outros. Um de seus principais sucessos é a música *Sing2me*. <https://www.youtube.com/watch?v=4HyXlUV9Qeg>. Para ouvir suas músicas: <https://soundcloud.com/thomas-gold>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

⁹³ O *Creamfields* nasceu na Inglaterra em Liverpool, é um dos festivais de música eletrônica mais famosos do mundo.

Cadê você aqui amigo? Isso aqui está incrível! Thomas vai colocar isso abaixo. Prepare-se para o *Dream Valley*, vamos nos passar muito. Isso aqui é o aquecimento. (MD1, 2014).

Ao ouvir aqueles áudios a vontade de ir ao *Dream Valley* só aumentava, após a ida de MD1 ao *Creamfields* nos dedicamos mais para que tudo desse certo. Começamos a pesquisar passagens, hotel e ingressos com muita antecedência. Por telefone discutíamos também sobre o que usar lá, como conseguir as balas, os doces, seja lá o que fosse. A decisão foi a de que tentaríamos conseguir a bala e/ou MD no festival mesmo, era mais fácil, apesar de mais caro. Essa era a nossa prioridade para os dois dias de festa. Com o objetivo de criar expectativa, os *djs* foram anunciados aos poucos ao longo do ano, o que gerava um misto de ansiedade e vontade, sempre me comunicava com MD1 para comentar o *line-up*. Das atrações do *King festival*, Afrojack estava confirmado novamente. Vibramos, pois o encerramento do *King festival* havia sido inesquecível e seria ótimo escutá-lo mais uma vez. Para o *Dream Valley*, nos acompanhariam o namorado de MD1, o MD8, e MD6, um amigo que não era apreciador de música eletrônica, mas estava aberto a viver uma nova experiência indo à um festival de música eletrônica. MD7, um conhecido da cidade de Campinas/SP também iria se juntar a nós em Santa Catarina. Não combinamos de ficar no mesmo hotel, eu e MD6 nos hospedamos em Balneário Camboriú, município a 37km da festa e MD1 e MD8 em Penha, cidade onde aconteceu o *Dream Valley*.

Compramos os ingressos pelo site do festival e os recebemos pelo correio, a pista VIP foi escolhida por dar acesso à frente do palco (*frontstage*) e às caixas de som, MD1 e eu adorávamos curtir o som próximo a caixa, o ingresso custou 245 reais, cada dia. Os valores variavam de 155 a 590 reais para as pistas normal, VIP ou camarotes. Cheguei à Florianópolis um dia antes, o objetivo era aproveitar um pouco da cidade de Balneário Camboriú. Era perceptível a presença da música eletrônica em vários lugares da cidade, nos bares da praia, no taxi, em carros que trafegavam com volume do som elevado, etc. Perguntei ao taxista se isso era comum, se era por causa do festival que ia ter na cidade, ou apenas coincidência. Sua resposta foi a de que as pessoas de Florianópolis e regiões próximas e turísticas, como Balneário Camboriú, ouviam com frequência o sertanejo e o eletrônico e que esses estilos fazem parte da cultura musical do estado. A cidade e os municípios adjacentes respiravam as batidas eletrônicas, havia uma ambiência sonoro-eletrônica que povoava o ambiente, pois naquele espaço urbano a música eletrônica era a protagonista.

Deleuze (1998), ao citar Nietzsche em um dos seus textos, faz uma apologia à inteligência *Techno*. Os autores defendem o lugar da música eletrônica no mundo

contemporâneo ao trazer as problemáticas do tempo, do silêncio, da síntese e da técnica. A música eletrônica é uma produção sonora de terceiro tipo, em que a relação homem-máquina/órgãos-silício produz novas músicas técnicas como puros blocos de tempo ou cristais de tempo. Para Nietzsche, o homem da extrema modernidade é o homem técnico e a diferença entre o sujeito e máquina é turva. O ser humano está cada vez mais ligado às máquinas, sintetizadores, há uma conexão do biológico com o silício, em que se pode falar de uma conexão social, no sentido atribuído por Latour (2012). É possível falar de um homem sintético.

A música inteligente, da inteligência *Techno*, é filha legítima da produção sonora a partir de uma matriz intensiva onde o silêncio com intensidade zero distribui os elétrons e as vibrações das partículas. O barulho de fundo do choque dos elétrons é literalmente a matéria prima de toda a produção sonora, o silêncio é o grande ordenador do plano de composição e do plano de consistência sonora, pois ele precipita as densidades. (DELEUZE; MANGANARO, 1998). Em geral, o silêncio é um elemento fundamental da música, pois os tempos aleatórios, o vazio, são partes constituintes.

Deleuze e Manganaro (1998) dizem que essa seria a música inteligente, pois os modos expressivos do silêncio seriam uma maneira de fratura do tempo. Nas festas de música eletrônica, principalmente festivais e *raves*, há algo que remete ao cosmos, os músicos se lançam na busca de forças sonoras inaudíveis que compõem um ambiente cósmico puramente acústico. Nesse processo de produção sonora, a música eletrônica exprime no seu mais alto grau a temporalização do mundo, a densificação das impressões de sensações e a simultaneidade de linhas de realidades conexas múltiplas. O cosmos é sonoro e a Terra é sua música. (DELEUZE; MANGANARO, 1998). É como se os *djs* buscassem reproduzir o som cósmico, que os físicos chamam de barulho de fundo, irradiação original ou choque de elétrons. Fala-se de uma produção sonora abissal que remete a uma dimensão temporal e espacial e remete ao som do cosmo a sua dimensão e expansão. A música eletrônica é o ponto sintético futuro, ela prefigura o processo das sínteses futuras.

Saímos, portanto, do canto e dos agenciamentos para entrar na idade da Máquina, imensa mecanosfera, plano de cosmicização das forças a serem captadas. Exemplar seria o procedimento de Varèse, na alvorada desta era: uma máquina musical de consistência, uma máquina de sons (não para produzir os sons), que moleculariza e atomiza, ioniza a matéria sonora, e capta uma energia de Cosmo. Se essa máquina deve ter um agenciamento, será o sintetizador. Reunindo os módulos, os elementos de fonte e de tratamento, os osciladores, geradores e transformadores, acomodando os microintervalos, ele torna audível o próprio processo sonoro, a própria produção desse processo, e nos coloca em relação com outros elementos ainda, que ultrapassam a matéria sonora. (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, pp. 168-169).

A música inteligente/sintética/eletrônica comandava a 3ª edição do *Dream Valley*, que já era considerado o maior festival de música eletrônica da América latina. O festival aconteceu nos dias 14 e 15 de novembro de 2014, no Beto Carrero World, onde até uma hora da manhã de cada dia alguns brinquedos estavam disponíveis para uso. A estrutura era gigantesca, mais de três toneladas de equipamentos eletrônicos, um palco com 60 m de comprimento por 15m de altura, a iluminação continha 311 mil watts de potência, o destaque visual estava nos 400m² de LED *Full HD* distribuídos em todo o palco. Havia duas pistas, o *Dream Stage*, dedicada aos *djs* comerciais e o *Mystic Stage* voltada para os *djs* da cena *underground* e três praças de alimentação, com local especial para portadores de necessidades especiais. A área dos bares e banheiros foi ampliada em relação às edições anteriores, com 14 estabelecimentos e 210 banheiros. Tudo era espetacular, chamativo, de acordo com a intenção dos produtores de convocar os sentidos dos participantes. Eis algumas das impressões de MD6 sobre a estrutura do festival:

Em relação à estrutura, fiquei realmente impressionado, nunca tinha visto uma estrutura como aquela assim, um lugar muito bem organizado. Foi no Beto Carrero, o palco estava muito bem montado, era gigante, a iluminação muito legal, o som em si estava bom, a praça da alimentação estava bem grande, tinha bastante coisa, tinha uma loja de roupas e tudo mais, não tinha só uma pista, tinha a principal e a alternativa, que era coberta. Só achei o lugar um pouco aberto demais. Não tinha muito lugar para se refugiar quando chovia, estava em época de chuva. Banheiro tinha bastante, tinha o suficiente para todo mundo. Não foi um evento que a gente ficou fazendo fila para fazer as coisas. Deu para fazer tudo com bastante calma. (MD6, 2014).



Figura 6 Palco iluminado no 1º dia do Dream Valley

Na primeira noite do festival no *Dream Stage*, as principais atrações nacionais eram Repow, Rodrigo Vieira & Paciornik e Felguk, dupla de *djs* conhecida internacionalmente. Entre os representantes internacionais estavam Tommy Trash, australiano, representante do *Electro house* e já nomeado ao Grammy; R3hab, *dj* e produtor musical holandês, seu estilo passeia entre as vertentes da *House Music* e é um dos criadores do *Dutch House*. Por fim, as atrações mais esperadas da noite, os holandeses Afrojack e Nicky Romero. No espaço *Mystic*, as atrações eram Elefantz, atração nacional; Matador, de terras irlandesas; Júlio Bashmore, da Inglaterra; Maya Jane Coles do Reino Unido; Amine Edge & Dance da França; e Boris Brejcha e Chris Liebing, ambos da Alemanha.

Quando eu e MD6 chegamos ao local do evento, MD1 já estava lá e tentei entrar em contato com MD7, todavia seu celular estava fora de área, eu sabia que ele tinha comprado o ingresso para a pista normal e pretendia procurá-lo; de qualquer forma ele estava ciente sobre a gravação das suas impressões durante a festa. Até chegarmos as duas pistas, andamos quase 1km atravessando boa parte do Parque Beto Carrero, que tinha alguns brinquedos funcionando. Havia um pequeno túnel iluminado por dentro com luzes de LED que mudavam de cor e um robô na entrada que anunciava a temática do *Dream Valley* como o “Intergaláctico”. Os idealizadores anunciavam o festival como “a maior festa da galáxia”.

Ao me aproximar do palco, a dimensão da estrutura era algo impressionante, telões acima do padrão, qualidade de som apuradíssima e muita gente, por volta de umas 20 mil pessoas, a maioria jovens entre 18 e 30 anos. Encontrei com MD1 e o namorado imediatamente, estavam perto do palco, como previsto. Tommy Trash tocava um *House* bem comercial, com batidas fortes e marcantes, ao colocar a música Ladi Dadi⁹⁴, seu próprio *remix*, as pessoas pulavam bastante com os braços levantados. O seu *set* ainda passou por clássicos da música internacional como o *hit* dos anos 1980 *Forever Young* do grupo Alphaville⁹⁵. Comecei a me animar; MD1, um pouco; MD8 quase nada e MD6 ainda estava deslumbrado com o espetáculo visual. Em seguida MD1 me chamou para ir procurar balas, doces e derivados. Na pista normal, procurei MD7 para ver se o via, mas nada. No entanto, encontramos um rapaz fantasiado, cuja roupa era uma mistura de bobo da corte, palhaço e coringa. E MD1 comenta comigo:

–Amigo acho que esse palhaço é o fornecedor de “alegria” da festa.

⁹⁴ A música pode ser escutada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=w-Db9Br9DO8>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2015.

⁹⁵ A versão original da música pode ser escutada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=t1TcdHrkQYg>. Acesso em: 7 de fevereiro de 2015.

Rio e concordo com o comentário, algumas pessoas próximas ao rapaz dançavam muito, ele pouco. MD1 aborda um jovem próximo e pergunta se tem bala, MD ou qualquer coisa do tipo. Estávamos certos, o rapaz foi falar com o palhaço e compramos duas balas e um pouco de MD. MD1 ficou com as balas e eu com o MD, dilui um pouco em uma garrafa de água mineral para eu e MD6 irmos bebendo no desenrolar da noite. Na procura por MD7, resolvi dar uma passada no *Mystic Stage* e escutei um *mash-up*⁹⁶ envolvendo o clássico *Erotica*⁹⁷ da Madonna. Não recordo qual *dj* tocava no momento, mas fiquei surpreso, pois não esperava de forma alguma escutar Madonna no *Mystic Stage*. Ao voltar a pista principal *R3hab* tocava, comecei a tomar um pouco do MD e a observar o comportamento das pessoas ao redor e notei que MD1 não parecia à vontade ao lado do namorado, pois não vibrava muito com as músicas. Chovia um pouco e não havia muita empolgação por parte de MD6 e MD8. Parecia que as drogas não tinham batido, pois mesmo sob o seu efeito, eles não gostavam do som. Mais uma vez a conclusão de MD1 era reiterada: o que bate é a música. No outro dia MD6 comentou comigo:

Foi legal, foi bacana, mas eu não tive a mesma experiência que as pessoas que estavam lá tiveram. Para mim foi legal, mas ficou faltando alguma coisa naquela festa. Eu até tentei preencher entrando na onda de usar droga. A gente acabou usando MD diluído na água e foi muito engraçado porque eu já tinha tido a experiência antes numa situação completamente diferente em que eu estava com um grupo de amigos em um ambiente mais controlado, a música era mais do meu agrado e foi uma experiência muito boa, eu fiquei muito bem, a noite toda sem oscilar. Agora, nesse evento eu não consegui, não sei. (MD6, 2014).

R3hab termina a sua apresentação e entra *Afrojack*, nesse momento as pessoas próximas se empolgaram. Vi que MD6 e MD1 dançavam um pouco, mas MD1 e MD8 decidiram ir embora mais cedo, MD1 disse que não estava tão animado assim. Achei estranho, mas tudo bem. *Afrojack* abriu o *set* com a música *Ten Feet Tall*⁹⁸ e as pessoas próximas começaram a se animar, entrei na *vibe* deles. Era interessante como a iluminação estava em consonância com as batidas da música e como as pessoas respondiam aos estímulos visuais e sonoros, pulando, dançando ou cantando. Entretanto a *vibe* não era a mesma para todos, MD6 não estava curtindo o som, poucas músicas o animavam. Ainda que estivesse em um ambiente de muita empolgação, as afetações sonoras não fizeram o seu corpo vibrar.

⁹⁶ Mistura de duas músicas de fontes diferentes.

⁹⁷ Videoclipe oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=WyhdvRWEWRw>. Acesso em : 9 de fevereiro de 2015.

⁹⁸ A versão original da música: https://www.youtube.com/watch?v=bltr_Dsk5EY. Acesso em : 9 de fevereiro de 2015.

Achei o comportamento do pessoal bem diferente. Você via, claro, alguns grupos que iam juntos, mas via a galera muito sozinha, muito sem interagir com os outros. Esse evento me deu a impressão de que é diferente da boate, da balada normal da cidade, porque as pessoas vão lá pela música mesmo, a música não é só mais um elemento e talvez por isso eu não tenha me encaixado, por isso que as pessoas usam até a droga né?! Na minha cabeça acho que usam drogas porque querem curtir o barato da música e tudo mais e eu até acho que esse tipo de droga que se usa, uma coisa mais interpessoal, mais interna, você não interage muito, você fica lá se passando com a música, é uma experiência muito pessoal, não é em grupo, não é compartilhada, na minha visão. Então, eu achei o ambiente meio frio assim, era muita gente, mas você via que não tinha interação. Eu não vi ninguém paquerando, pouquíssimas pessoas ficando, gays menos ainda, mas tinha alguns casais que a gente viu. Eu achei o ambiente mais frio, mais independente, cada um na sua. (MD6, 2014).

MD7, que estava na pista normal, teve uma opinião similar em relação à música e divergente em relação às interações:

Em relação ao comportamento das pessoas eu diria que foi bem típico de festival de música eletrônica, não vi ninguém brigando, nem querendo brigar, nada de confusões, muito pelo contrário, as pessoas foram para curtir a música, algumas pessoas pareciam que estavam numa micareta porque ficavam pegando as outras e se beijando. Achei engraçado essa parte porque eu nunca imaginei ver isso num festival de música eletrônica. Foi uma coisa inesperada da noite. Eu esperava que as pessoas iriam fritar sem ligar umas para as outras. Só fritar e pronto. (MD7, 2014).

De fato, em alguns momentos via pessoas dançando e pulando como mostram os vídeos, mas nas pessoas que estavam próximas a mim, na pista VIP, não era notável as afetações sonoras entre elas. A partir do que via, a música parecia não afetar aqueles indivíduos, eu não enxergava expressividade naqueles corpos. Perto de mim não via muito empolgação, a resposta para isso talvez seja o fato da música não estar agradando muito, quem sabe também a chuva tenha ajudado a desestimular o público. Afinal, como MD1 já disse: “Não é a droga que bate é a música” e quando a música “bate”, as afetações sonoras acontecem. Provavelmente a música não tenha “batido” nos que estavam perto de mim. Ainda assim, segundo MD7, não faltaram afetações corporais na pista normal. A impressão que tive era que na pista normal os participantes dançavam e interagiam mais e isso não quer dizer que na pista VIP as pessoas estavam paradas, elas apenas dançavam menos. Independente do grau de interações diferenciado entre as pistas normal e VIP (*frontstage*), MD6 e MD7 tinha razão em algo, a maioria das pessoas estavam ali pela música, pelo som, pelo *dj*. Pois a maioria conhecia o *line-*

up, as principais canções de cada *dj*, o estilo que cada um tocava e, alguns, até o tipo de droga que se deve usar para cada som. MD7 comentou sobre isso:

Um dos caras que conheci no festival e que estava no mesmo *hostel* que eu, usou bala e ficou bem aéreo, foi um pouco engraçado. Eu lembro de uma cena muita engraçada que foi assim: um cara apareceu na frente da gente, do grupo que eu estava, com a máscara do Dimitri Vegas⁹⁹ eu acho; sim, eu não conhecia quase nenhum *dj* e esse moleque apareceu com essa máscara na frente da gente e ele começou a dançar lá e, estava obviamente drogado, ele começou a dançar e começou a falar para meu outro colega que tinha usado bala e quais eram os tipos de bala que deveriam ser usadas para cada *dj*, eu achei bem interessante e acho também que ele deveria estar vendendo alguma coisa. (MD7, 2014).

Depois de MD7 ter me dito isso, fiquei me perguntando se não era o palhaço que MD1 e eu havíamos encontrado na pista normal. Já passava das 4 horas da manhã quando MD6 disse que estava cansado e iria sair um pouco da pista para sentar-se.

– Sei que você está curtindo bastante, pode ficar aí que irei me sentar ali naqueles bancos.

Acatei a sugestão na hora e como de costume fui para perto da caixa de som. Lá vi três rapazes que pareciam se entregar ao momento e dançavam muito. Por outro lado, havia uma moça parada perto da caixa de som que parecia não estar gostando muito, estava de olhos abertos, não dançava. Nem todos estavam na mesma *vibe*, apesar da pista estar inflamada¹⁰⁰. A música não estava “batendo” em alguns, como não bateu em MD6. A apresentação de Afrojack foi boa como se esperava, mas no *King festival* suas músicas “bateram” em praticamente todos que estavam lá.

É interessante destacar que embora a maioria dos corpos estivesse expressando alegria por meio da dança, às vezes, dava a impressão de que o que se vivia era um momento de solidão conjunta. A tristeza também faz parte da festa, por mais que não seja claramente expressa, a moça parada perto da caixa de som não expressava euforia; MD6 não conseguia se relacionar com a música; no final do *King Festival* MD2 foi acometido por uma espécie de tristeza, depois da confusão no banheiro. Esses são alguns exemplos que presenciei, mas a alegria não é uma constante em festas de música eletrônica, apesar de predominar, a tristeza é um elemento que se deve considerar. É bem comum em festivais e *raves* em geral, algumas pessoas terem *bad*

⁹⁹ Atração principal do segundo dia do *Dream Valley*.

¹⁰⁰ Um pouco da apresentação de Afrojack pode ser vista neste vídeo amador feito por um dos participantes da festival: <https://www.youtube.com/watch?v=fTJQtC1I02k&hd=1>. Acesso em: 21 de março de 2015.

trips, o corpo não consegue se relacionar com a música e a droga “bate” errado, causando sensações de tristeza, melancolia, agonia, mal-estar e até desespero, em alguns casos.

Apesar da empolgação do público estar menor durante o *set* de Afrojack no *Dream Valley*, em relação ao *King festival*, algo me surpreendeu. Já passava de mais de 2 horas de *set* quando Afrojack encerra sua apresentação no *Dream Valley* com seu clássico *Can't stop me*, foi um espetáculo à parte, as pessoas cantavam, a letra da música era lançada no telão, o *dj* saía da cabine e subia em cima dela, com o objetivo de aumentar a interação com o público¹⁰¹. Começou a cair uma leve chuva na entrada de Nicky Romero, o público se animou, mas já passava das 5 horas da manhã e MD6 estava realmente cansado. O cansaço era visível nos seus olhos e no seu desânimo, o MD parecia não ter batido muito bem nele, ainda que fosse uma droga cuja função é deixar o indivíduo alegre, leve e empático, dessa vez isso não havia acontecido. Eu ainda estava animado, mas começava a cansar também. Decido ir embora com MD6 e para chegar ao local do transporte eram 20 minutos de caminhada, durante o percurso eu ia ouvindo as músicas que o *dj* tocava. Nicky Romero tocou a música de sucesso *Blame*¹⁰², do produtor e *dj* Calvin Harris, e a vibração e empolgação da maioria era notável; tocou também clássicos de bandas como Nirvana, Prodigy e Eurythmics que povoaram a sua apresentação. Apesar de não ter encontrado com MD7 durante a festa, segue o seu relato sobre o final do primeiro dia de *Dream Valley*:

Terminei extremamente cansado porque eu fiquei até o final, até de manhã. Pela manhã ainda tinha muita gente dançando loucamente, freneticamente. Como eu não consumi nada eu estava bem, bem cansado, mas fiquei ainda assim até o final. (MD7, 2014).

Quando sai do festival, o sol já tinha nascido. A música tinha me afetado de forma ativa naquela noite, confesso que esperava um pouco mais depois da experimentação ocorrida no *King festival*. Olhei para trás, vi o nome *Dream Valley* e prometi a mim mesmo que no segundo dia iria procurar dançar mais, aproveitar mais, me sociabilizar mais com as pessoas e objetos ao meu redor.

¹⁰¹ Eis o momento: <https://www.youtube.com/watch?v=6Z9vpKvUvmg&hd=1>. Acesso em: 21 de março de 2015.

¹⁰² Videoclipe oficial: https://www.youtube.com/watch?v=6ACl8s_tBzE. Acesso em: 12 de abril de 2015.



Figura 7 Entrada e saída do Dream Valley

2.5 O OUVIDO SINTÉTICO

No *King festival* e no *Dream Valley*, me fez pensar na importância da música, especialmente a eletrônica, para o mundo atual. Trata-se de posicionar o ouvido como um operador epistemológico para pensar esse “ser” que está sendo formado pelas festas de música eletrônica baseado em uma ontologia do ouvir. A música inteligente/sintética não estaria criando um ouvido também sintético?

Nietzsche (1677/2014b)¹⁰³ disse uma vez que Spinoza (1677/2014b) fez do conhecimento o mais poderoso dos afetos. Nesse sentido, o intuito aqui é elevar o ouvido a condição de um órgão capaz de conhecer, entender e interpretar: o mundo, as coisas, a sociedade e a cultura. Por meio das afetações sonoras o ouvido “descobre” o mundo, o ambiente “revela-se” para nós, por meio dele é possível ler a paisagem sonora que nos cerca. A música é um indicador da época, para os que sabem ler suas mensagens sintomáticas, é um modo de reordenar acontecimentos sociais e até políticos. O ambiente sonoro geral de uma sociedade e de uma determinada cultura pode ser lido como um indicador das condições sociais e culturais

¹⁰³ A citação de Nietzsche se encontra no livro: Spinoza – Obra Completa II – Correspondência completa e vida – J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano, Organização. São Paulo: Perspectiva, 1677/2014b. 1ª edição.

que o produzem e nos contar muito a respeito das tendências e da evolução dessa sociedade e cultura. (SACKS, 2001).

Na análise do filósofo Peter Sloterdijk (2008) o ouvido sempre foi deixado de lado pela filosofia como tema filosófico, a filosofia ocidental da luz e da vista teve seu apogeu na época de Platão e Hegel, a visão sempre foi considerada como a forma de apreensão cognitiva e de realização de contato do homem com o mundo, há uma centralidade da visão para entender o sujeito. Vivemos no mundo da visualidade, o som não tem tanto poder valorativo frente à imagem, a cultura e a sociedade contemporânea não reconhecem a potencialidade do som nas nossas vidas, colocando-o em segundo plano. Norval Baitello (1997) questiona se não estamos nos tornando surdos nesta civilização da visualidade, se não estamos nos obrigando ou sendo obrigados a esquecer que ouvimos em função de sermos forçados só a ver e a enxergar o tempo todo. O som tem uma qualidade tátil, sua recepção não se dá apenas pelo tímpano, mas pelo nosso maior órgão, a pele. Nesse sentido, a audição¹⁰⁴ é uma operação corporal. O som é vibração que atua sobre a pele, é possível dizer que toda voz e som é um tipo de massagem sutil, uma estimulação tátil. O principal canal de propagação do som é o ar, o da imagem é a luz. O ar, quando vibra na produção do som, excita a pele; a luz só o faz quando se transforma em calor. Não obstante, nem sempre a luz se transforma em calor, pois a imagem luminosa do cinema, do celular, da televisão e do computador não se transforma em calor. Portanto, não atua sobre o corpo todo e não produz estimulação tátil, pois não vibra. As vibrações sonoras agem sobre a nossa pele e afetam o nosso corpo por inteiro, sem vibração não há afetação sonora e a audição perde o seu sentido.

O sentido da audição não pode ser desligado à vontade. Não existem pálpebras auditivas. Quando dormimos, nossa percepção de sons é a última porta a se fechar e é também a primeira a se abrir quando acordamos. (...). A única proteção para os ouvidos é um elaborado mecanismo psicológico que filtra os sons indesejáveis, para se concentrar no que é desejável. Os olhos apontam para fora; os ouvidos, para dentro. Eles absorvem informação. (SCHAFER, 2001, p. 29).

¹⁰⁴ A audição é considerada o sentido difícil – lento para se desenvolver, repetidamente rebatido por desenvolvimentos evolucionários, em dependência constante dos mais intrincados e frágeis estruturas mecânicas do corpo. A audição teve um florescimento tardio em seu desenvolvimento, seguindo-se à visão, ao toque e ao paladar, já bem estruturados. O ouvido externo, órgão par da audição e do equilíbrio, massa elástica de protuberâncias e dobras, é apenas um dispositivo para canalizar o som para o verdadeiro ouvido – o interno -, que fica fortemente enraizado na cabeça. A parte de dobras e externa do ouvido, a orelha, é chamada de *pinna*, termo latino que significa “pena”. A principal função da orelha é amplificar o som, ao vertê-lo no canal do ouvido. O som, resultado da colisão de moléculas entre si, é também uma espécie de experiência que o cérebro extrai do seu meio ambiente. As moléculas vibrantes que transmitem a música para nossos ouvidos não “contém” sensação, apenas padrões. Quando o cérebro é capaz de modelar um padrão, surge a sensação significativa. (JOURDAIN, 1998). Esse padrão é construído socialmente e culturalmente.

Ao absorver informações, somos afetados pelo mundo, conhecemos o mundo através dos nossos ouvidos. A afetação sonora é um modo de conhecimento. A audição é uma das formas de apreensão do mundo. “Que tipo de alteração acontece em nossa percepção ao colocarmos o sentido da audição em primeiro plano? ”, “Como nossa percepção de mundo é alterada a partir do que a gente ouve e não do que a gente vê? ” O ato de ouvir pode significar ir ao encontro do mundo ou fugir dele. O mundo do olho é o da distância, para ver algo o vidente tem de estar a uma distância aberta face ao visível. Este estar espacialmente afastado sugere a pressuposição de um abismo entre sujeitos e objetos, que tem um peso não apenas espacial, mas também ontológico. O ser vidente está à margem do mundo, como um olho sem-mundo incorpóreo perante um panorama. Já a audição se realiza no ser-em-som, o ouvinte não está à margem do audível, o ouvido não cria nenhuma vista frontal de objetos distantes, pois só há mundo e objetos na medida em que se está no acontecimento acústico, na medida em que se flutua ou mergulha no espaço auditivo. (SLOTERDIJK, 2008).

A música pode provocar o encontro ou a fuga do mundo, o diferencial da música eletrônica está em sua estrutura, uma música essencialmente tecnológica. Em um mundo dominado predominantemente pela tecnologia, não estaria essa música inteligente construindo um ouvido tecnologizado? A paisagem sonora vem mudando com o tempo, os sons de hoje são industriais e tecnológicos. O som industrial é caracterizado pelo aumento da sua potência, os sons tecnológicos/industriais/maquímicos têm a potência elevada, é um som imperialista, dominador. Nas festas de música eletrônica, que operam como fractais dessa cultura sonora tecnológica, a música é ouvida em uma potência elevada, as afetações sonoras são intensas. Muitas pessoas passam horas com seus *i-phones*, *i-pods*, escutando música em um volume altíssimo, nas academias é comum ver jovens malhando com seus fones de ouvido. De maneira recursiva a tecnologia se apropriou do ouvido e o ouvido da tecnologia.

Um ouvido que seria consequência do desenvolvimento da cultura contemporânea e de um mundo sonoro cada vez mais tecnológico, protagonizado pela música eletrônica. O ouvido sintético é o ouvido da música inteligente, do homem ciborgue, resultado dos maquinismos tecnológicos, ele suscita uma nova relação de apreensão do mundo, mediado pela tecnologia, pelos sons tecnológicos e também pela música eletrônica.

3 AFETAÇÕES SOCIAIS

3.1 QUE SOCIAL É ESSE?

No segundo dia de festival MD6 decidi que não iria, pois teve problemas com uma leve “*bad*”¹⁰⁵ quando chegou ao hotel e não estava disposto; as suas afecções haviam sido negativas. Ele comentou sobre a combinação entre a droga e a música eletrônica, da perspectiva do seu corpo:

Eu particularmente acho que não é para mim esse tipo de experiência. Minha mente não consegue se abrir para a droga dessa forma, eu fiquei muito tenso. Fui aberto, mas a minha visão não coincidiu e eu não conhecia os *djs* também, só conhecia o Afrojack de ouvir falar e gostei de uma ou duas músicas. Pra (sic) mim não dá para eu estar num evento onde os elementos principais são a música e a droga. Eu não tinha afinidade com a droga e nem com a música, então para mim não dava. Talvez se a música fosse outra, como aconteceu na primeira experiência que eu tive, que a música era do meu agrado aí a droga fez um efeito completamente diferente na minha cabeça, a música faz realmente a diferença nesse sentido. E também por eu estar com muitos amigos da outra vez que usei, perto de casa, num ambiente que eu conhecia, tudo isso deixou minha cabeça um pouco mais tranquila. Agora nos fatores que estavam lá: muito longe, Florianópolis, um lugar que eu senti uma certa frieza e tudo mais, eu não consegui me sentir tão à vontade assim, mas ainda assim foi uma experiência boa na época porque foi uma viagem eu estava acompanhado, foi muito marcante, foi muito bom, mas assim, o evento, a festa em si, embora não tenha sido ruim, eu não digo que foi uma boa experiência. (MD6, 2014).

Quando percebi que MD6 não iria mesmo, liguei para MD1 e disse que me encontraria com ele e MD8 no evento, pedi que eles não deixassem de ir para que eu não ficasse sozinho. Entrei em contato com MD7 e lhe disse que realmente precisávamos nos ver, já que não o tinha encontrado no dia anterior. Combinamos de nos encontrar na tenda da Colcci às 23hs. Eis que começa minha jornada a caminho do *Dream Valley*, na noite anterior tínhamos ido em uma Van que saiu do Hotel por volta das 19hs, mas no segundo dia decidi ir de Táxi e combinar o preço da ida e volta com o taxista, assim poderia ir às 22hs, horário que eu achava mais conveniente. O percurso levaria em torno de meia hora e o taxista me garantiu que nesse horário não haveria trânsito, em virtude da maioria das pessoas terem ido mais cedo ao festival e naquele dia haver

¹⁰⁵ Maneira popular e comum de chamar a *bad trip*, termo (gíria) que representa as sensações fisiológicas e psicológicas desagradáveis provocadas pelo uso de substâncias psicoativas durante os efeitos psicotrópicos.

outra grande festa de música eletrônica no clube *Warung*, com *djs* internacionais, numa direção oposta à que estávamos indo. Santa Catarina parecia respirar música eletrônica com duas grandes festas no mesmo dia, algo raro na região Nordeste, principalmente em Natal. Seguimos em direção ao festival e nos deparamos com um engarrafamento que travava toda a Avenida, havia acontecido um acidente de carro e a pista estava interditada, ninguém passava. O taxista me diz:

– Do jeito que está aqui não chegaremos lá nunca. Acabei de falar com colegas de trabalho e eles me disseram que não tem previsão de liberarem a pista, temos que ir de balsa.

–Tudo bem moço. Agora me deixe lá, por favor. Não importa o meio.

Liguei para MD1 e MD7 e os avisei que iria me atrasar devido ao imprevisto, mas fiquei empolgado ao saber que pegaria uma balsa para chegar ao festival. Durante o caminho em direção à balsa tocava música eletrônica no carro, pedi ao taxista para parar num posto e comprei uma bebida alcoólica, fui bebendo e curtindo o som o tempo todo. Minha prévia foi no táxi. Naquele momento, várias eram as coisas que me afetavam, a conversa sobre música eletrônica, o som do carro tocando um *electro* bem pesado e a bebida que entrava em meu corpo. Esses vários objetos agiam em consonância para aumentar minha experimentação naquele lugar.

De acordo com Bruno Latour (2012), os objetos são atores¹⁰⁶ sociais e desempenham papéis em nossa sociedade, pois formam conexões e associações com outros objetos, pessoas, animais ou outras coisas. Durante as conexões e associações momentâneas eles assumem diferentes formas, são elementos não humanos. No percurso da ação vão surgindo novos atores sociais e diferentes conexões, assim vai se formando a sociedade, ou melhor, um coletivo entre humanos e não humanos que compõem um mapa heterogêneo de atores sociais. Em um supermercado pode-se chamar de “social” não a gôndola ou uma ala específica, mas as diversas modificações feitas no local para a exibição dos produtos – embalá-los, etiquetá-los, colocá-los preço – pois são essas pequenas alterações que mostram ao observador quais combinações novas foram exploradas e que caminhos serão seguidos. A sociologia clássica costuma restringir o conceito de ator social aos seres humanos ao afirmar que os atores sociais são os indivíduos que desempenham papéis legitimados como sociais. A intenção aqui é extrapolar um pouco essa definição trazida pela sociologia clássica e ir na direção conceitual de Latour (2012). A primeira acepção da palavra é “seguir”. A sua genealogia tem como significado

¹⁰⁶ Ator aqui é compreendido não como fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que alastram em uma direção. É um ator-rede. (LATOUR, 2012).

primeiro “seguir alguém” e depois “alistar” e “aliar-se”. Social pode abranger também objetos, animais, coisas não-humanas, basta que tenham a capacidade de associar-se e desassociar-se.

Na direção de Latour, Lazzarato (2014) fala da importância dos não humanos na construção de subjetividades, máquinas e objetos perdem sua “objetividade” e se tornam capazes de construir vetores de “protosubjetivação” ou focos de “protoenunciação”. Quando os não humanos procedem desse modo significa que eles sugerem, capacitam, solicitam, incitam, encorajam e impedem certas ações, pensamentos e afetos ou promovem outros. Humanos e não humanos podem agir conjuntamente ou de forma independente, ação sobre ação. Há expressão na produção da ação porque põe em jogo subjetividades que vão além do indivíduo e implica um ser, um conhecer e um agir como diz a filosofia spinozista. “Não humanos contribuem tanto quanto os humanos na definição, no enquadramento e nas condições da ação. Age-se sempre dentro de um agenciamento, um coletivo em que máquinas, objetos e signos são ao mesmo tempo ‘agentes’”. (LAZZARATO, 2014, p. 32). No táxi, os não humanos me afetavam, se combinavam com meu corpo. Conexões surgiam com a música do carro, a bebida, o táxi, o cenário ao meu redor; todos esses elementos agiam sobre mim, me afetavam e se conectavam comigo. Meu desejo era chegar logo ao festival, o desejo era o afeto que me movia e impulsionava. Como afirmava Spinoza (2014a)¹⁰⁷, o desejo é uma inclinação da mente para qualquer coisa que ela escolha como boa e minha inclinação naquele momento era o *Dream Valley*.

Há uma relação direta entre os afetos e a dimensão do social, o corpo reage ao se conectar ou associar a outro corpo, humano ou não, e das conexões entre esses corpos surgem afecções que, às vezes, se transformam em afetos. Os atos de conectar-se e associar-se são o social acontecendo. O social e os afetos se entrelaçam durante as associações, porque o afeto também é uma ação, uma transição de estados corporais e uma passagem. É possível dizer que todo afeto é social, mas que nem todo social ou associação/conexão é afeto. Certas conexões entre objetos não resultam em afetos, visto que a dimensão afetiva/sentimental é inerente aos seres humanos, todavia os objetos podem afetar ou agir sobre outros. Nesse sentido, pode-se falar de uma afetação social entre não humanos, porquanto envolve a ação de afetar e a associação entre eles.

A afetação social corresponde ao processo de conexão entre seres humanos e não humanos, dos humanos entre si e dos não humanos – nesse caso a dimensão afetiva envolve apenas a ação de afetar –. As afetações sociais podem provocar relações de composição e

¹⁰⁷ Spinoza – Obra Completa I – (Breve) Tratado e outros escritos – J.Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano, Organização. São Paulo: Perspectiva, 2014a. 1ª edição.

decomposição, resultando em expressões de alegria ou tristeza, depende do tipo de conexão que é estabelecida. No caso das afetações sociais entre não humanos, as conexões se restringem apenas as ações e combinações, com exceção de alguns animais que são capazes de expressar alegria e tristeza, etc. A afetação social pode também ser sonora quando o objeto que me associa é musical e corporal quando outro corpo humano me afeta. De modo que toda afetação corporal é social, mas nem toda afetação social é corporal.

Eu ansiava por conexões quando chegasse ao Beto Carrero, a conversa sobre *djs* e música eletrônica com o taxista fluía durante o percurso, ele realmente entendia do assunto. Quando chegamos na balsa havia uma fila imensa, afinal era único meio de se chegar ao parque. No meio da fila, o taxista recebe uma ligação de um colega de trabalho informando a liberação da pista. Ele, que já estava ficando nervoso e me deixando também, bateu no carro da frente. Pensei na hora: perdi a festa! No entanto, a batida tinha sido leve e não causou nenhum dano, de modo que fomos embora sem discussões ou desentendimentos. Voltamos à estrada principal que estava liberada. Uma mistura de emoções surgia dentro de mim, o medo¹⁰⁸ de chegar atrasado e não encontrar MD1 e MD7 ou de perder a apresentação de alguns *djs*. Era uma simbiose entre medo e ansiedade. Naquela noite, as atrações nacionais no *Dream Stage* seriam Jetlag, uma dupla formada pelos *djs* Paulo Velloso & Thiago Mansur, eles abririam a noite do festival¹⁰⁹; o *dj* Marcelo CIC que produziu a música tema do *Dream Valley* em 2013¹¹⁰ e as atrações internacionais Dyro, *dj* e produtor holandês, influenciador de Hardwell e um dos melhores *djs* do mundo; DVBBBS, dupla de *djs* canadense que já havia tocado em grandes festivais como o *Tomorrowland* e famosa pelo *hit* Tsunami¹¹¹; Fedde le Grand, holandês famoso por fazer *remixes* oficiais de artistas como Madonna e ColdPlay, conhecido por seu *hit Put your hands up for Detroit*¹¹²; Kaskade, *dj* norte-americano considerado o número 1 dos EUA, com indicações de álbum ao Grammy; e para encerrar a noite, a dupla Dimitri Vegas & Like Mike

¹⁰⁸ “A respeito daquele que tem a ideia da coisa, pensamos que ou ele deve fazer algo para estimular sua chegada, ou algo para impedi-la. Dessas ideias nascem todas as afecções da seguinte maneira: se, de uma coisa a vir, admitimos que ela é boa e pode ocorrer, a mente recebe essa forma que se chama esperança e que outra coisa não é senão uma certa forma de alegria, misturada, porém, a alguma tristeza. Se, ao contrário, julgamos que a coisa que pode ocorrer é má, então penetra em nossa mente a forma que chamamos medo.” (SPINOZA, 2014a, p.104).

¹⁰⁹ Uma de suas principais produções: <https://www.youtube.com/watch?v=TtNiBFo4fH8>. Acesso em : 25 de julho de 2015.

¹¹⁰ A música pode ser escutada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=M3EIlrPQvY0>. Acesso em: 25 de julho de 2015.

¹¹¹ A versão original da música: <https://www.youtube.com/watch?v=0EWbonj7f18>. Acesso em: 25 de julho de 2015.

¹¹² A música pode ser escutada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=10pmPiK8pi8>. Acesso em : 25 de julho de 2015.

da Bélgica, eleita no ano de 2015 pela DjMag¹¹³ o número 1 entre os 100 melhores *djs* do mundo.

O *Mystic Stage* seria aberto pela atração nacional Doozie, comanda pelo catarinense Rodrigo Kost; seguida do espanhol Julio Navas; do brasileiro Alok¹¹⁴; do alemão Tapesch com fortes influências do Kraftwerk no seu repertório; do esloveno Umek¹¹⁵; e o encerramento da noite ficaria a cargo da dupla nacional Victor Ruiz e Any Mello. Pedi ao taxista para aumentar o som do carro com o intuito de voltar ao clima da festa, era quase 00h30min e eu estava bastante atrasado. Já tinha avisado a MD1 sobre os imprevistos, mas não consegui falar com MD7, pois o celular dele estava fora da área de serviço. Cheguei quase 1 hora da manhã e fui correndo em direção aos palcos, tendo que percorrer quase 1km do portão de entrada até as pistas do festival, foi preciso atravessar todo o parque. Ao chegar encontrei logo MD1 e MD8, mas não encontrei MD7 na tenda da Colcci, deduzi que ele não estaria mais lá diante do meu atraso de 2 horas. Liguei sem sucesso para o seu celular, parecia que a sua operadora não estava funcionando. Decidi ficar com MD1 e MD8, percebi que ambos estavam com feições de quem não estava gostando muito da festa. MD1 foi logo dizendo:

– Amigo você não perdeu nada até agora. O som não está essa coisa toda.

Neste momento, Dyro tocava no *Dream Stage*, o seu som mediano, pois as pessoas não pareciam muito empolgadas. Quando o *dj* colocou a música *Never say goodbye*¹¹⁶ alguns ainda pulavam com a mão levantadas, mas a apresentação como um todo não possibilitou que o público “explodisse” junto a suas canções, foi um *set* morno. MD1 disse que não pretendia tomar nada porque estava cansado, MD8 fez a mesma escolha. Independente deles tomarem ou não alguma coisa, eu percebi que se ficasse ao seu lado por muito tempo iria ficar para baixo, pois não estavam muito dispostos para a noite e logo iriam embora. Naquele dia percebi que e se ficasse muito tempo perto deles acabaria tendo uma *bad*, então decidi que não iria perder a noite e que me divertiria sozinho.

– MD1, vou procurar MD7 e irei dar uma volta. Qualquer coisa me liga.

– Tudo bem amigo.

¹¹³ Revista inglesa especializada em EDM – *Electronic Dance Music*. Circula em vários países como França, Alemanha, Itália, Inglaterra, Brasil, Holanda etc.

¹¹⁴ Eleito no ano de 2015 pela revista nacional House Mag como o melhor *dj* brasileiro. Residente do clube Green Valley, Alok é filho dos *djs* Swarup e Ekanta, criadores do festival *Universo Paralello*. Uma de suas principais produções é a música *We are underground*: <https://www.youtube.com/watch?v=HFhROCxcqUo>. Acesso em : 29 de julho de 2015.

¹¹⁵ Vencedor do International Dance Music Awards 2014 de melhor artista *Techno/Tech House*. É reconhecido como um dos pioneiros da música eletrônica no seu país.

¹¹⁶ Eis um recorte deste momento: <https://www.youtube.com/watch?v=6gegKVSDYsY>. Acesso em : 10 de agosto de 2015.

Neste momento resolvi passear pelo festival, fui andando e observando as pessoas, o seu comportamento, a maneira de dançar; reparei na estrutura do local e comparei com o *King festival*, ambos continham uma composição cenográfica impecável, todavia talvez o *Dream Valley* se destaque mais em relação à iluminação e estrutura visual como um todo. Fui visitar o *Mystic Stage*, Alok estava no comando das picapes, já tinha ouvido falar a seu respeito, mas como não conhecia o seu trabalho resolvi escutá-lo um pouco. Seu som tinha um estilo meio *underground*, fora do estilo EDM, mais comercial. As pessoas dançavam bastante dentro da enorme tenda, semelhante a uma lona branca gigante. Comecei a dançar, o som era envolvente e cada um parecia dançar e curtir sozinho, numa imersão ao universo interior. Vista de longe, a tenda parecia uma grande massa respondendo a estímulos sonoro-maquínicos, contudo o movimento era introspectivo, em que cada um curtia a música na sua, não havia muita interação entre as pessoas, pareciam uns sujeitos monológicos, a única coisa que os unificava era a música. A máquina musical passava a imagem de um tipo de fio que transpassava aqueles corpos e guiava a sua escuta em direção à música.



Figura 8 Mystic Stage

Em um momento singular do *set*, Alok tocou seu *remix* da música *Enjoy the Silence*,¹¹⁷ da banda *Depeche Mode*, e os presentes pularam e dançaram muito. Naquele momento vi a pista “explodir”, algo que não estava sendo muito comum no *Dream Valley*. É importante ressaltar que mesmo numa pista em que o som é mais calmo, tem uma atmosfera mais introspectiva, esse momento pontualmente distou naquele espaço. A cena expressava bem o que a letra dizia, a maioria curtia o silêncio, como diz o título da música “*Enjoy the Silence*”, mas não é o silêncio sonoro, da ausência de som, era a ausência de fala, de palavras, todos dançavam com o silêncio das falas, das palavras. A letra diz: “*words are very unnecessary*” e realmente palavras não faziam sentido ali, eram desnecessárias, era a não-discursividade que importava, o som maquínico. As semióticas a-significantes ali ocupavam seu lugar, a linguagem não gozava de nenhuma prioridade, o que realmente estava em jogo era a produção de subjetividades construída por meio de máquinas musicais, de iluminação, de prazer (drogas). A produção de subjetividades ia além do individual, acoplando diversos tipos de máquinas.

As afetações sociais eram uma constante no *Mystic Stage*, corpos se conectavam com a música, com a droga, com outros corpos, tudo era fluxo e as conexões não cessavam. Luzes se associavam a música, que se associava a corpos, que afetavam outros corpos. Formou-se um círculo de conexões múltiplas, ou agenciamentos maquínicos¹¹⁸, no qual diferentes atores sociais promoviam a própria realização do social, através das conexões e dos afetos.

3.2 CONEXÕES NO *DREAM VALLEY*

O social não se encontra em nenhum lugar particular, como uma coisa entre outras coisas, mas pode circular em qualquer lugar como um movimento que liga coisas não sociais. É um princípio de conexões, voltou como associação. Os atores estão associados de tal modo que eles fazem os outros fazerem coisas. Isso não se faz transportando-se uma força que permaneceria a mesma por todo o percurso como um intermediário¹¹⁹ fiel, mas gerando

¹¹⁷ Um trecho do momento: <https://www.youtube.com/watch?v=86PzU0YkR14>. Acesso em : 10 de agosto de 2015.

¹¹⁸ “Trata-se de expandir o conceito de máquina tecnológica ao de agenciamentos maquínicos, categoria que engloba tudo o que se desenvolve como máquina nos diferentes registros e suportes ontológicos. Em vez de haver oposição entre o ser e a máquina, o ser e o sujeito, esta nova concepção de máquina implica que o ser se diferencia qualitativamente e desemboca numa pluralidade ontológica, que é o próprio prolongamento da criatividade dos vetores maquínicos.” (GUATTARI, 2003, p. 42).

¹¹⁹ “Um intermediário, em meu léxico, é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas

transformações manifestadas pelos numerosos eventos inesperados desencadeando nos outros mediadores¹²⁰ que os seguem por toda parte. (LATOURE, 2012). As afetações sociais circulavam no *Mystic Stage*, o social era inapreensível, apenas acontecia por meio das conexões, era puro movimento, ação. Fala-se muito em conexão na cultura contemporânea, principalmente por causa do desenvolvimento da microinformática e surgimento da Internet. Estar conectado é estar “on-line”. Conectar-se é também associar-se, juntar-se, acoplar-se, encaixar-se.

Ao partir do pressuposto teórico de Latour (2012), as palavras social e conexão possuem o mesmo significado, algo sociável é também conectável e tem capacidade de associar-se. Fala-se aqui de dois tipos de conexão, uma explicada por Latour (2012), forma de associação momentânea entre atores sociais que não são necessariamente aparelhos tecnológicos; e a outra traz como suporte a mediação tecnológica para conectar-se. É possível afirmar que as conexões tecnológicas são apenas um grupo dentro das inúmeras possibilidades de conexão, pois a necessidade de conexão é uma potência afetiva do ser humano. Os indivíduos precisam associar-se, relacionar-se, reconhecer-se no outro, a potência humana da conexão reside na vontade de comunicar, que resulta na simbolização e a partir disto na construção de cultura.

Na contemporaneidade, grande parte das conexões entre humanos são mediadas pela tecnologia. O cenário pode ter mudado, contudo as conexões sempre existiram e sempre vão existir, porque são elas que formam a sociedade que é composta de humanos e não humanos. Os conjuntos das conexões formam a rede. Ao discutir sobre os significados e sentidos da conexão é possível depreender que a sociedade sempre esteve em rede ou conectada, porque para existir sociedade é preciso que exista associação e conexão entre seus membros componentes. Está claro que Manuel Castells (1999) ao nomear a “sociedade em rede” fazia alusão aos fios e cabos de fibra de óptica, que transportam milhares de informações e deixam todos inseridos na rede de informação. As ideias de Flusser (2014) se prestam a um diálogo que faço com Latour (2012) ao falar em conectividade.

Está em curso uma conectividade em rede que se espalha como um cérebro ao redor do globo terrestre, sendo que os canais são os nervos, e os nós são as pessoas e os aparelhos: essa rede que repousa sobre a biosfera, como a biosfera sobre a hidrosfera, esse cérebro coletivo que está surgindo, que não conhece

como uma caixa preta, mas uma caixa preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes.” (LATOURE, 2012, p. 65).

¹²⁰ “Os mediadores, por seu turno, não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam.” (LATOURE, 2012, p. 65). O telefone por exemplo em funcionamento é um intermediário, enquanto uma conversação banal pode se transformar numa cadeia complexa de mediadores onde paixões, opiniões e atitudes se bifurcam a cada instante.

nem a geografia, nem a história, pois suprimiu (*aufgehoben*) em si a geografia e a história. Sua função nada mais é que um cruzamento de competências para secretar novas informações e aumentar a competência total do cérebro. Esse é o modelo da sociedade telemática. (FLUSSER, 2014, p. 276).

Tanto Flusser (2014) quanto Latour (2012) trazem a ideia de rede para pensar as conexões e as conectividades. Latour (2012) atrela à ideia de conexão diretamente ao social e, dessa forma, amplia a visão de social difundida pelas ciências sociais clássicas que estava restrita a dimensão humana. Visto que, a conexão não seria algo dos tempos atuais, mas uma constante presente em todos os tipos de sociedade independente do tempo. Já Flusser (2014) entende rede como sinônimo de sociedade, onde os sujeitos aparecem como os nós de uma rede. Ambos os autores navegam na mesma direção, a rede é a sociedade, sempre foi. Desse modo, uma rede havia sido formada no *Mystic Stage*, os atores-rede associavam-se e desassociavam-se constantemente. Antes de Alok encerrar sua apresentação, fui visitar a pista normal à procura de MD7, mas novamente não o encontrei. No outro dia, ele me falou um pouco do que tinha feito:

No segundo dia eu resolvi levar meus *becks*¹²¹ que foram bolados no *hostel* por um moleque de 19 anos que estava com a namorada e que tinha ácido e nos dois dias que ele foi, foi ele, a namorada e os amigos consumiram ácidos antes de entrar no festival e me contaram que consumiam já fazia tempo e etc... E o ácido que eles tinham era um chamado Bob Esponja se não me engano. (MD7, 2014).

Na pista normal percebi mais interação entre os presentes, isso também notei no primeiro dia de festival, conversas no ouvido, uns dançando de frente para outro, outros dançando em grupo, vi quatro rapazes abraçados pulando sem parar. Fedde le grand tinha acabado de entrar, era o *dj* que eu estava mais ansioso para ver, as pessoas na pista normal estavam empolgadas com o som dele, que estava conseguindo segurar a “*vibe*”, que era amplificada pelo espetáculo de luzes e imagens no telão de LED. Ao ouvir o *remix* de *Sky full of stars*¹²² do ColdPlay, sai correndo para a pista VIP, as pessoas pulavam e cantavam e eu pedindo licença para chegar na frente. Precisa ver aquilo de perto, estar perto da caixa, ver MD1 e tentar fazer com que ele experimentasse aquele ambiente, assim como eu.

Encontrei MD1 e o vi dançando, fiquei feliz. Ele não estava pulando loucamente, mas estava curtindo o som, dei um abraço nele e puxei MD8 juntos ficamos os três cantando a

¹²¹ O mesmo que cigarro de maconha.

¹²² O *remix* da música: https://www.youtube.com/watch?v=nhBVOsNJ_O0. Acesso em : 29 de setembro de 2015.

música e curtindo aquele momento. Durante o *set* de quase duas horas, Fedde le grand passou por vários clássicos da música pop, rock e eletrônica. Quando ele tocou *Wonderwall*¹²³ do Oasis, a maioria cantava em uníssono... “*and after all, you’re my wonderwall*”. Em seguida, uma sequência de três músicas muito conhecidas para os presentes: *If I Lose myself tonight* do One Republic, *Locked Out of Heaven* do Bruno Mars e *Sweet Nothing* de Florence and the Machine e Calvin Harris¹²⁴. Antes de terminar a apresentação MD1 me avisou que iria embora porque estava cansado e com sono. Eram quase quatro horas da manhã quando fiquei só novamente, ao observar os que me cercavam notei que não pareciam muito empolgados, dançavam pouco, pulavam menos, não havia uma excitação coletiva como a presenciada no *King festival*, eram poucos os momentos em que os presentes se entregavam de fato à música. Conversei com MD1 sobre isso e questionei se ele havia tido a mesma impressão:

É amigo não estou muito empolgado como você deve ter percebido. Parece que alguns *djs* não estão tocando tão bem assim. Por exemplo, fiquei sabendo que Nicky Romero quando tocou há dois meses no *Green Valley* arrebitou e levou todos ao delírio. Parece que aqui ele não foi tão bom assim. Não sei dizer o motivo, ontem não fiquei até o final, mas foi isso o que li nas redes sociais. (MD1, 2014).

Fiquei pensando se nos clubes eles realmente caprichavam mais no *set*, gostei do pouco que vi do *set* de Nicky Romero, Fedde le grand tinha segurado a “*vibe*” das pessoas mesmo sem ter tido uma excelente apresentação e até aquele momento tinha sido o que eu mais havia gostado. No entanto, com base no que observei, no *King festival* as pessoas dançaram, pularam, cantaram e interagiram mais.

A entrada do norte-americano, Kaskade, foi com uma música de produção sua, *A little more virus*¹²⁵, o telão foi preenchido com iluminação vermelha e um vocal feminino dominou as caixas acústicas. Ao tocar a música *Something Something Champs*, já estava amanhecendo, algumas pessoas cantavam a música, vi um rapaz fantasiado do super-herói The Flash, o público não estava tão empolgado, mas o espetáculo visual com a letra da música reproduzida em vários telões me envolvia de forma plena, próximo a caixa de som eu admirava a música e as imagens¹²⁶. Às seis horas da manhã decidi ir embora, começou a chover um pouco, mas Kaskade lançou o *remix* de *Young and Beautiful*¹²⁷ da cantora Lana del Rey e eu fiquei

¹²³ Videoclipe oficial: <https://www.youtube.com/watch?v=bx1Bh8ZvH84>. Acesso em : 29 de setembro de 2015.

¹²⁴ Eis o momento: <https://www.youtube.com/watch?v=B-QicekYCSI>. Acesso em : 29 de setembro de 2015.

¹²⁵ Abertura do *set*: <https://www.youtube.com/watch?v=Q2MqtLhYmA4>. Acesso em : 30 de setembro de 2015.

¹²⁶ Registro do momento: <https://www.youtube.com/watch?v=YJ8cagWZnFU>. Acesso em : 30 de setembro de 2015.

¹²⁷ *Remix* de Kaskade: https://www.youtube.com/watch?v=F1kEnNwa_8. Acesso em: 30 de setembro de 2015.

completamente arrepiado. Nesse momento me veio a lembrança de quando no *King festival* Afrojack tocou essa música e MD1 estava ao meu lado, foi inesquecível. Desejava que ele estivesse comigo novamente, mas resolvi aproveitar o momento sozinho, sendo lavado pela chuva, de olhos fechados e aproveitando a música.

3.3 POR UMA NOVA SOCIABILIDADE

Naquele momento minha afetação social era com a música, me conectei à caixa de som e os processos de afetação sonora e social me tomaram o corpo. De forma que me sociabilizava com a caixa de som. De acordo com Massimo Di Felice (2009):

Compreendi então que as relações e as formas de sociabilidade nas *raves* não eram somente antropomórficas, ou seja, não aconteciam somente entre sujeitos, grupos, etc., mas entre corpos, ondas sonoras, circuitos elétricos (sequenciador, computadores, *mixer*, amplificadores etc.) e drogas sintéticas. (...). As mesas dos DJs, as caixas e os circuitos elétricos que não só produziam música, mas criavam um ambiente, determinando uma situação social transorgânica. (DI FELICE, 2009, pp. 294-295).

A sociologia clássica restringe a sociabilidade aos seres vivos; alguns autores reduzem o círculo aos seres humanos. Para ter uma compreensão mais universal sobre o termo, é preciso buscar o significado no radical da palavra, - *soci*, e chegar à conclusão de que a sociabilidade é uma forma de associação entre humanos, não humanos e entre ambos.

Para compreender o significado de sociabilidade aqui é importante refletir sobre qual tipo de social aborda este texto. Para Latour (2012), a palavra geralmente é usada para tratar daquilo que já está reagregado e age como um todo. O social é algo em movimento, um alvo móvel que pode conectar-se e desconectar-se. Esse algo é um ator social que pode ser um objeto, um animal, um ser humano, basta ter a habilidade de associar-se a outra coisa. É preciso encarar os atores sociais como mediadores que engendram outros mediadores e daí surgem novas e imprevistas situações que vão traçando cartografias e redes. O que se tem é uma rede em que há movimento, deslocamento, transformação, translação e registro entre os atores. Uma associação entre entidades de modo algum reconhecíveis como sociais, no sentido corriqueiro, exceto durante o curto instante em que se confundem. Latour (2012) denomina de teoria do ator-rede, ou ANT, aquela em que o social é o nome de um tipo de associação momentânea, que se caracteriza pelo modo como se aglutina e assume novas formas. Esse social pressupõe

fluidez, conexões, movimentos, assim como a máquina, puro fluxo, é desse significado que se desdobra a definição de sociabilidade desta tese. A sociabilidade proposta ultrapassa a entre humanos e entende que coisas e animais também podem sociabilizar-se.

Nos estudos sociológicos, a palavra sempre esteve situada no campo dos sujeitos. Para o filósofo alemão Georg Simmel (2006), as relações sociais estabelecem-se na atuação com o outro, provocando efeitos sobre os sujeitos, formando uma integração entre eles movida por seus impulsos e finalidades, formando uma sociedade. A sociedade é construída por indivíduos que tratados isoladamente são apenas átomos do mundo humano, porém, quando colocados em interação, em conjunto, formam uma sociedade. As diversas formas de interação e de intercâmbio entre os seres humanos aparecem em casos isolados de maneira não significativa, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade tal como se conhece. Faz-se necessário ressaltar que o ser humano, em toda a sua profundidade e expressão, é determinado pelo fato de viver em constante processo de interação com os outros seres humanos, criando laços em algumas ocasiões, que podem ser feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos. Forma-se, então, uma fluidez e uma pulsação que ligam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações. A visão trazida por Simmel (2006) restringe a sociedade aos sujeitos como também as relações sociais, as interações e trocas que constituem a matéria do social.

A natureza da sociabilidade, para Simmel (2006), tem a necessidade de criar seres humanos desapegados dos conteúdos objetivos e materiais da vida cotidiana. Por isso, os indivíduos modificam o significado interno e externo dos conteúdos para se tornarem sociavelmente iguais. Cada qual só pode obter para si os valores de sociabilidade se os outros com quem interage também os obtenham. É um jogo do “faz-de-conta”, em que cada um faz-de-conta que todos são iguais e, simultaneamente, faz-de-conta que cada um é especialmente honesto. O filósofo alemão entende a sociabilidade como uma forma lúdica de associação entre sujeitos. Na sociabilidade, o que é levado em consideração é o contentamento do instante vivido. O “estar-junto”, que faz parte de toda forma de interação, ganha autonomia como forma de vida na sociabilidade. A essência da sociabilidade consiste em eliminar a realidade das interações concretas e objetivas entre os indivíduos e edificar um reino no ar de acordo com as leis formais dessas relações que se movimentam em si mesmas, sem reconhecer nenhuma finalidade que esteja fora delas. (SIMMEL, 2006).

Não obstante, a intenção aqui é extrapolar o conceito de sociabilidade para abarcar os não humanos, é entender a sociabilidade como uma capacidade que os objetos, os animais e os humanos têm de se associar/conectar e se desassociar/desconectar, através de fluxo constante e

de diferentes combinações. Trata-se de uma sociabilidade transorgânica e maquínica, os elementos envolvidos na dinâmica da sociabilidade vão além do vivo, do orgânico e abriga também os objetos, as tecnomáquinas. O social numa festa de música eletrônica é uma espécie de *mash-up* de músicas, afetos, interações, conexões, fluxos misturados de diferentes intensidades.

O intuito é apresentar as festas de música eletrônica como um campo em que se pode visualizar tal sociabilidade, no qual pessoas, caixas de som, drogas, *djs*, telões de LED, banheiros, aparelhos de celular, etc. De modo que todos compõem o cenário em que se desenvolvem as conexões, a sociabilidade e os vários atores sociais se encontram, se associam e se combinam, para a maquinaria social ser formada. Pode-se falar de uma sociabilidade transorgânica/maquínica, em que as coisas e os indivíduos estão em fluxo; no qual o movimento é uma constante, os sujeitos dançam sozinhos, acompanhados (casos raros), ao lado das caixas de som onde milhões de decibéis fazem o corpo todo tremer. A imagem do tipo de sociabilidade acontecida nas festas de música eletrônica entre máquinas-corpo e tecnomáquinas é bem representada pelo indivíduo que se funde à caixa de som como se compusessem uma só entidade, que responde aos estímulos sonoro-tecnológicos com a vibração do corpo na mesma frequência da música. O corpo aqui é uma extensão da caixa, ou seria a caixa uma extensão do corpo? Pois as fronteiras entre corpo humano e a tecnologia desvanecem. Nesse sentido, tudo é máquina, fluxo e conexões através de agenciamentos maquínicos. É um círculo de afetação onde tudo é ação e dessas ações podem acontecer os bons encontros de Spinoza. (1677/2010).

A próxima imagem exemplifica bem essa sociabilidade maquínica/transorgânica, como também as afetações social, sonora e maquínica (que será explicada no próximo capítulo). A garota que está sendo afetada pela música que sai das caixas também se sociabilizou durante a festa com drogas, outros corpos, com a iluminação da festa, com as gotas de chuva que molhavam seu corpo. Trata-se de uma sociabilidade dinâmica, ativa, afetada e afetante, que abraça os humanos e os não humanos.

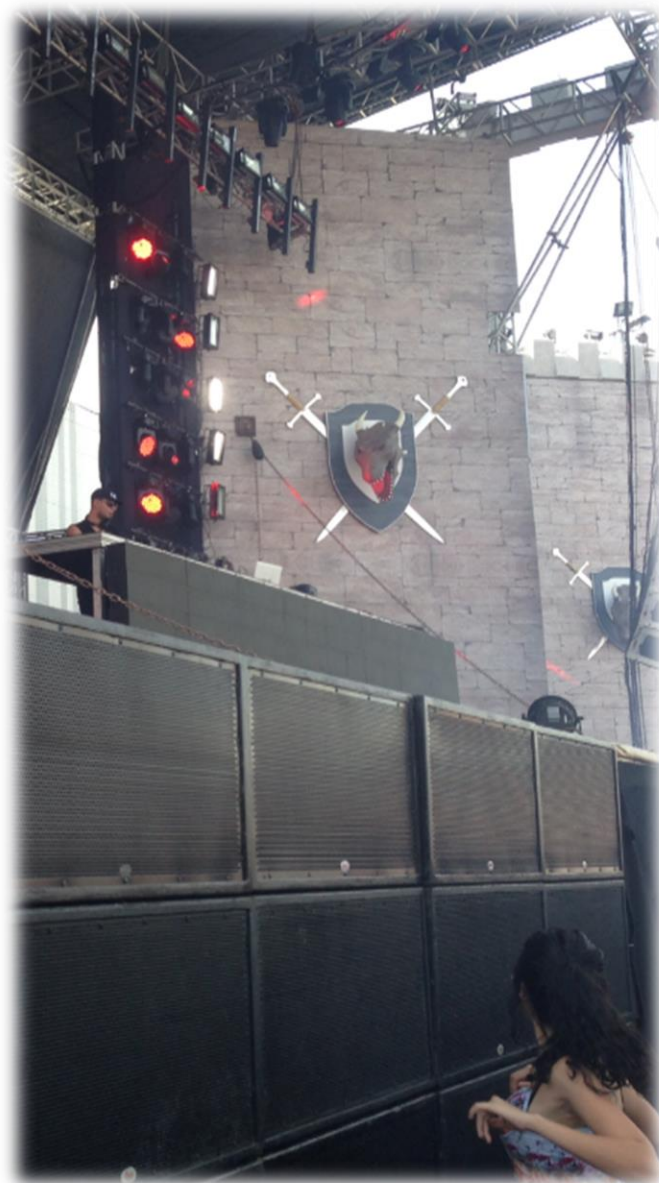


Figura 9 Garota em conexão com a caixa de som no segundo dia do King festival

Essa sociabilidade também se fez presente no *Dream Valley*, por meio dela aconteciam as afetações sociais, mesmo as interações, as conexões, tendo acontecido em menor escala no *Dream Valley* do que no *King festival*, sociabilidades também aconteciam.

Era hora de me despedir do *Dream Valley*, não tinha mais energia para assistir a atração mais esperada da noite, a dupla belga Dimitri Vegas e Like Mike, pois o cansaço invadia o meu corpo. Indo em direção ao taxi ainda consegui escutar a entrada do *set* deles e os gritos da plateia. Ao entrar no taxi um pouco molhado, o taxista me perguntou:

- E aí como foi o festival?
- Foi bom, muito bom, esperava mais, mas valeu a pena.

A chuva se intensificou, *Beautiful Lie*¹²⁸ tocava ao fundo, olhei pela janela do carro e me entreguei mentalmente à canção que eu adorava e me preenchia por inteiro. O festival seguia dentro de mim, o som estava muito alto e a melodia se expandia por todos os meus poros; a chuva, o carro, a música e a pouca luz solar que surgia voltavam a se conectar comigo, as afetações sociais continuavam e as associações entre o meu corpo e àqueles elementos não cessavam de formar diferentes combinações. Que momento mágico!

– Agora sim o *Dream Valley* acabou.

¹²⁸ A música: <https://www.youtube.com/watch?v=kHi-Xy6jc7A>. Acesso em: 3 de outubro de 2015.

4 AFETAÇÕES MAQUÍNICAS

4.1 AS PRIMEIRAS BPM EM NATAL

Com o fim do segundo festival, havia chegado o momento de refletir sobre as experimentações do *King festival* e do *Dream Valley* e traçar um paralelo entre as suas semelhanças e diferenças, entre o público, entre as afetações ocorridas em Recife e Florianópolis. A partir disso, me ocorreu que Natal nunca hospedou um festival desse nível, mas que também tinha muito a dizer sobre as afetações corporais, sonoras, sociais e maquínicas ocorridas nas festas de música eletrônica da capital do Rio Grande do Norte. Os convido a fazer um passeio pela história dessas afecções eletrônicas¹²⁹. Escolhi contar essa história para explicar o trajeto de experimentação que tive com a música eletrônica em algumas festas que aconteceram em Natal, além de mostrar que a história dessas festas na cidade atua como operador cognitivo para entender diversas experimentações pessoais e de outros indivíduos nas festas de música eletrônica.

O ano era de 1996, o mês desconhecido, em uma noite qualquer no bairro histórico da Ribeira e escutava-se uma música incomum em um casarão abandonado na rua Dr. Barata, um som estranho, diferente para a maioria das pessoas que passavam por ali ou entravam naquele ambiente. A Ribeira foi um dos primeiros bairros da cidade, área portuária, e como toda Cidade Baixa é zona abandonada da cidade. Em frente ao local viam-se homens vestidos de mulher com maquiagem exagerada e roupas extravagantes, *drag-queens*; outros de calça jeans e camiseta compondo um visual mais básico; por volta de meia dúzia usava cabelos coloridos, adereços chamativos, coturnos, sapatos plataforma, óculos coloridos, boás, peças infantis ou esportivas, eram os *clubbers*¹³⁰, ou pelo menos uma ideia do que seriam. A montagem¹³¹ chegava

¹²⁹ A pesquisa sobre a história das festas de música eletrônica em Natal é resultado de dois trabalhos que realizei na academia: minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN e um livro-reportagem que apresentei como TCC para o curso de Jornalismo também da UFRN. O trabalho de conclusão de curso teve como foco a histórias dessas festas, já na dissertação apenas pincelei um pouco desse histórico.

¹³⁰ *Clubber* é um termo em inglês, atribuído a pessoas que freqüentam danceterias (os *clubs* em inglês), comuns nos anos 90. Ajudou a erguer o estilo *Techno* ao circuito comercial, e a cultura noturna pelas grandes metrópoles. Os *clubbers* se vestem de maneira extravagante: blusas, calças e tênis coloridos, maquiagens que brilham no escuro, estrelinhas, *glitter*, sombras cintilantes. Em geral eles têm como ponto de encontro os clubes, as *raves*.

¹³¹ De acordo com a jornalista especializada em moda, Erika Palomino, esta palavra define o modo de vestir em voga na noite paulista do início dos anos 90. ‘Se montar’ é a gíria que do universo dos travestis de rua, em que ‘montada’ é o homossexual que se encontra vestido de mulher, o termo se espalhou para a vestimenta *clubber* em si, quando montagem passou a significar também uma maneira mais extravagante, *fashion* ou caprichado de vestir.

à cidade, a história das festas de música eletrônica em Natal começava a dar seus primeiros passos neste casarão, numa festa chamada Dance Ribeira.

Nos anos 1980 casas-noturnas como a Royal Salute, localizada na praia do meio no antigo hotel dos Reis Magos e a Apple, no bairro de Ponta Negra, aglutinavam filas enormes na entrada. A *Dance music* era o estilo musical mais tocado, mas músicas como “Menina Veneno” do cantor Ritchie e outros sucessos nacionais da música pop, do Rock nacional e internacional também se faziam presentes. Nos anos 1990, a casa-noturna da moda era a Liverpool, em Ponta Negra, escutava-se ainda a *Dance Music*, e o *House* começava a aparecer. Nessa época o *dj* era considerado um mero “colocador” de discos, era a pré-história da música eletrônica. Todo mês, tinha Dance Ribeira, um projeto de três rapazes: Bruno Costa conhecido como Bruninho (empresário do ramo de transportes), Tácio Miranda (a *drag queen* Sabrina de Vinólia, que passava temporadas em Londres respirando toda a atmosfera dos clubes e *raves* da cidade inglesa), e Edson (guia turístico, já falecido). O trio era encantado pela vida noturna moderna, leitores de Erika Palomino e participantes de festas no eixo Rio - São Paulo. A balada era voltada para o público LGBT e tinha como *dj* principal Gustavo Jansen¹³². O *disk-jockey* passou três anos morando em Londres na década 1990, de lá trouxe muitos vinis e CDs – ainda não havia mp3 – com tudo que havia de novo em música eletrônica na capital inglesa. Tudo era novidade para os frequentadores do local, onde se encontrava *drag-queens*, *go-go boys*, *dark room* – espaço completamente escuro, comum em algumas boates gays onde ocorre a famosa “pegação” – e a música era um capítulo à parte. Algumas pessoas iam só por causa do som e o jornalista Tádzio Yuri era uma dessas, para ele era um dos poucos lugares na cidade onde se escutava *Dance Music* de qualidade. Underworld, Moby, Faithless, Daft Punk, Josh Wink, Todd Terry, Chemical Brothers, Prodigy e *House Music* estavam entre a seleção musical de Gustavo Jansen. Essas festas foram o estopim do que poderia vir. E veio.

Ruídos, era o nome da festa, Tádzio estava lá e a considera um marco na história das festas de música eletrônica em Natal. O jornalista falou sobre esse período:

A "Ruídos" rolou em 1998. A cultura *clubber/dance/rave* já havia atravessado o gueto gay no Brasil e atraía a atenção de outros públicos. Uma turma de estudantes universitários, tatuadores, e skatistas resolveram promover uma festa nesses moldes. A festa abarcou uma diversidade de público que achei incrível: molecada, héteros, gays, skatistas, playboys, fashionistas, gente do rock, etc. Foi uma turma grande, mas lembro de alguns nomes: Gabriela

¹³² Gustavo Jansen fez uma festa no Centro de Turismo chamada *Percussive Dance*, foi a primeira festa na cidade a juntar um *dj* com percussão ao vivo. Quando essas festas *underground* acabaram ele passou a ser residente na boate da Cervejaria Continental. Quando esta fechou, largou as *pick-ups* e a noite e passou a se dedicar ao turismo com passeios de buggy.

Freyre (hoje é jornalista do Diário de Natal, e consta que ela filmou a festa - ainda não tive o prazer de ver isso), Wilder Neto (músico, artista plástico, e marido da Gabi) e Laura Helena (dona do estúdio Nix Tattoo, hoje morando no RJ). A balada aconteceu no Bronx Pub, na Rua Chile (hoje é uma peixaria). E olha, foi um sucesso que nem eles esperavam. Os dois andares do bar ficaram entupidos de gente, de todo tipo de gente: de moleque skatista até caras com casaco de plástico verde e calça prateada. Foi oficialmente a primeira festa da cidade a ter um *lounge*: um espaço no térreo com pinturas psicodélicas, almofadas e luz negra por todos os lados. Uma viagem. O *dj* foi novamente o Gustavo Jansen. Essa festa foi comentada por meses e muita gente saiu com a opinião de que nunca tinha visto nada igual. Eu considero esta a primeira *rave* “pra valer” da cidade. Infelizmente, só houve uma. (YURI, 2011).

A aura do *underground* sobrevoava a Ribeira, as ruas Dr. Barata e Chile passaram a ser referências. A antiga rua do Comércio, atual Rua Chile, se tornou o foco das festas de música eletrônica. Em 1997, o empresário Paulo Ubarana abria a casa-noturna Blackout, também conhecido como B’52 e atual Galpão 29, que somava diversas tribos. Rock e Pop eram os estilos musicais mais tocados, representados por bandas de sucesso local como Base Livre, Oficina, Boca de Sino, Inácio toca Trompete, entre outras; mas raramente aparecia um *dj*.

Eis que chegou a Natal o produtor cultural Nestor Mádenes e realizou a primeira festa de música eletrônica naquele ambiente, que aconteceu em outubro de 1998. Nos anos 1990, Nestor começou a trabalhar com eventos e se tornou produtor, já realizando várias festas nesse período. Vindo de Recife, Nestor se tornou peça indispensável na história das *raves* natalenses, assim que chegou conheceu Bruno Costa, o famoso “Bruninho”, que já tinha experiências com festas por causa da Dance Ribeira e outras, que eram intituladas de “As Panteras vão ao supermercado”, “O casamento de Batman e Robin”, “Hair” – nesta festa todos pintaram seus cabelos com *sprays* coloridos, trazendo elementos da estética *clubber*¹³³. Depois de conhecer Bruno, Nestor foi apresentado a Tácio, conhecido na noite como Sabrina de Vinólia. Junto a Tácio, Bruno e a Dani Boop, *hostess*, Nestor produziu uma das primeiras festas da cena eletrônica no Blackout. De acordo com Nestor:

Juntos fizemos a primeira grande festa da cena, no antigo B’52, no dia 25 de outubro de 1998. O Largo da Rua Chile bombooooo!! [sic] Primeira página de todos os jornais, festa falada até hoje, conseguimos entre performances, desfiles de estilistas nacionais e um *dj* vindo da Inglaterra – Simon Ceasar – vivenciar uma noite absurdamente perfeita. (MÁDENES, 2011).

¹³³ Não foi possível localizar a data específica dessas festas.

Para Felipe Tarquínio, publicitário, um dos primeiros *clubbers* de Natal e frequentador de festas de música eletrônica desde os 12 anos, essa festa o marcou:

Essa foi a segunda festa de música eletrônica que fui depois da separação dos meus pais. Fui eu e uns vizinhos meus bem caretas. Estávamos atrás de fazer uma coisa diferente e a gente foi. Isso eu tinha 12 anos. Lembro como se fosse hoje. A gente chegando lá naquela estação de trem da Ribeira, assim que chegava você via logo os vagões. Tinha feira mix dentro dos vagões, desde *body piercing*; tatuagem; roupas bem estilosas, exóticas (xícaras e talheres pendurados nas roupas) e tinha um vagão específico da 103,9 FM que naquela época era bem voltada para a cena eletrônica, para o rock. Eram uns 4 vagões imensos e cheios de coisa dentro. Era bem *underground*, desde a iluminação que era bem intimista, escura. O único ponto que tinha mais luz era na pista de dança, mas a pista de dança era fora do vagão. O único vagão que ainda rolava música era o da 103,9 que servia também como uma segunda pista e tocava música eletrônica, rock. Era a programação ao vivo que estava sendo tocada lá. Tinha até strobo dentro do vagão. Cama elástica (uma coisa bem típica de cultura de *rave*) também não faltou. Foi muito massa. De *dj* pelo que eu lembro tocou Simon Ceaser que era um professor de inglês lá do Watford, ele tinha acabado de chegar de Londres e toda *rave* que tinha ele o povo divulgava: “Simon Ceaser de Londres”. Chamava público. A cena era extremamente *Techno*. Nessa festa tinha uma galera que já era da cena que parecia que consumia aquilo há anos, como Nestor. O pessoal super montado, super bem vestido, à caráter da proposta da festa e tinha pessoas caretas como meus vizinhos que estavam lá e se viam deslumbrados com tudo aquilo. O evento não tinha cara de nada que acontece aqui em Natal, tinha cara de coisa de fora, uma espécie de “*underground* londrino”. Era bem diferente do contexto total da cidade. Havia pessoas meio que “paraquedistas” assim, mas que entraram na onda e que estavam se divertindo. Eu saí de lá uma 5 e pouco da manhã, e a festa ainda tava (sic) rolando, muita gente dançando. Foi uma festa incrível. (TARQUÍNIO, 2011).

Esta festa teve oito edições em dois anos, chegou a ser realizada em novos eventos como a Parada *Gay*, a Festa de Santana¹³⁴ e o Festival MADA¹³⁵, onde se manteve até 2008. Nessas festas Nestor e Felipe Tarquínio acabaram se conhecendo, um sempre produzindo as festas e o outro, frequentador assíduo. O ano de 2001 foi testemunha de outra *rave* realizada no cinema Rio Grande, localizado no centro da cidade, funciona atualmente uma igreja no local. Não teve produção de Nestor, mas Felipe estava lá, foi sua primeira *rave*, anterior ao Mix Ribeira, uma festa do bloco Caju¹³⁶. Na época, o cinema estava abandonado, mas do lado de fora os ambulantes vendiam pingentes de néon.

¹³⁴ A Festa de Santana é a festa da padroeira da cidade de Caicó no interior do estado brasileiro do Rio Grande do Norte.

¹³⁵ MADA - Música Alimento da Alma. Festival de música que acontecia sempre na arena do hotel Imirá Plaza em Natal. Lá se apresentavam artistas famosos e independentes de diversos gêneros musicais, principalmente rock. Tinha também exposições de alguns artistas, tendas eletrônicas, onde é tocada música eletrônica, dentre outras atrações.

¹³⁶ Bloco do Carnatal, carnaval fora de época da cidade desde 1991, esse bloco já não existe mais.

O cinema Rio Grande, localizado na Av. Deodoro da Fonseca, teve suas paredes erguidas em 1948 com capacidade para 1.600 lugares, a sua arquitetura é inspirada na *Art Déco*¹³⁷. Seu pé direito tem de 7 a 10 metros de altura, mas o cinema entrou em desuso no início dos anos 1990 com a chegada das fitas de videocassete nos lares potiguares. Naquela noite o cinema estava completamente escuro, não havia sequer luz negra, a única luz era a da *pick-up*, onde ficava o *dj*. A luz não se dissipava porque o ambiente era muito grande, as cadeiras foram arrancadas e o chão era em cimento puro, não havia decoração. No local da tela do cinema estava a cabine do *dj*, com uma visibilidade fenomenal, Simon Ceasar era o líder da noite, o comando da música estava em suas mãos. Só era possível ver o público na entrada, em detrimento da ausência de luz lá dentro. Na frente viam-se alguns *playboys* fantasiados de algo que seria um *clubber*, havia até aspirante a gueixa. Essa festa teve uma quantidade considerável de gente, por volta de 500 a 600 pessoas. A maioria, curiosa. Felipe falou um pouco sobre a interação no cinema:

Tinha uns ambulantes vendendo colares com pingente em formato de cristal de néon na cor verde. Era o que iluminava praticamente a festa. Eu imaginei: “esse colar é muito mais legal se eu começar a dançar com ele”. Comecei a rodar o colar e o cristal fazia desenhos no ar. As pessoas começaram a me imitar. Eram vários desenhos que apareciam no ar. Do nada, estoura o néon e começa a respingar na roupa. Aí ficavam os pinguinhos brilhosos na roupa e então resolvemos jogar o néon na roupa todinha. Havia uma interação total, a galera dançava, paquerava. Ainda não tinha aquela cultura de ficar até o sol raiar, mas até 4 ou 5 horas da manhã ainda tinha bastante gente. O *Techno* imperava nas caixas de som. (TARQUÍNIO, 2011).

As afetações sociais também aconteceram nesta *rave* “cinematográfica”, Felipe se conectou com o colar de néon que o afetava. As afetações sociais continuaram abraçando os humanos que começaram a imitá-lo e como ele disse, o colar estourou e assumiu uma forma líquida que engendrou outras associações, novas combinações, diversas afetações sociais e distintos mediadores. Agenciamentos maquínicos foram produzidos naquele local, que acabava de ser reinventado com uma nova proposta, dando margem a criatividade dos produtores e participantes do evento. O que era cinema virou pista de dança, outras forças entravam em jogo naquele cenário, forças sonoras, elétricas. A cena de interação reunia humanos e não humanos. Essa interação entre humanos e objetos/coisas/não humanos criam imagens mentais.

¹³⁷ Movimento popular de Design de 1925 a 1939 surgido na Europa. Influenciou a arte decorativa, a arquitetura, o desenho industrial, o design de interiores, a moda, o cinema, a pintura, as artes visuais. Na arquitetura, predominava as linhas, planos e volumes geométricos, os quais também se atribuíam funções decorativas.

As imagens que temos na nossa mente, portanto, são resultado de interações entre cada um de nós e os objetos que rodeiam o nosso organismo, interações essas que são mapeadas em padrões neurais e construídas de acordo com as capacidades do organismo. (...). Os objetos são reais. A perspectiva também não nega a realidade das interações entre o objeto e o organismo. (DAMASIO, 2004, p. 211).

Os inumeráveis movimentos corporais (gestos, mímicas, posturas, deslocamentos, abraços, beijos, etc.) realizados numa pista de dança durante uma *rave* ou em uma casa noturna, estão enraizados na afetividade individual. Por meio dos movimentos do rosto e do corpo é construído um edifício de metamorfoses espetaculares e permanentes que, no entanto, empregam modificações ínfimas de disposição. Tais movimentos se tornam facilmente uma cena na medida em que oferecem à leitura os sinais que revelam a emoção e o papel realizado na interação¹³⁸.

A interação pode ocorrer de uma pessoa consigo mesma: por exemplo, um indivíduo sozinho no seu escritório, trabalhando na resolução de um problema, falando consigo mesmo ou pensando em voz alta é considerado um processo de interação do *ego* consigo mesmo. A interação social corresponde ao conjunto das ações e relações entre os indivíduos de um grupo ou entre grupos de uma comunidade. A influência recíproca entre pessoas ou entre grupos se dá por meio da comunicação. A interação social é baseada em comunicação, se há interação tem comunicação.

4.2 COMUNICAÇÃO E AFETAÇÕES

A comunicação é condição da existência humana, e não se restringe apenas aos humanos. Pois, é a construção de pontes para atravessar o vazio entre o “si” e o “outro”. “A existência é comunicação e toda representação da vida, do ser, e geralmente de ‘qualquer coisa’, deve ser revista a partir da”. (BATAILLE, 1992, p. 104). Os indivíduos estão entrelaçados na e pela comunicação desde a sua história filogenética, as moléculas, as células e os corpos tecem juntos uma teia comunicacional com o ecossistema, eles estão imbricados nos organismos e na sociedade. A comunicação abraça dimensões físicas, químicas, biológicas, sociais, históricas, filosóficas, psicológicas e culturais, é a espinha dorsal, aquilo que liga. Para comunicar é preciso

¹³⁸ Davi Le Breton inspira essas ideias, que estão nos livros *Sociologia do Corpo* (2007), *Adeus ao Corpo* (2003) e *Paixões Ordinárias* (2009), entre outros.

afetar, se me comunico com outro, modifico-o e outro modifica algo em mim. O processo de comunicação é também um processo de afetação, todavia nem toda afetação é comunicação; toda interação é comunicação e afetação, mas nem toda afetação e comunicação é um processo de interação. Para compreender melhor a afetação, a comunicação e a interação, ver a figura abaixo:

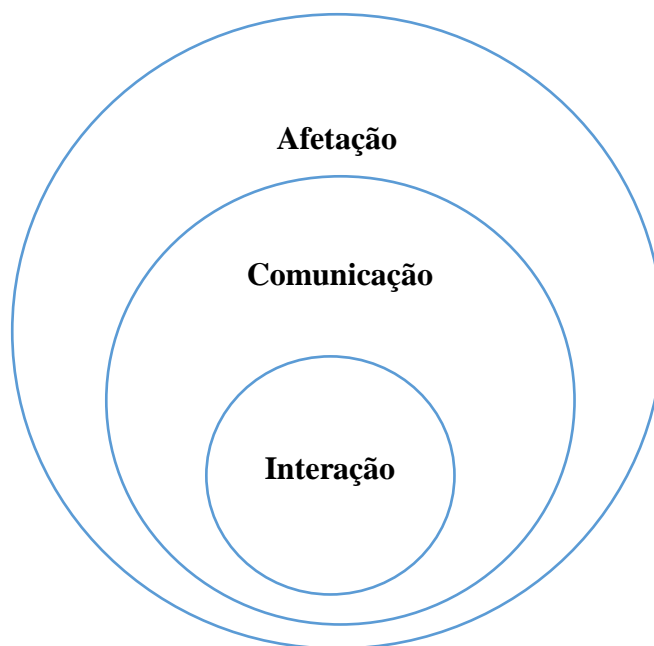


Figura 12 Afetação, comunicação e interação

Para ser é preciso comunicar, tecer relações com o mundo e com o outro. “É comunicando-nos com o mundo que indubitavelmente nos comunicamos com nós mesmos. Nós temos o tempo por inteiro e estamos presentes a nós mesmos porque estamos presentes no mundo”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 569). Comunicar-se com o mundo significa ver o invisível, enxergar o que está embaixo, subterrâneo, escondido, aquilo que se encontra nos abismos. O abismo é o espaço do inframundo – espaço dos mitos, das figuras imaginárias, dos sonhos, do lúdico – é o suporte da cultura, onde ela se funda (informação verbal). Comunicar é ver no escuro e perceber formas e símbolos arcaicos. O arcaico entendido não como algo velho ou antigo, mas como aquilo que é anterior, fundador, primeiro, constituinte do ser e das coisas. A comunicação é da ordem do visível e do invisível, do audível e do inaudível, das bases que radicam o ser e as relações humanas.

A comunicação é aquilo que dá sentido à vida e permite que a vida seja vivível, por meio dela o homem tenta esquecer o fim da sua existência biológica e expurgar o mundo da natureza, o mundo que leva à morte. É com esse propósito que o homem constrói para si uma

realidade permeada de símbolos e códigos em que repousam as informações adquiridas ao longo da vida, o que resulta na construção da sua segunda natureza – a arte, a filosofia, a religião, a cultura, o jogo. O homem comunica-se com os outros, é um “animal político”, não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário impossibilitado de viver na solidão. (FLUSSER, 2007).

Através da comunicação o homem se comunica com Deus¹³⁹ e com os outros seres. O mundo afeta o sujeito que afeta o mundo, a relação de afetação é de troca, de simbiose, de afetação mútua. A comunicação e a afetação entre sujeito e mundo é o que dá sentido à existência humana. Nesse sentido, Flusser (2007) partilha das mesmas ideias de Bataille (1992) e Merleau-Ponty (2006) sobre a importância da comunicação para suportar a solidão e fornecer sentido a existência, como algo que liga, indispensável para ser e existir. Os três filósofos trabalham com o que se pode chamar de uma ontologia fenomenológica da comunicação. A comunicação é encarada como um fenômeno imprescindível do ser, pois surge a partir da necessidade de comunicar para “enganar” a morte, e da existência, visto que se o ser não se comunica não existe.

Comunicação é algo que não falta nas festas de música eletrônica, um corpo numa pista de dança, ao sofrer a ação da música eletrônica, realiza alguns passos que podem ser imitados de forma mimética por outro participante e, em alguns momentos, o movimento pode se espalhar para todas as pessoas de maneira contagiante. Corpos conectados e se comunicando por meio da dança, de beijos ou de sorrisos em resposta aos estímulos sonoros. A afetação social acontece entre corpos, corpos e objetos, entre caixas de som e jogos de luz, como na *rave* do cinema Rio Grande, por exemplo. Essas festas resgataram um pouco o que era feito na Europa, havia um ar de clandestinidade gerada pela atmosfera criada pela pouca divulgação, voltada para os *clubbers*. Felipe complementa:

O acesso a esse tipo de informação era bem difícil, bem complicado. Creio que os únicos meios de divulgação foram a 103,9 FM, com a *rave* da Ribeira, e a loja Lee Zoo, que vendia roupas voltadas para esse tipo de público. Era aquela coisa do “boca a boca”, de amigos. (TARQUÍNIO, 2011).

Em Natal, as casas-noturnas deixaram suas pegadas, paralelamente a efervescência o clube Downtown Pub de Recife decidiu fundar uma filial em Natal na Rua Chile, praticamente ao lado do Blackout. A casa-noturna tinha uma atmosfera *rock n' roll* com mesas com fotos de

¹³⁹ Deus, aqui compreendido de acordo com a concepção Spinozista. Deus entendido como Natureza, como mundo, essência de todas as coisas e constituinte dos seres. (SPINOZA, 1677/2010).

celebridades que iam de Jimi Hendrix à Janis Joplin. No Downtown Pub em Natal, o primeiro *dj* tocava clássicos do *rock* e músicas desse estilo que estivessem nas listas das mais pedidas no rádio ou TV, em seguida tinha o *show* de uma banda de *rock* convidada e para encerrar a noite, muita música eletrônica. Nestor encontrou antigos amigos nesta filial como Samico e o *dj* Rob, coordenadores da casa. Neste clube, a cena da música eletrônica natalense encontrou terra firme, chegando sempre às 3 horas da manhã, quando acabava o *show* das bandas e o ambiente começava a se “eletronizar” como diz Nestor. Nessas idas ao Downtown, Nestor fez novos contatos, incluindo Raquel Maia – jornalista e frequentadora assídua do clube, que tinha acabado de chegar da Inglaterra.

Raquel morou durante seis meses em Bournemouth¹⁴⁰ no ano de 2001 e lá descobriu o que era música eletrônica indo as baladas com as amigas. Ao chegar a Natal, começou a andar com Breno BX – na época radialista da 103,9 FM – e Raphaell Fuste, amigo de Breno, eles sempre saíam juntos e na caça por uma batida perfeita viram no Downtown Pub o seu lar. Os três gostavam muito de música eletrônica e sempre pesquisavam algo novo. Raquel conheceu Beto, *lightjockey* da Downtown e amigo dos meninos. Por tabela foi apresentada ao *dj* residente, Rob. Para Raquel não interessava a banda que ia tocar, ficava com a sua turma até o final só para ouvir Rob. Raquel lembra que:

As pessoas não ficavam na boate, terminava a banda o pessoal ia embora e ficavam só os bêbados e os que gostavam mesmo de música eletrônica. Era sempre Rob que tocava. Ele descia o som. Tocava *Progressive House*, mas o que Rob gostava mesmo de tocar era *Techno*. Era o som dele. Ele é meu amigo até hoje. Curtindo junto com meus amigos o som de Rob, acabei conhecendo Nestor. (MAIA, 2011).

Foi uma descoberta perfeita, os iguais se entendiam e é daí que surge o primeiro núcleo de música eletrônica de Natal, a Electroland. Formado por Breno BX, Raphaell Fuste, Gunner, Kerginaldo Gadelha, Raquel Maia, Guga, Mark Winkler e Beto. Cada um tinha uma função, Guga e Mark ficavam com a parte da arte, Beto era o *lightjockey*, Raquel, Breno e Raphaell na produção, etc. Os objetivos do núcleo eram se reunir, trocar ideias, figurinhas e promover festas. De modo que a cena de música eletrônica se multiplicasse. Nestor não fazia parte desse grupo, mas estava sempre por perto.

A primeira festa que eles produziram foi na praia de Búzios, litoral sul do Rio Grande do Norte, para um grupo seleta. Uma festa entre amigos, pouca publicidade, apenas o boca-

¹⁴⁰ Cidade do condado de Dorset localizada no sudoeste da Inglaterra.

boca, em torno de 300 a 400 pessoas com os *djs* Simon Ceasar e Gunner. Essa festa foi um teste, algo experimental que deu certo. A Electroland resolve, então, fazer algo maior, a grande aposta era o *dj* Marky – considerado o melhor *dj* de *Drum 'n bass* do mundo na época. A ideia foi de Raquel, e ela estava decidida,

Eu tinha umas amigas em Bournemouth que eram brasileiras e gostavam de música eletrônica também, mas nada muito sério. Era balada, curtidão, apenas isso. Lembro de um episódio de uma dessas amigas que morava lá comigo, elas tinham ido a Londres e foi muito interessante como elas descreveram tudo o que viveram em Londres. Elas disseram que foram para um fila de uma festa e olharam ao redor e viram umas pessoas muito caretas. Resolveram sair daquele local e entraram num taxi, pegaram o mapa, abriram o mapa, bateram o dedo e caíram em cima da Fabric London, uma boate bem famosa de Londres. Quando entraram na boate, os ingleses estavam loucos, muito simpáticos todos e gritavam como loucos: “*Marky from Brazil! Marky from Brazil!*” E elas: “Quem é Marky que a gente não conhece?” Elas me contando isso eu fiquei muito curiosa em saber quem era o *dj* Marky. Ele estava super estourado na Inglaterra e aqui no Brasil as pessoas não conheciam ele. A partir daí eu comecei a pesquisar quem era esse *dj*. Por isso minha paixão pelo *Drum 'n bass*. (MAIA, 2011).

Raquel lembra que Nestor dizia: “não vamos trazer Marky, vamos trazer outra atração”, ela insistia “eu quero que seja Marky, a gente tem que trazê-lo, senão essa festa não vai ser como deve ser.” Capital tinha para investir, pois a mãe de Raquel concedeu o dinheiro, a questão era que Marky só viria com outro *dj*, o Xerxes. Marky veio, mesmo diante da inexperiência dos produtores e do cachê cobrado, das duas passagens aéreas, duas hospedagens, etc., mesmo assim, a Electroland topou, pagaram todos os custos, mas não obtiveram lucro. A festa teve apoio do Downtown, sob o aval de samico, a primeira dificuldade que encontraram foi achar um local, rodaram a cidade à procura de um lugar, desde o edifício do Call, CBTU – estava tudo muito enferrujado – mas magicamente apareceu o galpão abandonado do supermercado “Sirva-se”, na Av. Eng. Roberto Freire em Ponta Negra. Daí o nome da festa, Sirva-se Avonts¹⁴¹, queriam fazer algo conceitual de verdade, o Camarote era Colcci e a decoração tinha como principal atrativo a iluminação. Beto estava no comando e fazia diversos desenhos com as luzes.

Felipe foi para essa festa todo montado, usava sapatos de palhaço com 25 cm, segundo ele o pessoal teve uma preocupação enorme com a decoração, inovação e com o som em especial. Para o jovem *clubber*, na época, a festa foi maravilhosa. “Uma noite longa, parecia que não ia ter fim de tão gostosa que estava”, declarou. Saiu às 8 da manhã, todavia a festa se

¹⁴¹ Não foi possível localizar a data da primeira Sirva-se Avonts.

estendeu até uma hora da tarde. Além de Marky e Xerxes, a *rave* teve Rob também no comando das *pick-ups*. Nessa festa, Felipe conheceu Raquel, ele e mais de três mil pessoas estiveram na Sirva-se Avonts, reunindo representantes de diversas tribos de surfistas a apreciadores de *Heavy Metal*. O sucesso foi tanto que teve direito a uma segunda edição, a Sirva-Se Avonts Bis, realizada no dia 09 de maio de 2003 com a participação do *dj* Patife – grande nome do *Drum 'n bass* nacional – além de outros artistas eletrônicos de outros gêneros. Para esta festa foi mais fácil trazer Patife, por causa da credibilidade que a Electroland ganhou com a Hypno – a agência desses *djs* na época. Patife era mais acessível que Marky, veio com outro *dj* chamado Ilya Simione também de São Paulo. Essa festa deu bastante gente, pois as pessoas já a conheciam. A estrutura interna do local contava com diversos telões, cinco bares, camarote VIP para 300 pessoas, performances de comedores de fogo, malabares, *drag queens*; uma *rave*, de fato.

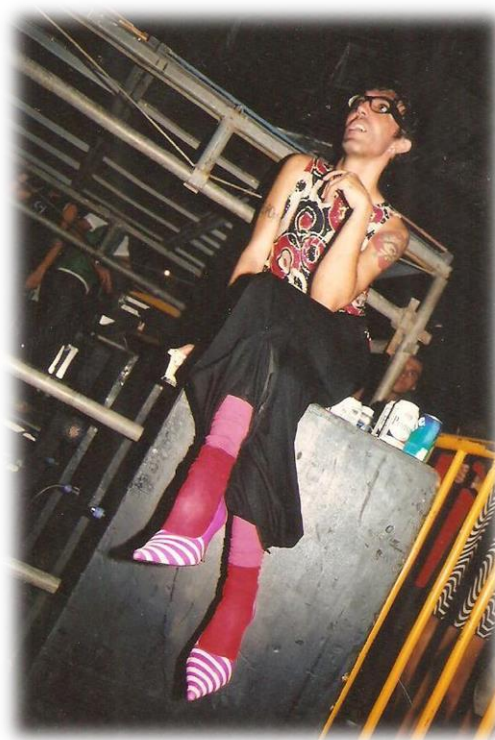


Figura 13 Nestor montado na segunda edição da Sirva-se Avonts

Dos supermercados, as *raves* migraram para o Aeroporto. Dessa vez a coordenação estava nas mãos de Samico, a Electroland não participou da organização, mas todos estavam lá para prestigiar, incluindo Raquel e Beto. O aeroporto Augusto Severo serviu de palco para a festa intitulada *Aerovibes*. Era uma sexta-feira, dia 08 de agosto de 2003 e a noite estava nas mãos de vários *djs*, incluindo Claudinho e Rafael Correa, no entanto foram Nando Du B com seu *Hard Techno* e Rob com o *Trance* que conduziram os presentes em um tornado de som

musical, levando os dançantes às nuvens sem o auxílio de Boeings. Os dois *disk jockeys* tocaram quase duas horas cada, o espaço não era tão grande, ficavam todos juntos em sintonia plena.

Felipe relembra:

A do aeroporto foi num espaço menor. Só que aconteceu uma coisa bem chata nessa *rave* do aeroporto. Quem estava produzindo era a Downtown, sob a chefia de Samico. Ele produziu e fez a divulgação da festa com faixa etária de 16 anos. Nessa época eu tinha exatamente esta idade. O amigo meu que foi comigo tinha 15. Até aí tudo bem a gente deu o truquão e conseguimos entrar. Então assim, a gente curtiu a festa e tivemos momentos de delírio, pois o fato de você estar dançando de frente para a panorâmica da pista de pouso, vendo os aviões decolando e pousando ao som daquela música era sensacional. Foi no terceiro piso, no mirante. Era aquele paredão de vidro e você olhando a pista com aqueles aviões gigantes pousando e tipo, o barulho do avião interagia com a música. Tudo tremia, a galera fervia. Eu ficava imaginando: “Gente! Imagine quem está pousando nesse aeroporto agora o que está pensando?” Vendo assim, aquele andar piscando com a galera dançando. Só que quando deu duas e meia da manhã chegou a fiscalização e pegou todo mundo que era menor de 18 anos e colocou para fora. Eu ainda tentei reivindicar, mas não surtiu efeito. (TARQUÍNIO, 2011).

Felipe não permaneceu até o final da *rave*, mas Tádzio ficou e confessou: “pela manhã, lembro que o povo que desembarcava vinha filmar e tirar fotos dos malucos dançando”. Nestor e alguns amigos viciados em música eletrônica, ao final da festa foram se acabar mais ainda em um *after* na praia de Ponta Negra. Apesar de Felipe ter ficado pouco tempo, as afetações sociais, foram muitas nessa *rave* do aeroporto, através de vários mediadores e atores sociais – aviões, caixas de som, pessoas, luz, paredes de vidro – se conectavam com outras pessoas e faziam surgir novos engendramentos, novas trocas. O corpo dessas pessoas era afetado e estava conectado com toda a ambiência sônica circundante.

Três meses após a *Aerovibes*, Nestor deixa a cidade e vai morar em São Paulo, para a sua despedida foi organizada uma *rave* de nome *Madnesshouse*, seu sobrenome (Mádenes) mais um “s” e a ausência do primeiro “e” gerou loucura (*Madness*). A “casa da loucura”, aconteceu no dia 28 de novembro de 2003. Com a saída de Nestor da cena, surgiram outros núcleos de música eletrônica, o núcleo Union Tribes nasceu sob comando de André Lucena mais conhecido como André Negão ou *dj* Brown. A Union Tribes ganhou festa de lançamento, uma *rave* que aconteceu em mais um local inusitado, o Society Soccer Club¹⁴². Era 1º de maio de 2004 e o *line up* prometia, Philip Braunstein do Rio Grande do Sul e K-Milla do Rio de Janeiro

¹⁴² Extinta escola de futebol no bairro de Neópolis, em Natal/RN.

seriam as atrações de fora, ambos *djs* de *Techno*, entre os locais estavam Gunner, Claudinho, Carola e Rafael Correa.

Raquel estava na festa e colaborou na organização, apesar de não ser do seu núcleo todos se ajudavam. A *rave* foi loucura geral, quem foi não se arrependeu, chuva de papel e banho gelado não faltaram. Algumas pessoas mergulharam suas cabeças dentro do isopor cheio de gelo. Insanidade, pernas de pau, malabares, rapel e cuspidores de fogo se viam por lá também. Passou das sete da manhã e as batidas eletrônicas continuavam, esse era o espírito das festas de música eletrônica em Natal, as pessoas dançavam, se entregavam, esqueciam as diferenças e o que realmente valia a pena era a música, a diversão, as expressões sonoras, corporais, maquinais. De acordo com Jimi Fritz (1999):

When eye contact is made with other dancers, a knowing look or sympathetic smile is sometimes all that is needed to convey a deep understanding of the shared experience as the awareness of self gives away to a universal feeling of oneness. (...). Strangers become trusted friends and all superficial judgments are suspended. Social differences that would normally create division become superficial and meaningless. (FRITZ, 1999, p. 43).¹⁴³

Passou-se um ano da festa no Society Soccer Club e Natal estava pronta para receber uma *rave* de destaque, a *Megavonts*. Seu *slogan* de divulgação era “uma festa para quem não tem o pé no chão”. Produzido por Raphael Fuste da Electroland, o evento teve uma divulgação grande. O hotel Imirá Plaza na Via Costeira foi o local escolhido da vez, considerada uma das festas mais prestigiadas do Brasil e eleita cinco vezes pela Folha de São Paulo a melhor festa do ano, a *Megavonts* aterrissava no Nordeste pela primeira vez. O evento contou com a presença de seis *djs*, um do Reino Unido conhecido como D.A.V.E *The Drummer* – considerado o melhor *dj* e produtor de *Acid Techno* do mundo na época. Os representantes da cena eletrônica nacional foram Dimitri, Anali, Snoop de São Paulo e o já conhecido Rob de Recife, residente do Downtown, Gunner era o único *dj* potiguar. O *House* e o *Techno* inflamaram a noite.

¹⁴³ “Quando o contato visual é feito com outros dançarinos, um olhar conhecido ou sorriso simpático às vezes é tudo o que é necessário para transmitir uma compreensão profunda da experiência compartilhada como a consciência de si se doa para um sentimento universal de unidade. (...). Estranhos se tornam amigos confiáveis e todos os julgamentos superficiais estão suspensos. As diferenças sociais que normalmente criam divisão se tornam superficiais e sem sentido.” (FRITZ, 1999, p. 43, tradução nossa).



Figura 14 Flyer da festa Megavonts

A *rave* aconteceu no dia 13 de agosto de 2005, Raquel fez toda a assessoria, mesmo não participando da produção literal da festa. As pessoas dançavam bastante, já passava das 6 da manhã e a pista com a temperatura elevadíssima respondia perfeitamente aos comandos do bumbo eletrônico, a interação *dj/pista* foi impressionante, estive nessa festa e lembro bem dela. Havia um rapaz na *Megavonts* que nunca tinha tomado uma anfetamina e raramente dançava em festas de música eletrônica, gostava do som, mas curtia tudo aquilo de maneira individual e contida. Nesse dia resolveu ingerir uma cápsula, o resultado foi ter passado toda a madrugada em frente a *pick-up* encostado à caixa de som, interagindo com o *dj* e dançando bastante como se as suas pernas não obedecessem aos comandos do cérebro. O público pedia com o corpo e o *dj* respondia com seu *feeling*. Felipe também marcou presença e falou um pouco como foi essa experiência:

A *Megavonts* foi incrível. Primeiro, antes de entrar, eu e um amigo derrubamos uma garrafa de vodca. Já cheguei mega embriagado e mais uma vez a diferença é que por ser uma *rave* de fora que tava (sic) fazendo uma turnê pelo Nordeste foi notável na grande estrutura com um palco gigantesco, iluminação bem cacete. Tinha uma tenda imensa, bem alta. Divulgação impressionante. Deu muita *playboyzada*. Eu fui de saia plissada nessa festa, com uma camisa xadrez e bota de boxeador. Chamei bastante atenção. Tinha a galera que era alternativa, da cena e estavam dançando, outras pessoas paquerando, outras se drogando, mas foi uma festa muito boa. Eu saí de lá 7 e meia da manhã mega destruído. Eu nem lembro dos *djs*, só sei que o som estava maravilhoso. (TARQUÍNIO, 2011).

4.3 E AS BPM CONTINUAM...

A fase das grandes *raves* em Natal chega ao fim e, junto a ela, o Downtown Pub. Rob volta a morar em Recife e onde era o Downtown passa a ser Music Club¹⁴⁴, nova balada. Marky e Patife chegaram inclusive a tocar lá, mas a casa-noturna não tinha mais a atmosfera vivenciada por Nestor, Raquel, Fuste, Breno Bx e outros.

Nestor deixou a cidade e Raquel Maia inaugurou um novo projeto, a festa E-system que acontecia em Macaíba num local chamado Ditaipa, ela dividia a administração com Liliana, conhecida como Lilica e proprietária do lugar. Houveram duas edições, a primeira em 8 de outubro de 2005 ao comando dos *djs* Gunner, Rodrigo Lobbão do Ceará, Lukas de São Paulo, Iceberg e Rob de Recife. A festa contou com a presença do *vj* Joolio, responsável em lançar imagens para o público, até o espaço do *chill-out* foi feito para descanso e a decoração veio toda de Curitiba de uma empresa chamada Perverts, especializada no ramo. Raquel realmente caprichou na produção, tudo muito bem organizado e pensado, até camisetas e crachás foram criados para quem estava trabalhando no evento. A estrutura estava boa, tudo tinha que sair perfeito, Raquel queria despertar o corpo de todos para a música: “queríamos mexer não só com o auditivo, mas também com o visual, com as sensações e sentidos de forma geral”. O público era bastante eclético, viam-se surfistas, *playboys*, patricinhas, frequentadores do Avesso Clubber¹⁴⁵ e da Vogue¹⁴⁶, tudo misturado. A festa foi até nove horas da manhã ao som de Rob.

A segunda edição foi a E-system Ladies Edition, só com *djs* mulheres guiando as pistas. No dia 18 de março de 2006, cinco garotas de diferentes estados pilotaram a jornada musical, conduzindo o corpo dos participantes até ao meio-dia da manhã seguinte. Toca-discos decorados, perfumados e musicalmente ecléticos, vários gêneros da música eletrônica iriam animar os participantes naquele evento, para todos os gostos. A realização de uma festa só com mulheres no comando das picapes foi uma ideia inovadora, isso há quase dez anos atrás, principalmente, em um trabalho em que era ocupado majoritariamente por homens na época. Essa festa foi uma aposta política dentro da cena eletrônica local, no que se diz respeito à questão de gênero. Política aqui, calcada na experimentação, na criação e na produção de algo novo, diferente do que as pessoas estavam acostumadas a ver.

¹⁴⁴ O *dj* Rafael Correa era residente e sócio da casa.

¹⁴⁵ Casa- noturna LGBT da cidade que não funciona mais.

¹⁴⁶ Casa- noturna LGBT da cidade que funciona até os dias atuais.

Raquel declarou que talvez uma de suas “falhas” nessas duas festas, mesmo com um público razoável, foi não ter colocado mais *djs* de *Psytrance*. A proposta era sempre mostrar o que ela gostava de ouvir e suas predileções estavam pelo *Techno*, o *Electro*, o *House*, o *Drum ‘n bass* (que já não fazia mais sucesso em Natal), mas o *Trance* psicodélico não estava na sua lista de favoritos. Por isso, a única *dj* que colocou nesse estilo foi Ingé, do Ceará que encerrou a *Ladies Edition*. Raquel relembra que:

Nem sempre o que eu gostava de ouvir era o que a galera queria escutar. Tinha uma amiga minha que dizia: “se você colocasse um *dj* de *psy* na sua festa ia dar bem mais gente” e eu dizia: “Não. Isso não é o que eu almejo. Isso não faz parte da minha ideologia”. (MAIA, 2011).

A *E-system* encerrou o *Techno* na cidade e trouxe o *Electro*. As *djs* Mobil e Kylt eram as responsáveis por isso. Ambas conduziram a energia dos dançantes na *Ladies Edition* com um *Electro* sensacional, um som envolvente. Com o fim do projeto *E-system* surge a *E-sessions*. Raquel estabeleceu nova parceria com Karol Posadzki, atual proprietária do Galpão 29 (antigo Blackout) e ex-vocalista da banda Inácio Toca Trompete e Alan Veloso. As duas ficavam responsáveis pela produção e Alan na parte visual e gráfica. Depois, Alan saiu e ficaram somente as meninas. A festa tinha blog e site, sempre trazendo fotos e informações sobre os eventos e notícias sobre música eletrônica em geral. A *E-system* e a *E-sessions* eram duas festas diferentes, Raquel ganhou nova sócia e as festas passaram a ser realizadas no Galpão 29. Não tinha mais tanto público para esse tipo de festa, o *Psytrance* estava começando a incendiar as *raves* em lugares abertos como granjas, chácaras, praias, sítios; e ela precisava fazer suas festas em lugares fechados, menores, já que tinha diminuído e segmentado o público.

A *E-sessions* teve sua primeira edição no dia 09 de dezembro de 2006 e durou até 2009, porém sob a coordenação de Karol, pois Raquel foi morar na Argentina em 2007 ou 2008, retornando no final de 2010. A *E-sessions* tinha como proposta principal proporcionar ao seu público música eletrônica de qualidade, trazendo *djs* da cena local e nacional com o intuito de mostrarem o seu trabalho. Geralmente os artistas eletrônicos que eram convidados para se apresentar por lá tocavam os estilos *Electro*, *Maximal*, *Minimal* e *Dub*, a cultura do *Minimal* surgiu e o *Electro* solidificou-se de vez. A *E-sessions* chegou a ter duas edições ao ar livre, ambas em barcos: uma no rio Potengi com o crepúsculo como testemunha e a outra na praia de Pirangi, no Marina Badauê¹⁴⁷. Nesse período, Raquel ainda estava em Natal, na *E-sessions*

¹⁴⁷ Empresa de passeios turísticos marítimos aos parrachos de Pirangi, no litoral sul do RN.

sempre acontecia muita interação, por ser num local fechado as pessoas ficavam mais próximas. Todo mundo se conhecia, pelo menos de vista e Raquel foi apresentada a muitas pessoas.

Conheci muita gente nessas festas. Mesmo que eu não conhecesse, eu cumprimentava, pois em algum momento, sei lá, talvez a gente já tivesse dançando junto, entrado em sintonia, em outra festa. Era muito bacana a interação que rolava. (MAIA, 2011).

A *E-sessions* tinha público fiel, não obstante as festas não chegavam a mais de mil pessoas como acontecia com as *raves* do Sirva-se ou *Megavonts*. Com a ida de Raquel para a Argentina a cena eletrônica, para o público *clubber* e *underground*, estava enfraquecida. No ano de 2008, cansado da noite de Natal que não tinha coisas diferentes a oferecer Felipe resolveu se juntar com alguns amigos e promover algo inusitado, a festa PUM. A intenção dos produtores ao dar esse nome era a de que as pessoas botassem para fora aquilo que tivessem de mais grotesco. Algo intenso, poderiam botar um Pum para fora sem medo de ser ridículo. Felipe explica:

Tudo começou com nosso grupo de amigos cansados da noite daqui de Natal, da música, sem novidades, sem nenhum atrativo. E assim, foi bem no auge, há dois anos atrás mais ou menos, do *new rave*, a nova proposta do *Electro*, mais agressivo, misturado com a estética dos anos 80. A gente respirava aquilo e Natal não tinha nada que propusesse isso para nós. Foi então que pensamos: “vamos se juntar (sic) e fazer uma festa. Nem que a gente num (sic) ganhe nada, mas vamos batalhar.” A nossa proposta nunca foi faturar algo. Nos juntamos (sic) e buscamos patrocínio, parceiros, e conseguimos realizar a festa. Estávamos totalmente inseguros, morrendo de medo, pensávamos que ia dar 300 pessoas no máximo e quando a festa começou, a fila começou a crescer e vimos quase 600 pessoas dentro do ambiente, piramos. Chegamos à seguinte conclusão: o público de Natal estava louco por novidade. A festa deu pessoas de 16, 17 anos a caras (sic) de 40 anos. O nome dela: PUM. Viemos com um apelo visual muito forte, tentando agregar música, moda, *design*. Ali tive minha primeira experiência como *dj*.¹⁴⁸ (TARQUÍNIO, 2011).

Felipe virou *dj* Galaxy, seus *sets* não são nada comerciais, têm uma pegada forte de *Electro* e até hoje ele toca em vários lugares em Natal, inclusive no Galpão 29. Em todas as PUMs houve uma preocupação em lançar um editorial de moda antes da festa, mostrando a proposta do evento de acordo com a temática. A PUM teve quatro edições, a primeira foi a de estreia, a segunda foi a Pum Pornô com a banda Solange Tô Aberta de Salvador, voltada para uma linguagem sexual; a terceira foi a Infantil Macabro e a de um ano que foi na Crystal Club

¹⁴⁸ A festa PUM foi realizada no dia 30 de agosto de 2008, de acordo com as informações do jornal local, Tribuna do Norte.

(antiga Music Club). Nesse tipo de festa, o que não faltava era afetação, os corpos se misturavam. Nesse jogo de afetação nem o que é afeta, nem o que é afetado, é passivo, tudo é interação. “A interação se torna comunicação”. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 183). Apesar da interação e da comunicação serem uma constante nessas festas, é importante destacar o papel da incomunicação ou da incomunicabilidade.

A incomunicabilidade possui dois planos, o individual e o social. No individual, as sensações de uma pessoa, aquilo que pertence a esfera dos sentidos não pode ser representado conceitualmente. Sentidos e abstração conceitual são universos diferentes, uma cor, um rumor, não podem ser expressos com palavras. Os sentidos humanos (visão, audição, tato, paladar e olfato) têm seus objetos próprios e não podem perceber os objetos de outro sentido: uma cor não pode ser ouvida, uma melodia não pode ser vista. No plano social, uma pessoa não pode ter percepções idênticas às de outra, nenhum sentimento, nenhuma emoção pode ser compartilhada, pois tudo é vivido internamente. (MARCONDES FILHO, 2014). A questão da incomunicação merece ser relativizada, quando alguém diz que entrou na *vibe* e que partilha da mesma energia que o outro, isso quer dizer que a faixa afetiva é parecida, similar, os que estão na *vibe* estão alegres, com seus corpos potentes, afetam uns aos outros, expressam uma sensação de euforia, plenitude, alegria e nesse caso há comunicação. Os que não entram, abraçam a esfera da incomunicação, não conseguem compartilhar o que sentem, ou estão sentindo sensações diferentes que não condizem com a da maioria, nesse caso, há incomunicabilidade no plano social, pois além das sensações não serem comuns como as da maioria, aquilo é sentido internamente. Em alguns casos, alguns participantes entram numa *bad trip* ao ingerir algumas drogas e o afeto predominante de alguém que está numa *bad* é a tristeza.

Depois das quatro edições o ciclo de PUMs foi fechado e veio a Bapho. Felipe e os amigos organizaram o evento no dia 12 de junho de 2010 com um apelo estético enxugado. De acordo com Felipe as pessoas costumavam brincar dizendo que os organizadores só trabalhavam com áreas gasosas. Porém, o nome é questão de gíria, Bapho é uma gíria da noite. Uma música baphônica é uma música maravilhosa, um *look* baphônico é de arrasar, etc. Então pegou, Bapho. O foco era a música, a intenção principal era fazer com que as pessoas percebessem a musicalidade e a sensorialidade na música. A tentativa era não ser óbvio, uma perspectiva que Raquel também compartilhava.

Nos anos de 2005, 2006 e 2007 um novo estilo de música eletrônica explodiu em Natal, o *Psytrance*, popularmente conhecido como “*psy*”. O público não era o mesmo das festas de Nestor, Raquel e Felipe, a música e a estética também eram diferenciadas. Acompanhando a trajetória de outras cidades metropolitanas como São Paulo e Rio de Janeiro, Natal se firmou

nas festas de *psy* neste período. Teve início uma nova era nas festas de música eletrônica em Natal.

4.4 O PSY ENCONTRA AS MÁQUINAS

“Foi o que me agradou mais, em termos de não ser só uma batida repetitiva, como também ter um trabalho melódico em cima da música” (*Dj Koti*, 2011). “Simplesmente por ter uma batida extremamente empolgante e alucinógena” (*Dj Brown - André Negão*, 2011). *Psytrance*, esse é o estilo que os dois *djs* e produtores potiguares escolheram como o melhor.

As festas de *Psytrance* são providas de uma espécie de “novo psicodelismo”, ligado ao movimento *hippie* dos anos 60 em conjunto com a era cibernética e outras práticas religiosas orientais. O arranjo dessas festas envolve elementos da religião budista e hinduísta com imagens de suas divindades como Buda, Ganesha, Kali, Krishna, Shiva e outras. Na ornamentação das festas há também elementos da iconografia e da cosmologia maia e de antigas religiões egípcia. Bem como referências a alienígenas tanto na decoração quanto nas músicas. Isso tudo misturado. As imagens, que se comunicam e são inseridas nesse contágio de referências religiosas com ufologia, aliadas à interface tecnológica da produção musical refletem uma decoração híbrida.

Com o objetivo de trazer todos esses elementos para suas festas, André Negão, Júlio Martins (*Dj Koti*), Fábio, Daniel Smith e outros amigos criaram um núcleo de música em Natal voltado para a cultura *Psytrance*, a *Deep For Trance*. No ano de 2005, André estava disposto a promover a primeira *rave* em Natal dedicada ao estilo sob o nome de “Naturalize”. A primeira edição foi realizada no dia 23 de abril de 2005 no River Park¹⁴⁹ em contato direto com o rio e cachoeiras. A natureza era aliada, palco, cenário, personagem; pouca divulgação, porém um sucesso. O *line-up* incluía poucos nomes da cena local como *dj Gunner*, que na época tocava *House*, mas passou a tocar *psy*, *dj Brown* (André Negão) e o *dj Claudinho*, um dos primeiros *djs* a tocar *Psytrance* no estado.

¹⁴⁹ Parque aquático no município de Nísia Floresta no estado do Rio Grande do Norte.



Figura 15 Flyer da primeira Naturalize

A grande maioria dos participantes dessas festas usa até hoje óculos escuros e roupas de marcas como Billabong, Mormai, Quicksilver, Oakley¹⁵⁰. Alguns chegam a tirar camisas e a ficar dançando apenas de bermudas. As mulheres, em sua maioria magras e altas, usam *shorts*, batinhas e vestidos leves, pouco chamativos. Vale salientar que esse tipo de festa está diretamente conectado com a moda *surfwear*, mas esse tipo de vestimenta não se limita às *raves* de *Psytrance*, visto que em *shows* de *Reggae* a maioria se veste dessa maneira. O estilo passa um ideal de desapego, demonstra atitude, algo que remete ao *slogan* “paz e amor” do movimento *hippie*, uma proximidade maior com a natureza. O estilo do ambiente também se comunica e conecta com o dos frequentadores. Victor Brandão, estudante de direito e *tranceiro*¹⁵¹ até os dias atuais, relatou um episódio acontecido em uma das *raves* que participou:

Teve uma festa que eu fui e vi quatro rapazes usando os mesmos óculos escuros, era do modelo *Juliet* da Oakley. Eu falei para o meu amigo: “olha ali o bonde do *Juliet*”. Eu nem sei se eles se conheciam, mas estavam todos próximos um do outro usando os mesmos óculos escuros. Quatro óculos idênticos. As meninas com saias curtas e calçado do tipo plataforma. Às vezes eu acho que eles nem gostam de se vestir dessa forma, mas se vestem para se sentirem inseridos dentro de um grupo. (BRANDÃO, 2011).

Um coletivo com suas características próprias, desde o estilo de se vestir ao comportamento, a conduta adotada por esses jovens passa uma imagem de serenidade, paz e harmonia; tem sido assim desde a primeira *rave* de *psy* que aconteceu no estado. Uma frequentadora assídua das festas de *Psytrance* em Natal, Liara Tavares – engenheira e amicíssima dos organizadores da Naturalize – falou um pouco sobre essas *raves* que tanto marcaram sua vida:

¹⁵⁰ Estas marcas produzem peças voltadas para o estilo *surfwear*. Camisas regatas, bermudas de *tactel* confortáveis, óculos com um *design* estiloso são suas maiores expressões.

¹⁵¹ Frequentador assíduo das festas de *Psytrance*.

Na Naturalize era tudo novo, só ia a galera que realmente gostava. Era muito legal. E as pessoas que estavam promovendo a festa eram meus amigos íntimos de frequentar a minha casa. Quando realizávamos uma festa que dava tipo 4 mil pessoas achávamos uma vitória. Era uma comemoração conjunta. Teve uma que trouxe artistas de renome nacional como Burn in Noise, Swarup. Essas festas bombaram. Eu trabalhava às vezes na organização. Certa vez participei da bilheteria, outra no bar. Trabalhei inclusive no bar da *Megavonts*. Raquel ia algumas vezes para nossas festas para dar apoio também. Todo mundo se ajudava, todo mundo era amigo, mesmo sendo de núcleos diferentes. (TAVARES, 2011).

É importante destacar que o estilo foi chegando aos poucos em Natal, deu uma passada na segunda *E-system* realizada por Raquel com apenas uma *dj* representante da vertente. Havia sempre como último *dj* da festa um representante do estilo *Psytrance* e as pessoas costumavam ficar até o final para escutar aquele som diferenciado, acelerado, rasgado. Assim o *psy* foi caindo no gosto do público natalense e atraindo cada vez mais curiosos.

Nas festas de música eletrônica, incluindo as de *Psytrance*, vários tipos de conexões foram se estabelecendo, não só entre corpos, corpos e drogas, música e corpos, mas também entre corpos e máquinas. A máquina é um sistema de cortes e está relacionada com um fluxo material contínuo que ela corta. A produção do corte de fluxo só acontece se a máquina estiver conectada com outra. Sob essa perspectiva de fluxos e cortes, a definição de máquina extrapola o entendimento de máquina apenas como aparelho industrial/tecnológico. O corpo humano pode ser considerado uma máquina, a boca que corta o fluxo de leite; o nariz que corta o fluxo de ar; o ouvido, o fluxo sonoro; o pênis e a uretra feminina que controlam o fluxo de urina. Um ser físico que realiza trabalho, efetuando transformações e produções. O corpo humano é uma máquina física que realiza trabalho, efetua transformações e produções, qualquer ser físico que execute trabalho, sofra transformação e realize produção é uma máquina. Máquina é produção e fluxo, que pode ser elétrico, magnético, eletromagnético, de massa, de sangue, de caixa, de carros, de energia, de carga, da maré, etc. e implica sempre movimento e corte. O fluxo pode ser interceptado por uma máquina que o corta e o próprio fluxo pode ser emitido por uma máquina, ele só escorre porque é cortado, o corte é a condição de existência do fluxo.

Félix Guattari (1988) afirma que o inconsciente humano é maquínico, opera como máquina, assim como tudo ao redor do sujeito são tão somente máquinas; máquinas desejantes, que afetam e são afetadas. Esse inconsciente está derramado em tudo ao redor, trabalha no interior dos indivíduos, no viver dos corpos, na família, no sexo, no bairro, na escola, nas universidades, nas festas, etc. Nas festas de música eletrônica, pode-se falar que há uma consonância de ordem tecnológica entre máquinas-músicas e máquinas-corpos mediada por

afetos, pois o corpo humano é um pouco ciborgue também. Hoje o que se vê são corpos tecnologizados, com próteses artificiais, sejam de cunho estético como o silicone para aumentar os seios ou funcionais como aparelhos auditivos, etc. Seriam como máquinas corporais (máquinas-corpo) que estão entrelaçadas com máquinas tecnológicas (tecnomáquinas).

Edgar Morin (2008) caminha na mesma direção que Guattari (1988) ao afirmar que os indivíduos são seres-máquinas, ambos compreendem a máquina como algo que produz e cria, e está em movimento contínuo, em fluxo. Como seres físicos, os homens comportam trabalho, transformação e produção, nesse sentido podem ser compreendidos como máquinas. Pode-se conceber o ser vivo, do unicelular ao animal, simultaneamente como motor térmico e como máquina química, produzindo todos os materiais, todos os complexos, todos os órgãos, todos os dispositivos, todas as performances e todas as emergências da vida. O ser vivo deve ser entendido como a mais perfeita das máquinas cibernéticas e o mais perfeito autômato, pois ultrapassa em complexidade, perfeição e eficiência desde a menor das bactérias a mais moderna das usinas automáticas. É preciso compreender a vida como complexo polimaquinal, apesar de existir entre todos os sistemas vivos uma correspondência estrutural e processual de cunho maquinico. O que não quer dizer que sejam iguais, indistintos e que se relacionem entre si indiferentemente. As diferenças estão nas estruturas, processos e, especialmente, no sistema límbico (emocional) dos humanos. Os homens têm a capacidade de simbolizar, são máquinas simbólicas.

Ernst Cassirer (1977) afirma que é o símbolo que imputa sentido ao mundo e ao desenvolvimento da cultura. É inegável que o pensamento e o comportamento simbólico figuram entre os traços mais característicos da vida humana e que todo o progresso da cultura humana se baseia nessas condições. Por meio dos símbolos o homem compreende, interpreta, articula, organiza, sintetiza e universaliza sua própria experiência, seja no campo da linguagem, da religião, da arte ou da ciência. Por meio do símbolo, o homem produz cultura e é uma máquina simbólica/simbolizante.

Há máquinas humanas, sociais e técnicas, a máquina técnica implica um elemento não humano, que amplifica e prolonga a força do homem, máquina humana. A máquina social tem os homens como peças e os integra e interioriza num modelo institucional que abrange todos os níveis da ação, da transmissão e da motricidade; e que forma uma memória sem a qual não haveria sinergia entre o homem e suas máquinas técnicas. Uma mesma máquina pode ser técnica e social, mas não sob o mesmo prisma. O relógio como máquina técnica serve para medir o tempo uniforme e como máquina social serve para reproduzir as horas sagradas, assegurar a ordem na cidade e acionar todo um fluir simbólico ao representar *status*,

procedência, gênero etc. Há também as máquinas desejantes que atravessam toda a sociedade e são os elementos microinconscientes, que funcionam também nas máquinas sociais. A máquina é desejante e o desejo é maquinado. (DELEUZE; GUATTARI, 2010). A máquina traz em si uma espécie de proto-subjetividade, ela não é apenas um aparato técnico. Para Guattari (2003):

É preciso reaprender, reconceitualizar a máquina de outro modo, para partir do ser da máquina como aquilo que se encontra na encruzilhada, tanto do ser em sua inércia, sua dimensão de nada, como do sujeito, a individuação subjetiva ou subjetividade coletiva. (...). Não proponho um retorno a uma concepção animista, mas sim uma tentativa de considerar que na máquina, na interface maquínica, existe alguma coisa que seria, não da ordem da alma, humana ou animal, *anima*, mas da ordem de uma proto-subjetividade. Isto quer dizer que há na máquina uma função de consistência, de relação a si e de relação a uma alteridade, (...) há na *techné* elementos ontogenéticos, elementos de um plano, de construção, relações sociais que sustentam as tecnologias, um capital de conhecimento, relações econômicas e, pouco a pouco, toda uma série de interfaces no seio das quais se insere o objeto técnico. (GUATTARI, 2003, p. 41).

É a partir desse conceito amplificado de máquina que enxergo e compreendo as festas de música eletrônica. Nessas festas há toda uma maquinaria conectada, máquinas humanas e tecnológicas (tecnomáquinas) conectadas pela música no mesmo fluxo sonoro e vibrátil, compondo uma máquina social desterritorializada. É nessa maquinaria interconectada que acontecem as afetações maquínicas, quando o corpo humano é afetado por uma máquina têm-se um processo de afetação maquínica. *Lato sensu*, esta pode ser uma afetação sonora quando uma máquina afeta um corpo humano com sua música ou determinado tipo de som; pode ser corporal quando dois corpos se afetam, afinal o corpo humano também é uma máquina; e pode ser uma afetação social quando o corpo é afetado ou afeta uma máquina, o que implica sempre em um tipo de conexão. *Stricto sensu*, a afetação maquínica acontece quando um corpo sofre ação de uma tecnomáquina que pode aumentar ou diminuir a sua potência, a interação entre o indivíduo e o computador e o homem e o *smartphone* são processos de afetações maquínicas.

Nas festas de música eletrônica compartilha-se essa lógica. De modo que o *Psytrance* continuou se expandido e seu crescimento não acontecia só em Natal, as afetações maquínicas que ocorriam nessas *raves* só cresciam em conjunto com as festas. Cada vez mais o público se tornava dependente dessa música produzida por tecnomáquinas. O fenômeno era resultado do que estava acontecendo em todo o Brasil, as festas de *Psytrance* no sudeste do país atraíam de 20 a 30 mil pessoas, os produtores obtinham lucros faraônicos. *Raves* como a *Fusion* e a *Tribe* no Rio de Janeiro faziam um sucesso megalomaníaco, os *djs* e produtores Rica Amaral e Feio

do festival de música eletrônica *Xxxperience*, no interior de São Paulo, já estavam viajando várias cidades divulgando o evento. As *raves* de *psy* rendiam matérias para jornais impressos, televisivos e virtuais e os *djs* passaram a ser considerados *superstars*, verdadeiras celebridades no universo da música eletrônica. Nomes como *Skazi*, *Infected Mushroom*, *Rica Amaral*, *Wrecked Machines*, *Astrix*, *GMS*, *Eskimo*, entre outros, passaram a hipnotizar multidões com seus *sets* de *trance* psicodélico.

As *raves* *Liquid Sky* e *After Dreams*, em Recife, sempre atraíam pessoas de vários lugares do Nordeste. De Natal saíram de dois a três ônibus lotados de jovens no dia 25 de dezembro de 2005 quando aconteceu a *Liquid Sky* em Recife, na praia de Maria Farinha. A atração do evento seria *Infected Mushroom*, dupla de *djs* e produtores israelitas formados por Erez Eisen e Amit Duvedevani. Sua música *I wish* se tornou o hino do *Psytrance*, passando muito tempo nas paradas de várias rádios do país. Na apresentação de *Infected* as batidas eletrônicas se misturavam com *riffs* de guitarra e música eletrônica e rock se fundiam. A festa durou o dia inteiro.



Figura 16 Apresentação do Infected Mushroom na Liquid Sky

O *live* de *Infected Mushroom* deixou os participantes incendiados, as afetações corporais, sonoras, sociais e maquínicas dominaram a pista. O grupo que saiu de Natal ficou

maravilhado ao final da apresentação, os organizadores da *Deep For Trance* estavam decididos a promover mais festas em Natal, pois o *psy* estava se firmando no cenário musical eletrônico do Nordeste e Recife tonava-se um ponto de atração para o resto de cidades vizinhas.

Granjas, chácaras, praias, sítios, fazendas, hotéis a beira-mar faziam da natureza testemunha dessas celebrações. *Raves* de nomes variados *Private Edition*, *Don't Stop*, *Psychodelic Vibes*, *Natural Vibes*, *Paradise*, *Sun System* foram realizadas na cidade do sol. Surge outro núcleo de nome Technolive, com o objetivo de divulgar a cultura do *Psytrance* no Estado e promover cada vez mais festas e formado pelos *djs* Thomas, Kamaleão, Luna, Thief e Evox em nome desse estilo musical eletrônico que, nesse período, dominava o gosto dos *ravers* em Natal. Victor Brandão fala sobre sua primeira experiência com este tipo de festa:

Meu interesse surgiu através do “boca a boca”, escutando amigos falarem que teve uma festa legal e tals. (sic). Então fui saber como era. Fui pela curiosidade. Eu não fui para a primeira *rave*, mas fui pra (sic) umas que aconteceram no início do movimento *psy*. Eu lembro especificamente de uma festa que rolou em Emaús, chamada Psychodelic Vibes, no ano de 2006. Marcou, mas não foi uma festa que me despertasse a vontade de frequentar logo de cara. Depois dessa, eu fui para a Natural Vibes e um réveillon que fui na praia de Pipa, o Natural Beach que foi o réveillon de 2006 para 2007. A partir daquele réveillon, tive a certeza que era aquele estilo de festa que gostaria de frequentar. (BRANDÃO, 2011).

Com o tempo, o *Psytrance* foi conquistando cada vez mais adeptos e com as festas sempre lotadas, o sucesso levou as *raves* para as casas-noturnas. No dia 6 de agosto de 2005, aconteceu a *Trance Indoor*, a primeira festa de música eletrônica fechada dedicada ao eletrônico na boate *Maxim*¹⁵². O sucesso era tanto que começaram a surgir cursos para *dj* e a maioria dos professores tocavam o famoso “*psy*” nas *raves* locais. Alguns *djs* que costumavam tocar *House* renderam-se ao estilo nos seus *sets*, foram criadas várias comunidades no Orkut relacionadas ao estilo, as rádios locais que tocavam música eletrônica na sua programação só lançavam o “*psy*”, a 103,9 FM neste período colocava várias músicas de *Psytrance* na sua programação. Era a ditadura do *psy*, e as *raves* começaram a atrair todos os grupos, até as pessoas que só iam para eventos de axé, shows de pagode ou viviam todo fim de semana em uma vaquejada estavam indo para esse tipo de festa. Felipe afirmou que não gostava muito das *raves* de *psy*, inclusive justificou um pouco do seu preconceito relacionado com a massificação.

Eu até curtia alguns elementos do *psy*. Nunca cheguei a ir a uma *rave* desse estilo, mas percebi que se vulgarizou muito rápido. Virou o axé da música

¹⁵² Atual restaurante Pinga-Fogo na avenida Engenheiro Roberto Freire, Natal-RN.

eletrônica. Os cafuçu da minha sala que iam para vaquejada quando eu vejo estavam indo para *rave* de *psy*. Eu pensei: “isso aí tem alguma coisa errada”, “essa galera não ta (sic) entendendo qual é a proposta do *Psytrance*”. O *psy* tem muitas referências da filosofia e religião oriental como também da ufologia, algo que eu adoro. Só que virou vaquejada, massificado demais e as pessoas não procuravam entender o que tinha por trás de tudo aquilo. (TARQUINIO, 2011).

O *Psytrance* ajudou a divulgar a música eletrônica em Natal, só se falava em “*psy*” e toda *rave* tinha por obrigação ter um *dj* do estilo. Apesar da massificação, as pessoas começaram a conhecer música eletrônica, faltava profundidade de conhecimento, mas a publicidade estava feita. Como Felipe mencionou, os vaqueiros, os forrozeiros, os metaleiros, todos passaram a ir. Juntou tudo. Grande parte não entendia o significado do *Psytrance*, iam por curiosidade, por estar na moda, para se divertirem, interagirem e sociabilizarem. Não ia pela música. A audição não era educada. Havia o discurso de que em *rave*, ninguém “pega”¹⁵³ ninguém, não se pode nem dançar “juntinho”¹⁵⁴.

4.5 AS TECNOMÁQUINAS E OS AFETOS

A tecnologia foi uma excelente aliada a popularização do estilo. A internet ajudou através das comunidades do Orkut, sites especializados, e atualmente páginas do Facebook também divulgam as festas. O desenvolvimento tecnológico sempre andou de mãos dadas com a música eletrônica, afinal trata-se de uma música produzida por tecnomáquinas. As máquinas tecnológicas nos afetam cotidianamente, o homem ocidental não consegue mais imaginar sua realidade sem ser afetado pela técnica e pela tecnologia. As afetações maquínicas fazem parte da nossa vida, e as máquinas antecedem a própria técnica.

Embora seja comum tratar a máquina como um subconjunto da técnica, penso há muito tempo que é a problemática das técnicas que está na dependência das questões colocadas pelas máquinas e não o inverso. A máquina tornar-se-ia prévia à técnica ao invés de ser expressão desta. (GUATTARI, 2012, p. 43).

A realidade humana – social, cultural, biológica – é atravessada pela técnica desde os tempos pré-históricos, não se pode pensar a técnica como algo novo ou que nasceu junto com as novas tecnologias. A técnica é arcaica, fundadora, primeira, constituinte do ser e das coisas;

¹⁵³ O mesmo que ficar, beijar ou transar apenas por uma noite, sem compromisso.

¹⁵⁴ Dançar em par, a dois.

tanto a cultura quanto a sociedade são fundadas sob a mediação da técnica. “As técnicas não são novas e nem modernas no sentido mais banal da palavra, mas sim coisas que desde sempre fazem parte de nosso mundo. Mais que qualquer outra, nossa geração as digeriu, integrou ou mesmo humanizou.” (LATOURE, 1994, p. 125).

De acordo com a etimologia a palavra técnica deriva do grego *techné*¹⁵⁵ e significa arte, artifício, produção. Para os antigos gregos a técnica estava muito ligada à produção, a modos de produzir que visam um novo sentido ou uso. Martin Heidegger (2006) em *A questão da técnica*, irá questionar qual a essência da técnica e afirmar que a sua essência não é técnica, ela está além da produção e é também provocação. A técnica moderna não é qualquer tipo de técnica, por meio do seu desvelamento/descoberto/provocação a natureza é colocada à sua disposição como fundo de reserva, tendo sua energia extraída, manipulada e acumulada. A situação atinge o homem, que uma vez inscrito no ciclo desse desvelamento, é incitado a provocar, a interpelar forças. Isso significa que o homem é apenas uma fração desse descoberto e não seu causador. Heidegger (2006) adverte ao perigo que esse descoberto pode causar ao homem, pois atinge o Ser. (OLIVEIRA, 2014)¹⁵⁶.

Para Heidegger (2006), a essência da técnica é o perigo e a sua ameaça não vem por meio da tecnologia ou dos equipamentos técnicos, mas atinge a essência do homem, pois destrói a possibilidade humana de voltar-se a um descoberto mais originário de uma verdade mais inaugural. A visão de Heidegger (2006) sobre a técnica não é nada otimista. É preciso situar a técnica no plano da cultura, do sujeito, a técnica como ação e vivência da *práxis* humana e como criadora de uma realidade objetiva. A história da técnica está atravessada por uma vontade de poder que se manifesta em múltiplas formas, não apenas na violência, mas também na exploração e na aventura, na produção que constrói um mundo novo, no cuidado protetor e na ocupação do espaço. Essa vontade de poder é primitiva e se manifesta na rebeldia e na transgressão. Os limites do corpo são superados, a necessidade de sobrevivência e de domínio da técnica para poder alimentar-se e viver, o domínio do fogo como exemplo. Diante da vontade de dominar a natureza para poder existir surge também à comunicação com ela. Há comunhão com o natural, que se manifesta de diferentes formas, como no marinheiro que se lança ao mar com o objetivo de explorar novas terras, este impulso adquire nos tempos atuais formas novas e grandiosas, como o domínio do ar e do espaço, do meio submarino, tudo isso possibilitado

¹⁵⁵ HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

¹⁵⁶ Ver verbete Técnica in: FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

pelos avanços técnicos. (PARÍS, 2002). Natureza e cultura formam uma aliança mediada pela técnica.

É preciso enxergar na técnica moderna seu potencial libertário, sua potência criadora. Não adianta mais encara-la como um Leviatã que domina os homens ou que aliena a humanidade. Os herdeiros do pensamento da Escola de Frankfurt e toda a crítica fomentada contra a indústria cultural compartilham um pouco dessa visão apocalíptica sobre a técnica moderna e o aparecimento dos meios de comunicação de massa, consequência do desenvolvimento técnico e tecnológico da época. Essa visão dos intelectuais alemães que pensam a técnica moderna como uma força negativa em si mesma precisa ser combatida.

A técnica é liberdade, mas em que sentido? A técnica é a possibilidade de manipular as causas de maneira que elas tenham as consequências que o homem queira. Por exemplo, as leis da dinâmica dos gases, com base nelas é possível construir uma caldeira que move as locomotivas, de maneira que a própria técnica é uma consequência do desenvolvimento científico. A técnica liberta no momento em que ela é o conhecimento da necessidade. (FLUSSER, 2014). Por meio desse conhecimento o ser humano adquire poder, sua potência é aumentada e ele domina o meio, a natureza é transformada/tecnificada/culturalizada e numa relação recursiva e dialógica o homem é naturalizado. A técnica abre possibilidades de criação e produção, é libertária.

No contexto da cultura contemporânea, falar em técnica remete à tecnologia. A tecnologia é consequência do desenvolvimento da técnica, é a “arte, ciência da técnica”, o estudo das técnicas, instrumentos, máquinas e componentes eletrônicos, meios e recursos com que as sociedades humanas fazem frente ao seu entorno material e o transformam. Nesse sentido, a tecnologia pode ser compreendida como uma junção formada por aptidões humanas, máquinas operatórias e estruturas materiais. De acordo com Glick¹⁵⁷ (2001), na medida em que os antropólogos têm reconhecido o *homo faber* como arquétipo social e têm destacado a utilização de ferramentas como um dos conjuntos dos artefatos culturais, a tecnologia não deixou de estar presente no repertório antropológico. Os indivíduos selecionam inconscientemente a ferramenta mais apropriada para uma tarefa específica, modificando gradativamente o artefato até que a forma corresponda de maneira ótima a sua função.

Flusser (2007) classificou a história da humanidade como uma história da fabricação, o *homo faber* como a espécie antropeide que fabrica algo. Os períodos históricos são os das mãos,

¹⁵⁷ Ver verbete *Tecnología* in: BARFIELD, Thomas, ed. **Diccionario de antropologia**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.

das ferramentas, das máquinas e dos aparelhos eletrônicos, nos quais o processo de transformação da natureza pelo homem tem quatro movimentos de transformação – apropriação, conversão, aplicação e utilização – que são realizados primeiramente pelas mãos, depois por ferramentas, em seguida pelas máquinas e, por último, pelos aparatos eletrônicos. A fábrica do futuro irá reconfigurar a relação homem-ferramenta, a arquitetura humana irá dar lugar à arquitetura das máquinas. Hoje, temos as tecnomáquinas e a música eletrônica como uma expressão desse desenvolvimento tecnológico.

Atualmente é impensável para a sociedade urbana ocidental viver sem tecnologia, a dependência dos aparelhos técnicos só aumenta. O ser humano precisa estar conectado a algum objeto tecnológico, os celulares inteligentes, conhecidos como *smartphones*, viraram uma extensão do “eu”. Marshall McLuhan (2007) já profetizava isso quando disse que os meios de comunicação são extensões do corpo humano. De acordo com Sherry Turkle (2011) os computadores estão mudando e afetando a vida das pessoas. O ser humano é afetado pelas ferramentas que constrói, pelas suas criações, a tecnologia é sedutora e quando o que ela oferece se encontra com a vulnerabilidade humana, o grau de afetação é maior. Há uma reconstrução do eu e das relações humanas através da intimidade que é criada com as máquinas, o que acaba gerando uma humanização das máquinas e uma tecnologização do humano, em que os homens passam a dar qualidades humanas aos objetos e a tratar o outro como coisa.

Talvez o *homo sapiens demens* tenha se tornado de fato ciborgue, a tecnomáquina se tornou parte vital do seu corpo. Os indivíduos estão cada vez mais conectados à Internet, aos computadores, aos *smartphones*, aos *tablets*, estar *on-line* passou a ser uma premissa para a existência, porque permanecer *off-line* dá a sensação de se estar morto, de não existir e de ter invisibilidade social. As pessoas amam as tecnologias da conexão, pois são afetadas de forma ativa por essas tecnomáquinas, mas essa afetação maquínica expressa alegria, deslumbre, encantamento e dependência. A tecnologia da conexão tem feito pais e filhos se sentirem mais seguros, sem contar na revolução gerada nos setores de negócios, educação, medicina e nos relacionamentos amorosos. A conectividade oferece novas possibilidades de experimentar novas identidades e, particularmente na adolescência, o senso de espaço livre. (TURKLE, 2011).

A tese principal de Turkle (2011) é a de que o ser humano está só nesse mundo tecnológico, porém cada vez mais junto por causa da conectividade. O indivíduo carrega a tecnologia consigo, de modo que estar só na verdade é um pré-requisito para estar junto, pois é mais fácil se comunicar se o sujeito pode focar, sem interrupção, usando somente a tela como interface. As consequências são verdadeiros mal-estares contemporâneos, o isolamento, a

insegurança e a solidão, uma constante conexão trazendo novas ansiedades de desconexão. Hoje em dia trabalha-se em diferentes empregos, o tempo passado na escola é maior, as pessoas não namoram, apenas ficam, não há tempo para compromissos sérios. São os amores líquidos de Bauman (2004) ganhando vida na sociedade contemporânea.

É nesse espaço de conexões e desconexões que as pessoas não experimentam nenhum senso de ter se comunicado depois de horas de conexão, o computador se tornou um segundo eu, um verdadeiro espelho da mente onde são refletidos todos os afetos e problemas existenciais. Vivemos na era da religião das máquinas, que afetam e são afetadas. Pela lógica das tecnologias atuais, é o humano que é absorvido pela máquina, tornando-se mais um sistema de informações entre outros. (FELINTO, 2005). O ser humano só é “absorvido” pelas máquinas ou se torna um tipo de extensão maquínica por causa dos agenciamentos maquínicos, são eles que permitem que esse processo se realize. As tecnomáquinas afetam diretamente o *homo sapiens demens*, modificando sua subjetividade, sua consciência e inconsciência, afinal nosso inconsciente é também maquínico, no sentido de produção e operação.

Dentro dessa esfera maquínica de produção e expressão é importante destacar também a função das drogas nesse cenário. Na fase áurea do *Psytrance* em Natal, as drogas tiveram e ainda tem um papel indispensável nas festas de música eletrônica, incluído as *raves* de *psy*.

4.6 DROGAS: MÁQUINAS DE PRAZER E DEPENDÊNCIA

A era do *Psytrance* explodia em todo o Brasil e junto com ela as modinhas e as consequências. Os diversos tipos de mídia cada vez mais exploravam o tema de forma negativa sempre associando esse tipo de evento a redutos de drogados, de modo que até pessoas que nunca tinham ido a uma *rave* já sabiam o que era uma bala ou um doce. No ano de 2012 foi lançado o filme *Paraísos Artificiais*, a produção nacional tinha como enredo os festivais de música eletrônica e como inspiração o *Universo Paralelo*. No filme, a questão das drogas é bastante pontuada, em uma das cenas o personagem Mark, interpretado pelo ator Roney Vilella, diz que “as drogas são incapazes de criar uma realidade alheia a você, elas simplesmente potencializam o que já existe. As pessoas tiram das drogas o que elas querem, a grande questão é: será que elas querem o que é melhor para elas?” (PARAÍSOS Artificiais, 2012).

O que elas querem e o que elas sentem depende dos afetos. Nas festas de música eletrônica as substâncias psicoativas, como afirma Mark, potencializam o afeto existente em cada um. O uso de drogas remete a pré-história do homem.

Antropólogos, arqueólogos e outros estudiosos do assunto admitem que o homem tenha usado plantas alucinógenas para se embriagar ainda no Paleolítico Superior, entre 40 e 10 mil anos atrás, conforme sugerem algumas pinturas em cavernas da Idade da Pedra (...) especialistas consideram extremamente improvável que o homem, vivendo da caça e da coleta por cerca de 90 mil anos, não tenha comido algumas plantas psicoativas que encontrou pelo caminho. (ARAÚJO, 2012, p. 24).

Aldous Huxley (1954/2002) décadas antes de Araújo (2012) já afirmava que:

Na vida individual, para uso cotidiano, sempre houve drogas inebriantes. Todos os sedativos e narcóticos vegetais, todos os eufóricos derivados de plantas, todos os entorpecentes que se extraem de frutos ou raízes, todos, sem exceção, são conhecidos e vêm sendo sistematicamente empregados pelos seres humanos, desde épocas imemoriais. (HUXLEY, 1954/2002, p. 66).

A música eletrônica, atrelada às condições subjetivas, ao gosto, à atmosfera do ambiente, pode conduzir ao êxtase, a união de outros aditivos químicos como a maconha, o LSD¹⁵⁸, a ketamina ou *special K*¹⁵⁹, etc. Pode ajudar no desenvolvimento da sociabilidade em algumas situações, também há momentos em que as drogas deixam os indivíduos introspectivos, o que aumenta a possibilidade da incomunicabilidade entre os participantes.

De acordo com Sigmund Freud (1930/1996), a vida é árdua demais para os seres humanos, proporcionando muito sofrimento, decepções e tarefas difíceis e para suportá-la, não se pode dispensar medidas paliativas. Algumas substâncias tóxicas podem provocar um incrível sentimento de prazer e o que rege o objetivo da vida do ser humano é o princípio do prazer, que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Há algumas substâncias que quando presentes no sangue ou nos tecidos provocam diretamente sensações prazerosas, alterando as condições que dirigem a sensibilidade, tornando o indivíduo incapaz de receber

158 Droga usada durante os anos 1960, no auge do movimento psicodélico. Em meados dos anos 1990 passou a incorporar as festas *raves* em lugares abertos em que geralmente o som tocado é o *psytrance*. Conhecida cientificamente como dietilamida do ácido lisérgico, de poder alucinógeno. Os efeitos no organismo duram de oito a doze horas, provocando ilusões, grande sensibilidade sensorial, sinestésias, paranóias, experiências místicas, alteração da noção temporal e espacial, sentimento de bem-estar, perda do controle emocional, experiências de êxtase, etc. O LSD não provoca dependência física. (FRITZ, 1999).

159 Conhecida cientificamente como cloridrato de cetamina. Usado em cirurgias veterinárias como anestésico. Seus efeitos duram de trinta a quarenta e cinco minutos, provocando desde um estado de leve embriaguez, até a sensação de desprendimento da alma em relação ao corpo. É extremamente perigoso misturar ketamina com antidepressivos, inclusive o álcool. (FRITZ, 1999).

impulsos desagradáveis. Com o auxílio dessas substâncias é possível atingir um grau de independência do mundo externo, afastando-se da realidade e encontrando refúgio em um mundo particular, com melhores condições de sensibilidade (FREUD, 1930/1996). Para Freud (1930/1996), a felicidade no sentido mais restrito provém da satisfação (de preferência repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Ele aponta as substâncias intoxicantes como uma das formas de alcançar a felicidade de forma momentânea. A droga pode ser entendida como uma máquina, no sentido de produção, ela ao nos afetar produz a sensação de prazer no nosso corpo na maioria dos casos, é uma máquina de prazer, que também pode produzir dependência.

Peter Sloterdijk (2008) fala de um combate titânico que vem sendo traçado na sociedade contemporânea ocidental entre a embriaguez e a sobriedade que, desde muito tempo, cadencia a história das culturas:

Esta batalha entre os indivíduos, povos e civilizações é travada a fim de tornar mais fácil de suportar a vida dura, nas condições escabrosas das ditas culturas avançadas. Nestas involuntárias lutas titânicas, os homens tentam, desde há muito tempo, manipular o mal distribuído agravamento de peso do mundo; é assim que o partilham e suportam em conjunto, reduzem-no restringindo as necessidades, descarregam-no noutros, esquecem-no e sobrevoam-no no atordoamento, especialmente com a ajuda de estupefacientes. (SLOTERDIJK, 2008, p. 76).

Todavia, Sloterdijk (2008) considera errôneo pensar as drogas apenas como uma forma de fuga do mundo, para ele atualmente o uso de drogas é desritualizado, causando na maioria das vezes dependência; já no mundo antigo, as drogas possuíam um *status* fármaco-teológico – elas mesmas eram consideradas elementos, atores e forças do cosmos ordenado no qual os sujeitos para sobreviverem, tentavam se integrar, de maneira que os estupefacientes não serviam para a embriaguez privada, mas agiam como reagentes do sagrado, como um abrir de portas para os deuses. É importante destacar mais uma vez que, apesar de as *raves* possuírem características ritualísticas lúdicas, o uso de drogas nesses lugares está conectado com a dimensão profana e não sagrada, em uma desritualização do seu uso. No entanto, o fato do uso de drogas nas *raves* ser desritualizado não elimina as outras características ritualísticas lúdicas que a festa de música eletrônica abarca.

De acordo com Sloterdijk (2008), há três grandes tendências na história da subjetividade humana sobre a dependência e a droga. O emudecimento dos deuses, explicado pelo fato de que o atual homem ocidental se posicionou em segurança contra as manifestações; os deuses estão definitivamente excluídos dos conteúdos de experiências possíveis e admissíveis, levando

a pensar que à medida que o ser humano aumenta sua impermeabilidade relativamente a Deus e aos deuses, se torna mais susceptível de ser dominado pelas drogas. Outra tendência seria a desritualização do domínio, quando os deuses ficam em silêncio e vem à tona uma tendência para a descodificação do êxtase, o atual consumo profano das drogas está em aberto o que leva na maioria das vezes à dependência e os indivíduos que antes teriam servido para médium, a partir de agora estão especialmente em risco de serem vítimas de êxtases não-informativos, construindo um modo superficial e desritualizado de lidar com as poderosas substâncias. A terceira tendência seria o surgimento da vontade de não-ser, através do consumo desritualizado de drogas os sujeitos abrem o seu caminho de retorno à inexistência; por meio da aliança com a droga, o sujeito dependente dissolve a sua existência, através da qual se manteria nas tensões da abertura ao mundo – com todos os desafios que isso traria consigo na forma de preocupações, lutas, tarefas e compromissos sociais. (SLOTERDIJK, 2008).

A negação das tensões da individualidade caminha em direção à inexistência e faz com que o homem passe a ser menos fugitivo do mundo, aumentando a sua dependência do mundo, pois as drogas ao consumirem o ser deixam o sujeito cada vez mais preso ao mundo e às drogas. Nesse sentido, Sloterdijk (2008) refuta o pensamento de Freud (1930/1996), que afirma que as drogas possibilitam uma fuga da realidade, uma independência do mundo externo, deixando de lado outros fatores. Nas *raves*, uma das drogas mais utilizadas e que pode causar um grande sentimento de prazer no usuário é o *ecstasy* – denominado de metilenodioximetanfetamina (MDMA) e conhecido popularmente como E ou bala. O *ecstasy* se transformou no elemento-chave das festas de música eletrônica, sendo consumido em grande quantidade desde as primeiras *raves*, pois ele provoca uma alteração dos sentidos, especialmente, do tato; o paladar e o olfato também se alteram e são passíveis de ligeiras distorções visuais. O *ecstasy* pode propiciar uma profunda experiência de comunicação interpessoal e de autodescoberta, quando um grande número de pessoas o tomam juntos, a droga cria uma atmosfera de intimidade coletiva, um senso elétrico de conexão entre completos estranhos. Ele possibilita uma interação sinérgica e sinestésica com a música, especialmente a música eletrônica. (REYNOLDS, 1999). Na perspectiva de Erika Palomino (1999), observadora da cena:

A comunicação provocada pelo E se dá também através da dança. Progressivamente, os passos se tornam iguais: as mãos são quase sempre esticadas para frente, com os braços mexendo na batida da música. Ou então elas ficam fechadas, quando os olhos também estão fechados, muitas vezes sob óculos escuros (a luz incomoda a visão), com a cabeça baixa. Ou então fitamos uns aos outros, sorrindo a cada troca de olhar, num intercâmbio de

movimentos e em leves coreografias, quase combinadas. (PALOMINO, 1999, p. 81).

Esta substância é um *entactogénico*, isto é, facilita o contato consigo mesmo e com o exterior de forma que tudo pareça bem e seja bom no mundo. Os indivíduos sob o efeito do *ecstasy* costumam descrever uma sensação de paz ou de uma felicidade generalizada. O *ecstasy* é descrito também como *empatogénico*, porque desperta a empatia, a capacidade de se colocar na pele do outro e a eliminação de fronteiras pessoais de comunicação, de maneira que as pessoas sob o seu efeito dizem estar muito mais à vontade para falar com os outros. O motivo do *ecstasy* ser conhecido como a “droga do abraço” se dá porque ele torna o contato humano significativo durante o efeito, o ato de abraçar está ligado ao fato de querer sentir o próprio corpo, tocar a pele do outro, poder apreciar durante longos minutos uma simples carícia nas costas. (LALLEMAND; SHEPENS, 2002).

Há drogas que possibilitam uma maior abertura do indivíduo ao outro, uma sensação de bem-estar que ajuda na germinação da interação entre os dançantes. É importante ressaltar que elas agem apenas como estimulante, pois é possível estabelecer interação nas *raves* e casas noturnas sem o uso de substâncias. A resposta para o uso das drogas talvez seja encontrada na busca de uma felicidade momentânea, regida pelo princípio do prazer (FREUD, 1930/1996), assim como por uma necessidade de aguentar o peso do mundo e da existência sobre os indivíduos, deixando o sujeito cada vez mais dependente do mundo. (SLOTERDIJK, 2008). O ponto de vista para o uso das drogas para os dois autores é o mesmo, o de suportar o peso do mundo e o mal-estar na cultura. Não obstante, no que concerne as consequências do uso eles divergem, pois Freud (1930/1996) acredita que as drogas induzem à uma fuga do mundo e Sloterdijk (2008) afirma que elas aumentam a dependência do mundo. Acredito que o ponto de vista de ambos os autores está correto, porém quanto à consequência do uso, acredito que ocasione uma maior dependência do mundo e não apenas uma fuga como pensava Freud (1930/1996).

A droga, por ser também uma máquina, comporta produção e fluxo no momento em que nos afeta e em contato com o nosso corpo produz afetações maquínicas. A droga é uma máquina da dependência, pois em alguns casos produz a dependência do indivíduo com o mundo. A afetação maquínica também estimulada pelas drogas dominaram as festas de *Psytrance* em Natal. Nos anos 2008 e 2009, as festas passaram por uma decaída, começaram a ter menos público e a concretização deste tipo de *rave* diminuiu. Recentemente, as festas de *Psytrance* continuam acontecendo em granjas e em alguns espaços fechados. O ano de 2015 marcou o

retorno do *psy* em Natal, pois no feriado de 12 de outubro aconteceu em Pipa uma edição da famosa *rave* Liquid Sky, que teve muito sucesso nas vendas. Em geral, as festas de música eletrônica continuam acontecendo na cidade, festas de *psy*, festas na Praia de Pipa e casanoturnas que abriram e fecharam. Grandes *djs* se apresentaram em Natal como Hardwell em 16 de novembro de 2012 e Dimitri Vegas & Like Mike em 26 de abril de 2013, a EDM tomou conta da cidade nesse período. As festas na Ribeira continuam acontecendo, algumas com propostas inusitadas como as da PUM e uma delas chama-se PAJUX.

4.7 A PAJUX

Era 20 de fevereiro de 2016 e passava da meia noite quando cheguei com alguns amigos (MD6, MD9, MD10, MD11, MD12) em uma festa de nome PAJUX, que estava na sua quarta ou quinta edição e tinha um estilo diferente dos modelos de festa de música eletrônica que costuma haver em Natal. A PAJUX se propunha a reunir música eletrônica, performances e *drag-queens*, um dos seus criadores, Frank Aleixo, a define com uma festa de música eletrônica que surgiu como uma paródia da *Tomorrowland*, em uma entrevista para uma TV local¹⁶⁰ sobre uma edição passada da PAJUX, Frank disse: “um dia estava todo mundo lá no Pajuçara¹⁶¹ e daí estava todo mundo olhando aquela ostentação toda, eu pensei: ‘bom, não dá para ostentar no 84 lotado de manhã. Então vamos fazer uma festa que seja mais a nossa cara, mas que tenha um som que nós gostamos também’, e daí surgiu a PAJUX, que é para homenagear a música eletrônica, pois tocamos diversos gêneros”. (ALEIXO, 2015). Sobre a música da PAJUX, MD9 fez o seguinte apontamento:

Estou achando genial a música, eu acho que é *Electro House* ou *Deep House*. Muito bom o som, os *djs* estão arrebatando, a música está muito boa, está bastante animado aqui, não entendo muito em relação a música, mas os *djs* estão mandando muito bem. (MD9, 2016).

Esse é o espírito da PAJUX, a edição que presenciamos aconteceu no Ateliê Bar¹⁶², com ingressos bem acessíveis, que custavam entre dez reais e quinze reais. A proposta do local é reunir arte, música e dança, totalmente de acordo com essa edição da PAJUX chamada

¹⁶⁰ O programa pode ser visto neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=Lej1jZISjY>. Acesso em: 5 de janeiro de 2016.

¹⁶¹ Bairro na região da Zona Norte da cidade de Natal.

¹⁶² Bar localizado na rua Chile na Ribeira, ao lado do Galpão 29.

Genderfuck, cujo objetivo era “foder com as regras de gênero, jogar fora costumes e plataformas de pensamento que nos aprisionam e deixar claro que o biológico não nos define, que podemos moldar a criatura que queremos ser. É ser arte, ser expressão, é ser livre”¹⁶³. Boa parte da expressividade da festa se dava pelo forte apelo estético e nessa estética, expressa nas roupas, maquiagens, decoração e performances, residia sua força política, afinal por meio da estetização do social e do político há também produção de subjetividades múltiplas. O corpo na Pajux era um espaço de construção biopolítica e lugar de resistência. Sobre o local e o ambiente da festa, MD9, MD10 e MD12 comentaram:

Em relação ao local, lugar cultural, região antiga de Natal, bem apropriado para o tipo de festa, eu achei. Deixa mais confortável, sendo um local diferente, bem histórico, bem antigo, que você busca as origens da região e você consegue aflorar mais a cultura, eu acredito. Eu acho que combinou bastante o local, uma região histórica de Natal e as pessoas explorando a arte. Local amplo, aberto, bem iluminado, com estrutura de palco legal, bastante espaço para todo mundo se movimentar, dançar, tamanho ideal. (MD9, 2016).

O local da festa é um local agradável, não é superconfortável, mas também não é um dos piores, é iluminado e comporta a quantidade de pessoas que aqui estão, tem mesas, dá para sentar, tem lugar para dançar, de bom tamanho. (MD10, 2016).

Em relação ao ambiente, já conhecia bem, meses atrás fui à mesma festa e no mesmo local. Acho o local pequeno, mas, pelo público que frequenta, o tamanho está adequado, já que essa festa não atrai muitas pessoas. A decoração me chama pouca atenção, acho que por causa da iluminação que é baixa. O que chamava mais atenção era a projeção na parede, com vários cliques. Entretanto, ainda acho o espaço pouco aproveitado. (MD12, 2016).

Cada um estabeleceu uma posição diferente com o ambiente, mas o que importava era que aquele espaço realmente combinava com aquela festa, o ambiente dialogava com as pessoas, com a música e com a proposta artística do evento.

¹⁶³ Descrição extraída da página da festa no Facebook: <https://www.facebook.com/events/1713041692263871/>. Acesso em: 18 de março de 2016.



Figura 17 Pessoas montadas na PAJUX

As atrações da PAJUX começariam às 21h, a última só às 5h da manhã, com o *after* do evento. As Carmonas Assassinas abriram a festa, composto por três pessoas o projeto envolve música eletrônica e performance *drag*; em seguida Joseph Little Drop¹⁶⁴ e Minerva Del Diabolo, *drag queen* que se apresentou junto com a banda; depois B-Waves, uma *dj* que mistura *Deep House* com *pop*. Às 23:30h entrou SAN NI, *dj*, produtora musical, *videomaker* e *performer* nordestina que há nove anos vive e participa da cena artística de Berlim; em seguida performances com o bloco das *drags* “*Large and in Charge*”¹⁶⁵; depois o *dj* Daniel Pessoa cujo som passeia pelo *Deep House* e *Techno*; *dj* Beeeed tocando *Afrohouse*¹⁶⁶; a *drag queen* Kaya Conky com um *set* de música *pop* e para encerrar às 5h o *dj* Pedro Victor, responsável pelo *after* regado a *House Music*.

A proposta da PAJUX me remeteu a outras festas que tinham ocorrido por volta dos anos 2008 e 2009 no Galpão 29, numa associação direta com a festa PUM, numa edição conhecida como PUM Pornô, cujo intuito era fazer um evento de música eletrônica, de forte apelo estético com um toque alternativo e de deboche, organizada na época pelo coletivo Apto.

¹⁶⁴ Eis a descrição do artista na página da festa no Facebook: “Joseph Little Drop é a melhor banda de Punk José de todo o mundo, segundo a associação global de bandas Punk José. Misturando uns rock pesadão com letras escrachadas”.

¹⁶⁵ Bloco só com Drag Queens acima do peso com intuito de celebrar a beleza, o formato deste corpo. Contestam a violência simbólica que é encaixotar as pessoas em padrões corporais. Nesse bloco, destaque para a drag Mostra Errática.

¹⁶⁶ Estilo que mistura o som tribal da música africana com *house music*, também conhecido como Tribal. Para escutar o que seria o *Afrohouse*: https://www.youtube.com/watch?v=_Zf8j4h6uwg. Acesso em : 22 de março de 2016.

101¹⁶⁷. O apelo estético tinha como objetivo desconstruir as regras de gênero, arrombar o mundo heterocentrado dos tempos atuais por meio da expressividade e das afetações. Os corpos na PAJUX obedeciam àquilo que Beatriz Preciado (2014) chama de contrassexualidade.

A contrassexualidade tem como tarefa identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, sapas, bibas, fanchas, *butchs*, históricas, saídas ou frígidas, hermafrodykes...) e reforçar o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocentrado. (PRECIADO, 2014, p. 27).



Figura 18 Mais montagem e corpos contrassexuais

O pessoal que foi comigo para Pajux não esperava encontrar tais corpos por lá, eu não havia comentado nada com eles, apenas tinha falado sobre a música que ia ser do agrado da maioria. Antes de chegar na PAJUX fizemos uma “prévia” no apartamento de MD6. MD9, MD10, MD11, MD12 e MD6 e eu nos reunimos lá, para escutar músicas e ver clipes pelo *Youtube* antes da festa, pretendíamos chegar por volta da meia noite, afinal ninguém queria “abrir festa”. No apartamento bebemos um pouco e a maioria consumiu um pouco de MDMA que tinha sobrado de outras festas. A quantidade consumida foi tão pequena que serviu apenas para animar o pessoal, e na verdade eu sabia que se dependesse da droga aquela animação não duraria muito tempo, no entanto a noite reservava muitas coisas. MD11 não planejava ir a PAJUX, mas durante a prévia veio à vontade. MD11 fala um pouco sobre esse momento:

Minha noite inicialmente começou apenas com uma reunião “de boa” entre amigos na casa de um amigo da gente que iriam sair e eu só iria para lá e voltar pra (sic) minha casa quando eles saíssem para festa. Iria só para prévia mesmo. Lá na casa do meu amigo, comecei a beber skol senses que um colega meu

¹⁶⁷ Grupo formado por jornalistas, publicitários, arquitetos e estilistas da cidade de Natal.

estava oferecendo e do nada começou a possibilidade de usar MD em pó e achei interessante a ideia, já estava ficando meio lesado mesmo da bebida e aproveitar a oportunidade e comecei a usar, me animei, continuei bebendo e resolvi ir para festa. (MD11, 2016).

MD11 já começava a ser afetado pelos objetos que o cercavam, as bebidas, as drogas e as músicas. Afetações sociais, sonoras e maquínicas que começavam a atuar sobre MD11. A música, a bebida e o MD funcionaram como máquinas de prazer no corpo de MD11, que potencializaram seus afetos. “O prazer é a afecção de uma pessoa ou de um sujeito, é o único meio para uma pessoa ‘se encontrar’ no processo do desejo que a transborda; os prazeres, mesmo os mais artificiais, são reterritorializações.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 20). Para MD12, a prévia foi assim:

Antes de chegar à festa PAJUX, me reuni com um grupo de amigos para fazermos o que se chama de “aquecimento” para a festa, escutar boa música, beber e jogar conversa fora. Nesse aquecimento, comecei a sentir alguns sintomas como dor no corpo, azia, ânsia de vômito e um pouco de febre o que fez com que, no início, eu não quisesse beber. Então tomei remédio para azia e uma substância psicoativa chamada MDMA, uma espécie de droga que traz os mesmos efeitos que o *ecstasy* sem aceleração cardíaca. No início não surtiu efeito, depois que usei quatro vezes num espaço de aproximadamente 60 minutos o enjoo e a azia passaram e comecei a beber normalmente. Me senti melhor e mais animada. (MD12, 2016).

MD12 brincou dizendo que o MDMA a curou do mal-estar, inclusive do seu estado febril. O que me lembrou uma cena do filme *Party Monster*¹⁶⁸ em que a mãe do protagonista, Michael Alig, vai a um programa de entrevista e diz que seu filho lhe deu um comprimido de *ecstasy* dizendo que era uma aspirina, pois ela estava com dor de cabeça. O entrevistador pergunta sorrindo:

- O que aconteceu quando a senhora tomou?
- Minha dor de cabeça passou, respondeu a mãe.

¹⁶⁸ *Party Monster* é um filme lançado no ano de 2003 sobre o nascimento da cultura *clubber* em Nova Iorque. Os “*club kids*” como eram chamados os *clubbers* na época, são retratados no longa-metragem visto aos olhos de um de seus criadores, Michael Alig. Baseado no livro *Disco Bloodbath: A Fabulous But True Tale of Murder in Clubland* foi escrito por James St. James.

4.8 EXPRESSÕES, MÚSICA, MÁQUINAS E PERFORMANCES

Durante o trajeto até a festa colocamos música eletrônica no carro para ir esquentando as turbinas. No caminho recebi áudios no celular do pessoal que estava comigo na prévia que já tinham chegado ao Ateliê, eles me falavam as primeiras impressões sobre a festa. MD9, MD10 e MD12, disseram:

A festa está ótima, a música está excelente, tá (sic) um *mix* de músicas originais bem envolvente, o público está bem à vontade, cada um veio como achava que deveria vir, impondo suas fantasias, impondo sua imaginação pra jogo. (MD9, 2016).

A festa tá (sic) boa, muita gente alternativa, muitas pessoas estranhas, tou (sic) me sentindo um velho, parece que estou em outro mundo, muita coisa estranha mesmo, mas a música está ótima. Pessoas estranhas, a festa se resume a isso, tem uma louca/louco vestido de vaca com um chifre que eu não consigo parar de rir quando eu olho para ele, só coisas malucas. Música ótima, muito boa mesmo, difícil de encontrar em outros lugares da cidade. (MD10, 2016).

A gente chegou agora, a música ta (sic) boa, viemos conversando no caminho, fiquei numa *vibe* boa, tou (sic) me sentindo muito bem agora que cheguei. Como tem muita gente diferente, tou (sic) me sentindo mais normal. Não está tendo vistoria na porta então eu fiquei mais tranquila por causa do MDMA. Estou encontrando tanta gente do IFRN e da UFRN que estou me sentindo nos tempos de faculdade novamente. (MD12, 2016).

As tecnomáquinas eram nossas aliadas; nos *smartphones*, a gravação dos áudios se dava instantaneamente; na festa, as caixas de som e toda a aparelhagem sonora emitiam música essencialmente eletrônica e tecnológica durante a festa. Máquinas sonoras e tecnológicas se somavam, as afetações maquínicas aconteciam de forma significativa na PAJUX. Nessa perspectiva, é possível dizer que estamos inseridos de forma mais abrangente em um *phylum maquínico*¹⁶⁹ que nos atravessa e conecta a máquinas humanas, tecnomáquinas. Esse *phylum* é pura materialidade, natural ou artificial, ao mesmo tempo, são matéria em movimento e em fluxo que conecta as máquinas-corpo com as tecnomáquinas. O natural se funde ao artificial e o biológico ao sintético, essa conexão se dá por meio das afetações maquínicas. As tecnomáquinas operam no seio da subjetividade humana, não apenas no centro das suas

¹⁶⁹ “É possível falar de um *phylum* maquínico, ou de uma linhagem tecnológica, a cada vez que se depara com um conjunto de singularidades, prolongáveis por operações, que convergem e as fazem convergir para um ou vários traços de expressão assimiláveis. Se as singularidades ou operações divergem, em materiais diferente ou no mesmo, é preciso distinguir dois *phylums* diferentes: por exemplo, justamente para a espada de ferro, proveniente do punhal, e o sabre de aço, proveniente da faca. Cada *phylum* tem suas singularidades e operações, suas qualidades e traços, que determinam a relação do desejo com o elemento técnico (os afectos ‘do’ sabre não são os mesmo que os da espada).” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, pp. 93-94).

memórias e inteligência, mas também da sua sensibilidade, afetos e fantasmas inconscientes (GUATTARI, 2012). Nesse contexto, a música eletrônica tem um papel fundamental, visto que é considerada essencialmente maquínica e tecnológica e que apesar de repetitiva, não é desprovida de sentido.

Os processos criadores, sempre recomeçados, não se referem jamais à repetição vazia. A instância ontológica é sempre enriquecimento de virtualidade. Isso pode ser bem percebido na música repetitiva, cuja repetição não é vazia, mas engendra uma singularização, uma proliferação subjetiva propriamente ‘inaudita’; ao passo que a música tradicional, por exemplo a romântica, pode ter uma tendência para rebater a subjetividade sobre o ‘já visto’, o ‘já sentido’, o que não deixa também de ter uma certa sedução. (GUATTARI, 2012, p. 84).

A música eletrônica é sintética, inteligente, fundamentalmente maquínica e comandava os corpos vibráteis e expressivos da PAJUX. A música eletrônica faz parte do imaginário tecnológico¹⁷⁰ que as tecnomáquinas implantaram na nossa consciência e inconsciência, que é maquínico porque produz tanto imagens que são reflexos dos nossos encontros quanto afetações com o mundo que são resultado das afetações corporais, sonoras, sociais e maquínicas. Na PAJUX, meu imaginário estava sendo povoado por imagens sonoras, visuais, etc.

Ao chegar me surpreendi com a quantidade significativa de carros, bem superior a outras edições da PAJUX que eu tinha ido. A música estava convidativa, um *Techno* saía das caixas de som e a batida eletrônica pesada me atraía como imã, os presentes dançavam e o visual das pessoas chamava a atenção. Alguns se preocuparam com a estética, gente montada, algumas *drags* com um *look* subversivo de conotação sexual. A afetação dominava a festa em todas as suas esferas; seja no sentido proposto por este trabalho, seja no significado trazido pelo vocabulário gay¹⁷¹. Nas paredes, uma exposição fotográfica de nus artísticos dos artistas Arthur Tourão e Jari, cujo tema era “o corpo e suas amarras”. MD9 falou um pouco das suas impressões sobre o cenário:

Em relação às pessoas, ontem foi um *mix* de cultura, eu vi muita coisa, exploração da arte, se fosse para definir em uma palavra, aquela festa ontem

¹⁷⁰ “Hoje, um imaginário menos mecanizado, e muito mais místico do que religioso, dá vida as novas tecnologias da comunicação: o mito da informação. Por trás dos ilimitados bancos de dados, redes planetárias de telecomunicações, imersão de mentes em ciberjogos e criação de avatares em ambientes virtuais como o *Second Life* está a aspiração em conceber esses ambientes informacionais não apenas no restrito aspecto da racionalidade instrumental, mas como um espaço sagrado que traria imortalidade e onisciência numa fusão gnóstica entre o *self* e o divino reino da informação.” (FERREIRA, 2014, p. 241) In: FILHO, Ciro Marcondes (org.). Dicionário de Comunicação. São Paulo: Paulus, 2014, 2ª edição.

¹⁷¹ Artificialidade nos gestos ou nas palavras (rapaz afetado).

eu chamaria de liberdade, liberdade de expressão, as pessoas iam como queriam sem ser julgadas de maneira alguma. Aquele era um local em que era completamente impossível alguém ser julgado em relação à estética, porque aquela festa foi uma exploração da arte, exploração do visual. Muitas pessoas exploraram ao máximo do seu pensamento, de como expressar o seu interior, eu vi bem isso. Muitas roupas legais, o pessoal investiu legal em relação a isso. Ainda mais as pessoas que iriam se apresentar. (MD9, 2016).

MD9 estava certo, a festa foi pura arte, corpos e cenários expressivos. A estética operava como um dispositivo artístico, tecnológico, político e sexual caminhando acoplada à música eletrônica. Uma das paredes da pista dança continha uma projeção onde passava vários clipes, o que ajudava a criar um clima mais eletrônico e musical ao ambiente. Uma imagem fixa na projeção era a de um programa de computador que simulava o equipamento do *dj*, aquilo dava um “tom” de festa de música eletrônica à PAJUX. Peguei uma bebida no bar e voltei a pista para dançar.



Figura 19 Imagem na parede do aparelho do *dj*

Naquele momento, o *dj* Daniel Pessoa comandava e animava o público. Ao dançar, meu corpo entrou em consonância com aquela máquina sonora, estava afetado por ela. Minha máquina-corpo era afetada pelas outras máquinas ali presente.

É preciso considerar que existe uma essência maquínica que irá se encarnar em uma máquina técnica, mas igualmente no meio social, cognitivo, ligado a essa máquina – os conjuntos sociais são também máquinas, o corpo é uma máquina, há máquinas científicas, teóricas, informacionais. (GUATTARI, 2012, p. 49).

Na PAJUX os corpos vibráteis, principalmente os que estavam montados, eram máquinas de prazer e resistência, máquinas de contestação, máquinas políticas. Na pista, encontrei um colega de faculdade que não via há certo tempo, o rapaz estava bem animado. Quando me viu, deu um abraço e falou:

Quanto tempo! Estou adorando a festa. Tomei uma bala e já estou louco, esse aqui é meu namorado, ele também tomou uma bala. Estou me sentindo a personagem Christina¹⁷² do filme *Party Monster* e olha que nem montado estou. Ai como eu adoro esse filme! (Amigo da faculdade, 2016)

Meu colega me apresentou a turma que o acompanhava, deixando bem claro que todos tinham ingerido algo e que estavam “loucos”. Eram máquinas de prazer afetando outras máquinas, as afetações maquínicas eram constantes. Resolvi aproveitar a música *Techno* que de fato estava muito boa. MD12, MD6, MD10, MD9 e MD11 se juntaram a mim na pista, cada um com suas respectivas bebidas. Para MD11 o que surtiu mais efeito nele na festa foi o álcool, o MD não o afetou tanto:

Confesso que pelo menos no que eu senti com base no que experimentei o MDMA no apartamento e o álcool na prévia e durante a festa, eu não senti nada em relação ao MDMA, pelo menos as sensações que as pessoas descrevem o que sentem. O que realmente senti foi o efeito do álcool e da noite ter sido bem agradável, por ter ficado disponível a festa, sem ficar reclamando. O álcool de forma moderada influenciou não só com a interação com a música eletrônica, mas no ambiente. Na festa é interessante que quando você está mais liberto, se sentindo mais disponível, a interação que você tem com a música é bem interessante, porque às vezes toca uma música que você não gosta, mas digamos que você tolera porque você está numa *vibe* boa e quando tem uma música que você gosta e você começa a dançar, é interessante a sensação que você tem de que você está dançando de forma fodástica, fazendo passos incríveis, coreografias e tals (sic) e você fica bem aberto em relação aquela música. Fica bacana porque você aproveita a música, à noite, as músicas boas, as que não são tão boas, mas acaba aproveitando isso. (MD11, 2016).

Eu me senti nessa *vibe* de dançar bastante, de forma “fodástica”, quando Daniel colocou um *remix* da música *Everything In Its Right Place*¹⁷³, na hora comecei a dançar bastante e comentei com MD12:

¹⁷² A personagem Christina foi interpretada pelo cantor Marilyn Mason. Alguns trechos do filme em que Christina aparece está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5__PIZvNTYM. Acesso em: 27 de março de 2016.

¹⁷³ A música original da banda Radiohead pode ser escutada aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=onRk0sjSgFU>. Acesso em : 27 de março de 2016.

– Radiohead! Não acredito! Trilha do filme Vanilla Sky (...) e comecei a viajar absurdamente naquele som.

Fechei os olhos e só abri quando a música acabou. No decorrer da festa observei como as pessoas se comportavam, agiam e pareciam livres, todos podiam dar margem à sua imaginação e às suas perversões, fosse por meio da roupa, da dança ou até mesmo de uma performance. Não vi muitos casais, nem pessoas ficando, a maioria dançava, algumas conversavam fora da pista, a proposta da festa era mesmo “se acabar” de dançar. MD9 e MD12 falaram um pouco sobre isso:

Gostei muito da festa porque eu vi uma expressão da arte que a gente não vê todo dia. Diante de tanto julgamento em relação ao que você deve vestir, ao que você deve usar, todo o julgamento da sociedade. Isso era uma coisa que não existia na PAJUX, as pessoas estavam ali de acordo com a sua imaginação, explorando ao máximo a sua imaginação, de como deveriam se vestir, se comportar, e claro respeitando o limite de cada um. (MD9, 2016).

Também percebi que em um ambiente como essa festa, as pessoas parecem estar mais abertas, apesar de estarem fantasiadas ou maquiadas de uma forma mais chamativa, me parece que, nesse momento, elas estão sem “máscaras”. Já eu não me senti dessa forma, acho que por eu me sentir mais “normal” que os outros nesse ambiente, aí sim me senti “estranha”. (MD12, 2016).

Durante a noite duas performances me chamaram a atenção, a da *drag* Monstra Errática que cantava sem camisa um *funk* que dizia: “eu sou passiva, mas meto bala se quiser tapar meu cú com sua bíblia¹⁷⁴”, o público que estava na frente do palco conhecia a letra e cantava junto com a *drag* Errática. Abaixo figura de algumas das performances;



Figura 20 Performance 1

¹⁷⁴ A música pode ser escutada neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=qOwvtgYzYfM>. Acesso em: 27 de março de 2016.



Figura 21 Performance 2

A segunda performance é a de um casal que simulava uma cena de sexo, ambos seminus com roupas sensuais, ele usava uma *jockstrap* rosa-choque, meia-calça e cinta preta e ela lingerie branca e máscara negra que lembrava as de sadomasoquismo, na performance a mulher tinha o papel da dominadora. As performances tinham a intenção de chocar. MD10 teve a seguinte impressão:

As apresentações não me agradaram muito, não são coisas que eu iria parar para assistir, todas elas muito apelativas, a maioria puxando para o lado sexual e nudismo, achei apelativo. Tinha algumas expressões artísticas mesmo, estranhas, fora do normal que não dá para ver em qualquer lugar. A impressão que passava era que a maioria das pessoas era renegada da sociedade, pessoas auto-excluídas ou diferentes (rs), e que estavam lá para mostrar o seu diferencial, a sua personalidade diferente mesmo. (MD10, 2016).

De acordo com Paul Zumthor (2007), a ideia de performance está relacionada com a recepção, com uma percepção sensorial, um engajamento do corpo durante o processo, o que implica competência e reconhecimento. Um saber que acarreta e comanda uma presença, uma conduta e uma ordem de valores encarnada em corpo vivo, situado em contexto situacional e cultural. Pode ser um acontecimento oral e gestual e por ser um ato de comunicação, a performance envolve a dimensão da recepção, um momento privilegiado, em que o enunciado é realmente recebido. A comunicação tenta mudar aquele a quem se dirige, pois, receber uma

comunicação é necessariamente sofrer uma transformação. Nesse contexto, transmissão e recepção constituem um ato único de participação, uma co-presença geradora de prazer. Esse ato único é a performance. (ZUNTHOR, 2007). A performance é um processo de afetação corporal, pois sempre implica a presença de corpos humanos, é também maquínica quando durante o ato da performance uma tecnomáquina estiver compondo e participando da apresentação; e pode ser social pois implica conexões com humanos ou não humanos.

A terceira edição da PAJUX não me decepcionou¹⁷⁵, ao contrário, foi a melhor em que eu já estive. Os organizadores se preocuparam com questões além da música eletrônica e estavam cumprindo o objetivo de trazer temas relacionados ao gênero, para o cenário das festas de música eletrônica em Natal. Por mais que não tenha tido divulgação na grande mídia, as pessoas saíram de casa, colocaram uma roupa incomum para os padrões atuais, uma maquiagem peculiar, se montaram, fizeram a diferença, fizeram arte. Foram elas que causaram impacto nos meus amigos, que acharam que iriam a mais uma festa de música eletrônica na cidade, e se surpreenderam com o impacto visual da PAJUX. O subversivo da proposta artística se misturou às batidas eletrônicas, o ritmo tecnológico do *Techno* movimentou corpos expressivos, vibráteis, sexualizados, afetados e maquínicos.

¹⁷⁵ Os estilos de música eletrônica tocados na PAJUX não são comuns de se ouvir em festas em Natal.

POR UMA ÉTICA TECNOMAQUÍNICA

No filme *Paraísos Artificiais*, o personagem Mark fala a uma das protagonistas: “você é o que você sente”. (*ARTIFICIAIS Paraíso*, 2012). O que sentimos são as nossas afetações, são elas que produzem a subjetividade que está sempre em construção, em processo. Somos afetados por corpos, sons, objetos, máquinas e afetamos corpos, sons, objetos, máquinas, tudo isso montado em um palco de intensidades e forças. O funcionamento da vida é o movimento e para que haja movimento o desejo funciona como mola propulsora das afetações, o desejo moveu a mim, e a indivíduos em todo o mundo, em direção às festas de música eletrônica.

Festivais de música eletrônica como o *Tomorrowland*, *Ultramusic* e *Electric Daisy Carnival*¹⁷⁶ são exemplos de eventos que levam milhares de pessoas para seus locais de origem, Bélgica e EUA respectivamente. Os três festivais já chegaram ao Brasil, em 2016 o *Tomorrowland* teve sua segunda edição no país com uma média de 180 mil pessoas nos três dias de festa. A música eletrônica já tem mais de meio século de história e sua popularização só aumenta, as festas que antes só aconteciam em casas-noturnas nos anos 1970, 1980, e 1990, a partir dos anos 2000 conheceram a era dos grandes festivais, que se intensificaram após o ano de 2010. Ainda que continuem acontecendo em casas-noturnas, espaços menores, fazendas, sítios, etc., locais não faltam para colocar música inteligente e aglutinar várias pessoas ao redor desse som essencialmente tecnológico.

Através desse som tecnológico, matéria-prima indispensável das festas de música eletrônica, tentei compreender os fluxos, os desejos, os platôs e as afetações que ali se formavam. Nas festas de música eletrônica pude perceber os quatro tipos de afetações que proponho nesta tese: corporais, sonoras, sociais e maquinicas. As afetações podem ser encontradas em outras festas, mas apenas nas de música eletrônica há agenciamentos entre tecnomáquinas, músicas tecnológicas e corpos ciborgues, produtos e produtores de uma cultura tecnológica. O ouvido se tornou sintético assim como a música sintética/inteligente, estamos adaptados aos sons eletrônicos, computadorizados, robotizados. As festas de música eletrônica são uma metáfora do homem contemporâneo e também um espelho de dupla face, de um lado reflete a face tecnomaquinica e de outro a face sonora, a música como energia de vida, como

¹⁷⁶ Festival de música eletrônica que teve sua primeira edição na Califórnia/EUA e hoje em dia devido ao seu sucesso acontece em várias cidades do mundo: Las Vegas, Dallas, Tóquio, Cidade do México, São Paulo, etc.

ativadora do que há de mais arcaico no *anthropos*: a sua potência de sentir e suas afecções. É nesse contexto que as quatro afetações se encontram e operam.

Spinoza (1677/2010) foi basilar para a compreensão a partir do seu conceito de afeto. Filósofo da potência, da vida, um enaltecedor da alegria, para ele sem alegria não há vida, não há vibração, não há potência. Não é possível fazer da alegria uma fórmula de vida ou um padrão existencial, nem de um momento de alegria uma resposta para a vida, pois no instante seguinte aquela fórmula não existe mais. Os encontros com o mundo são inéditos, por isso temos que tentar buscar sempre algo que nos potencialize, que nos deixe alegre; é preciso sempre tirar algo bom dos encontros através da razão. O sentido da alegria é o sentido propriamente ético, Spinoza (1677/2010) defende uma ética da alegria, dos corpos potentes, empoderados, enérgicos e vivos. Nas festas de música eletrônica eu pude encontrar esses corpos vibráteis, afetados e afetantes, preenchidos de alegria, de desejo e expressivos. Nesse sentido, é possível falar de corpos livres, pois o homem livre para Spinoza (1677/2010) é o ser alegre, potente, que experimenta as paixões alegres.

As afetações nas festas música eletrônica caminham em direção a uma ética da alegria, em que corpos afetam corpos de várias maneiras, germinando, em alguns casos, o nascimento de vínculos. A música afeta corpos que respondem com danças, pulos e sorrisos; as conexões entre humanos e não humanos podem potencializar a alegria entre os participantes; as tecnomáquinas afetam os corpos com sua música inteligente e agem diretamente na produção de subjetividades. Várias conexões e redes vão tecendo-se nessas festas e, para que haja um mundo de sentidos, as afetações são indispensáveis.

De acordo com a etimologia, a palavra sentido, do latim *sensos*, significa a capacidade de perceber ou sentir as impressões e os sinais do mundo externo. De acordo com Marcondes Filho (2014) vários foram os filósofos estudaram sobre o sentido, Husserl e Gilles Deleuze são exemplos significativos. Sentido é compreendido aqui como expressão e produção, como fenômeno no momento em que se expressa, sai de si, põem-se para fora e produz no decorrer do acontecimento. O sentido não existe *a priori*, não é algo que está lá por antecipação, mas algo que se constrói no evento do acontecer da coisa. Os acontecimentos não possuem um sentido, eles são o sentido, que não está nem nas coisas nem nos seres, mas na sua fricção, no seu atrito, sendo a interseção de vários comportamentos. No caso desta pesquisa, o sentido foi construído na produção da cartografia complexa, no fazer, no momento em que aconteciam as festas.

O sentido é a produção da realidade, é a sua expressão, o seu acontecer, os encontros entre os humanos/não humanos e o mundo; o sentido é o ato de conectar, de associar na esfera

do mundo vivido, é processo de comunicação, fluxo, movimento, é a dinâmica dos seres e das coisas, a potência criadora, a criação em ato; que se dá no momento das afetações, durante o seu processo. Durante a produção de sentido, no momento da festa, se expressavam as afetações corporais, sonoras, sociais e maquínicas. O sentido é o próprio processo de afetação.

A partir das festas de música eletrônica e abraçando de maneira abrangente o universo das tecnomáquinas proponho pensar a realidade contemporânea atravessada pela tecnologia, pois tento extrair daí o seu sentido e refletir sobre a produção e a criação desta realidade. Ao retomar a discussão sobre o fazer tecnológico, na sociedade atual, incluo o homem, a cultura, a comunicação, a técnica, as conexões e as afetações. O sentido/produção desta realidade é o ponto de intersecção de todas as esferas supracitadas: humana, cultural, comunicativa, técnica, conectiva e afetada¹⁷⁷.

A realidade atual é edificada por uma rede de diferentes tipos de conexões, principalmente tecnológicas, que está imersa em um caldo cultural e tecnomaquínico. Nada disso acontece sem a mediação da técnica, a cultura engloba a práxis técnica e se integra nela. O corpo se estende no instrumento e, através de semelhante extensão, delinea seus limites e se problematiza; do ponto de vista dos fins, assiste-se a uma complementação e recriação do fazer biológico pela cultura. Trata-se de um complexo cultural em cujo centro a técnica se situa tem uma base biológica e ecológica imprescindível para sua capacitação. A técnica humana é inventiva, é uma potência criativa da cultura e criadora dos recursos de subsistência à vida. O ser humano vive na ambiência da tecnosfera, que corresponde ao conjunto ou ao universo dos artefatos, não só dos instrumentos, mas das múltiplas formas deles, criadas pelos humanos. A tecnosfera é criada entre a ecologia natural, o meio, o “habitat” inorgânico e o vivo, aquilo que se pode considerar como “nicho natural”, por um lado, e as necessidades humanas, por outro. (PARÍS, 2002).

Nesse contexto, refletir sobre a questão ética da técnica na construção dessa realidade é imprescindível. Sobre uma ética potente, criativa, alegre e spinozista, que dê margem à liberdade, aos afetos, à produção de subjetividades plurais e que os encontros entre os humanos e as tecnomáquinas sejam bons, alegres e potencializadores. O intuito não é enaltecer a supremacia da tecnomáquinas sobre os humanos como no filme *Ex-Machina – Instinto Artificial*, no qual há uma relação de um rapaz com uma inteligência artificial, proponho uma ética tecnomaquínica em que haja igualdade entre ambos, trocas, afetações potentes.

¹⁷⁷ Que diz respeito às afetações.

Uma ética em que as conexões entre os humanos, os não humanos e entre ambos, possibilitem a existência de uma realidade criadora, inventiva e produtiva; permeada pelo desenvolvimento educacional, econômico, político, social, cultural, ecológico e humano acima de tudo, demasiadamente humano. Uma ética que permita o desvelamento do homem, de um novo homem, com sua matriz arquetípica original, mas atravessado pela tecnologia, por fios e carne, silício e sangue, um ciborgue de fato, contudo com o desejo de se conectar e estar sempre presente, de associar-se, criar laços, produzir, afetar, comunicar, simbolizar, imaginar e amar.

Não adianta apenas analisar as tecnologias e encarar a técnica como um grande monstro que manipula o homem e faz dele seu escravo, nem a ver como salvadora da humanidade e que por meio apenas de um “click” o sujeito poderá gozar a vida de maneira sublime. Flusser (2014) afirma que a técnica é neutra e conduz igualmente ao mal e ao bem. É necessário encarar na técnica três dimensões éticas: a potência, a criação e a mimese. A produção implica a criação; criar é produzir e para que isso aconteça é necessária a vontade de potência, a força e a potência. Há um processo técnico, primeiro a potência e a vontade de criar; em seguida, a criação e o fazer técnico e por último a mimese¹⁷⁸ onde acontece a recriação da natureza, tudo isso por meio da técnica.

Surgem novos objetos e máquinas que interferem diretamente no homem e na realidade que o cerca. Como diz Guattari (1988) o sujeito e a máquina estão imbricados um no outro, entra uma parte de subjetividade no seio de todo agenciamento material, e, reciprocamente, uma parte de sujeição maquínica no seio de todo agenciamento subjetivo. Cabe aos sujeitos explorarem cada vez mais a potência e a criatividade das máquinas tecnológicas, trocar informações, fazer outras conexões entre si e com elas, estabelecendo novas associações. Esse é o caminho para encontrar um sentido ético e político nesse social, que está se formando com raízes arcaicas, mas com inúmeras possibilidades artísticas, políticas, culturais, comunicativas e afetivas.

¹⁷⁸ GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. Mimese na cultura – agir social, rituais e jogos, produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 6ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ALMEIDA, Maria da Conceição de; GALENO, Alex (org.). **Ensaio de complexidade 3**. Natal, RN: EDUFRRN, 2013.
- ARAÚJO, Tarso. **Almanaque das drogas**. São Paulo: Leya, 2012.
- BAITELLO JR, Norval. **A era da iconofagia – ensaios de comunicação e cultura**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- _____. **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.
- BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- _____. **A parte maldita**. Lisboa: Fim de século – Edições, 2005.
- _____. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BARFIELD, Thomas, ed. **Dicionário de antropologia**. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2001.
- BAUER, Martin; GASKELL, George. (org.). **Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BECKER, Judith. *Deep listeners – music, emotion and trancing*. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- BETH, Hanno; PROSS, Harry. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990.
- BOURROUGHS, William S. **Junky – drogado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- BRANDÃO, Carlos R; STRECK, Danilo R. (organizadores). **Pesquisa participante – o saber da partilha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.
- BRÉHIER, Émile. **A teoria dos incorporais no estoicismo antigo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BRUNO, Giordano. **Os vínculos**. São Paulo: Hedra, 1591/2012.
- BYSTRINA, Ivan. **Tópicos de semiótica da cultura**. São Paulo: Centro Interdisciplinar de Estudos em Semiótica da Cultura (s.d.).
- CABRAL, Álvaro. **Dicionário de psicologia e psicanálise**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas – mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Fetichismos visuais – corpo erópticos e metrópole comunicacional**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CASSIRER, Ernst. **Antropologia filosófica: ensaio sobre o homem – introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 4ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CYRULNIK, Boris. **De corpo e alma – a conquista do bem-estar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COSTA, Poliana Angélica dos Santos; LEMOS, Elizama das Chagas; SILVA, Josimey Costa da. **Mecanismos de escape da sociedade atual: reflexões sobre a música e a internet como fatores de desterritorialização do indivíduo**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1720-1.pdf>> Acesso em: 1 de maio de 2012.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DORSCH, Friedrich. **Diccionario de Psicología**. Barcelona: Editorial Herder, 1978.

DAMASIO, António R. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. **O erro de Descartes – emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1872/2000.

DESCARTES, René. **As paixões da alma**. São Paulo: Martins Fontes, 1649/2005.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Fortaleza: EDUECE, 2009 (2ª Edição).

_____. **Espinosa e o problema da expressão**. Tradução de Spinoza et le problème de l'expression. Paris: Les éditions de minuit, 1968.

_____. **Espinosa e os signos**. Porto: RÉS, 1970.

_____. **Espinosa – filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol.1**. São Paulo: Editora 34, 1995a.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol.2**. São Paulo: Editora 34, 1995b.

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 3**. São Paulo: Editora 34, 2012a (2ª Edição).

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 4.** São Paulo: Editora 34, 2012b (2ª Edição).

_____. **Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 5.** São Paulo: Editora 34, 2012c (2ª Edição).

_____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia 1.** São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DENORA, Tia. *Music in everyday life*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Dicionário de Ciências Sociais. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas – FGV, 1987.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas – o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar.** São Paulo: Annablume, 2009.

DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia.** São Paulo: Editora Ática, 1998.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ESPINOSA, Baruch de. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1660/2012.

_____. **Tratado de reforma da inteligência.** São Paulo: Martins Fontes, 1677/2004, 2ª ed.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**, São Paulo, ano 14, n.13, p. 155-161, 2005.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos: o indizível nas sociedades camponesas.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild: Anpocs, 2008.

FELINTO, Erick. **A religião das máquinas: ensaios sobre o imaginário da cibercultura.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

FESTA “PUM!” tem a primeira edição neste sábado. **Tribuna do Norte**, Natal, 29 de ago. de 2008. Disponível em: < <http://tribunadonorte.com.br/noticia/festa-pum-tem-a-primeira-edicao-neste-sabado/85588>>. Acesso em: 01 de jul. de 2010.

FILHO, Ciro Marcondes (org.). **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009.

_____. São Paulo: Paulus, 2014, 2ª edição.

_____. **O escavador de silêncios – formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação.** São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **O princípio da razão durante – comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Nova teoria da comunicação III – Tomo I.** São Paulo: Paulus, 2010.

FISCHER, Roland. *A cartography of the ecstatic and meditative states*. Science, Vol. 174, n. 4012, 1971. Disponível em: < <http://wisebrain.org/papers/MapofMedEcstaticStates.pdf>>. Acesso em 17 de março de 2013.

FLUSSER, Vilém. **Comunicologia – reflexões sobre o futuro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **O mundo codificado – por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Vampyroteuthis infernalis**. São Paulo: Annablume, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996.

GEBAUER, Günter; WULF, Christoph. **Mimese na cultura – agir social, rituais e jogos, produções estéticas**. São Paulo: Annablume, 2004.

GREINER, Christine. **O corpo – pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Félix. A paixão das máquinas. **Cadernos de subjetividade – o reencantamento do concreto**. São Paulo, p. 40-51, Editora Hucitec, 2003.

_____. **Caosmose – um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012 (2ª edição).

_____. **O inconsciente maquínico – ensaios de esquizo-análise**. Campinas, SP: Papirus, 1988.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica – cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013 (12ª edição).

GUINSBURG, J; CUNHA, Newton; ROMANO, Roberto. (orgs.). **Spinoza - obra completa I – (Breve) tratado e outros escritos**. São Paulo: Perspectiva, 2014a. 1ª edição.

_____. **Spinoza – obra completa II – correspondência completa e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1677/2014b. 1ª edição.

_____. **Spinoza - obra completa III – Tratado teológico-político**. São Paulo: Perspectiva, 1670/2014c. 1ª edição.

_____. **Spinoza - obra completa IV – Ética e compêndio de gramática da língua hebraica**. São Paulo: Perspectiva, 1677/2014d. 1ª edição.

GUNKEL, David. J. *Rethinking the digital remix: mash-ups and the metaphysics of sound recording. Popular music and society*. Vol 31. n.4, p. 489-510, October, 2008.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica” In: **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2006, 7ª edição.

HOUAISS, Antonio. VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção / Céu e inferno**. São Paulo: Globo, 1954/2002.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

- JAUQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente – afetos, ações e paixões em Espinosa**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- JOURDAIN, Robert. **Música, cérebro e êxtase – como a música captura nossa imaginação**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.
- LALLEMAND, Alain; SCHEPENS, Pierre. **As novas drogas da geração rave**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- LATOURET, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.
- _____. **Reagregando o social – uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- LE BRETON, David. **Adeus ao corpo – antropologia e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.
- _____. **As paixões ordinárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- LEWIS, Ioan M. **Êxtase religioso – um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.
- LINS, Daniel (org.). **Cultura e subjetividade: saberes nômades**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena, 2001.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MITHEN, Steven. *The singing Neanderthals – the origins of music, language, mind and body*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 2006.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia, sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- _____. **A via – para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- _____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007a.
- _____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007b.
- _____. **O método 1 – a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- _____. **O método 2 – a vida da vida**. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- _____. **O método 3 – o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

- _____. **O método 4 – as idéias**. Porto Alegre: Sulina, 2005b.
- _____. **O método 5 – a humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2005c.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral – uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1887/2009.
- PARÍS, Carlos. **O animal cultural – biologia e cultura na realidade humana**. São Carlos: EdUFSCar, 2002.
- PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia – pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- PEREZ, Léa Freitas; AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania. (org.). **Festa como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual – práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010. (Coleção vocabulário dos filósofos).
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014
- SACKS, Oliver. **Alucinações musicais – relatos sobre a música e o cérebro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SARTRE, Jean Paul. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 1939/2010.
- SAUNDERS, Nicholas. **Ecstasy e a cultura dance**. São Paulo: Publisher Brasil, 1996.
- SCHAFER, Murray. **A afinação do mundo – uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 2001.
- _____. **O ouvido pensante**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.
- SILVA, Josimey Costa da. **No limite da traição – comunicação de massa, cinema e vínculos sociais**. Natal, RN: EDUFRN, 2012
- SIMMEL, Georg. **Estudios psicológicos y etnológicos sobre música**. Buenos Aires: Gorla, 1882/2003.
- _____. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SERRES, Michel. **Narrativas do humanismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- _____. **O incandescente**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- _____. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- SLOTERDIJK, Peter. **O estranhamento do mundo**. Lisboa: Relógio d'água, 2008.

_____. **Regras para o parque humano – uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.** São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SPINOZA. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 1677/2010.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada – filosofia da sensação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

TURKLE, Sherry. *Alone together. Why we expect more from technology and less from each other.* New York: Basic books, 2011.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004 (versão digital).

ZUNTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2007.

REFERÊNCIAS SOBRE MÚSICA ELETRÔNICA

AB’SABER, Tales A.M. **A música do tempo infinito.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

ASSEF, Cláudia. Dubstep. Dub o quê? Dubstep. Vale a pena. **Estadão**, São Paulo, 30 de out. de 2010. Disponível em: <http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,dubstep-dub-o-que-dubstep-vale-a-pena-imp-,631825> . Acesso em 15 de março de 2016.

ASSEF, Cláudia. **Todo DJ já sambou – a história do disc-jóquei no Brasil.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2008.

BACAL, Tatiana. **Música, máquinas e humanos – os djs no cenário da música eletrônica.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2012.

CHIAVERINI, Tomás. **Festa infinita – o entorpecente mundo das raves.** São Paulo: Ediouro, 2009.

DELEUZE, Gilles; MANGANARO, Jean-Paul. *De Nietzsche à la Techno: Manifeste pour les machines-pensées à venir.* Paris, 1998. par Richard Pinhas. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=102&groupe=Bibliographie%20et%20mondes%20in%20E9dits&langue=1>

FONTANARI, Ivan Paolo de Paris. **Os djs da perifa – música eletrônica, trajetórias e mediações culturais em São Paulo.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

FERREIRA, Pedro Peixoto. Transe maquínico: quando som e movimento se encontram na música eletrônica de pista. **Horizonte antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n.29, p. 189-215, jan./jun. 2008.

FRITZ, Jimi. In: *Rave culture – an insider’s overview.* Canada: SmallFry Press, 1999.

GAILLOT, Michel; MAFFESOLI, Michel; NANCY, Jean-Luc. *Multiple meaning techno – an artistic and political laboratory of the present.* Paris: Dis Voir, 1998.

GILBERT, Jeremy; PEARSON, Ewan. *Discographies – dance music, culture and politics of sound.* New York: Routledge, 1999.

JOUVENET, Morgan. Emportés par le mix – les dj et le travail de l'émotion. *Terrain – revue d'ethnologie de l'Europe. Musique et émotion*. n.37, septembre, 2001.

NEVES, Thiago T. **Batidas intensas: corpo e sociabilidade nas festas de música eletrônica em Natal**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Natal, 2010.

PALOMINO, Erika. **Babado forte – moda, música e noite na virada do século 21**. São Paulo: Mandarin, 1999.

REIGHLEY, Kurt B. *Looking for the perfect beat – the art and culture of the DJ*. New York: MTV Books/ Pocket Books, 2000.

REYNOLDS, Simon. **Generation Ecstasy – into the world of techno and rave culture**. New York: Routledge, 1999.

RODRIGUES, Rodrigo Fonseca e. **Música eletrônica: a textura da máquina**. São Paulo: Annablume, 2005.

SÁ, Simone Pereira de. Música eletrônica e tecnologia: reconfigurando a discotecagem. In: **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

SOUZA, Cláudio Manoel Duarte de. “**Sobre a cultura da música eletrônica e cibercultura**”. 2009. Disponível em: <http://www.pragatecno.com.br>. Acesso em: 7 de janeiro de 2009.

SYLVAN, Robin. *Trance formation – the spiritual and religious dimensions of global rave culture*. New York: Routledge, 2005.

REFERÊNCIAS (SITES)

ASTUTO, Bruno. **O jovem foi eleito recentemente o melhor DJ do Brasil segundo a House Mag**, 2015. Disponível em: <http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/bruno-astuto/noticia/2015/07/com- apenas-23-anos-o-dj-alok-pettillo-e-o-nome-da-vez-na-cena-eletronica.html>

PORTAL DC. **Confira os horários dos DJs durante o Dream Valley Festival**, 2014a. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/10/confira-os-horarios-dos-djs-durante-o-dream-valley-festival-4632382.html>
<http://www.dreamvalleyfestival.com.br/site/>

_____. **Projeto Doozie, de Rodrigo Kost, é confirmado no Dream Valley Festival**, 2014b. Disponível em: <http://www.revistalounge.com.br/projeto-doozie-de-rodri-go-kost-e-confirmado-no-dream-valley-festival/>

_____. **Confira a lista completa de atrações do Dream Valley Festival**, 2014c. Disponível em: <http://dc.clicrbs.com.br/sc/entretenimento/noticia/2014/10/confira-a-lista-completa-de-atracoes-do-dream-valley-festival-2014-4620727.html>

FILMOGRAFIA

TRAINSPOTTING – Sem Limites. Direção de Danny Boyle. Produção de Andrew McDonald. Barueri/SP: Alpha filmes. 1996. DVD (94 min): son., color. Legendado. Port.

PARTY Monster. Direção e produção de Fenton Bailey; Randy Barbato. São Paulo: Califórnia Filmes. 2003. DVD (98 min): son., color. Legendado. Port.

PARAÍÇOS Artificiais. Direção de Marcos Prado. Produção de José Padilha e Marcos Prado. Barueri/SP: Paramount Pictures Brasil. 2012. DVD (95 min): son., color. Port.

EX-machina – Instinto Artificial. Direção de Alex Garland. Produção de Allon Reich e Andrew Macdonald. São Paulo: Paramount Home Entertainment. 2015. DVD (108 min): son., color. Legendado. Port.

APÊNDICES

| PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA | | | |
|--------------------------------------|--------------------------|---------|-------------|
| MD | PROFISSÃO | IDADE | CIDADE |
| MD1 | Produtor cultural | 29 anos | Salvador/BA |
| MD2 | Dentista | 33 anos | Natal/RN |
| MD6 | Bancário. | 30 anos | Natal/RN |
| MD7 | Cientista da computação | 32 anos | Campinas/SP |
| MD9 | Engenheiro civil | 26 anos | Natal/RN |
| MD10 | Professor universitário | 30 anos | Natal/RN |
| MD11 | Advogado | 31 anos | Natal/RN |
| MD12 | Professora universitária | 30 anos | Natal/RN |

| TRANSCRIÇÕES DAS GRAVAÇÕES | |
|---|--|
| <i>KING FESTIVAL</i> | |
| MD1 | |
| <p>1 - “Cheguei aqui no <i>King festival</i>. Estou tomando minha cerveja, aquecendo para tomar as duas balas da noite, trovão roxo, acho que é esse o nome da bala. Estou empolgado porque ontem foi incrível, foi uma bala e meia, a música foi sensacional. Hoje eu só espero que supere todas as expectativas, principalmente em relação aos djs internacionais que vão tocar hoje: Afrojack, Steve Angello, Infected Mushroom, que eu já conheço e gosto, mas deve vir coisa nova por ai. Por enquanto aqui está vazio, tem pouca gente. É isso, mais tarde eu retomo para ver se mudou alguma coisa.”</p> | |
| <p>2 - “O dj que acabou de tocar foi Whebba, um tech-house meia boca. Agora quem entrou foi André Pulse, começou com um house, com um vocal maravilhoso que me arrepiou todo o começo. Steve Angello vai atrasar um pouco, acho que Afrojack também deve atrasar, Infected de atrasar, enfim né, é o que acontece em festas, estamos preparados para tudo.”</p> | <p>3 - “Começou Steve Angello, tomei a primeira bala, está me dando um pouco de azia, o que é normal, o som começou bem, faltou luzzzzz, mas vamos ver o que é que vai rolar. Ta sentindo o grave? É a potência do bofe.”</p> |
| <p>4 - “Steve Angello acabou de tocar, foi alucinante, indescritível, músicas clichês, incríveis, tocadas pelo original. Meu corpo tá flutuando, eu tou leve feito uma pluma, saltitando feito uma gazela, eu tou louco, tou no banheiro chupando um pirulito, fazendo xixi, vou pegar uma cerveja agora e vou ouvir Infected que vai entrar. Vamos ver o que eles vão apresentar para a gente.”</p> | <p>5 - “Infected acabou, eu não gostei, baixou um pouco minha agitação, mas o efeito da bala ainda está rolando, eu tou sentindo uma cocerinha no cérebro, tou curtindo. Quem tá tocando agora é Chrizz Luvly, um som bem comercial, bem boate hetero, mas que é legal, dá para curtir, ta retomando minha energia, ta voltando, tou sentindo um calafrio no corpo, enfim, tou adorando... vamos ver, quando Afrojack entrar não quero nem saber.”</p> |
| <p>6 - “Dr. Lektroluv, um som legal, Techno, bem bem fino, bem bem arranjado. Vou tomar minha segunda bala agora, preparar para Afrojack que vai chegar destruindo tudo, tudo, absolutamente tudo.”</p> | |
| <p>7 - “Dr. Lektroluv ta terminando, Afrojack já vai entrar, já tomei a bala. Esqueci de contar um detalhe essencial, hoje eu resolvi vir de camiseta regata, o que é uma novidade para mim, eu nunca saio de camiseta regata a noite. Eu tou louco, meu namorado tá louco em casa, vomitando, passando mal, fiquei preocupado, mas isso não vai me afetar. Eu só quero curtir esse último dj maravilhoso que eu</p> | |

venho esperando a tanto tempo. Enfim, a bala vai começar a bater daqui a pouco a sensação de leveza vai voltar, eu vou flutuar, vou bater cabelo, vou fechar, vou dançar. ”

8 - “Está um som perfeito rolando lá fora, mas eu tou me segurando porque eu quero Afrojack, eu vim com esse intuito e estou esperando já faz muito tempo por isso. A bala está batendo, eu tou sentindo tudo, meu cérebro tá derretendo, vamos lá, vou me segurar. ”

BALANÇO GERAL DO KING FESTIVAL, ALGUNS DIAS DEPOIS

- “Como sempre Recife é uma cidade que proporciona experiências maravilhosas quando se trata de música eletrônica, de diversão, de festa, de encontrar os amigos, e também, obviamente na qualidade do sexo masculino daquela cidade que é incontestavelmente uma das melhores que eu já vi. A festa. O *King festival* superou todas as minhas expectativas em relação a cenário, ingresso, quantidade de público, qualidade do público, as atrações, ou seja, o *line-up*. Enfim, acho que ficou tudo bem arranjado. O ingresso foi muito barato para uma festa que tinha artistas Top 10 da DJMAG, os grandes dj’s do mundo estavam presentes ali, então estava muito barato para esse tipo de festa aqui no Nordeste, aqui em Salvador seria um absurdo, o equivalente aqui estaria três mil vezes o preço do ingresso. O cenário da festa estava incrível, essa criação de um castelo medieval e acho que isso pode dar um start para uma evolução, então vamos ver o que eles vão aprontar nos próximos anos. A gente sabe que é uma fórmula pronta que está sendo adaptada para região, mas que, venhamos e convenhamos, estava precisando, estava não, está precisando e muito. Atendimento de bar, essas coisas, banheiro, tudo muito bom, muito eficiente, tudo funcionou muito certo, então acho que teve um trabalho de produção muito bem elaborado ali, nessa questão operacional de todo o festival. Das atrações, as internacionais: NERVO, Eskimo, se bem que o que fizeram com o pobre do Eskimo foi um horror né! Aquela história da polícia mandar parar e ele tocar somente meia hora foi horrível, foi um verdadeiro descaso com a qualidade artística daquele cara. Hardwell né, incrível, mas como eu já tinha visto antes não foi assim, a sensação do festival para mim. NERVO foi uma surpresa muito boa, as meninas são muito boas, são superdivertidas, simpáticas, tocam um som muito alegre. Os nacionais eu não tenho muito o que falar, não curti muito o som, nenhum dos nacionais me chamou muito a atenção, todos os nacionais pareciam que era o mesmo dj o tempo todo, ficou muito repetitivo para mim. Que mais que teve? É... o atraso espetacular de Afrojack, aquilo ali foi quase uma prova de resistência, acho que nem no Universo Paralello eu lembro de ter passado por um momento tão, tão inescrupuloso na minha vida, mas o cara arrasa né. Ficou faltando um pouco, eu senti falta da questão visual dele, porque eu fui ver as apresentações anteriores dele em outros lugares e ele tem uma coisa visual muito forte, tem uma chuva que cai, trovões, tem toda uma climatização do lugar para poder entrar, e as músicas estão muito ligadas com a questão do vídeo. Senti falta disso, mas o som estava espetacular, fantástico, não tenho o que descrever daquele trabalho. Agora vamos falar do homem, porque Steve Angello foi o homem, sem (gaguejos), eu estou sem palavras para poder descrever o que foi aquilo, tem o ranço do Swedish House Mafia que eu adoro, não vou mentir, gosto do SHM, sempre gostei e é um dos melhores grupos da *dance music*, da música eletrônica, marcou, fez história, sem dúvidas, e o cara tá ali mostrando que está disponível, está interessado em se transformar, em se desenvolver, em crescer e o set dele foi muito lindo, foi todo bem arranjado com os clássicos que tinham que ter, os clássicos SHM e os novos lançamentos dele, e essa pegada de fazer um sinalzinho com a mão, o S com a mão, foi todo um show, um verdadeiro *entertainment*, talvez ele acabe seguindo um pouco mais pela linha do David Guetta, não sei, mas vamos aguardar o que vem por aí. Acho que é isso. O serviço estava impecável, o camarote não fui, também não senti muita vontade de estar lá, a pista estava muito mais interessante. Acho que eles ganhariam muito mais se fizessem esse festival num lugar estilo parque sabe? Uma coisa assim, com grama talvez, ao invés de estacionamento, um lugar com vista, com mar perto talvez, um lugar mais agradável, mas deu para o gasto. Enfim, parabéns para o *King festival*, foi muito bom, muito legal, espero ano que vem reencontrar todos lá e é isso. ”

| MD2 |
|--|
| 1- “Sábado, segundo dia do <i>King festival</i> , chegando agora, dj Whebba tocando. Então... beber pra cacete, esperar começar a tocar Steve Angello que é uma das principais atrações da noite que eu estou esperando, garrafa de vodka comprada, meia noite começar a tomar as drogas, as balas e pronto. Até daqui a pouco.” |
| 2- “Segunda ou terceira entrada. Tou começando a ficar bêbado. Está escutando esse barulho? Então, todo esse barulho é só a batida do som dentro do banheiro químico. Ainda tá tocando André pulse e eu tou bebiinho. Então... let’s party.” |
| 3- “Pra variar, gravando dentro de um banheiro químico. Então, Steve Angello está tocando agora, a música está foda pra caralho, deu um pequeno problema no começo do set dele. Já tomei meia bala, cheirei duas carreiras de K, tou voltando para festa agora.” |
| 4- “Eu não sei mais qual o número dessa gravação, alguém acabou de abrir a porta. Eu quando sai de casa disse que não ia pegar ninguém hoje. Já beijei um e o segundo que eu ia beijar, me beijou, acabou me chupando até, gozei na boca dele. Ainda meia bala, Steve Angello ainda está tocando, eu tou suando pra caralho, eu tou louco.” |
| 5- “Septuagésima, nona, oitava entrada. Foda-se o número, tou bebo pra caraaaalho. Acabou de tocar Steve Angello, foda, foda, foda. Começou Infected Mushroom com um som <i>live</i> muito fudido. Tomei um bocado de vodka, meia bala, tou procurando mais uma para fazer duas e meia hoje, mas ate agora só tenho uma bala e meia, ok.” |
| 6- “Infected Mushroom tocando ainda, tá foda pra caralho. Caralho, eu tou muito bêbado, muito, muito bêbado. Já peguei dois essa noite.” |
| BALANÇO GERAL DO KING FESTIVAL, ALGUNS DIAS DEPOIS |
| - “Falando sobre a festa do sábado do <i>King festival</i> . Primeiro, as expectativas. No primeiro dia do evento sexta-feira, som muito bom, bebida cara. Quanto à estrutura, primeira impressão quando se chega lá é uma estrutura gigantesca, eles construíram como se fosse um castelo, frente de um castelo medieval, iluminação muito grandiosa, telões grandiosos de alta definição, totalmente em HD, qualidade do som muito boa, estrutura física de bares e banheiros tranquila, poucos caixas, muita fila, para o bar nem tanto, dava para pegar bebida de maneira tranquila, banheiros químicos. Valores das bebidas extremamente caros, em torno de 10 reais uma dose de vodca, mas as expectativas eram as melhores possíveis, devido ao dia anterior que sai de lá quase oito horas da manhã. No sábado chegamos entre nove e nove e meia da noite, por causa de Steve Angello que iria entrar as dez horas, mas acabou atrasando. O segundo dia foi um pouco mais pesado que o primeiro, o primeiro foram algumas doses de vodca em torno de 10, no segundo dia a gente resolveu comprar uma garrafa de vodca. Em relação a drogas foi basicamente a mesma coisa do primeiro dia, usei uma bala e meia, algumas carreiras de K, que achava com uma pessoa ou outra. Uma coisa que eu acho um pouco estranho é que, por exemplo, quando fui em 2008 para o Universo Paralello e todas as outras festas que eu já frequentei mais antigamente aqui em Natal, o público dançava de acordo com a música, não pulava como se tivesse praticamente num show de rock, num show de axé. De um tempo pra cá e também aconteceu muito no <i>King festival</i> , principalmente durante as atrações principais do evento, o público pulava demais como se estivesse em show de rock, show de axé. Isso realmente eu acho muito, muito estranho. Os djs viraram grandes estrelas e acaba que o pessoal acaba se comportando como qualquer outro show que tem uma grande estrela ou uma grande bande no palco. De público, um público bem miscigenado, em relação a faixa etária, muita, muita criança, adolescentes, 15, 16, 17, 18 anos e algum público mais velho acima de 25, 30 anos. Não vi nenhuma confusão no evento, nada que pudesse ser relatado de excepcional, choveu um pouco, mas nada que pudesse comprometer o funcionamento do evento. A única dificuldade que encontrei foi em relação as filas dos caixas que eram realmente grandes que só no final da segunda noite é que fui descobrir que estava aceitando cartão, que se a gente tivesse descoberto antes teria sido uma mão na roda, pois teríamos pago no cartão. Outra dificuldade foi na saída do evento, pois tinha uma pequena quantidade de taxi, levou uma grande demora para a gente conseguir voltar para o hotel. |

DREAM VALLEY**MD6**

1- “Em relação à estrutura, fiquei realmente impressionado, nunca tinha visto uma estrutura como aquela assim, um lugar muito bem organizado. Foi no Beto Carrero, o palco estava muito bem montado, era gigante, a iluminação muito legal, o som em si estava bom, a praça da alimentação estava bem grande, tinha bastante coisa, tinha uma loja de roupas e tudo mais, não tinha só uma pista, tinha a principal e a alternativa, que era coberta. Só achei o lugar um pouco aberto demais. Não tinha muito lugar para se refugiar quando chovia, estava em época de chuva. Banheiro tinha bastante, tinha o suficiente para todo mundo. Não foi um evento que a gente ficou fazendo fila para fazer as coisas. Deu para fazer tudo com bastante calma.”

2- “A música era boa mas não era uma música que eu aguentaria ficar dois dias, o festival era dois dias, tanto que eu só aguentei ir no primeiro dia. Foi legal, foi bacana, mas eu não tive a mesma experiência que as pessoas que estavam lá tiveram. Para mim foi legal mas ficou faltando alguma coisa naquela festa. Eu até tentei preencher entrando na onda de usar droga a gente acabou usando MD diluído na água e foi muito engraçado porque eu já tinha tido a experiência antes numa situação completamente diferente em que eu estava com um grupo de amigos em um ambiente mais controlado, a música era mais do meu agrado e foi uma experiência muito boa, eu fiquei muito bem a noite toda sem oscilar. Agora, nesse evento eu não consegui, não sei. A gente não estava em galera, estava só eu e o Thiago, isso pode ter influenciado também, eu não estava naquela coisa eufórica, naquela euforia toda, mas eu tive alguns pouquíssimos momentos de pico, mas eu fiquei muito preocupado talvez por estar longe de casa, uma música que não era muito meu estilo, enfim, aí nesse ponto não foi uma experiência muito legal. Tanto que no dia seguinte eu tive um momento ruim, eu achei que iria ter um pirepaque no coração, fui para o médico, acabou que por fim eu não tinha nada, mas não foi legal e o bom foi que eu usei pouco porque então eu consegui manter o controle, consegui não ficar mal por completo, porque foi bem pouquinho e eu tentava usando um pouco mais, mas não estava dando certo, mas pelo menos me manteve acordado durante a noite inteira porque não tomamos nada alcoólico. Acho que tive uma bad quando cheguei no hotel e pensei que iria ter um troço. Juntou tudo.”

3- “Só que já de cara eu percebi uma diferença assim eu que particularmente estou acostumado a ir mais em lugares fechados, boates, eu achei o comportamento do pessoal bem diferente. Você via, claro, alguns grupos que iam juntos, mas via a galera muito sozinha, muito sem interagir com os outros. Esse evento me deu a impressão de que é diferente da boate, da balada normal da cidade, porque as pessoas vão lá pela música mesmo, a música não é só mais um elemento e talvez por isso eu não tenha me encaixado, por isso que as pessoas usam até a droga né?! Na minha cabeça acho que usam drogas porque querem curtir o barato da música e tudo mais e eu até acho que esse tipo de droga que se usa, eu acho que uma coisa mais interpessoal, mais interna, você não interage muito, você fica lá se passando com a música, é uma experiência muito pessoal, não é em grupo, não é compartilhada, na minha visão. Então, eu achei o ambiente meio frio assim, era muita gente você via que não tinha interação. Eu não vi ninguém paquerando, pouquíssimas pessoas ficando, gays menos ainda, mas tinha alguns casais que a gente viu. Eu achei o ambiente mais frio, mais independente, cada um na sua.”

4- “Eu particularmente acho que não é para mim esse tipo de experiência. Minha mente não consegue se abrir para a droga dessa forma, eu fiquei muito tenso. Fui aberto, eu realmente fui aberto, mas a minha visão não coincidiu e eu não conhecia os djs também eu só conhecia o Afrojack só de ouvir falar e gostei de uma ou duas músicas. Pra mim não dá para eu estar num evento onde os elementos principais são: a música e a droga. Eu não tinha afinidade com a droga e nem com a música, então para mim não dava. Talvez se a música fosse outra, como aconteceu da primeira experiência que eu tive, que a música era do meu agrado aí a droga fez um efeito completamente diferente na minha cabeça, a música faz realmente a diferença nesse sentido. E também por eu estar com bastante amigos da outra vez que usei, perto de casa, num ambiente que eu conhecia, tudo isso deixou minha cabeça um pouco mais tranquila. Agora nos fatores que estavam lá: muito longe, Florianópolis, um lugar que eu senti uma certa frieza e tudo mais eu não consegui me sentir tão a vontade assim, mas ainda assim foi uma experiência boa na época porque foi uma viagem eu estava acompanhado, eu estava

namorando e tals, foi muito marcante, foi muito bom, mas assim, o evento, a festa em si, embora não tenha sido ruim eu não digo que foi uma boa experiência. ”

5- “Eu vi muita gente se drogando, na verdade eu não vi ninguém usando diretamente, mas dava para perceber que todo mundo lá, a maioria, 90% das pessoas estavam sob efeito de alguma coisa. ”

6- “Para mim não foi legal, no hospital do dia foi bem chato, eu achei que ia morrer e foi muito, muito intenso pra mim, eu realmente não gostei da experiência e tanto que eu não consegui ir no dia seguinte. Eu preferi não ir e acabei ficando no hotel. ”

MD7

1- “Minha experiência no festival, foi meu primeiro festival de música eletrônica, eu nunca tinha ido para nenhum. Minha experiência basicamente começou comigo enfiando maconha no tênis para levar ao festival porque eu queria usar lá e queria usar outras coisas também durante o festival. Eu fui sozinho e achava que não ia conhecer ninguém no festival. No primeiro dia eu não consumi nada, só dancei. Também acabei conhecendo algumas pessoas no albergue em que me encontrava. Uma das partes que não gostei muito é que ficava um tanto longe o lugar, não só longe do hostel que eu estava, mas para chegar ao palco você levava minutos andando dentro do parque para chegar lá, não havia muita iluminação no parque. No lugar do festival, no caminho havia alguma iluminação. Lembro de um túnel de fumaça iluminado e tocando algumas músicas eletrônica dentro dele. Túnel pequeno. ”

2- “Em relação ao comportamento das pessoas eu diria que bem típico de festival de música eletrônica, não vi ninguém brigando, nem querendo brigar, nada de confusões, muito pelo contrário, as pessoas foram para curtir a música, algumas pessoas pareciam que estavam numa micareta porque ficavam pegando as outras e se beijando. Achei engraçado essa parte porque eu nunca imaginei ver isso num festival de música eletrônica. ”

3- “Com relação a drogas, tipo, no primeiro dia eu não me droguei como eu falei, mas um dos caras que conheci que estava no mesmo hostel que eu, ele usou bala e ficou bem aéreo, foi um pouco engraçado. Eu lembro de uma cena muito engraçada que foi assim: um cara apareceu na frente da gente, do grupo que eu estava, com a máscara do Dimitri Vegas eu acho; sim, eu não conhecia quase nenhum dj, e esse moleque apareceu com essa máscara na frente da gente e ele começou a dançar lá e ele estava obviamente drogado, ele começou a dançar e começou a falar para meu outro colega que tinha usado bala quais eram os tipos de bala que deveriam ser usadas para cada dj, eu achei bem interessante e eu acho também que ele deveria estar vendendo alguma coisa.”

4 - “Em relação a estrutura dos bares e de praça da alimentação estava tudo ok como em todo festival sempre gera fila. No bar estava razoável conseguir cerveja. Uma das coisas que talvez tenha me incomodado um pouco foi o tipo de cerveja só ter SKOL (rs), mas era o que tinha. No primeiro dia eu terminei extremamente cansado porque eu fique até o final, até de manhã. Pela manhã ainda tinha muita gente dançando loucamente, freneticamente. Como eu não consumi nada eu estava bem bem cansado, mas fiquei ainda assim até o final. ”

5- “No segundo dia eu resolvi levar meus becks que foram bolados no hostel por um moleque de 19 anos que estava com a namorada e que tinha ácido e nos dois dias que ele foi ele, a namorada e os amigos consumiam ácidos antes de entrar no festival e me contaram que consumiam já fazia tempo e etc... E o ácido que eles tinham era um chamado Bob Esponja se não me engano. ”

6- “No segundo dia eu bebi vodca e no festival fumei um beck, dois becks na verdade. Isso me deu energia, me anestesiou e fez com que eu conseguisse ficar dançando freneticamente sem sentir minhas pernas durante boa parte do festival, já que eu tive que ir embora um pouco mais cedo, às 6 horas da manhã antes do festival acabar de fato. ”

7- “Assim, em resumo não houve briga, foi interessante, uma das coisas que me chamou a atenção foi os vendedores de energético e vodca, um deles sentou ao lado da gente e abriu um energético lá que não era redbull e colocou nos copos depois jogou a lata do energético fora, que não era redbull, e pegou uma lata de redbull e colocou em cima da bandeja junto com os copos para dizer que era redbull e foi vender para o pessoal. Eu estava com a galera que eu tinha conhecido no hostel e a gente ficou observando a cena e achou bem interessante pois deveria ser bem fácil vender aquilo para quem já estava bêbado e drogado que ninguém ia saber mesmo o gosto e iria comprar de qualquer jeito. Foi interessante também porque os seguranças viram ele fazendo isso, mas não disseram nada, então estava bem de boa. ”

8- “Fiz amizade com uma galera hetero, mas tinha muito gay também e muito hetero também. Acho que tinha mais hetero do que gay. Das pessoas heterossexuais que eu estava próximo começaram a se comportar como se fosse uma micareta e começaram a beijar umas às outras. Foi uma coisa inesperada da noite. Eu não esperava ver isso num festival de música eletrônica. Eu esperava que as pessoas iriam fritar sem ligar umas para as outras. Só fritar e pronto. ”

9- “Acho que é isso não teve muita coisa extraordinária porque no segundo dia eu só dancei no primeiro dia eu também dancei muito e fiquei os dois dias no mesmo lugar. Gostei dos djs, muito bom! Iria de novo e da próxima vez que eu for vou querer usar bala, doce, alguma coisa mais forte. ”

PAJUX

MD9

1- “A festa está ótima, a música está excelente, tá um mix de músicas originais bem envolvente, o público está bem a vontade, cada um veio como achava que deveria vir, impondo suas fantasias, impondo sua imaginação pra jogo”

2- “Em relação ao local, lugar cultural, região antiga de Natal, bem apropriado par ao tipo de festa, eu achei. Deixa mais confortável, sendo um local diferente, bem histórico, bem antigo, que você busca as origens da região e você consegue aflorar mais a cultura eu acredito. Eu acho que combinou bastante o local, uma região histórica de natal e as pessoas explorando a arte. Local amplo, aberto, bem iluminado, com estrutura de palco legal, bastante espaço para todo mundo se movimentar, dançar, tamanho ideal. ”

3- “Estou achando genial a música, eu acho que é electro house ou deep house. Muito bom o som, os djs estão arrebetando, a música está muito boa, bastante animado, não entendo muito em relação a música, mas os djs estão mandando muito bem. ”

4- “Em relação às pessoas, ontem foi um mix de cultura, eu vi muita coisa, exploração da arte, se fosse para definir em uma palavra, aquela festa ontem eu chamaria de liberdade, liberdade de expressão, as pessoas iam como queriam sem ser julgadas de maneira alguma, aquele era um local em que era completamente impossível alguém ser julgado em relação à estética, porque aquela festa foi uma exploração da arte, exploração do visual. Muitas pessoas exploraram ao máximo do seu pensamento, de como expressar o seu interior, eu ví bem isso. Muitas roupas legais, o pessoal investiu legal em relação a isso. Ainda mais as pessoas que iriam se apresentar. ”

5- “As pessoas estavam bem sintonizadas, em sintonia, essa seria a palavra, sintonia. Eu passei a festa tomando skol senses que é uma bebida que eu gosto muito e tomei skol spirit também, fiquei bastante animado, gostei muito da festa, passei horas lá. Tomei um pouco de MD antes da festa, me deixou mais animado, mais disposto a experimentar sensações com as músicas, me deixou mais feliz, mais alegre, mais divertido, acredito que foi isso. O MD fez com que despertasse sensações melhores no meu corpo quando escutava as músicas. ”

6- “Gostei muito da festa porque eu ví uma expressão da arte que a gente não vê todo dia. Diante de tanto julgamento em relação ao que você deve vestir, ao que você deve usar, todo o julgamento da sociedade isso era uma coisa que não existia ontem, as pessoas estavam ali de acordo com a sua imaginação, explorando ao máximo a sua imaginação, de como deveriam se vestir, se comportar, e claro respeitando o limite de cada um. ”

7- “Ontem foi muito bonito em relação ao visual, a arte da música misturado com a arte visual, juntaram isso de uma maneira muito legal, eu acho que isso resume a PAJUX, uma festa em que você explora o visual e música de uma maneira em que eles se conectam, se juntam, fazem uma fusão e assim todos possam delirar em relação a isso.

MD10

1- “A festa tá boa, muita gente alternativa, muitas pessoas estranhas, tou me sentindo um velho, parece que estou em outro mundo, muita coisa estranha mesmo, mas a música está ótima. ”

| |
|---|
| 2- “Pessoas estranhas, a festa se resume a isso, tem uma louca/louco vestido de vaca com um chifre que eu não consigo parar de rir quando eu olho para ele, só coisas malucas. ” |
| 3- “Música ótima, muito boa mesmo, difícil de encontrar em outros lugares da cidade. ” |
| 4- “A bebida tem uma certa variedade, mas não é essas coisas toda não” |
| 5- “O local da festa é um local agradável, não é super confortável, mas também não é um dos piores, é iluminado e comporta a quantidade de pessoas que aqui estão, tem mesas dá para sentar, tem lugar para dançar, de bom tamanho. ” |
| 6 - “Gostei de alguns djs que estavam tocando, alguns tocavam músicas muito boas, outros nem tanto, teve também shows, apresentações artísticas, mas as apresentações não me agradaram muito, não são coisas que eu iria parar para assistir, todas elas muito apelativas, a maioria puxando para o lado sexual e nudismo, achei apelativo. Tinha algumas expressões artísticas mesmo, estranhas, fora do normal que não dá para ver em qualquer lugar. ” |
| 7- “A impressão que passava era que a maioria das pessoas era renegada da sociedade, pessoas auto-excluídas ou diferentes (rs), e que estavam lá para mostrar o seu diferencial, a sua personalidade diferente mesmo. ” |
| 8- “É uma festa que eu posso ir de novo daqui há um ano, não é uma festa que eu iria constantemente não, eu fiquei muito deslumbrado com as diferenças, muita gente diferente, muita coisa estranha e que você não parava de olhar para tudo que estava acontecendo. ” |
| 9- “Antes da festa eu tomei MD, cheguei um pouco eufórico, mas durante a festa só tomei álcool mesmo, alguns drinks, mas nada que me fizesse mudar meu comportamento, o MD passou o efeito rápido, não lembro de ter provocado nenhum efeito durante a festa, só no início mesmo que eu tava mais feliz. ” |
| 10- “O pessoal usava muita maconha em todos os lugares, as pessoas não interagem tanto, nada demais, interagem normal, nenhum diferencial. ” |

MD11

| |
|--|
| 1- “Minha noite inicialmente começou apenas com uma reunião de boa entre amigos na casa de um amigo da gente que iriam sair e eu só iria para lá e voltar pra minha casa quando eles saíssem para festa. Iria só para prévia mesmo. ” |
| 2- “Lá na casa do meu amigo, comecei a beber skol senses que um colega meu estava oferecendo e do nada começou a possibilidade de usar MD em pó e achei interessante a ideia já estava ficando meio lesado mesmo da bebida e aproveitar a oportunidade e comecei a usar, me animei, continuei bebendo e resolvi ir para festa. ” |
| 3- “Eu confesso que brinco dizendo que tenho o corpo fechado, durante toda a noite eu não senti muita coisa não, principalmente no momento em que estávamos no apartamento ainda e de lá nós fomos para festa. Uma festa bem diferente, eu já estava ficando com um pouco do efeito do álcool que eu continuei bebendo lá e o álcool me traz certa, se eu não beber muito, libertação, eu fico mais animado para fazer as coisas. ” |
| 4- “Na festa me senti bem à vontade para conversar com meus amigos, além dos amigos que estava encontrei com outros por lá, tentava ficar lá para um lado e para outro, sempre sob efeito da bebida que me deixava animado. Confesso que a festa não é algo muito que eu frequentaria, mas acho que ela foi interessante para conhecer, até mesmo sob o efeito do álcool foi o que me ajudou mais a curtir a festa, acredito que se eu estivesse sóbrio, sem ingestão de álcool, talvez não tivesse aproveitado tanto, tivesse ficado chocado com algumas coisas que eu vi lá e o álcool me ajudou a ficar mais de boa, ficar mais “ <i>open mind</i> ” eu poderia dizer. Confesso que pelo menos no que eu senti com base no que experimentei o md no apartamento e álcool na prévia e durante a festa, eu não senti nada em relação ao md, pelo menos as sensações que as pessoas descrevem o que sentem. O que realmente senti foi o efeito do álcool e da noite ter sido bem agradável, por ter ficado disponível a festa, sem ficar reclamando. ” |
| 5- “Outra coisa que tenho para dizer é que como é engraçado que o álcool de forma moderada ele influencia não só com a interação com a música eletrônica, mas no ambiente. Na casa de um amigo da gente estávamos vendo o acústico do Placebo, banda que não sou muito fã, mas a forma como estava o ambiente, os amigos e a música foi bem legal e já mudando para a festa, é interessante que quando você está mais liberto, se sentindo mais disponível, a interação que você tem com a música é |

bem interessante, porque as vezes toca uma música que você não gosta, mas digamos que você tolera porque você está numa *vibe* boa e quando tem uma música que você gosta e você começa a dançar, é interessante a sensação que você tem de que você está dançando de forma fodástica, fazendo passos incríveis, coreografias e tals e você fica bem aberto em relação aquela música. Fica bacana porque você aproveita a música, a noite, as músicas boas, as que não são tão boas, mas acaba aproveitando isso. ”

MD12

1- “A gente chegou agora, a música ta boa, viemos conversando no caminho, fiquei numa *vibe* boa, tou me sentindo muito bem agora que cheguei. ”

2- “Como tem muita gente diferente, tou me sentindo mais normal. ”

3- “Não teve vistoria na porta então eu fique mais tranquila por causa do MD”

4- “A dj interrompeu agora por outra música, coito interrompido, não gostei. Aparentemente outras pessoas também não. ”

5- “Tomei uma substancia tomada MD, hahahah, hahahaha, mas infelizmente não fez efeito, fiquei decepcionada, mas enfim..”

6- “Encontrei tanta gente do IFRN e da UFRN que estou me sentindo nos tempos de faculdade novamente. ”

7- “Antes De chegar à festa PAJUX, me reuni com um grupo de amigos para fazermos o que se chama de “aquecimento” para a festa, escutar boa música, beber e jogar conversa fora. Nesse aquecimento, comecei a sentir alguns sintomas como dor no corpo, azia, ânsia de vômito e um pouco de febre o que fez com que, no início, eu não quisesse beber. Então tomei remédio para azia e uma substância psicoativa chamada MD, uma espécie de droga que traz os mesmos efeitos que o *ecstasy* sem aceleração cardíaca. No início não surtiu efeito, depois que usei quatro vezes num espaço de aproximadamente 60 minutos o enjoo e a azia passaram e comecei a beber normalmente. Me senti melhor e mais animada. ”

8- “Ao chegar na festa, fiquei animada por aproximadamente duas horas. Durante esse período fiquei feliz, reencontrei amigos, ouvi música boa, conversei, dancei, ri e bebi um pouco mais. Me sinto sempre bem quando encontro essas pessoas, me lembram uma época feliz da minha vida. Também percebi que em um ambiente como essa festa, as pessoas parecem estar mais abertas, apesar de estarem fantasiadas ou maquiadas de uma forma mais chamativa, me parece que, nesse momento, elas estão sem “máscaras”. Já eu não me senti dessa forma, acho que por eu me sentir mais “normal” que os outros nesse ambiente, aí sim me senti “estranha”. ”

9- “A música durante a festa realmente me fez sentir bem, principalmente quando a dj tocou “Hey boy hey girl” do Chemical Brothers. Pena que ela cortou a música antes do que eu gostaria. Mas acho que gostei mais da música antes de entrar na festa, quando estava na casa do meu amigo.”

10- “Em relação ao ambiente, já conhecia bem, meses atrás fui à mesma festa e no mesmo local. Acho o local pequeno, mas, pelo público que frequenta, o tamanho está adequado, já que essa festa não atrai muitas pessoas. A decoração me chama pouca atenção, acho que por causa da iluminação que é baixa. O que chamava mais atenção era a projeção na parede, com vários cliques. Entretanto, ainda acho o espaço pouco aproveitado.”

11- “Depois das duas horas acho que os efeitos das drogas passaram (medicamentos + bebida alcóolica + psicoativo) e eu voltei a ter os sintomas anteriores. Preferi me despedir dos amigos e ir para casa antes que eu ficasse muito mal. Fiquei triste por não ter aproveitado melhor o momento, mas achei mais prudente.”

FESTAS VISITADAS

| <i>KING FESTIVAL</i> | | |
|---|----------------------------|-------------------|
| Local do evento: Chevrolet Hall – Recife/PE | | |
| Data: 15 e 16 de Novembro de 2013 | | |
| <i>Line up:</i> | | |
| Horário | 15/11/13 | 16 /11/13 |
| 18h | E-Double | Jorge Junior |
| 19h | Fábio Andrade | Tiago de Renoir |
| 20h | Do Santos & Anderson Noise | Wehbba |
| 21h | Morgana & Thascya | Steve Angello |
| 22h | Nervo | Chrizz Luvly |
| 00h | Hardwell | Infected Mushroom |
| 02h | Dirtyloud | Dr. Lektroluv |
| 03h | Eskimo | |
| 04h | | Afrojack |
| 05h30 | | Andre Pulse |

| <i>DREAM VALLEY</i> | | | | |
|--|----------------------------|----------------------------|---------------------------|----------------------------|
| Local do evento: Beto Carrero world – Penha/SC | | | | |
| Data: 14 e 15 de novembro de 2014 | | | | |
| <i>Line up:</i> | | | | |
| Horário | 14/11/14 | | 15/11/14 | |
| | <i>Dream Stage</i> | <i>Mystic Stage</i> | <i>Dream Stage</i> | <i>Mystic Stage</i> |
| 21h | Repow | Elefantz | Jetlag | Doozie |
| 22h | Rodrigo Vieira & Raciornik | Matador | Marcelo CIC | Julio Navas |
| 23h | Felguk | Júlio Bashmore | Dyro | Alok |
| 00h | Tommy Trash | Maya Jane Coles | Dvbbs | Tapesh |
| 01h30h | R3hab | Amine Edge & Dance | Fedde le Grand | Umek |
| 03h | Afrojack | Boris Brejcha | Kaskade | Victor Ruiz e Any Mello |
| 05h | Nicky Romero | Chris Liebing | Dimitri Vegas & Like Mike | |

| PAJUX | |
|---|--|
| Local do evento: Ateliê Bar e Petiscaria – Natal/RN | |
| Data: 20 de fevereiro de 2016. | |
| <i>Line up:</i> | |
| Horário | 20/02/16 |
| 21h | Carmonas Assassinas |
| 22h | Joseph Little Drop feat Minerva Del Diablo |
| 22h30 | PAJUXFrank + B-Waves |
| 23h30 | SAN NI |
| 00h30 | Bloco de Performance Large and in Charge |
| 01h | Attempts |
| 02h | Beeeed |
| 03h | Bloco de Performances "É Ella |
| 03h30 | Kaya Conky |
| 05h | After Houssaca com Pedro Victor |

| GLOSSÁRIO – GÍRIAS E TERMOS TÉCNICOS | |
|---|--|
| 4x4 – | É uma batida constante, sem quebras. Exemplos de estilos de música eletrônica 4x4: <i>house, techno, trance, disco</i> . |
| After – | Festa que acontece posteriormente a festa principal, cujo o intuito é fazer com que a comemoração acompanhe o efeito da droga no organismo. |
| Backspin – | Movimento de girar o disco ao contrário produzindo um pequeno barulho de disco girando às avessas que o <i>dj</i> usa durante mixagens. |
| Backstage –. | Os bastidores. Lugar utilizado nas festas de música eletrônica pelos <i>VIPs</i> ou às pessoas que acompanham os artistas e os <i>djs</i> |
| Bad trip – | Traduzindo significa uma “má viagem”, no contexto das festas de música eletrônica remete a um efeito negativo que a droga causou no organismo. Geralmente associado ao estado psicológico. A <i>bad trip</i> geralmente desperta sentimentos, emoções negativas nas pessoas que a vivenciam. |
| Bala – | É o comprimido de <i>ecstasy</i> . |
| Bater - | O mesmo que surtiu efeito. Quando a droga “bate” significa que começou a fazer efeito no organismo. |
| Beat – | Pedaço/trecho do ritmo, pequena batida. |
| BPM – | Sigla que corresponde à Batidas Por Minuto. Serve como uma medida da ‘velocidade’ da música. |
| CDJ – | Linha de <i>cd players</i> da marca Pioneer com <i>pitch</i> . |

| | |
|------------------------|---|
| Chill in – | Aquecimento para uma festa de música eletrônica. Antes da própria festa, diferente de <i>warm-up</i> que geralmente acontece na festa mesmo. |
| Chill out – | Local da festa, geralmente tem em <i>raves</i> e festivais, utilizado para acalmar o corpo, serve de descanso. A música tocada geralmente é <i>lounge</i> ou músicas com sons da natureza. |
| Clubber – | <i>Clubber</i> é um termo em inglês, atribuído a pessoas que freqüentam danceterias (os <i>clubs</i> em inglês), comuns nos anos 90. Ajudou a erguer o estilo <i>techno</i> ao circuito comercial, e a cultura noturna pelas grandes metrópoles. Os <i>clubbers</i> se vestem de maneira extravagante: blusas, calças e tênis coloridos, maquiagens que brilham no escuro, estrelinhas, <i>glitter</i> , sombras cintilantes. Em geral eles têm como ponto de encontro os clubes, as <i>raves</i> . |
| Colocado – | Drogado, alcoolizado, louco, estar fora de si. |
| Dancefloor – | A pista de dança da festa. |
| Doce – | O mesmo que LSD. |
| Estroboscópio – | Projektor de luz com velocidade e intensidade reguláveis que produzem flashes rápidos e potentes de luz branca. |
| Ferver – | O mesmo que animar. |
| Flyer –. | Folheto utilizado para fazer a divulgação da festa ou seção de um clube ou <i>rave</i> |
| Fritar - | A expressão fritar é muito utilizada nas festas de música eletrônica, principalmente nas <i>raves</i> . Significa dançar bastante até cansar e está relacionada com o efeito da droga ingerida no cérebro. |
| Frontstage - | Espaço que fica logo em frente ao palco, no caso das festas de música eletrônica, em frente ao DJ. |
| Guest list – | Lista de convidados da <i>rave</i> ou da festa. |
| Hostess - | Espécie de recepcionista de bares, restaurantes, casas-noturnas, eventos, festas. Cabe a <i>hostess</i> a tarefa de oferecer o melhor atendimento possível ao cliente, evitando sempre constrangimentos. |
| Laser – | Corresponde às siglas <i>Light Amplification by Stimulated Emission of Radiation</i> . Trata-se de um raio de luz de grande intensidade, normalmente de cor verde, que funciona com dois gases: argônio e kriptônio. |
| LJ – | Light Jockey – Responsável pela “dança” das luzes na festa. Costuma sincronizar a iluminação com as batidas da música. |
| Line-up – | Lista dos <i>djs</i> que vão tocar na festa de música eletrônica. Alguns já vem com o horário discriminado. |

| | |
|--------------------------------|---|
| Live act ou Live P.A – | Show ou atuação ao vivo de um artista ou grupo. Também se utiliza a sigla <i>p.a</i> que significa “ <i>public appearance</i> ” (aparição em público). |
| Loop – | Série de notas ou sons gravados em forma circular. |
| Lounge – | Mesmo que sala de estar, em inglês. Pode significar também o nome de músicas para <i>lounge</i> ou ainda bares que tenham propostas de <i>djs</i> tocando ao vivo. |
| Mash-up - | Mistura de duas músicas de fontes diferentes. |
| Mixagem – | É a técnica dos <i>djs</i> de passar de uma música para outra sem que se caia o ritmo da pista de dança. Quando a mixagem é boa as pessoas que estão dançando nem percebem que a música já mudou. |
| Mixer – | Aparelho que alterna e/ou combina várias fontes de som, de forma a somá-las em um único sinal de saída. |
| Montação - | “Se montar” é a gíria que do universo dos travestis de rua, em que ‘montada’ é o homossexual que se encontra vestido de mulher, o termo se espalhou para a vestimenta <i>clubber</i> em si, quando montagem passou a significar também uma maneira mais extravagante, <i>fashion</i> ou caprichado de vestir. |
| MP3 – | Tipo mais popular de arquivo de som da internet. |
| Padê – | O mesmo que cocaína. |
| Passar-se (se passar) - | Expressão muito usada nas festas de música eletrônica em que “se passar” significa dançar loucamente, na maioria das vezes sob efeito de drogas, sem se importar com olhares críticos. |
| Pick up – | O mesmo que toca-discos. Ganhou esse nome por causa do gestual que faz no momento de colocar a agulha sobre o vinil (<i>pick-up</i> se traduz por ‘pegar’). O nome em inglês mudou, atualmente se chama <i>turntable</i> . |
| Pitch - | Potenciômetro linear que permite variar a velocidade de rotação do prato, acelerando ou desacelerando o ritmo. |
| Remix – | Reconstrução de uma música geralmente feita por outra pessoa. <i>Remixar</i> não significa transformar uma música calma em dançante. O <i>remix</i> pode ser feito por um <i>dj</i> ou pelo próprio produtor. |
| Sambar – | Quando um <i>dj</i> erra a mixagem, é notável o uso de batidas desconstruídas, um batuque generalizado que soa desagradável. É o equivalente de ‘atravessar’ para um músico. |
| Sampler - | Máquina que tira amostra de sons captando, registrando, analisando e reproduzindo ondas sonoras de qualquer natureza. É um dos grandes responsáveis pela revolução da música eletrônica, pois através dele é possível se criar novas e diferentes melodias e efeitos sonoros/musicais. |
| Samplear – | Copiar um som ou parte de uma música em outra música. |

| | |
|-----------------------|---|
| Scratching –. | Intervenção manual em que o <i>dj</i> manipula diretamente o disco com a mão, para frente e para trás, emitindo efeitos sonoros que funcionam como elementos rítmicos os quais interagem com a música tocada |
| Set - | O <i>set</i> é o nome que se dá à seleção de músicas de um <i>dj</i> . Um <i>set</i> dura em média duas horas, mas pode ser bem mais longo. |
| Sintetizador - | Instrumento projetado para produzir sons gerados artificialmente. Inventado por Robert Moog no começo dos anos 1960. |
| Underground | É o contrário de <i>mainstream</i> , o avesso de tudo o que é comercial |
| Viagem - | O termo viagem, quando utilizado em relação as drogas, está relacionado à sair fora da realidade, ter alucinações em alguns casos. |
| Vibe | É a energia da festa, a vibração dos participantes. “Estar na <i>vibe</i> ” é o mesmo que estar em sintonia. |
| VJ –. | Video Jockey – Responsável pelos vídeos da festa. Piloto dos vídeos |
| Warm up - | Refere-se ao aquecimento da festa. Geralmente é o <i>dj</i> que abre a festa, seu objetivo é preparar o público para a atração principal da noite. O <i>warm-up</i> é necessário para habituar os ouvidos do público ao que está por vir. |

ANEXOS

FLYERS DAS FESTAS



Figura 22 Flyer do King festival



Figura 23 Flyer do Dream Valley

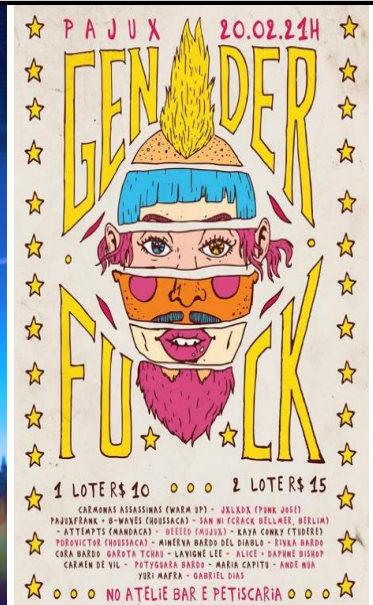


Figura 24 Flyer da PAJUX

PLANTA BAIXA DOS FESTIVAIS



Figura 25 Planta baixa King festival



Figura 26 Planta baixa Dream Valley